

Itaytera

Número 40

Ano: 1996

Ao Pai.

Que nos deixou lições de amor ao próximo, firmeza de caráter, retidão de atitudes, amor ao trabalho prestamos, nestas páginas de Itaytera, a nossa homenagem mais sincera, repassada do mais profundo amor filial. Não devemos e não queremos, porém, dissociá-lo da figura de esposa dedicada, afetuosa e amiga - Maria Pia - Mãe inexecedível para cada um de nós, seus filhos. Por tudo que deles recebemos e por quanto representaram para nós, nossas almas "engrandecem ao senhor" e, exultando de alegria, entoam seu "magnificat", em ação de graças a Deus, porque eles existiram e permanecem, ainda hoje, como raízes e esteio a dar segurança e firmeza às nossas vidas.

Homenagem ao Centenário de Juvêncio Barreto.

ÍNDICE

EDITORIAL	5
UM CENTENÁRIO: Reunião de Família e de amigos	7
RECORDANDO - BODAS DE OURO	10
CARIRI SEM CHAMINÉ.....	34
JUVÊNIO BARRETO, UM SACERDOTE LEIGO!	36
FAMÍLIA CARTAXO INAUGURA BUSTO DO PATRIARCA NO DIA DO MUNICÍPIO DE MAURITI.....	37
DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI AO POVO DO CRATO	38
LITERATURA CEARENSE PERDE O ESCRITOR CLÁUDIO MARTINS....	40
PREFÁCIO QUE NÃO É PREFÁCIO	41
PEQUENA AMOSTRA.....	42
FALECEU EM FORTALEZA A ESCRITORA E JORNALISTA EDMEIA ARRAES.....	43
CULTURA & CIA.....	44
ZEZINHO BEZERRA, OUTRO GRANDE AMIGO DO ICC QUE DESAPARECE.....	45
"ENTRE ASPAS"	47
UMA POLÍTICA AGRÁRIA PARA O MUNICÍPIO	48
A CIDADE QUE SUMIU DO MAPA	52
QUEM SOU EU?.....	56
TILA.....	57
VELHICE... QUEM DISSE?.....	58
A HISTÓRIA DE MINHA TERRA.....	59
"PEREGRINO DA CARIDADE"	60
DR. CLÊIDSON DE ARAÚJO RANGEL, SANGUE NOVO NA MEDICINA.....	63
EM LOUVOR AO DEPUTADO INOCÊNCIO OLIVEIRA	64
PRÓLOGO	65
O PRIMEIRO TEMPLO CATÓLICO DO CARIRI.....	66
PARA ISABEL CRISTINA.....	71
A VISITA DE UM COMPADRE.....	72
A MISSA DO GALO	73
PALAVRAS PARA VOCÊ	74
CAFÉ PURGATÓRIO	76
BILHETE	78
O PRECONCEITO NO FOLCLORE	78
O POUCO CONHECIDO "SCHINDLER CATÓLICO"	89
PAU DA BANDEIRA DE SANTO ANTÔNIO	91
A FESTA DO PAU DA BANDEIRA, DE BARBALHA: ESTA MANIFESTAÇÃO CULTURAL PODE SER TRANSFORMADA EM MERCADORIA DESCARTÁVEL?	93

PRESERVAÇÃO DOS FÓSSEIS DO CARIRI.....	97
criação da APA.....	100
COLÉGIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO.....	109
O TURISTA (CONTO).....	110
MONS. MONTENEGRO EMPOSSADO NA CADEIRA Nº 9 DO ICC	113
SUBSTITUINDO MONS. RUBENS LÓSSIO NO ICC	115
FAMÍLIA LÓSSIO AGRADECE.....	123
TRECHO LITERÁRIO.....	125
DISCURSO DE PARANINFO.....	132
DOCUMENTOS HISTÓRICOS.....	135
NOVO E DIFERENTE - MONTEIRO LOBATO REVISITADO.....	139
FISIOCRACIA.....	141
DISCURSO.....	143
MÁRTIRES JARDINENSES DAS REVOLUÇÕES DE 1824 E 1832	147
CARIRI EM PESO NA CONSAGRADA HOMENAGEM A PATATIVA DO ASSARÉ.....	150
PARA A HISTÓRIA DA DIOCESE DO CRATO.....	151
SACERDOTES EM OUTRAS ATIVIDADES	152
MORRE MARTINHO DE LUNA ALENCAR.....	153
EMBOLIA PULMONAR MATA PRESIDENTE DA RÁDIO TUPI.....	156
NA ITÁLIA, A MORTE DE UM CRATENSE	159
O MUNDO PRECISA DE HERÓIS E DE SANTOS.....	161
CRÍTICA LITERÁRIA - "PROSA DISPERSA"	162
"NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA"	164
ANTÔNIO RUBENS SOARES CHAGAS	165
TRANSPOSIÇÃO DO SÃO FRANCISCO	167
AMINABAD ARRUDA CAMPOS - SÍNTESE BIOGRÁFICA.....	175
OS MACACOS DE DARWIN.....	176
CRÍTICA LITERÁRIA - "HISTÓRIA DE SEU ALENCAR, MEU PAI".....	180
UM LIVRO NECESSÁRIO	181
LEI DE INCENTIVO À CULTURA LANÇADA NO CRATO.....	183
CHAMA	184
PROPOSTA	184
REPRODUÇÃO - A ÚNICA ENTREVISTA DE LAMPIÃO, CONCEDIDA AO MÉDICO OTACÍLIO MACEDO, PERFIL EXATO DO CANGACEIRO	185
VICENTE LEITE.....	189
SINHA D'AMORA.....	192
HOMENAGEM A BÁRBARA DE ALENCAR	194
LUCIANA BARBOSA NOBRE	195
A GRANDE ARTE DE WALDERÊDO GONÇALVES.....	197
POETISA DANDINHA VILAR LANÇA LIVRO EM FESTA LITERÁRIA NO CRATO.....	202

ITAYTERA

Instituto Cultural do Cariri
Fundação 18 de Outubro de 1953

PRIMEIRO PRESIDENTE
Dr. Irineu Nogueira Pinheiro

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos, de Crato-CE, no Livro A-1, fls 417 - sob o número 6, em 30 de Setembro de 1954, publicado no Diário Oficial do Estado do Ceará em 20.10.54.

Reconhecido de UTILIDADE PÚBLICA pela Lei Municipal 453, de 22 de Setembro de 1958, publicada, também, no Diário Oficial do Estado. Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Estadual 10.125, de 27.10.77, publicada no Diário Oficial do mesmo dia, Governo Adauto Bezerra.CGC: 05.357.359/0001/86

Endereço: Praça Juarez Távora, 950
Crato-Estado do Ceará - CEP: 63.100.000

PRESIDENTE ATUAL
Dr. Raimundo de Oliveira Borges
1994 - 1996

DIRETORIA DO ICC PARA O BIÊNIO
1995/1996

PRESIDENTE
Dr. Raimundo de Oliveira Borges

VICE-PRESIDENTE
José Emerson Monteiro Lacerda

SECRETÁRIO-GERAL
Francisco Willian Bezerra de Brito

SECRETÁRIO
Jurandy Temóteo

TESOUREIRO
Manoel Patrício de Aquino

COMISSÃO DE LETRAS
CIÊNCIAS E ARTES
Prof. Plácido Cidade Nuvens
Dr. José Flávio Pinheiro Vieira
Profa. Divani Cabral

COMISSÃO DE SINDICÂNCIA E FINANÇAS
Dr. José Peixoto de Alencar Cortez
Elói Teles de Moraes
Fernando Piancó

COMISSÃO DA REVISTA ITAYTERA
João Lindemberg de Aquino
Francisco de Assis Brito
Jurandy Temóteo de Sousa

Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri

SECÇÃO DE LETRAS

01. PATRONO: Pe. Dr. José Antônio Maria Ibiapina
OCUPANTE: João Lindemberg de Aquino
02. PATRONO: Bruno de Menezes
OCUPANTE: Dr. Raimundo de O. Borges
03. PATRONO: José Alves de Figueiredo
OCUPANTE: Pe. Neri Feitosa
04. PATRONO: Alexandre Arraes de Alencar
OCUPANTE: Vaga
05. PATRONO: Mons. Pedro Esmeraldo da Silva
OCUPANTE: Vaga
06. PATRONO: Dr. Irineu Nogueira Pinheiro
OCUPANTE: Emerson M. Lacerda
07. PATRONO: Antônio Barbosa de Freitas
OCUPANTE: Vaga
08. PATRONO: Álvaro Bomilcar da Cunha
OCUPANTE: Dr. José Newton A. de Sousa
09. PATRONO: Dom Francisco de Assis Pires
OCUPANTE: Mons. F. Montenegro
10. PATRONO: Pe. Emídio Leite Cabral
OCUPANTE: Vaga
11. PATRONO: Raimundo Gomes de Matos
OCUPANTE: Vaga
12. PATRONO: Leandro Bezerra Monteiro
OCUPANTE: Dr. Antônio Araújo Ribeiro
13. PATRONO: Dr. Otacilio Macêdo
OCUPANTE: Vaga
14. PATRONO: Manoel Rodrigues Monteiro
OCUPANTE: Vaga
15. PATRONO: Dr. Leandro Chaves de Melo Ratisbona
OCUPANTE: Vaga
16. PATRONO: Pe. Francisco Pita
OCUPANTE: Aécio Feitosa
17. PATRONO: João Brigido dos Santos
OCUPANTE: Dr. Emídio Lemos
18. PATRONO: Raimundo Monte Arraes
OCUPANTE: Vaga
19. PATRONO: José de Figueiredo Filho
OCUPANTE: Vaga
20. PATRONO: Senador José Martiniano de Alencar
OCUPANTE: Vaga
21. PATRONO: Monsenhor Pedro R. de Oliveira
OCUPANTE: Pe. Antônio Vieira.

SECÇÃO DE CIÊNCIAS

- 1 - PATRONO: Dr. Barreto Sampaio
OCUPANTE: Dr. Napoleão Tavares Neves

CERTIDÃO

Certifico, por ser verdade, para comprovar perante a FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL, que o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI existe e funciona nesta cidade do Crato, Estado do Ceará, localizando-se à Praça Juarez Távora, nº 950 - CEP: 63.100.000, e que a sua atual Diretoria, em pleno exercício, está assim constituída:

Presidente

Raimundo de Oliveira Borges

Vice Presidente

José Emerson Monteiro Lacerda

Secretário Geral

**Francisco William de Brito
Bezerra**

Secretário

Jurandy Temóteo de Sousa

Tesoureiro

José de Paula Bantim.

**Prefeitura Municipal do Crato, em
20 de Outubro de 1994.**

**ANTONIO PRIMO DE BRITO
Prefeito Municipal**

Comissões:

DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES:

José Peixoto de Alencar Cortêz, Flávio
Pinheiro Bezerra, Divani Esmeraldo Cabral;

DE SINDICÂNCIAS:

José Peixoto de Alencar Cortêz, Francisco
Huberto Esmeraldo Cabral e Eloi Teles de
Morais;

DA REVISTA ITAYTERA:

João Lindemberg de Aquino, Francisco de
Assis Brito, Manoel Patrício de Aquino.

EDITORIAL

O Instituto Cultural do Cariri e "Itaytera" constituem uma só realidade expressiva de nossa vida regional como um todo.

Nas páginas da revista, desde o primeiro número, publicado em 1955, até este que hoje vem a lume, o Cariri cearense tem sido motivação, força e substância, sem estreitezas nem hermetismos.

O Cariri, se é limitado em sua fisiografia, amplia-se em suas coordenadas históricas e culturais. Isto "Itaytera" vem registrando desde o começo, com determinação e vigor.

Entre os valores que o Instituto e sua revista reconhecem e privilegiam como fundamento da vida caririense, está, certamente, a Família.

Eis por que este número 40 põe em destaque uma significativa parcela desse fundamento - a Família Esmeraldo Barreto que, em 1973 e em 1996, se fez presença e história em nosso meio social.

Em 1973, quando o casal Juvêncio - Maria Pia celebrou suas Bodas de Ouro. E ultimamente, para comemorar o centenário de nascimento do patriarca.

Os joelhos se dobraram na Catedral de Nossa Senhora da Penha, para a missa gratulatória, celebrada pelo Revdmo. Mons. João Bosco Cartaxo Esmeraldo. Os corações, da família e dos amigos, se estreitaram nos salões do Rotary Cube do Crato e na chácara dos irmãos Bezerra de Menezes, para confraternizações integradoras.

A Família Esmeraldo Barreto foi sensível ao apelo que lhe fizemos, para tornar possível a presente edição.

Registramos o fato para exprimir nosso sincero agradecimento.

UM CENTENÁRIO: REUNIÃO DE FAMÍLIA E DE AMIGOS

*"Plantados na casa do Senhor / Nos átrios de nosso Deus
hão de florir" (Salmo 91,14)*

Missa Gratulatória

CATEDRAL DE N.S. DA PENHA
CRATO - CEARÁ
10.02.1996

HOMÍLIA

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Em primeiro lugar, o louvor, pleno e absoluto, Àquele que por nós se encarnou, sofreu e morreu, no supremo gesto de amor oblato.

Desde aquele momento culminante, o ventre da mulher transformou-se em sacrário e ostensório, privilegiando Maria entre todas as criaturas, as quais, por isto mesmo e para sempre, hão-de chamá-la bem-aventurada, pois nela o Senhor operou maravilhas.

O louvor, pois, a Nosso Senhor Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre.

O possessivo Nosso, ao tempo em que nos exalta pelo mistério da Redenção, nos compromete, por nossa inserção no Corpo Místico e, conseqüentemente, na dinâmica da vida eclesial.

O mencionando termo nos identifica como cristãos, estabelecendo uma fraternidade singularíssima em relação ao Filho de Deus.

Quando o dado econômico fere essa ordem, agride o homem em sua dignidade específica.

Quando o dado jurídico se limita ao apenas humano, olvidando o transcendente, reduz-se em sua dimensão maior, pauperizando-se em si mesmo.

Quando o dado político opera como se a cidade dos homens não devesse, para ser justa e próspera, refletir a Cidade de Deus, não encontra solução para seus magnos problemas. Por isto a cidadania, se concebida e objetivada sem o selo de Deus, não passa de um vexilo ideológico, sem virtude transformadora nem alcance redentor.

É como cidadãos de uma e de outra que aqui nos encontramos, louvando, bendizendo e agradecendo a Nosso Senhor Jesus Cristo.

O termo "Senhor", no caso, não tem o sentido etimológico de "mais velho", mas o de Rei do Universo e Imperador das almas e corações. Um Reinado que se embasa e firma no cimo do Calvário e um Império sem fronteiras nem término, pois seu âmbito é o da Caridade que, como nos ensina S. Paulo, é a maior de todas as virtudes, não tendo as demais, sem ela, nem consistência nem validade.

A Nosso Senhor Jesus Cristo louvamos e bendizemos, neste momento e neste local, em que a família Esmeraldo Barreto vem, grata, unida e feliz, recordar o casal Juvêncio e Maria Pia, cuja vida, pelo que significou em trabalho, cumprimento do dever, responsabilidade e sacrifício, pode ser apontada como exemplo a seus descendentes e à própria sociedade.

Ele, austero sem perda de espirituoso, regrado nas economias sem esquecimento do essencial, muito ele próprio, numa realidade personativa que eu caracterizaria como inconfundivelmente "juvenciana". Ela, exuberante no afeto, tão rápida nos movimentos e decisões, quanto no disciplinar os filhos, quando julgava necessário; vigilante nos cuidados domésticos, indormida nas providências que significassem a formação educacional e cultural da numerosa prole.

Os filhos, todos, à exceção do décimo quarto, natimorto, aqui estão para recordar e reverenciar os entes admiráveis que lhes transmitiram a vida.

O Evangelho desta celebração é o da visita de Nossa Senhora a sua prima Isabel. É o Evangelho do Serviço, cujo significado é para todos os tempos, e em sua função abrangente: sociedade, Estado, Igreja, pessoa.

A gravidez de Isabel, concebeu o Precursor. A virgindade de Maria, o Redentor. Nessa compreensão, todo tempo é propício à abertura e retificação de caminhos para a vinda de Cristo e sua gestação nas almas. Num caso e noutro, como requisitos fundamentais, a graça e a santidade.

Os materialistas e agnósticos fazem da idade propecta e da velhice motivos de angústia, desencanto e até desespero. Os verdadeiros cristãos, porém, bendizem e louvam a Deus pelo dom da vida em qualquer estágio.

O desenfreado erotismo dos nossos dias, desconhecendo a profundidade e beleza do verdadeiro amor, subestima, ridiculariza e descarta a virgindade, que, todavia, é precioso dom a ser preservado e enaltecido, apesar das filosofias e ideologias contrárias. Na Santíssima Virgem temos, no viver, merecer e magnificar essa virtude, o exemplo mais alto e o escudo mais forte.

E é neste augusto templo, que a piedade cratense a Ela dedicou, sob a invocação de Nossa Senhora da Penha, que nos encontramos agora, postas mãos, flectidos nossos joelhos, jubilosas nossas almas, para agradecer, louvando e reconhecendo, como nos inspira o Salmo 135:

"Louvai ao Senhor porque Ele é bom;
Porque para sempre é Sua misericórdia".

Louvemos e agradeçamos pois, ao Senhor, porque existiram Juvêncio e Maria Pia, porque seus filhos, genros, noras, netos e bisnetos existimos, porque nossos parentes e amigos atenderam a nosso convite, presentes que estão nesta liturgia.

Louvemos e agradeçamos ao Senhor, na pessoa do sacerdote celebrante, mestre das Sagradas Letras e ministro do Evangelho.

Caríssimos:

Chegando Nossa Senhora à casa de Isabel, sentiu esta que, em seu próprio ventre, estremeceira o filho João Batista, por virtude do Salvador do mundo, em gestação no ventre bendito da prima que a visitava para servi-la. E foi, então, que Maria, como que transfigurada, entoou o canto do "Magnificat".

Que também nós, que agora aqui nos encontramos, possamos envolver-nos num clima de estremeceimento interior e de profundo júbilo, pois existiram Juvêncio e Maria Pia, e existimos nós, convidados que somos a proclamar e viver a mesma fé que os assinalou como cristãos e a honrar e reverenciar a sua memória.

Crato, 10 de fevereiro de 1996.

José Newton

**(Homília proferida, a pedido do celebrante, Monsenhor João Bosco
Cartaxo Esmeraldo, por ocasião da Missa em Ação de Graças
pela existência do casal Juvêncio Gonçalves Barreto e
Maria Pia Esmeraldo Barreto.)**

RECORDANDO

Bodas de Ouro

A seguir, reproduzimos as palavras do Dr. José Newton Alves de Sousa, quando das Bôdas de Ouro do casal Juvencio Barreto - Maria Pia. Fazem parte do LIVRO - "Em Família" - Livro 1 - editado em Salvador, em 1981.



JUVÊNCIO - MARIA PIA NUMA FESTA DE FAMÍLIA (15)

Oração lida por ocasião da missa gratulatória, concelebrada na Catedral de Nossa Senhora da Penha, de Crato (16)

A palavra humana devia ser apenas uma ressonância do Verbo, "que era no princípio, estava em Deus e era Deus" (Jo, I 1). Se assim fora, a ordem humana jamais feriria a ordem cósmica, fruto da Ordem Eterna. Mas o Homem, sublime e pigmeu, não raro constitui, por sua palavra, uma nota destoante, dentro da harmonia universal.

Deus é o Alfa e o Ômega, mas para atingi-lo, ao revés de o fazermos pela humildade, que é "escada de Jacó", agimos segundo o processo babélico, máscara da importância sob o nome de orgulho. E o Verbo, Eterno e feito Amor, cria do nada o mundo e do pó o homem, no qual infunde a centelha da vida, conformando-o à Sua mesma

imagem e semelhança.

Por isso, é bom e necessário que a Palavra de Deus seja a que hoje devemos ouvir, nesta epifania de seu amor criativo a refulgir no ouro e na prata, a abençoar núpcias, a oferecer-se em primícias eucarísticas e a receber, como filhos da Graça, os que vão batizar-se. É bom que a ouçamos, e sobre ela meditemos, receptivos e coesos. Já não digo pela humana forma, com que se nos comunica, se não pela verdade que nos ensina, pela virtude com que nos robustece, pela vida com que nos alenta, e luz que nos aclara. E porque toda imensa, toda santa e toda atual, basta que lhe tomemos alguma parte, mais aplicável às presentes cerimônias e ao presente contexto. Basta que lhe tomemos a mensagem de unidade e união, que ela contém e transmite. Unidade é mais coerência intrínseca, decorrente da natureza mesma do ser, existencializado na sua essência. União é mais convergência através de movimento centrado em torno de um fato, uma idéia, uma doutrina, uma causa. O clima que hoje devemos respirar, neste templo, é, simultaneamente, de unidade e de união. Unidade pela fé comum, iniciada sacramentalmente no batismo, e união, pela afluência de quantos aqui nos encontramos, para celebrar eventos de alta significação.

Revestem-se de sentido místico as flores, as luzes, os cantos, os círios, emoldurando a comunidade de amigos, solidários com os parentes, irmãos, filhos e netos do tronco ilustre, hoje a comemorar suas bodas de ouro, e tudo ao redor do Altar de Deus, daquele que se manifesta à nossa insignificância, pelas espécies transubstanciadas, testemunho e prova de Sua Caridade e Misericórdia.

O Amor de Deus! Eis o fundamento e a garantia da ordem, o sustentáculo da sociedade, e esteio da família, a segurança das pessoas. A ele nos conduz o amor à Verdade, o amor à Beleza, o amor ao Bem, o amor ao próximo. Quando as Nações dele se esquecem, desandam para o caos e perdem-se na anarquia. Sem ele a economia é totalitária, as finanças escravizam e a força esmaga o Direito. Sem ele, o amor humano pode ser soma, corpo, mas não atinge a categoria de soma, totalidade. Sem ele, a inteligência borboleteia, queimando-se em pobres luzes, e a vontade, supostamente senhora de si, tiraniza a liberdade e sufoca a esperança.

A família, nada e criada no amor de Deus, floresce e prospera como cedro do Líbano, porque nele encontra a base de sua estabilidade e o sentido de seu fim. Para a família, assim constituída, o lar não é simplesmente a casa que abriga os corpos; é, essencialmente, a união fecunda, que gera a vida, irmana as almas, reconforta os corações, compõe um ambiente de bem-estar, respeito e confiança, culminando com a paz da consciência. O sofrimento chega sem desespero e a pobreza, sem aniquilamento. Os filhos são apetecidos e vêm como dons, criam-se como promessa e vivem como recompensa. O trabalho é o signo, a temperança o método, a persistência, a marca. O sangue

não se contém no imediatismo do núcleo primordial, porque adquiriu a virtude da multiplicidade abençoada. E as núpcias do começo geram novas núpcias. E os berços cantam o poema das gerações que se vão sucedendo ao longo do tempo, e ecumenizando novos espaços.

É o caso presente, destas bodas de ouro, que celebramos neste templo de Nossa Senhora da Penha, da muita nobre e leal Cidade do Crato, também assinalada por Deus na fé missionária de seus catequizadores, e na linha comportamental de sua evolução histórica.

O casal Juvêncio e Maria Pia, que procede de matrizes fiéis à Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, aqui se acha entoando um Magnificat pelos cinquenta anos de seu casamento e a renovar a promessas e a entrega do momento inaugural. Mas, ao mesmo tempo, renova-se nos filhos Hulda e Adonias, que celebram bodas de prata de união conjugal; na neta Ana Maria, que a Ítalo hoje se une em matrimônio; e, emprestando-lhe beleza singular, como oferendas vivas na patena das almas, na primeira Eucaristia de 6 (17) e o Batizado de 2 (18) netos.

Mas eu vos falava de união, que está subjacente e explícita em todos os textos da liturgia da palavra: Assim, a Epístola aos Efésios (V, 22, 23) e o Evangelho segundo S. Mateus (XIX, 3-6) não falam outra linguagem: Em sua linhas e entrelinhas se estabelece esse binômio de tanta densidade teológica, de tanta dignificação humana em que a Filosofia Social encontra resposta para as suas elucubrações mais fundas e transcendentes. A Unidade de nossa fé põe-nos unidos em volta deste Altar, que, construído para ofertas e holocaustos, o foi, principalmente, para transsubstanciações: a de Deus, pela Eucaristia, e a de nossas almas, pela metanóia. Não basta que venhamos, cantemos e exultemos. Há mister que nos conscientizemos e nos transformemos. Há mister que crescamos, pela ampliação do círculo familiar, e que nos desenvolvamos, como pessoas humanas plenamente realizadas em suas potências naturais, e nos santifiquemos como cristãos, pois não podemos esbanjar as graças a nós concedidas. Há mister que a unidade de nossa Fé se exprima na coerência de nossa vida, na fidelidade a nossa Igreja, na correspondência a nossa vocação. De nada valeria uma presença sem convicção ou uma alegria sem sinceridade. Deus é nosso Pai, a Igreja nossa Mãe - eis a nobreza maior e o sentido mais alto da História. O mais caduca e fenece, esboroando-se entre decepções irremediáveis. Há pouco, os mais poderosos povos da terra se curvaram, vergonhosamente, diante de alguns poços de petróleo. Quando o Homem nega a Deus, adora até mesmo um óleo fétido. Mostra-nos a experiência que o Dinheiro, a Política, o Erotismo, a Classe, o Poder não unem, porque lhes falta a unidade fundamental e indefectível que só o *sensus Dei* confere e concede aos homens e suas realizações. Por isso, vale meditamos sobre a grandeza da família cristã, hoje tão venturosamente representada por estes que estão sendo objeto de nosso regozijo e de

nossas alegrias. Vale fortalecer a família, fundamento da sociedade. Lares santos, sociedade sã. O respeito à família é sinal de bom senso e imperativo que a todos obriga.

Meus amigos.

De longe afluímos, para, aqui, reunidos, sermos uma só família, abençoada pelos sacerdotes que concelebram, ministros do Senhor Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Hoje e aqui, jubilosos, comemoramos bodas, casamento, batizado e primeira eucaristia. Comemoramos, sobretudo, a unidade de nossa fé, na união de nossas almas.

Que todas as alegrias, de hoje e de sempre, os nossos propósitos e virtudes, nossas falhas e debilidades, nossos aplausos e cumprimentos, tudo isso valha como oferendas a serem postas sobre o Altar. Os novos cristãos, verdadeiramente santos pelo batismo, santos como os que mais o sejam hoje na glória do Céu, e os que vão receber, em seus corações, pela primeira vez, sob as Espécies Eucarísticas, a Cristo, Pão da Vida, sejam os que tomem de nossas mãos os ramilhetes, e, beijando-os, lhes comuniquem o hálito espiritual de sua inocência para, em nome de Ana Maria e Ítalo, consagrados pelas núpcias, em nome de Hulda e Adonias, que celebram seus vinte e cinco anos de vida conjugal e, finalmente, em nome de Juvêncio e Maria Pia, ao redor dos quais se desdobra meio século de trabalho, virtude, resignação, graça e amor, deleguem a Nossa Senhora, Mãe dos Homens e Mãe da Igreja, a piedosa missão de agradecer.

Ninguém melhor do que Ela, Onipotência, Suplicante, para dizer por todos nós.

Gratos Vos somos todos, ó Pai, ó Filho, ó Paraclito, ontem, hoje e sempre.

(15) Constituiu, na realdiade, uma festa de grande beleza a comemoração das bodas de ouro de meus pais Juvêncio Gonçalves Barreto * e Maria Pia Esmeraldo Barreto **

* - Falecido no dia 5 de setembro de 1976

** - Falecida no dia 16 de maio de 1979

Anunciando o evento, o jornalista Humberto Cabral fez publicar, na edição de 15.12.1973 do semanário "A Ação", órgão atualmente mantido pela Fundação Padre Ibiapina, uma ampla reportagem da qual destacamos o trecho a seguir:

PROGRAMA

O programa comemorativo do "Jubileu de Ouro" constará de CONCELEBRAÇÃO SOLENE, presidida pelo Sr. Bispo Diocesano, D. Vicente Paulo de Araújo Matos, às 19 horas, na Sé Catedral de N.S. da

Penha, belíssima, ornamentada, cujos cânticos sacros estarão a cargo do CORAL DA FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO, sob a regência da Profa. Divani Cabral. Após a missa, haverá grande recepção com um banquete aos familiares e amigos do casal jubilar no Crato Tennis Clube.

"BODAS DE PRATA"

Durante a Concelebração, serão celebradas, também, as "Bodas de Prata" matrimoniais do casal Dr. Adonias Mano de Carvalho - D. Maria Hulda Barreto Carvalho (ela, filha do casal Juvêncio Barreto). Haverá ainda o Casamento Religioso do jovem Ítalo Bispo de Lima com a Srta. Ana Maria Leitão Barreto (neta do casal Juvêncio Barreto); Primeira Comunhão: Fernando, José Newton Filho, Ângela, Sérgio, George e Mauro; Batizado: Guilherme e Gustavo, e Crisma: Ludmila, Mônica, Tatiana, Mariza e Cibele, sendo todos netos do casal Juvêncio Barreto.

13 FILHOS e 50 NETOS

O casal Juvêncio Barreto contará, em suas "Bodas de Ouro", com a presença dos seus treze filhos e cinquenta netos a saber: JOSÉ - Funcionário do Banco do Brasil S.A. em Fortaleza e ex-Gerente da Agência em Crato, casado com D. Maria do Socorro Frota Leitão Barreto, residente em Fortaleza, com duas filhas: Ana Maria e Aline Maria.

MARIA ELZA - Professora, casada com o agricultor Geraldo de Melo, residente no Município do Crato, com nove filhos: José Flávio, Márcia Maria, Maria Teresa, João Berckmans, Geraldo Sérgio, Marcos, Antônio Roberto, Liana e Fernando.

MARIA HULDA - Professora, casada com o médico Dr. Adonias Mano Carvalho, residente em Fortaleza, com cinco filhos: Fátima, Marcelo, Mariza, Cibele e Márcio.

MARIA RUTH - Professora Universitária, casada com o Prof. José Newton Alves de Sousa, residente em Salvador, com nove filhos: Ana Cecília, Roberto Jorge, Eugênio José, Luiz Sávio, Maria Beatriz, Paulo de Tarso, Alberto Magno, José Newton Filho e Antônio Emanuel.

FERNANDO - Médico-Pediatra, casado com D. Mary Correia Barreto, residente em Londrina-PR, com três filhos: Ludmila, Mônica e Alexandre.

HUMBERTO - Advogado, Diretor Financeiro da Petrobrás Distribuidora S/A, casado com D. Lilian Chaves Barreto, residente no Rio de Janeiro, com três filhos: Marcelo, Tatiana e Humberto Filho.

MARIA ISA - Professora, casada com o comerciante Tércio Morais de Sousa, residente em Crato, com quatro filhos: Ângela, Sérgio, Cláudia e Marcelo.

MARIA NEYDE - Enfermeira, casada com o analista Dr. Paulo

Nertand Cartaxo Esmeraldo, residente em Crato, com dois filhos: André e Tiago.

HUGO - Médico-Cirurgião, casado com D. Terezinha de Jesus Almeida Barreto, residente em Crato, com três filhos: George, Rachel e Guilherme.

JOSÉ ANCHIETA - Professor Universitário, casado com D. Maria Nadja de Amorim Barreto, residente em Fortaleza, com duas filhas: Christianne e Marianne.

FRANCISCO DE ASSIS - Engenheiro-Metalúrgico, casado com D. Maria Beatriz Chaves Barreto, residente no Rio de Janeiro, com três filhos: Mauro, Eduardo e Ana Cristina.

JOÃO VIANEY - Médico-Neurologista, casado com a Dra. Ana Maria Cardim Barreto, residente em Londrina-PR, com duas filhas: Ana Verena e Verônica.

ANA CRISTINA - Professora, casada com o engenheiro-civil Dr. Francisco de Assis Leite, residente em Crato, com três filhos: Hermano, Ruth e Gustavo.

DADOS BIOGRÁFICOS DO CASAL JUVÊNCIO BARRETO

JUVÊNCIO BARRETO - nasceu aos 15 de dezembro de 1895, em Tauá-Ce, filho do casal Roberto Barreto e Cristina Amorim Gonçalves Barreto. Fez seus estudos de alfabetização em Tauá e em 1912 foi estudar no antigo Seminário da Prainha, em Fortaleza. Em 1914 transferiu-se para o Seminário S. José do Crato e em 1917 ocupou a cadeira de Matemática no Colégio Diocesano, anexo ao Seminário S. José. Em 1920, exerceu as funções de Auxiliar de Escritório da Casa Siqueira Campos até 1923, quando contraiu núpcias em 6 de dezembro de 1923, com a Srta. Maria Pia Esmeraldo. Depois, até 1928, residiu em Pedra Branca, onde atuou como homem de negócio e foi também Suplente de Juiz da Comarca. Retornando ao Crato em 1929, foi nomeado Tesoureiro da Coletoria Estadual, onde depois assumiu as funções de Coletor, vindo aposentar-se em 1964. Como agricultor e pecuarista, foi um dos fundadores e por 30 anos Diretor-Gerente da Cooperativa Agrícola do Cariri e foi também Diretor da Cooperativa de Crédito Caixaerial do Crato.

MARIA PIA ESMERALDO BARRETO - nasceu aos 2 de fevereiro de 1906, em Crato-Ce, filha do casal Antônio Esmeraldo da Silva e Ana Pinheiro Esmeraldo. Estudou em Crato e no Colégio das Irmãs Dorotéias em Fortaleza e casou-se a 6 de dezembro de 1923.

O ilustre casal, dos mais honrados e exemplares de nossa sociedade, tem treze filhos todos formados e bem casados e 50 netos, merecendo, por isso, as homenagens dos seus familiares, amigos e da sociedade cratense, no auspicioso transcurso do seu Jubileu de Ouro.

(16) Sacerdotes concelebrantes: Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, Monsenhores Raimundo Augusto de Araújo Lima e Francisco Holanda Montenegro, Padres Antônio Gomes de Araújo, João Antônio de Araújo, José Arnaldo Esmeraldo de Melo, S.J.

(17) Acercaram-se da mesa eucarística, pela primeira vez, os netos do casal: Fernando de Melo Barreto, José Newton Alves de Sousa Filho, Ângela Barreto de Moraes, Sérgio Barreto de Moraes, George de Almeida Barreto e Mauro Chaves Barreto.

(18) Foram levados à pia batismal: Guilherme de Almeida Barreto e Gustavo Barreto Leite.

MENSAGENS

Mensagem do Padre Antônio Feitosa

Conheci bem Juvêncio Barreto, e por isto me classifico entre os seus admiradores.

Admiro em Juvêncio Barreto os excelentes predicados morais e intelectuais, e a harmonia do conjunto das suas virtudes cívicas e cristãs que sagram o seu nome como bom cristão e cidadão exemplar.

Admiro em Juvêncio Barreto a competência e a honestidade do funcionário cumpridor exato das funções do seu cargo, fazendo da sua vida um caminho para que os outros também fossem felizes.

Admiro em Juvêncio Barreto o pai e educador que soube, em colaboração com dona MARIA PIA, modelo admirável de esposa e de mãe, instaurar em sua casa uma escola onde sempre executou a Pedagogia do AMOR, orientando seguramente os filhos e as filhas pelos caminhos da vida, conseguindo que todos eles e todas elas viessem a se realizar plenamente.

Admiro em Juvêncio Barreto a lucidez de inteligência e a nobre firmeza de caráter, que levavam todos os que o conheciam a confiar seguramente em sua palavra. Sob este aspecto especial, inteligência e caráter, vejo expressiva semelhança de Juvêncio Barreto com o seu irmão e meu mestre, Monsenhor Juviniiano, nome que pronuncio com grande respeito, sincera reverência e profunda veneração.

Crato, 05 de fevereiro de 1996.

Padre Antônio Feitosa.

TELEGRAMAS E MENSAGENS RECEBIDAS PELA FAMÍLIA

Por motivo das celebrações do Centenário de Juvêncio Barreto, a Família recebeu mais de uma centena de mensagens e telegramas, dentre os quais destacamos alguns:

Salvador - Associamo-nos às reverências de ação de graças e louvor a Deus pela exemplar existência de seus pais.

Marcílio Oliveira e Família.

Fortaleza - Foram belos e inúmeros exemplos de amor e felicidade que Juvêncio e Maria Pia legaram aos seus filhos, familiares e amigos. Damos graças a Deus. Parabéns.

Pe. Amorim e Neusa.

Rio de Janeiro - Dr. Humberto Barreto. Queremos parabenizar querido amigo pelo privilégio da comemoração do centenário de exemplo de vida, legado por seus pais, que, com a característica fibra nordestina, nos agraciou com pessoas de caráter e nobreza de sentimentos como você. Um grande abraço para o clã Esmeraldo-Barreto.

Célia, Mônica e Roberto Fioravanti.

Rio de Janeiro - Lamentando profundamente não estarmos presentes, compartilhamos grande alegria merecida homenagem inesquecíveis tios.

Pancrácio e Madalena.

Rio de Janeiro - Minha presença carinhosa vem agradecer junto com vocês vida Juvêncio e Maria Pia. Beijos,

Cacilda Esmeraldo.

Fortaleza - Deus permitiu que eles caminhassem juntos, vencendo a dificuldades, vivenciando o amor e partilhando com os filhos os ensinamentos da vida, com muita dignidade. Desejamos, na memória do seu centenário, para toda a família Esmeraldo Barreto, com a graça de Deus, que este exemplo seja perpetuado por muitas gerações. Dos amigos,

Rosa Ester e Assis Vieira Filho.

Mossoró - Impossibilitados comparecer, desejamos felicidades a toda família.

Mauro Esmeraldo e família.

Fortaleza - Aos Barreto-Crato - Recebemos via dr. George vossa

comunicação relativa comemoração 100 anos nossos inesquecíveis Juvêncio e Maria Pia. Lamentamos estar com saúde abalada a ponto de não ter condições para comparecimento. Rogamos a Deus, entretanto, que tudo ocorra com muita alegria e paz como eles merecem. O mano José que inclusive é afilhado deles não vai também comparecer pelas mesmas razões.

Roberto de Araújo Barreto.

Crato - Impossibilitados desfrutar com a família o perfume das flores, neste dia, agradecemos atencioso convite e louvamos a Deus pela beleza do amor.

Moura Brasil e Carlota Helena.

Crato - Em espírito, fazemo-nos presentes justas alegrias celebrações evento.

Pedro, Cirene e filhos.

Tauá - Congratulamo-nos ao ato de graças em memória de Juvêncio e Maria Pia.

Juracy e filhos.

Crato - Aceitem nossas sinceras congratulações magna data.

Eldon Cariri e família.

Crato - Impossibilitados comparecer ao belo ato ação de graças enviamos toda família sincero abraço.

Geraldo e Janete.

Rio de Janeiro - Apresento congratulações grande encontro estou presente integrando grupo ação de graças. Com carinho fraterno,

Lúcia Cabral.

Fortaleza - Meus cumprimentos aos familiares dos queridos amigos Maria Pia e Juvêncio.

Zaira Esmeraldo.

Rio de Janeiro - Unida a vocês grande alegria encontro significativo, imploro bençãos de Deus e felicidades toda família. Carinhosamente,

Betinha.

Fortaleza - Congratulamo-nos família Esmeraldo Barreto comemorações memória progenitores. Estamos felizes participação, de Gisele Cristina, com descendente mais nova.

Horácio Didimo e Maria Evandina.

Recife - Impossibilitada comparecer ato ação de graças

existência seus pais, agradecemos convite formulado desejando votos feliz evento.

Rosa Amélia e família.

Acopiara - Cumprimentamos prezados amigos passagem centenário nascimento ilustre genitores - Juvencio e Maria Pia.

Napoleão Gurgel.

Crato - Só pessoas sábias e sensíveis sabem louvar e agradecer. Realização tamanho evento resulta do sábio equilíbrio entre razão e sentimento. Nossos parabéns.

Reginaldo e Diana.

Recife - Impossibilitados comparecer ato reconhecimento honrados pais dr. Fábio Esmeraldo e família, desejamos a todos votos felicidades e abraços.

Teles Neto e família.

Recife - Na ação de graças ao Senhor participo felizes comemorações. Parabéns,

Irmã Nazaré.

Fortaleza - Isa Barreto - Crato - Transmita familiares votos de parabéns. Que o modelo de vida deixado pelos saudosos pais continue norteando grande família Barreto. Abraços,

Sobral e família.

São Paulo - Apesar de não podermos estar presentes, estamos com toda a família no coração.

Família Cantello.

Brasília - Fazemo-nos presentes justa celebração que tanto comove a ilustre descendência de Maria Pia e Juvencio.

Marco e Xavico.

Fortaleza - Participando espiritualmente celebração ação de graças memória digno casal, aceitem nossas expressão de carinho.

José Roberto e família.

Rio - Impossibilitados comparecer missa e recepção memória casal Juvencio e Maria Pia, grandes esteios dessa família que tantos e tão valorosos membros veem prestando imensos serviços ao Crato, Ceará e ao País, associamo-nos comemorações pela existência desse casal, que soube tão bem, com seus ensinamentos, formar com caráter seus descendentes. Afetuosos e fraternais abraços -

Tio Ruben e Nair Queiroz.

Natal - Congratulamo-nos com todos os que fazem a família Esmeraldo Barreto pela existência de vossos pais.

Dr. Carlos Alberto Gumes e Família.

Crato - Parabenizamos a todos que fazem a família Esmeraldo Barreto por tão significativa data.

José Dias e Família.

Fortaleza - Motivo superior impede-nos comparecer honroso convite. Nossos agradecimentos.

José Carlos e Mazé.

Crato - Abraçamos todos vocês por ocasião de uma solenidade tão significativa prestada aos inesquecíveis Juvencio e Maria Pia.

Cláudio e Telma.

Crato - Vimos agradecer convite mesmo tempo pedir desculpas por não podermos comparecer.

Frederico e família.

Crato - Cumprimos justa homenagem memória genitores.

Estela Pinheiro.

Londrina - Reverenciando memória dona Maria Pia senhor Juvencio, juntamo-nos à família Esmeraldo Barreto em suas ações de graças.

Alexandre Fragoso e família.

Juazeiro do Norte - Regozijamo-nos querida família evento comemorativo centenário ilustre figura humana que foi Juvencio Barreto. Abraços,

Orlando Bezerra e Família.

Fortaleza - Louvamos feliz iniciativa família reverenciar solenemente memória digno virtuoso casal Juvencio - Maria Pia. Motivo força maior deixamos atender gentil convite tanto nos sensibilizou. Cordialmente,

Holandina e Amarílio Cavalcante.

Brasília - Na impossibilidade de estarmos presentes, transmitimos estimados primos nossos sinceros agradecimentos pelo legado deixado Maria Pia e Juvencio. Abraços,

Moacir, Cira, filhos e netos.

Rio de Janeiro - Irmanamo-nos à família no ato ação de graças em louvor dos queridos Juvencio e Maria Pia. Abraços,

Célia Maria.

Crato - Agradecendo honroso convite, associo-me justas

homenagens póstumas prestadas Maria Pia Juvencio cujos filhos veem dando continuidade exemplar vida casal. Abraços,

Elnir Machado.

Crato - Associamo-nos justas homenagens distinto casal enviando nosso abraço amigo todos familiares.

José Rodrigues Bezerra.

Campina Grande-Graças e louvores em memória dos seus queridos e venerandos pais. Saudades.

Edson Castro e família.

Fortaleza - Congratulamo-nos alegria família comemoração data festiva. Enviamos nosso sincero abraço fraternal e amigo.

Lúcia Rego.

Recife - Juvencio sempre na memória. Parabéns. Abraços,

Séphora e Elton.

Rio de Janeiro - Dr. Humberto Barreto - Manifesto ao prezado amigo, extensivo aos seus familiares, cumprimentos pelo exemplo de vida legado seus pais e tão bem absorvido e difundido por você.

Otto Perrone.

Brasília - Lamentando não podermos comparecer pessoalmente a tão importante evento, enviamos a todos nosso fraternal abraço.

Antonio Esmeraldo e família.

Araguaina - Impossibilitados de estarmos presentes, fisicamente, compartilhamos, todavia, com a mesma alegria.

Leomar Bezerra Andrade e família.

Rio de Janeiro - Seu senso de amizade e firmeza de caráter te tem sido exemplo para muitos que o acompanham no fazer da vida, prova cabal do legado recebido dos seus pais. Na oportunidade em que a família Esmeraldo Barreto comemora o seu centenário, enviamos nossos votos de parabéns a todos vocês, desejando saúde e paz. Cordial abraço,

Karin e Fernando Sandroni.

Rio de Janeiro - Lamentando não estarmos presentes às comemorações, enviamos nosso carinhoso abraço:

Lenita Esmeraldo e Família.

Crato - Compartilho alegria toda família celebrando merecidamente centenário nascimento venerando Patriarca Juvencio Barreto. Abraços,

Dom Newton Holanda Gurgel, bispo Diocesano.

Rio de Janeiro - Congratulamo-nos com a família pela passagem do centenário de nascimento patriarca Juvencio Barreto. Abraços,
Maria Amélia e Cocisfran.

Crato - Associamo-nos às alegrias e recordações dessa ilustre família neste dia em que reverencia e louva a Deus pela existência de Juvencio Barreto e dona Maria Pia.
Valtênio Moreira de Deus e família.

São Paulo - Associamo-nos justa homenagens saudosa memória genitores exemplos dignos de exaltação. Abraços,
Lúcia e Nogueira.

Fortaleza - Congratulamo-nos família homenagem aos nossos grandes amigos Juvencio e Maria Pia. Abraços toda família.
Ossian, Maria do Céu e Família.

Juazeiro do Norte - Abraços solidariedade homenagem inesquecíveis pais.
Hercília.

Juazeiro do Norte - Parabenizamos com imensa alegria prezados primos justa homenagem querido pai seu centenário. Impossibilitada comparecer significativo acontecimento. Abraços,
Nenen Bezerra e família.

Rio de Janeiro - Obrigada pelo privilégio da amizade do carinho e do convívio com a família Esmeraldo Barreto, exemplo de pais extremos, consolidado e aperfeiçoado por vocês. Nada posso desejar que já não exista no mais amado dos amigos e seus familiares. Continuem como a água que nenhuma barreira possa represá-los e impedir de continuar a formar este grande oceano de ilibada conduta moral e firmeza de caráter. Muita saúde e felicidade para todo clã orgulho de uma raça. Belíssima festa.
Vera Machado.

Potengi - Associamo-nos justas homenagens prestadas memória inesquecível Jucancio e Maria Pia.
Vieira e Ninete.

Fortaleza - Sensibilizado com convite centenário Juvencio, impossibilitados comparecer, solidarizamo-nos homenagens e desejamos felicidades família exemplar. Abraços,
Socorro e Inácio Gonçalves Barreira.

Recife - Sinceros cumprimentos estimada família reencontro comemoração significativa data.
Filomena e Anita Martins.

Recife - Cumprimentamos toda família seu reencontro para comemorar importante data.

Bezinha e filhos.

Recife - Agradecendo gentileza convite, cumprimentamos a família Esmeraldo Barreto pelo seu exemplo de compreensão e gratidão demonstrados na homenagem prestada a seus inesquecíveis pais. Abraços,

Herlane e Vânia.

Rio de Janeiro - Lamentamos profundamente não estarmos presentes cerimônia centenário tio Juvencio. Desejamos á querida família muitas felicidades.

Maurício Esmeraldo e família.

São Paulo - Participo ação de graças não só existência seus pais mas pelo que lhes transmitiram. Abraços parabéns,

Silmia.

MENSAGENS RECEBIDAS PELA FAMÍLIA

"Queridos primos:

Impossibilitados de estar presentes ás comemorações do querido Patriarca, congratulamo-nos pelo evento e esperamos revê-los em breve. Um grande abraço para todos. Fátima, Eloneida e Nizane.

Londres, Inglaterra".

"A Família Esmeraldo Barreto

Gostaríamos imensamente se pudéssemos estar aí pessoalmente, e, mais ainda, se tivéssemos tido o prazer de conhecer o Sr. Juvencio e D. Maria Pia quando vivos. Os nossos fraternos abraços a todos. Dr. João Luiz de Oliveira e Família - Rio".

"Cara prima Iza. Abraços.

Recebi o convite de vocês, mas infelizmente não posso ir, não estou muito bem de saúde, estou fazendo um tratamento que me impossibilita de viajar. Agradeço a lembrança do convite. Agradeço também aos primos neste dia. Aqui vou rezar pelo Juvencio e Maria Pia. Um abraço da prima amiga, Donana". Recife, 05 de Fevereiro de 1996.

Querida tia Elza, um abraço.

Obrigada pelo convite. É uma imensa alegria ser convidada para uma festa de encontros, lembranças e ação de graças. Sinto não poder estar presente. As aulas já começaram e o trabalho na escola me prende aqui. Mas saiba que compartilho, de todo o meu coração, dessa festa de alegria. Beijos e abraços, com muito carinho, Lucinha".

"Crato, 06 de Fevereiro de 1966. À Família Esmeraldo Barreto.

Apraz-me cumprimentá-los e ao mesmo tempo agradecer pelo convite recebido com o objetivo de bendizermos a Deus pela existência de vossos genitores "in saudosa memória".

Comunico, ainda, que por motivo de outro compromisso, não poderei participar desse significativo culto espiritual, que vem testemunhar a toda a comunidade o fundamento da fé da família reunida em torno do altar do nosso Deus. "Com efeito, a vida não é tirada, mas transformada", e, para aqueles que crêem, não há vitória da morte sobre a vida eterna, pois nosso Pai Eterno nos deu vida plena no Seu Santo Espírito. Cordiais saudações e paz à Família. Maria Zilma Barbosa Capibaribe".

A POESIA DOS NETOS

FÁTIMA BARRETO MANO DE CARVALHO

Filha do casal: Maria Hulda e Adonias Mano de Carvalho

ANA CECÍLIA DE SOUSA BASTOS

ROBERTO JORGE BARRETO ALVES DE SOUSA

PAULO DE TARSO BARRETO ALVES DE SOUSA

Filhos do casal: Maria Ruth e José Newton Alves de Sousa

LIANA BARRETO DE MELO

Filha do casal: Maria Elza e Geraldo Esmeraldo Melo

Fragmentos

Falar em voz alta o sentir poético; deixar os poemas em paz, contudo. É deles o silêncio da madrugada. Mantenhamos o encanto, que é segredo. Troquemos em silêncio: a poesia é justamente aquilo de que se fala no silêncio do mundo. Não lhe roubemos a essência. E mais nada.

Registro

Eu vi:

"No silêncio da alma queima".

Tremo ao ouvir "Estrangeiro", de Caetano.

É sem remetente nem endereço esse

desassossego.

Um dia de fúria: todas as palavras queimam.

Sonho

Sonho escrever como quem enlouquece.

Quero escrever como quem enlouquece.

Gostaria de escrever como quem enlouquece.

Assim as palavras se entrelacem e fluam, livres, soberanas, tais como irrompem nos sonhos.

Identidade - I

Do que me encanta, resta pouco. Perco a fé e a esperança e poucas virtudes me restam. Não sou tolerante, nem capaz de compaixão. Sou acomodada, inerte e morna. Apenas a respiração, convulsionada, rompe a mesmice desse triste diapasão. É aí que ela se torna um signo de identidade, talvez. Bem no âmagô, algo que resiste e não se conforma.

Noturno - I

Sei tudo e nada sei, a esta hora de uma noite deserta. Como não ser tristeza o sentimento do mundo? Dessa tristeza sobre a cidade deserta, faço questão. Ela é, em sua repetição, a lucidez possível.

Identidade - II

Somos oceano nas extremidades.

Contemplo minhas unhas, conchas do mar.

Ver essas partes de nós que "tanto brilham" traz uma ilusão de acabamento e completude.

Somos oceano, peixe e cautela, flutuação e peso em luta na água,

correnteza e vida.
Somos ave e liberdade.
E nada quero dizer do amor.

Alheio-me, abstraio-me,
ânsia de sentidos e significados,
denso mergulho em um mundo de signos,
sonho de profundidades inauditas, mergulho sem fim.

Ano Novo

Para mim é sempre um espanto que cheguem os anos - assim como os dias marcados, as datas inventadas, esperemos por elas ou não.

A vida é um espanto, o poema, sua expressão mais absoluta.

Janela

O varal visto da janela é a ruptura possível no cotidiano. Lenços brancos, a vida vive nesse espaço doméstico, o acontecimento, a realidade. Todo discurso sobre o geral se esvazia frente ao varal e suas fraldas brancas desfraldadas ao vento. Quintal e subjetividade. Também eu, voyeur, sinto-me de repente viva, capaz de interromper a rotina oficial, recontactada com a emoção. Embriagada do belo, tão pleno em sua singeleza.

Noturno - II

Ainda é possível morrer ao que não seja a cristalina beleza clara da palavra.

Ainda é possível a delícia de vê-la, corte preciso em universo líquido, cores água, nítido desenho.

Ainda sua posse, efêmera, absoluta.

Chuva

Chove granizo em Brasília

Na memória, os pais e os irmãos, e uma pedra de gelo quebrando a janela de vidro de nossa casa - casa tão nossa, chão tão amado, saudade tão seca...

Fica na memória a simples cor do tempo.

O reflexo do sol na folha, a estrada, um pássaro.

A mesma poeira em redemoíinho.

Vozes.

Um violão.
Na varanda, a cadeira de balanço e o livro de Drummond.
As páginas abertas com a espátula, a poeira amarela,
e as janelas abertas para fazendas no ar...único bem por
acumular vida afora, ainda agora.

Pretender somente a fidelidade a um modo de sentir e ser,
preservá-lo contra tudo,
silenciosa anotação em noite de sábado.

AVÓ

(Homenagem póstuma a D. Maria Pia Esmeraldo Barreto)

Porque forte
foste mulher

Porque morta, hoje,
entre sinos e lágrimas
e burburinho,
também à distância,
em nossos corações,
atravessas a cidade.

Vivo em nós o teu olhar
castanho brilho profundo.

Vivas em nós as marcas do teu corpo
sofrido sempre.

Viva em nós a tua tão extensa,
sábua e protetora sombra.

E morta fazes viver
em íntimo vídeo tape
ruas e árvores
quando passas
em teu cortejo,
pássaros e gentes,
sol e neblinas,
sentimento e fé.

E quando, partindo,
permaneces em nós,
o choro se faz cálido
o coração aquecido
de tua falta tão completa,

carente porém de vazio.

Antes sentimos tua presença
tocando os móveis, a casa, a cidade,
fotografias perenes,
o espelhar-se de nossos corpos,
as nossas recordações
e raízes.

Ana Célia
Salvador, 17.05.1979

Mensagem de Natal

De Roberto Jorge para José Newton e Maria Ruth

Na noite de Natal
nos reunimos em família.
Lá estavam quase todos.
Já houve Natal em que
estavam todos! Alguns
telefonaram, outros não.
Outros mandaram mensagens,
alguns nada manifestaram.
Outros viajaram, alguns
não voltarão.
A ceia era farta e já
estava posta, tal qual
em outros Natais.
As crianças agitavam
a atmosfera enquanto
encenavam o Presépio.
Era justo a minha filha
que representava
o menino Jesus.
Meu pai falou breves
palavras sobre o sentido
daquela reunião;
seus olhos falaram muito
e muito mais...
Meu filho - Lucas - leu o trecho
bíblico, tímido, mas com
respeito, com tom responsável.
Vitor também leu um trecho,
e ambos traziam pureza na

juventude dos seus lábios e olhos.
Minha mãe leu uma mensagem.
Enquanto lia, seu coração sangrava
um amor dolorido que nos
envolvia para nos transformar
em oferendas.
Tudo acontecia como se
nossas bocas, silenciosamente,
calassem para que nossas
almas se curvassem aos
pés do nosso Deus.

Nós quase não nos
comunicamos.
Éramos pessoas cansadas,
sofridas ou magoadas.
Nossas dores já se somam,
acumuladas sobre nossas
costas, já nos comprimem
o coração.
Nossas histórias, quantas
tantas histórias...
Mergulhados num mundo
de conflitos e descaminhos,
erros e acertos, cada um
com sua luta, quase heróica,
sentimos emergir dos olhos
límpidos de Marjorie, das
mãos postas de Gabriel, do
riso simples de Henrique e
Bruno, da inocência de Bia,
da claridade de Ana Clara,
e do jeito firme de
Alexandre, a "presença viva"
em forma de luz intensa
sobre nossas trevas íntimas,
d'aquele que, ali
se nos doava mais uma vez,
como presente sagrado e eterno.
No dia seguinte, alguns viajaram,
outros ficaram.
Meu pai rezava o terço no gabinete,
de olhos fechados. Ao vê-lo assim,
rezei com ele:
"Senhor, tende piedade de nós, dai-nos sempre,
como nesta noite, a vossa paz".

Quintal

pé-de-mamão, bananeira,
pé-de-pinha, terra molhada,
muro de limo verde:
eu não tenho necessidade
destes deuses,
pois vivi no mato,
sem cercas altas.

O preço urbano que pago agora
é caro e eu aceito,
mas um quintalzinho besta
acabou virando um sonho,
um grande desejo
para alguém que cresceu
entre os grandes espaços de Flora.

talvez seja a miséria
da sedução urbana
o costume de esquecer as raízes,
as eucalipticas raízes
da minha vida bananeira e cajueira.

**Paulo de Tarso
Salvador, 1985**

Vidro

O peixe no aquário,
o riso na vitrina,
o homem no automóvel
- o vidro guarda o natural.
transparência clara,
ele esconde a verdade
do peixe e a do homem.

o que era claro
muda-se em mistério.
o sol do verão
alcança os olhos
e a paixão amplia o momento.
será que a paixão é um vidro?

será que é à prova de medo?
é aquário em automóvel?
são óculos escuros?
é água do vidro dos olhos?

Paulo de Tarso
Verão de 1985

POEMAS DE LIANA

I

Filhos:

Arco-iris brilhando em mim
as cores da vida
Alegria!
No peito, nos olhos
e agora no papel.
Queria guardar o mundo
em minhas mãos
para que o meu olhar não os perdesse.
Queria pintar as noites de lua e estrelas,
as manhãs de sol e mar...
Queria ser chuva fina,
levando longe suas dores e saudades
Queria vê-los brincar e crescer
sem nenhum revólver à espreita
Queria mostrar-lhes a guerra e a fome
nas páginas já amareladas de um jornal
Queria tê-los e amá-los por
todo o tempo que pede o meu coração.

II

A poesia brota da tristeza
tal flores de abril
à beira da estrada.
As lágrimas lavam o peito
rachado pela dor
e o sol alimenta a esperança
de ver dia de luz.

As palavras ecoam o grito silencioso
da agonia.
Um pássaro vem cantar no quintal
ao cair da tarde
sem saída, sem tristeza...
e juntos, pássaro e dor,
alçam um vôo ao mais longínquo céu.
A vida então floresce nas
cicatrices do peito.

III

Finalmente verão.
Nunca mais chuva
Plantando o sol cá dentro de mim
vi nascer estrelas em minha vida
Pássaros que voam
o céu azul do meu coração
Beija-flores que trocam minha tristeza
por pequeninos pólenes e transformam
dor em flor,
perfumando o meu sorriso...
Criá-los e tê-los
(será que os tenho, se não posso
precisar as cores de seus dias?!)
Amá-los, porém, já é ser feliz.

IV

A poesia cresceu dentro de mim
Por duas vezes explodiu em meu ventre
e se fez primavera nas janelas
abertas de minha vida.
Flores de toda cor...
Doce perfume!
A vida agora tão bonita
através dos olhinhos acesos de
Alexandre e Beatriz
Sinos anunciam esta alegria.
Embora não sejam natalinos
mantêm acordada uma dor:
o medo de janelas fechadas,
de flores sem perfume...
Peço a Deus por mais um dia de
primavera,

de sorrisos encantados,
de luz e alegria.

Janeiro/96.

O que dizer do amor
que à primeira luz do dia
nos dá o brilho dos olhos
e movimentava a vida,
carrosel de estrelas?!

O que dizer do amor
que, acolhido em meu ventre,
explodiu em forma de gente pequenina
e deu à vida luz e alegria?!

O que dizer do amor
que nos faz olhar para os filhos,
mundo de cristal em nossas mãos,
sem medo de possuir tamanha riqueza?!

O que dizer a Ele,
que nos deu o dom do amor,
e, amando, a certeza de sermos felizes,
senão
"Obrigado, Senhor".

CARIRI SEM CHAMINÉ

Humberto Mendonça

É visível o nosso esvaziamento econômico. Há poucos dias, este "Diário", mostrava umas fotos que muito bem demonstravam esta realidade. Uma é da usina de açúcar em Barbalha e, a outra, do Centro Tecnológico do Cariri, na cidade do Crato. Todos cobertos de mato, o que mostra o abandono a que estamos relegados.

Não por ser parte interessada, mas posso afirmar que a pá de terra jogada na nossa economia foi o extermínio da cotonicultura e, conseqüentemente, o fechamento das nossas usinas que, inclusive, tinham função creditícia nos repasses aos pequenos e médios produtores; éramos em torno de 20 usinas de beneficiamento. Hoje, talvez, funcionando só 2 e precariamente.

Não podemos tachar os nossos empresários de não criativos ou acomodados. O projeto Asimow, na década de 60, foi uma amostra da nossa iniciativa e espírito empreendedor.

Lembro-me bem, que aquele projeto pioneiro implantou as seguintes empresas no Cariri: em Juazeiro, as indústrias de eletromáquinas, que produziam rádios e produtos eletroeletrônicos, e a Poliplex de madeira prensada que, não dando certo, posteriormente, foi transformada em Cariri Industrial, produtora de óleo de mamona. Pois a região era grande produtora de mamona. Vindo a fechar anos depois, pelo declínio da produção de mamona.

O Crato foi contemplado com a fábrica Cimasa, que chegou a produzir, fécula de mandioca, de ótima qualidade. Produto que seria adicionado ao trigo, num percentual de 18% e que foi reduzido a 2% para atender as pressões dos trustes internacionais, o que a levou à falência. Convém lembrar que o Cariri era naquela época o maior produtor de mandioca do Ceará, na chapada do Araripe. E a Imocasa, que produziria derivados do milho, tendo o mesmo destino da Cimasa: a falência.

Já a cidade de Barbalha foi contemplada com uma cerâmica que posteriormente, veio a falir, por conseqüente todas elas tiveram o mesmo destino. Essa iniciativa, naquela época, contou com a confiança do empresariado local, que mostrou larga visão. Todavia, com esses insucessos, criou-se um clima de total desconfiança no seio do empresariado com reflexo ainda hoje. Poucos investimentos foram feitos de lá para cá, ou quase nada.

Além da descapitalização, veio o descrédito. O último fato desse processo de empobrecimento, aqui na cidade do Crato, foi o fechamento de duas importantes indústrias regionais, a Sulcepa,

fábrica de papel, e Cerâmica Norguaçu, que geravam mais de 600 empregos diretos e 3000 indiretos.

Esse quadro é doloroso e atesta uma situação falimentar da região. O secretário de Indústria e Comércio de Juazeiro do Norte fez revelações preocupantes: mais de 500 empresas fecharam suas portas na região, nos últimos 10 anos.

Desse jeito, vai findar faltando Zé no Cariri. Há muito tempo, denuncio a concentração industrial na capital através de artigos publicados na imprensa cearense.

Fortaleza, além de sediar 3 distritos industriais, conta hoje com um 4º: as cidades da grande Fortaleza. A mídia que a televisão mostra todo dia, sobre implantação de novas indústrias no Ceará, nos deixa perplexos, e com uma pontinha de inveja.

O que realmente está acontecendo com o nosso Cariri é o desprestígio político. Para quem já teve governador, vice-governador, presidente da Assembléia e secretário de Estado, nada representamos hoje. Inclusive para um eleitorado de quase 500 mil votos, de 46 deputados estaduais existentes, o Cariri só está presente com 4; quando poderíamos ter 15. E de uma bancada de 22 deputados federais, só temos 2 deputados, quando poderíamos ter uma representação de 8.

E sem uma força política forte nunca vamos ter cacifé para impor nossa força comercial e industrial. E não é sem razão que, aqui e acolá, se fala na formação do Estado do Cariri.

Prova mais recente do nosso desprestígio foi o caso Grendene. Que, inicialmente, estava sendo cogitado para o Juazeiro do Norte (Cariri). Indo parar em Sobral, na Zona Norte.

Os investimentos do Governo do Estado e do Governo Federal para 96 quase 90% são destinados a Fortaleza e Grande Fortaleza. Há poucos dias o meu amigo, deputado Rommel Feijó, em entrevista, afirmou que o nosso governador havia botado a culpa desta discriminação em alguns dos seus secretários.

- É não, governador. A culpa é nossa mesmo.

Politicamente, estamos valendo muito pouco. Quando o Cariri voltar a ter governador, vice-governador, senador, secretário de Estado e uma bancada mais numerosa e atuante, voltaremos a ter mais prestígio e poder.

Obs: O Crato conta, hoje, agosto de 96, com uma unidade fabril da Grendene.

Diário do Nordeste
24. de fevereiro de 1996.

JUVÊNCIO BARRETO, Um Sacerdote Leigo!

Com muita justiça o Crato comemorou solenemente o centenário de nascimento do ínclito Sr. Juvêncio Barreto, falecido.

Ainda tive o prazer de conhecer o Sr. Juvêncio Barreto, verdadeiro cidadão de escol, espécime raro do gênero humano hoje tão desfalcado de homens da sua ténpera, Varão de Plutarco da sua geração!

Católico exemplar, chefe de família e cidadão de escol, Juvêncio Barreto foi um verdadeiro sacerdote leigo!

Caráter ilibado, personalidade granítica, Juvêncio Barreto era reto como uma flexa, nada diferindo do seu mano, Monsenhor Juviniiano Barreto, certamente um nome para a História Religiosa e Educacional do Nordeste.

Homem culto, muito bem informado, inteligência privilegiada, Juvêncio Barreto foi muito bem perfilado pela pena brilhante do Monsenhor Antônio Feitosa em oportuno perfil lido por ocasião da Santa Missa em ação de graças por sua feliz existência, na Matriz do Crato, no dia 10 de fevereiro em curso. Alí está Juvêncio Barreto de corpo inteiro retratado pelo mais culto sacerdote do clero cariense e quiçá cearense.

Homens como Juvêncio Barreto são raros não somente hoje, mas em todos os tempos. Sua vida familiar, social e profissional foi um belo exemplo a ser sublimado pela admiração dos que, como eu, tiveram o privilégio de conhecê-lo pessoalmente.

Homem total, homem de SIM, SIM e Não, Não!

Por isto, nesta hora em que ele recebe, postumamente, a merecida e justa homenagem dos seus 13 filhos, quero associar-me a todos dizendo alto e bom som:

HONRA AO MÉRITO!

*Barbalha, 10.02.96.
Napoleão Tavares Neves.*

FAMÍLIA CARTAXO INAUGURA BUSTO DO PATRIARCA NO DIA DO MUNICÍPIO DE MAURITI

Dentro das comemorações dos 105 anos de Município de Mauriti, fundado pela Lei 51, de 27 de Agosto de 1890, pelo dr. Antonio Joaquim do Couto Cartaxo, a numerosa família Cartaxo se reuniu e inaugurou, em praça que tem o nome daquele Patriarca, o seu busto, em bonita solenidade.

Foram oradores: o dr. Paulo Cartaxo Esmeraldo, traçando a biografia completa do Dr. Cartaxo, que foi seu bisavô; O cel. João Tarcisio Cartaxo, que falou sobre o mesmo personagem e evocou dados históricos de almirante Mauriti, que deu nome à cidade; Sra. Maria Noélia Cartaxo Bandeira de Melo, com evocações sentimentais de sua terra, oferecendo ao ex-Prefeito Fernandes Cartaxo e brasão da família, adquirido em Portugal, e, por fim, o Prefeito José Marcondes Grangeiro Sampaio, em exaltação à grande família. Houve, depois, o descerramento do busto (antes tinha havido o hasteamento das Bandeiras, em frente à Matriz). Descerraram o busto d. Valdelice, viúva do General Teles; O ex-Prefeito Fernandes Cartaxo, o Sr. Moacir Cartaxo e Prefeito José Marcondes.

Em sequência teve lugar missa solene, concelebrada pelo Pe. Bosco Lima e pelo Pe. Bosco Cartaxo, com cânticos do Coral da Conceição e terminando com o Hino de Mauriti.

Churrasco e confraternização

Sequenciando o dia festivo, foi realizado um animado churrasco na Fazenda Araticum, berço da família Cartaxo em Mauriti, seguindo-se uma confraternização familiar. Mais de 60 integrantes da família, vindos de todo o país, tiveram ali um encontro amorável cheio de recordações e pronunciamentos. O Coral da Sociedade de Cultura Artística do Crato apresentou vários números e ficou acertado que a família faria a sua convenção anual.

Quem foi

Dr. Antonio Joaquim de Couto Cartaxo foi Juiz em Cajazeiras e Milagres, deputado provincial pela Paraíba e Ceará, e deputado federal à primeira constituinte do Brasil, em 1891, quando foi colega, na Câmara Federal, de Eptácio Pessoa, que depois seria Presidente da República. Sete foram os seus filhos e mais de 60 netos e mais de cem bisnetos. Um homem de projecção social e política e vasto proprietário rural do Cariri. A festa em sua homenagem foi de momentos de encantadora emoção para todos, tornando-se acontecimento inesquecível.

(J. Lindemberg de Aquino)

DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI AO POVO DO CRATO

Raimundo de Oliveira Borges

Cabe bem ao Instituto Cultural do Cariri a queixa feita pela ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, pela palavra de Raimundo Girão, na solenidade em que tomava ele posse na Cadeira número 22 do egrégio sodalício.

Disse ele:

"As Academias de Letras em nosso País, na sua maioria, não recebem o amparo de ninguém, nem sequer dos seus componentes, arredios de suas atividades vivificadoras, alheios às suas vitórias espirituais, satisfeitos no gozo egoístico das distinções que lhes confere o título pomposo de imortal.

Isto lhes basta, na maior parte, e é muito, bem ao invés dos formadores da ACADEMIA FRANCESA, que não se compraziam somente com serem contubernais do Rei e se prendiam afanosamente no esforço construtivo da solidariedade ao Grêmio, saído da excelsa compreensão do Cardeal de RICHILIEU".

Diz a sabedoria popular que "pobre vive de teimoso", e eu repito, aplicando o anexim ao nosso Instituto, que ele vive também de teimoso que é.

Não recebe auxílio financeiro de nenhuma fonte oficial, e para manter-se de portas abertas conta apenas com a minguada contribuição mensal de meia dúzia de sócios de boa vontade. Contribuição que mal dá para o pagamento de água da luz.

Não tem sede própria. Ocupa um prédio por empréstimo, graças à generosidade dos herdeiros do Dr. Antônio de Alencar Arapepe.

Possui um terreno bem localizado nesta cidade, doado ainda na gestão do Prefeito Capitão Ariovaldo Carvalho.

O atual Prefeito - Antônio Primo de Brito - lançou a pedra fundamental, e nisto repousa a nossa esperança de que o velho sodalício, reconhecido de utilidade pública pelo município e pelo Estado, venha a instalar-se em casa própria e condigna à missão que vem desempenhando de cenáculo da cultura da Princesa do Cariri.

Os associados que ocupam Cadeiras com raras exceções, são ali ilustres desconhecidos, não dão o ar de sua graça, até mesmo quando convocados regulamentarmente para as suas reuniões ordinárias. Empossam-se na Cadeira, usam o "título pomposo" a que

se refere Raimundo Girão, e isto é para eles o suficiente.

Este, no entanto, não deve ser o seu comportamento para com uma entidade que tanto os distingue no conceito social.

É doando que se recebe, diz o cântico sagrado.

Ainda com raras exceções, os titulares honoríficos do Instituto só se lembram dele para a publicação dos seus trabalhos na apreciada Revista ITAYTERA, que só ainda vive graças à tenacidade e ao empenho do seu Diretor, jornalista João Lindemberg de Aquino.

Entretanto, ninguém ignora quão alto tem o nosso Grêmio elevado lá fora o nome do Crato.

Dele disse o professor e erudito homem de letras José Newton Alves de Sousa:

"A mais alta Assembléia Cultural do Cariri". E o Mestre, educador e sacerdote ilustre-Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro ao tomar posse na Cadeira número 9, em substituição a Monsenhor Rubem Gondim Lóssio, de saudosa memória.

"O Instituto Cultural do Cariri abre-se para nós como uma Escola Nova, centro de convergência para assuntos sérios que contém, na sua estrutura de fundo, o embasamento das nossas letras históricas.

O Instituto Cultural do Cariri não precisa arrepende-se do que não fez. Ele possui um patrimônio precioso de riquezas morais e intelectuais. Sempre defendeu a dignidade das letras. Tem dado às letras do nosso País uma série de publicações que bastariam para justificar o seu quase meio século de existência. Aí está o Instituto Cultural do Cariri com a sua Revista "Itaytera", mais que uma revista, uma verdadeira antologia, documentário vivo, expressivo, fulgente, registrando, numa sequência ininterrupta de 39 números, o trabalho intelectual dos valores reais do Crato, do Cariri, do Ceará, do Brasil".

Pois bem, uma entidade cultural assim enaltecida pelos mais eminentes homens de letras da nossa e de outras terras, não vem, infelizmente, recebendo o apoio a que faz jus, pela projeção que tem dado e continua a dar à nossa terra e à nossa gente.

Posso dar o meu testemunho pessoal, como seu Presidente há cerca de 5 anos, da soma enorme de sacrifícios despendida para mantê-lo de pé.

Confio, no entanto, nas novas energias que lhe estão sendo introduzidas que o nosso Instituto há de continuar, como até hoje, honrando as tradições de inteligência e de cultura do Crato.

23.11.1995

Raimundo de Oliveira Borges
Presidente

LITERATURA CEARENSE PERDE O ESCRITOR CLÁUDIO MARTINS

O Ceará perdeu neste final de semana, mais um de seus baluartes da literatura. Foi sepultado às 17 horas, de sábado último, no Cemitério São João Batista, o advogado, professor, escritor, poeta e ex-presidente da Academia Cearense de Letras, Cláudio Martins.

Falecido aos 85 anos de idade, Cláudio Martins teve sua vida marcada por uma trajetória poética e pública, cujo roteiro inicia-se em Barbalha, cidade onde nasceu. Merecedor de dezenas de medalhas, prêmios e títulos honoríficos como títulos de Cidadão de Fortaleza e de Sobral, Medalha Clóvis Beviláqua da Universidade Federal do Ceará Medalha do Abolição, só para citar algumas, Cláudio Martins escreveu mais de 20 livros técnicos e literários.

"Vaivém", "Reincidência, de Baudelaire a Petrarca", "Variações Literárias", "Riqueza Espiritual", "Rimas ao Acaso" e "Teimosice" são apenas alguns dos livros de contos e poesias, que lhe garantiram notoriedade nacional e que lhe respaldaram a indicação para a Academia Cearense de Letras, de onde foi presidente. Vários livros de sua autoria, nas áreas do Direito, da Administração Pública e Economia foram adotados por universidades brasileiras.

Ao longo de sua vida, Cláudio Martins exerceu uma série de outras atividades. Na década de 40, foi professor do Liceu do Ceará e após aprovação em concurso para tabelião, fundou o Cartório Martins, do qual esteve à frente por mais de 40 anos. No setor público estadual foi também, Secretário de Negócios do Governo e da Saúde e Educação no Governo de Flávio Marçílio e da Fazenda, no Governo Plácido Castelo. Foi casado, 57 anos com Irene Martins, com quem teve quatro filhos: Cláudia, Glória, Israel e Cláudio Júnior.

Nota da TRIBUNA DO CEARÁ - 19.06.95

O Escritor Cláudio Martins nasceu em Barbalha, CE, em 10 de Maio de 1910. Faleceu em Fortaleza a 17 de Junho de 1995.

Será substituído no Instituto Cultural do Cariri, na Cadeira que ocupava, pela escritora e poetisa Bernardina Vilar de Alencar Costa.

PREFÁCIO QUE NÃO É PREFÁCIO

J.Lindemberg de Aquino ()*

Olival Honor de Brito é natural do Crato, filho do casal, já falecido, José Honor de Brito-Maria Eremita de Oliveira. Foi moço rebelde, de idéias pra-frente, enfrentando o preconceito de uma época em que a juventude era castrada nas suas opiniões e aptidões. Foi funcionário do Banco do Brasil - hoje aposentado e goza, hoje em dia, das delícias de uma casa de praia no litoral da Paraíba, onde comete versos e espera tranquilamente a velhice que custa a chegar...

Felizmente. Porque Olival é eternamente jovem, com o vigor que lhe dá a juventude espiritual. Sua alegria, sua versatilidade, seu entusiasmo pela vida.

Faz versos desde menino. Nunca os havia mostrado antes. Mas depois de passada a época de preconceitos e de falsos moralismos, abriu a torneira de seus versos e deixou jorrar à vontade.

O resultado: já dois livros de poesia pura, saltitante, alegre, vivaz, irreverente, às vezes, mas perfeita no sentido, no objetivo, na rima, na tradução do pensamento que brota da alma, trazendo em si, na beleza e na singeleza de sua apresentação sem cosméticos literários, a alma lírica de um homem puro e bom. Como é Olival.

Se em alguns versos deixa Olival faltar a rima, dá-lhes, contudo, o sentido do modernismo, de que ele foi um dos precursores em nosso meio. Dele se poderia dizer como Otacílio Colares disse do poeta Cláudio Martins, ao tomar posse, o último, na Academia Cearense de Letras (10.01.69):

"Produzíveis... versos em que a ausência propositada das rimas era compensada pelo predomínio do ritmo, este mais essencial do que qualquer outro na estruturação plena do poema e tendo a secundar-lhe os efeitos mágicos a utilização das palavras símbolos - sempre tão difíceis de encontrar, para a perfeita integração do poeta com a coisa criada..."

"Para muitos, a esse tempo (os tempos de meninice de Olival, esclareço), vossos versos foram como a revelação do desconhecido. Não apenas a revelação de um artista, mas de um poeta que se apresentava com mensagem nova, nos moldes de uma poemática infensa aos velhos padrões acadêmicos, perfeitamente integrada no movimento salutar de reformulação estética..." (idem)

Olival Honor não se importa com as glórias do mundo. Quer ser poeta, e só. Ser amado por sua poesia. E por ela apaixonado. Daí o milagre dessa simbiose que é de uma perfeita entrega criador/criatura.

O resultado dessa elaboração mental, de um amor singelo e puro

que os une, apareceu no primeiro livro, um pouco tímido, mas jorra exuberante neste segundo livro. Avaliem o que vem no terceiro, pois o poeta vem quebrando as amarras e se fixando cada vez mais. Parabéns, poeta! Seu nome já está inscrito na posteridade, pelo menos local, dos que produziram cousas do espírito, e por elas se alcandoraram à imortalidade!

É a nossa impressão, depois de haver lido VAGALUMES, que ora se entrega ao leitorado. A todos, certamente, causará a mesma impressão que a mim.

() J.Lindemberg de Aquino é jornalista e ex-presidente do Instituto Cultural do Cariri, em Crato-CE.*

Pequena amostra

PÓRTICO

Ler poesia é como catar conchas na praia.
Onda calma,
Brisa mansa,
Passo lento...

Você se esquece do mundo,
Buscando a concha mais bela...
Quem sabe vai ser aquela
Que veio do mar profundo,
Com a pérola escondida
Da jóia do sentimento,
Resumindo num momento
Toda a beleza da vida.

FALECEU EM FORTALEZA A ESCRITORA E JORNALISTA EDMEIA ARRAES

Depois de longos padecimentos, faleceu pouco depois das 7 horas da manhã de segunda-feira, dia 14 de Agosto de 95, a escritora e jornalista cratense, Maria Edmeia Arraes de Alencar. Foi professora por diversos anos, em Crato, e era sócia do Instituto Cultural do Cariri, ocupando a Cadeira nº 4, que tem como Patrono o seu Pai, Alexandre Arraes de Alencar.

D. Edmeia nasceu em Crato em 09 de Janeiro de 1923, filha de Alexandre Arraes de Alencar - dona Noeme de Alencar Arraes. No ano de 66 foi empossada na Cadeira 4 do ICC, sendo saudada por J. de Figueiredo Filho e apresentando trabalho sobre o grande ex- Prefeito do Crato. Seu discurso está inserido na revista ITAYTERA, nº 11, de 1967, páginas 31/37.

Foi casada com José de Alencar Lima, já falecido (irmão do empresário Valdemar Alencar) e do casamento vieram 3 filhos: Maria Noeme, Silvia Maria e Alexandre.

Falecimento ocorrido na cidade de Fortaleza, onde residia.

SOMENTE EM 95 VAGARAM 4 CADEIRAS NO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI.

Somente no ano de 95 ficaram vagas, por falecimento, 4 cadeiras do Instituto Cultural do Cariri.

Assim, podemos anotar:

Cadeira 04 - Patrono, Alexandre Arraes, vaga com a morte de Edmeia Arraes, ocorrida em 14 de Agosto de 95.

Cadeira 09 - Mons. Rubens Lóssio.

Cadeira 13 - Patrono, dr. Otacílio Macedo, vaga com a morte de Cláudio Martins, ocorrida em 17 de Junho de 95.

Cadeira 19 - Patrono, J. de Figueiredo Filho, vaga com a morte do ocupante Mozart Soriano Aderaldo, falecido em 25 de Junho-95.

Os desaparecidos nasceram, respectivamente:

Edmeia Arraes, nasceu em Crato em 09 de Janeiro de 1923.

Rubens Gondim Lóssio, nasceu em Jardim em 27 de Maio de 1924.

Cláudio Martins, nasceu em Barbalha em 10 de Maio de 1910.

Mozart Soriano Aderaldo nasceu em Brejo, Maranhão, em 22 de Abril de 1917.

A Diretoria do ICC vai se reunir para preencher as Cadeiras vagas na Instituição, pois há outras vagas, ainda não preenchidas, de anos anteriores.

(J. Lindemberg de Aquino).

CULTURA & CIA

SENADOR ALENCAR - Outubro de 1834, precisamente a 6 de outubro, tomava posse à frente do Governo do Estado do Ceará o senador José Martiniano de Alencar, sucedendo a José Carlos Oeynhausén, o Marquês de Aracati. Lembramos a data, apenas, para registrar que no seu governo o filho de Dona Bárbara e irmão de Tristão Gonçalves de Alencar criou o primeiro estabelecimento de crédito do Estado o Banco Provincial do Ceará, instalado que foi a 7 de setembro de 1835. A nível histórico, é bom que se saiba que, após a criação do Banco do Brasil, por parte de Dom João VI, foi o banco cearense, com caráter emissor, o primeiro a ser instalado num Estado que não fosse a sede da província. O seu capital inicial foi de 400 contos de réis.

O PAU DA BANDEIRA - A maior festa religiosa do Sul do Estado, precisamente em Barbalha, ou seja, "O Pau da Bandeira", em homenagem a Santo Antonio de Lisboa (ou de Pádua, como queiram, pois é o mesmo), continua sendo um dos acontecimentos de maior prestígio no Estado e da maior importância dentro da cultura popular, em relação à Igreja Católica. A respeito do assunto a Revista Itaytera, em seu número 38, editada pelo Instituto Cultural do Cariri, publica interessante poema de Simeão Luna Machado, na página 29, intitulado "O Pau da Bandeira".

(Tribuna do Ceará, 17.10.95).

CULTURA & CIA

REVISTA ITAYTERA - O Instituto Cultural do Cariri, que é presidido pelo Dr. Raimundo de Oliveira Borges, fazendo circular o número 38 da Revista Itaytera, referente ao ano de 1994. Recebi um dos exemplares, que me foi enviado pelo brilhante confrade J. Lindemberg de Aquino, o seu diretor e um dos grandes responsáveis pela circulação desta notável publicação. Inclusive, a edição de 1994 relata, em sua capa, parte da história do brilhante Senador Alencar, "o mais lúcido e progressista governante cearense em todos os tempos", como afirma o texto. Uma publicação para ser lida de fôlego e divulgada entre todos aqueles que apreciam a intelectualidade cearense.

CENTENÁRIO - Numa homenagem ao centenário de nascimento de Alexandre Arrais de Alencar, nascido a 13 de fevereiro de 1885, fiel descendente, em linha direta, de D. Inácia Pereira de Alencar, irmã da

heroína Bárbara de Alencar, o jornalista J. Lindemberg de Aquino, do Instituto Cultural do Cariri, escreveu importante artigo na Revista Itaytera, Alexandre Arrais de Alencar, falecido aos 48 anos é tido, em consenso geral, como o melhor prefeito da história da cidade do Crato. Foi jornalista militante na Capital, tendo sido articulista de O Povo, sob o pseudônimo de Aloísio do Amaral.

(Tribuna do Ceará, 11.8.95)

ZEZINHO BEZERRA, OUTRO GRANDE AMIGO DO ICC QUE DESAPARECE

Registramos, com pesar, o falecimento do escritor José de Alencar Bezerra. Era grande amigo e colaborador do Instituto Cultural do Cariri, especialmente da revista ITAYTERA. Eis os dados biográficos que retratam uma vida de muita luta e esplêndidas vitórias.

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

NOME: José de Alencar Bezerra (ZEZINHO)

FILIAÇÃO: Vitalino Pereira de Maria Bezerra, Almerinda de Alencar Bezerra.

NASCIMENTO - 22 de agosto de 1916, em PIO IX - PIAUÍ

FALECIMENTO - 24 Setembro - 1995.

Quando criança ainda, perdeu a vista, recebendo os cuidados necessários para uma infância tranquila, o que lhe proporcionou locomover-se e integrar-se no mundo ao seu redor.

A experiência da vida rural, na casa da irmã Maria Eulina e cunhado Pedro Possidônio desenvolveu seu amor à natureza e conhecimentos práticos da flora, da fauna agrestes, através do tato.

Teve como companheira e mestra sua sobrinha Saboinha que, mesmo nas férias do Colégio Santa Teresa em Crato, onde estudava, transmitia-lhe um substancial currículo.

Frequentou a Escola Pública da professora Teresa Rosado Simões: aprendia e colaborava. No decênio de 1934-1944 sonorizou sua terra de canções religiosas e cívicas, hinos de times escolares, de quermesses de partido, de festas familiares, indo além aos municípios, de Picos, Fronteiras, Mons. Hipólito do Piauí e Campos Sales do Ceará.

De 1945 a 1946 fez-se aluno do Instituto dos Cegos do Ceará,

em Fortaleza, conseguindo chegar ao Benjamin Constant no Rio. Brilhante estágio marcou sua atuação aí, como Assistente Social. O curso para educador de cegos, na Fundação Getúlio Vargas, abriu-lhe horizontes. Em São Paulo, como no Rio, expandiu-se na imprensa, sobre a Assistência e Prevenção da Cegueira e assuntos folclóricos.

Veio ao Ceará, Piauí e Maranhão em Campanha do Ministério da Agricultura. Transferiu seu contrato como pesquisador do folclore para Fortaleza e já em 1979 lançou o "MUNDO DO FOLCLORE" e depois "MEMÓRIAS", passando a escrever na Revista Itaytera do Instituto Cultural do Cariri-Crato, com o incentivo do jornalista e seu amigo Lindemberg de Aquino. Morando em casa própria, seu círculo sócio-cultural era bem vasto, tendo como sodalícia Casa Juvenal Galeno, Instituto dos Cegos do Ceará e outras entidades. De firmes convicções religiosa formou-se em Teologia para melhor servir à sua missão de leigo engajado.

Seus últimos anos viveu na Terra-berço. Chamado por Deus, no dia 24 de setembro de 1995, recebeu a consagração e o carinho de quantos o conhecerem.

O PEREGRINO DA ESPERANÇA

- 79 anos de escalada ascendente
- semeador do bem, do útil e do agradável
- força de vontade inquebrantável que o fez superar as limitações físicas da falta de vista
- cancionista da ecologia, dos valores da vida, do otimismo, das alegrias e tristezas do cotidiano, do civismo, de um mundo melhor a acontecer, partindo da realidade presente
- humanista e cristão, durante as vinte e quatro horas do dia
- arauto da comunicação de sua terra e sua gente: pela imprensa, pela música, pela poesia, pela amizade, pelo relacionamento e pela confiança no seu povo e no seu futuro
- fiel às suas origens, em PIO IX nasceu e do antigo solar paterno, partiu para a Pátria Celeste, na glória de Deus.

"ENTRE ASPAS"

Barros Alves

Com atenciosa dedicatória recebo do intelectual J. Lindemberg de Aquino, mais um número da excelente Revista Itaytera, uma publicação que conta a história do Cariri, abordando os mais diversos aspectos da vida do povo daquela ubérrima região, ressaltando a grandeza das lideranças que escreveram, às vezes com sangue, a pujante história da nação caririense. Graças à persistência e intrepidez de uma dessas lideranças, J. Lindemberg de Aquino, intelectual de inegáveis méritos e jornalista de bom tino, é que temos o prazer de continuar conhecendo as produções da intelectualidade caririense, de ontem e de hoje. Neste número, o 39, o leitor se depara com textos da melhor qualidade literária e informações privilegiadas. Crônicas, contos, artigos históricos, comentários jurídicos, correspondência, poesia. Itaytera constitui-se, portanto, um patrimônio da cultura de nosso estado, porque é, sem favor, uma revista que prima pela fidelidade histórica e pela qualidade dos textos que publica. Sabemos das dificuldades financeiras que inviabilizam a assiduidade da publicação, posto que à editoria falece meios econômicos para a elogiável empreitada e que não são supridos por organismos que devem cuidar do nosso patrimônio histórico cultural. Todavia o amor que a ela dedica o seu diretor Lindemberg de Aquino e sobretudo o amor que tem pelo Cariri de homens bravos, faz-nos acreditar que Itaytera não quedará jamais ante a omissão de quem mais lhe deveria dar apoio: os órgãos governamentais de cultura. Ademais, ainda há mecenas no Cariri.

(Gazeta de Maracanaú, Ce, 2.2.95)

UMA POLÍTICA AGRÁRIA PARA O MUNICÍPIO

Iarley de Brito Gonçalves

Com a globalização da Economia, mais do que nunca se faz necessário atentarmos para o aspecto da eficiência nas atividades produtivas.

A Agropecuária, sendo o sustentáculo maior na economia do Município, não pode continuar no esquecimento dos governantes. A partir das ações conjuntas do Poder Público e iniciativa privada, conseguiremos as exigências de eficiência e qualidade, tão marcantes na sociedade contemporânea.

Assim, teremos em Crato uma agropecuária global sustentável, como fator do nosso desenvolvimento. A proposta que se coloca, neste momento, é que, partindo dessa visão, o setor é a base da economia, se houver o chamamento, a união e a política comum das unidades administrativas municipais.

Deve ser dada prioridade a essa atividade. Que sejam colocadas as ações no setor em absoluta prioridade, para que logo sejam colhidos os frutos.

Este é um setor que responde relativamente rápido, em termos de impulsos.

Vejamos a abordagem de alguns itens:

1 - Assistência Técnica.

O modelo de assistência técnica nos moldes praticados hoje não tem conseguido atingir os produtores, no que se refere à viabilização dos sistemas de produção. Propomos uma revolução no mesmo. A nossa proposta é que tudo seja reavaliado, a começar do pequeno produtor. Novas técnicas sejam aplicadas, efetivamente, sem interrupções, em todas as fases da exploração. Utilização de tecnologia mais moderna e mais avançada, adaptada às nuances regionais. Deverão haver, portanto, mais cursos práticos, mais treinamento e que, sistematicamente sejam desenvolvidas campanhas de melhoria da produtividade.

O setor público municipal, em parceria com o setor produtivo, deverá viabilizar o alongamento da fronteira comercial. A mão de obra feminina rural deverá ser uma preocupação da municipalidade, proporcionando a esse segmento, através de cursos e práticas específicos em produtos alimentícios, derivados da agropecuária, um universo maior de extensão.

Dotar a juventude do campo de conhecimento das atividades agropecuárias, hortifrutigrangeiras, tudo isso deve ser feito, a partir do elenco das escolas municipais sediadas no campo.

2 - Armazenagem

Há no Município uma falta enorme de armazéns apropriados para acomodar os produtos agrícolas. Deverá ser uma preocupação das autoridades incentivar a construção de armazéns, em locais estratégicos, com melhor acondicionamento dos produtos agrícolas e afastando a figura maléfica do atravessador.

3 - Comercialização

Há muito tempo que o setor produtivo rural reclama a falta de uma unidade de comercialização. A nossa proposta: construir, em parceria com a iniciativa privada, uma Central de Comercialização, com instalações adequadas ao manuseio e acondicionamento dos produtos hortigrangeiros destinados ao abastecimento interno e externo, propiciando ao pequeno produtor melhores oportunidades de comercialização dos seus produtos.

4 - Cooperativismo

Hoje, só a união dos produtores, através de pequenas associações e cooperativas, pode enfrentar as dificuldades do setor agropecuário, principalmente na ponta, onde os produtores vão comercializar os seus produtos.

A proposta é fomentar a criação de pequenas associações, se possível aglutinando-as em cooperativas, onde as prioridades seriam apoiar a produção e a comercialização.

5 - Construção de Agro-vilas

O êxodo rural é uma realidade em todo o Nordeste do Brasil. Podemos considerar que é mesmo inevitável. Contudo, há possibilidade de freiar esse fluxo, porque as cidades não estão preparadas para receber todas as pessoas do campo. A solução é que nos distritos do Município sejam criadas agro-vilas em locais estrategicamente escolhidos, e dotadas de infra-estrutura básica, como água, energia e escola. Entregar lotes para que as pessoas do campo possam construir, com recursos próprios, suas moradias. O sistema poderá ser ou não em mutirão. Terão de obedecer, sempre aos critérios de arquitetura, e fincadas em moldes econômicos, dentro da realidade do agricultor cearense.

6 - Eletrificação rural.

O Vale do Carás continua desafiando os governantes. Um vale de 650 ha, de grande potencial de solo de aluvião, imensa capacidade hídrica. Contudo, em sua maior parte, falta energia elétrica. É necessária a implantação de uma rede de baixa tensão ao longo do rio Carás e um programa de fomento ao aproveitamento econômico e racional desse Vale. Outros vales húmidos deverão ser eletrificados: através do sistema monofilar levar energia monofásica onde houver concentração populacional no campo.

Para todos os Vales, uma aguerrida política de infra-estrutura, como rodovias, escolas, etc.

7 - Estradas de Rodagem.

O Município necessita urgentemente de abertura de novas estradas vicinais interligando os pólos de produção. A conservação das atuais estradas deve ser prioritária para o Crato, assegurando o tráfego durante todo o ano. Crato deve lutar por outras estradas, como a Transamazônica, que passa em Farias Brito, e outras que nos liguem a Pernambuco. Todas trariam bons resultados à economia local.

8 - Indústria Rural.

As unidades de beneficiamento de produtos agrícolas seriam implantadas, atendendo à demanda de cada setor, onde os agricultores teriam um melhor aproveitamento dos produtos regionais. A indústria da rapadura deverá ser observada e novos sistemas de produção poderiam ser adotados, para resgatar esse importante setor da nossa economia rural. A rapadura é uma grande fonte de alimento para o Nordeste e Crato, que detem uma boa produção de cana, poderia capitalizar imenso lucro, adotando uma política de produção da mesma com qualidade, tamanho e sabor diferenciado, inovando tudo o que é feito atualmente.

9 - Irrigação.

A irrigação é uma atividade anual, que muito contribui para o fortalecimento das atividades do campo. Poderá ser fomentada pela municipalidade através de programas específicos, onde o agricultor poderia, independente de chuvas, produzir suas culturas todo o ano. O aproveitamento mais racional das águas das fontes poderá ser fomentado pelo Município através de projetos elaborados pela Secretaria de Recursos Hídricos. Também pode ser estimulado o aproveitamento dos recursos hídricos do sub-solo através da perfuração de poços tubulares para uso da irrigação, de baixo custo,

utilizando o sistema de micro-aspersão. O custo é baixo pois evita o uso intensivo de filtros, pois a água bombeada é limpa. Isso evita prejudicar a eficiência dos micro aspersores.

10 - Pecuária

A pecuária vem sofrendo desestímulo por parte dos agricultores devido à baixa rentabilidade do setor. É urgente a adoção de programas de fomento, obedecendo novas tecnologias, proporcionando custos mais baixos e elevando a produtividade a níveis satisfatórios. É importante a assistência técnica. É importante o planejamento. É importante a reserva de pastagens (prioritária para o rebanho). É importante o controle sanitário como importante a inseminação artificial. Possivelmente, a curto prazo, poderíamos conseguir produtividade razoável no setor.

11 - Piscicultura.

O peixe se constitui um produto riquíssimo em proteínas para o homem. O Crato tem grande potencial para desenvolver uma piscicultura em moldes modernos, devido à abundância de água com que podemos contar nas áreas sopedâneas, no Vale do Carás e em outros vales húmidos. Deve ser meta da Municipalidade, em parceria com o governo do Estado e parceria da iniciativa privada, também, implantar diversas unidades de produção de peixes em todos os distritos do Município.

12 - Fruticultura

Desenvolver programas em parceria com a iniciativa privada, governos do Estado e da União, para implantação de um polo de fruticultura em Crato, deve ser outra prioridade. Tudo em moldes modernos, aproveitando a tecnologia já existente para o setor. Não se justifica um Município como o nosso, rico em potencial hídrico, importar frutas e hortigrangeiros até de outros estados, quando poderíamos reverter essa situação, tornando-nos fornecedores para os centros consumidores.

A CIDADE QUE SUMIU DO MAPA

Audálio Gomes Alves

O chofer aguentou o ônibus no freio, na curva de descida da Serra do Barro, numa madrugada fresca em que o vento sibilava, entrando e saindo pelas janelas do coletivo. Os passageiros dormiam a sono solto, exceto um que conversava com a irmã que acabara de acordar. Ele esfregava as mãos de contentamento, por estar de regresso à sua terra natal - Milagres - depois de longos anos de ausência. A ansiedade o deixava tenso, seu coração batia descompassadamente.

Tratava-se de um senhor de cabelos grisalhos, estatura mediana, um tanto quanto gordo, de barriga protuberante, por ser chegado a uma geladinha. Sempre que possível, deliciava-se com uma boa cerveja. Outro entretenimento que lhe aprazia, era o de escrever, inventando em seus poemas musas imaginárias, e escrevendo contos de personagens duvidosas, as quais denominava de fictícias.

Considerava-se um escritor bem sucedido, pois passava para o papel todo o sentimento de sua alma, principalmente quando, em prosa ou verso, abordava a sua Milagres, pequena jóia incrustada no Vale do Cariri; um pequenino ponto no mapa do Ceará. Milagres era para ele uma palavra sagrada, sempre repetida no templo do seu coração.

O Sol ainda não acordara. A Lua bocejava preguiçosa. De vez em quando, fechava e abria os olhos, dormitando, coberta por espessos lençóis de nuvens grávidas de chuva, dádiva de Deus, ou do Padre Cícero, atendendo às promessas feitas naquele ano, mais uma vez, de prolongado estio.

Ao passo que o ônibus se aproximava da cidade, mesmo estando escuro, o visitante procurava identificar os lugares onde, quando menino, brincara em companhia de seus primos e demais companheiros de folguedos: o sítio de Nazaré com seu açude sangrando na barragem; as Cabeceiras, do Coronel Pedro Velhinho; o campo de futebol do Triângulo; o mata-burro e a Rua da Matança, caminho obrigatório para o cabaré do Serrote, onde os meninos íam, às escondidas, testemunhar os arroubos amoroso entre o velho coletor estadual e sua rapariga predileta e bem paga. Diziam as más línguas, ser uma espécie de contrato entre o idoso viúvo e a adolescente ainda cheirando a leite, porém com uma experiência em matéria de cama de fazer inveja a uma Messalina.

Ao atravessar a cidadezinha, o visitante olhou em volta e não viu a casa onde nascera nem o coqueiral que a rodeava. Tudo lhe parecia estranho e indecifrável naquele momento de extrema ansiedade em que procurava com os olhos os recantos queridos. Sua casa não mais existia, e os coqueiros tinham sido dizimados em nome do progresso. O manto verde que cobria a moçoila mais bonita do Cariri estava em rasgalhos. Rasgaram-no mãos profanas.

O ônibus parou numa estrada asfaltada, já fora da cidade, e o visitante saltou com sua irmã, sentindo uma sensação de estar pisando em solo desconhecido. O vento frio vindo da Chapada do Araripe reanimou-o um pouco. Ele então, juntamente com a irmã alcançaram o alpendre da casa que a ela pertencia. Ali sentaram-se e esperaram que o Sol viesse lhes dar o bom-dia.

Quando o dia clareou, ele estava a postos, olhos fitos na paisagem que agora lhe era totalmente estranha. Fora como se um pintor de mau gosto tivesse dado uma pincelada a mais, desnecessária, e borrado o quadro original. Ao invés de coqueiros, mangueiras, cajueiros e canaviais que ornavam a entrada da cidade, ele via agora mansões, clube, churrascarias e um céu de antenas parabólicas, que mais tarde iriam testemunhar as indiscrições de certo ministro. Pouca coisa ou nada existia que se pudesse relembrar o passado distante, a não ser a herma de um ilustre "desconhecido", que teimosamente jazia na pracinha, sem ter sequer uma placa que a identificasse. Quem teria sido ele? E o que teria feito por Milagres? Poucos sabiam.

Ali estavam frente a frente, a Mãe Terra e o filho nascido de suas entranhas. Ela sem reconhecê-lo por tão prolongada ausência. Ele, perplexo com a mudança radical do visual da mãe, agora sofisticada, vestindo cimento armado, esnobando butiques com nomes em inglês e cheirando a perfume francês. No parque, bandas tocando música funk e roque da pesada. Na feira, objetos importados substituíam a rapadura, farinha, feijão verde, selas, arreios e gibões-de-couro. Não se via um só vaqueiro com esta indumentária. Congos restavam alguns que teimavam em manter as tradições. Já os reizados e os Penitentes tinham sumido para sempre. Os habitantes, quase todos emigrantes, inclusive o prefeito, pareciam falar-lhe numa linguagem diferente da do sertanejo. E para completar, o visitante viu um rapaz de corpo atlético usando um brinco na orelha e uma correntinha de ouro no tornozelo. Assim era demais! Oxente! Que diabo era aquilo? Já se viu sertanejo desse jeito: home? Arre, égua!!! Ele viera ali para ver sertão, e estava vendo a continuação da cidade grande.

Não, aquela decididamente, não era a sua terra, lugar de cabra macho e de coronéis, que até Lampião respeitara. Dizem que somente por respeito a Nossa Senhora dos Milagres, a padroeira. E Ela, teria gostado da transformação?

Quando o ônibus que levava o visitante de volta à capital deixava o derradeiro limite da cidade, ele olhou para trás e não viu mais nada. A terra onde nascera desaparecera de sua mente e do seu coração. Partia sem levar saudades, além daquelas do seu tempo de criança.

O tempo foi passando. Ele, no Rio de Janeiro, nem sequer pensava mais na sua terra natal. Um dia, porém, ao consultar um mapa do Ceará, foi surpreendido com a ausência do pontinho preto, seu Milagres, do referido mapa. Ele não estava acreditando no que via. Oxente! Exclamou, indignado. Cadê a minha santa terrinha? Cadê o

respeito com os filhos de Milagres? Isto jamais deveria ter acontecido. Ferido nos seus brios, incorporou novamente o espírito indomável do sertanejo e partiu com toda força para o protesto. Invocou a proteção da padroeira e botou a boca no mundo:

- Quero o pontinho preto no mapa outra vez! Viva Milagres!

Assim como o brado retumbante dado por D. Pedro I por ocasião da Independência do Brasil, o grito do milagrense ecoou no Vale do Cariri, varando de ponta a ponta a Serra do Araripe, conclamando vivos e mortos à luta.

Para melhor desempenho, o espírito do milagrense deixou o seu corpo e voou para Milagres a fim de melhor organizar o protesto contando com os mortos, pois sabia que a população, em sua maioria, não era milagrense e portanto, não podia contar com eles.

A primeira providência que o espírito tomou foi escancarar o portão do cemitério. Os vultos ilustres de outrora levantaram-se de suas tumbas e foram reunir-se na praça principal da cidade, em torno da herma do Coronel Raimundo Alves Pereira, que acabara de chegar do cemitério do Crato, juntamente com seu filho Celso

Alves, para liderar a revolta. Imediatamente mandou o seu fiel secretário, Enok Serafim, convocar o Coronel Leite para comandar as tropas. Ali estavam os Furtados, os Cartaxos, os Sampaivos, Cícero Leite, Amâncio Leite, Seu Marcelino, Júlio Coelho e Major Enéas, ambos organizando o Corpo de Saúde. O Padre Misael Gomes veio voando de Fortaleza para somar sua inteligência com a valentia dos conterrâneos. Também vieram os Feitosas, do Barro. Chegaram do Rosário, Seu Manduca e Antonio Alves, trazendo consigo Souza Presa, o fundador da cidade, que fora encontrado novamente em poder dos tapuias, como no início da História de Milagres, quando fora libertado por uma formosa índia que por ele se apaixonara. E ele em agradecimento, cumprindo a promessa que fizera, mandou erguer uma capela em homenagem a Nossa Senhora dos Milagres, por ter sido libertado.

Os maçons deixaram o Oriente Eterno e vieram se reunir na Loja Maçônica local, em Sessão Magna, sob a proteção de São João e sob os protestos do Pe. Joaquim Alves, ex-vigário. Este, a todo instante ameaçava os maçons com a excomunhão. Como nos velhos tempos, plantado na porta principal da igreja, dava esporro nas mulheres que tinham vindo se confessar. Madrinha Zefinha Gomes interferiu a favor das mulheres tão bruscamente atingidas pela grosseria do padre. Padim Gomes que a tinha acompanhado até a igreja, dirigiu-se à praça a fim de receber o comando do Coronel Leite, por ser mais antigo.

A cerimônia de passagem de comando foi simples. O Coronel Antônio Gomes de Lacerda, o Padim Gomes, envergando sua vistosa farda de gala da Guarda Nacional, postara-se em posição de sentido, enquanto o Coronel Leite, todo garboso na sua farda da Polícia Militar, entregava ao ilustre conterrâneo o bastão de comando, com as

continências de praxe, debaixo da ovação do populacho.

Os congos e reizados cantavam e dançavam no pátio da igreja, louvando a Nossa Senhora dos Milagres. Alí estava também Zé Leonardo, com seu zabumba, acompanhado de pífaros, dando um toque de tradição à cantoria. Da Cruz das Almas vinha o canto lúgubre dos Penitentes que, empapados de sangue, nem por isso deixavam de martirizar-se, aplicando nas costas suas afiadas "disciplinas", como remissão dos seus pecados.

Na praça, discursos inflamados eram pronunciados, cavalos arreados, rifles lubrificadas e carregados, peixeiras amoladas, como últimos preparativos para a arrancada final rumo a Capital.

Os vaqueiros chegaram comandados por Luiz Nicomedes. Vieram também Zeca Nicomedes, da Jurema, irmão de Luiz, e Manuel Amâncio, o vaqueiro mais afamado da região no sítio de Ipueiras, propriedade do Coronel Raimundo Alves.

Tudo estava pronto para a marcha sobre Fortaleza. Lá a tropa se postaria em frente ao Palácio do Governo e exigiria o desagravo. Isto é, que Milagres voltasse novamente a constar no Mapa do Ceará, por justiça e por direito. Caso lhes fosse negado, eles deporiam o Governador, como fizera o Padre Cícero de Juazeiro, com os seus jagunços, que derrubou Franco Rabelo, na guerra de 1914.

A situação estava nesse pé, quando ouviu-se um tropel de cavalos vindo do alto da entrada da cidade. Todos voltaram-se para ver do que se tratava. Muitos pensaram até que fosse Lampião e seu bando que vinham prestar o seu apoio e solidariedade ao povo de Milagres.

Quando o tropel cessou já no meio da praça, um padre de aparência humilde se apeou do cavalo e dirigiu-se à tropa, que se perfilara em sinal de respeito, para recebê-lo. O padre trazia nas mãos um grosso canudo de papel. Tratava-se do padre Cícero Romão Batista, o Patriarca do Juazeiro. Acompanhava-o o padre Azarias Sobreira, seu afilhado. A calma e a determinação lhes eram peculiar nos momentos de extremas decisões. Seus chapéus de abas largas pareciam aureolados por cintilante luz, que só os santos possuem.

O Padre Cícero, desfraldando o canudo de papel, tal qual uma bandeira, dirigiu-se ao povo, debaixo de silêncio absoluto:

- Meus filhos, em nome da Santa Mãe de Deus, eu vos relembro: Quem bebeu, não beba mais! Quem roubou, não roube mais! Quem matou, não mate mais!

Esses três pedidos do padre pareciam impossíveis de serem atendidos, mas, em nome do ideal do qual todos estavam imbuídos, a turba levantando os braços proclamava a uma só voz:

- Seja feita a vossa vontade, meu Padim Ciço!

O padre prosseguiu:

- Milagrenses, venho em missão de paz! Tenho em minhas mãos o mapa do Ceará!

O sorriso que aflorou nos lábios do padre naquele instante

contaminou a todos, que de corações abertos e espíritos desarmados, esperavam a conclusão do discurso do sacerdote. Porém, este mais empolgado ainda, prosseguiu:

- Milagrenses, a justiça foi feita. Milagres voltou ao seu lugar de direito no mapa do Ceará!

Apontando para o pontinho preto situado no extremo sul do mapa o sacerdote concluiu:

- Aqui tendes novamente a vossa querida Milagres, a cidade que sumiu do mapa!

Vivas ecoaram, fogos espoucaram num foguetório nunca visto nem nas festas da padroeira. Até os coqueiros que restavam baloiçavam suas verdes cabeleiras, em aplausos, jubilosos por ainda terem podido testemunhar aquela incomparável lição de Liberdade; aquela demonstração de Igualdade e de Fraternidade entre vivos e mortos, numa confraternização admirável entre os que se foram e os que ficaram.

Esbanjando alegria, radiante de felicidade, vendo o pontinho preto novamente em seu lugar, o espírito do milagrense voltou ao Rio de Janeiro. Num átimo incorporou-se à matéria, que tranquilamente dormia em sua casa, no seu querido Jacarepaguá.

QUEM SOU EU?

Já tenho sido cortado e exterminado em algumas regiões.

Já fui considerado um inútil, ocupando espaços no campo.

Todavia, como sou útil! Como sirvo à humanidade!

Se falta alimento para as pessoas, eu produzo minhas saborosas bagas.

Só a seca é grande, eu sou a ração para o gado.

De mim fazem o sabão, fazem o óleo comestível, rico em proteínas, meu óleo é utilizado em cosméticos, corantes, sou útil na fabricação de graxas e tintas, corantes e adesivos. Meu óleo serve para passar carnes, ovos e delícias da culinária, sem deixar odor. Sou utilizado em pratos populares, como filhoses, etc. Sou carvão com alta caloria, para as fornalhas e fornos. Sou palha para cobrir casas e cobrir as barracas da Exposição do Crato. Sou a sombra para o viandante cansado e suado. Contribuo para o capim ficar verde por mais tempo e abrigo os animais e pássaros. Sou, portanto, útil na natureza. Sei que no futuro, com a tecnologia, terei muito mais utilidade. Obrigado aos que me deixam de pé, confiando em mim e me defendendo. Obrigado.

O Babaçu.

TILA

Eu tive um grande amor na minha vida;
Amor que eu jamais esquecerei.
Maior do que o amor de mãe, direi,
Coisa até hoje não compreendida!

Um bem-querer sem fim e sem medida
Como aquele jamais, certo, verei;
E que, em troca, eu nada lhedei,
Pois nada tinha além da própria vida.

Foi minha babá desde que nasci.
Fez do mim a razão do seu viver,
Senti dor e prazer se eu senti.

Amor maior não é possível haver:
Chorou quando chorei... Riu quando ri..
Seus carinhos, jamais hei de esquecer.

Fortaleza, 30/08/93
Simeão Luna Machado.

VELHICE... QUEM DISSE?

Valdelice Alves Leite

O conceito de velhice varia bastante de indivíduo para indivíduo, de acordo com o meio sócio-cultural em que vivem as pessoas.

Começo da velhice, quem o sabe?

Há jovens que simbolizam a velhice com suas atitudes de desânimo e desesperança; nem sabem apreciar a vida. E há pessoas até de idade avançada, sempre dispostas, esbanjando alegria, como se a vida nunca fosse acabar. Quanta paz de espírito!

Muitas tornam-se conhecidas e registram seus feitos, já no crepúsculo de suas vidas. Poetas, escritores, pintores, cuja fama explode numa literatura ardente, numa criatividade patente, produtiva e progressiva, dando uma lição de pujança e juventude aos adolescentes indecisos, sem visão do que é belo e jamais fenece. Não há propriamente "velhice" e sim (vejamos com bons olhos), amadurecimento real da vida. Que beleza de primorosa arte na poesia da goiana Cora Coralina, dos 62 anos aos 92 anos de idade! E tantos outros exemplos dignificantes na história da humanidade! É preciso que o "velho" reencontre dentro de si mesmo, a criança que nele nunca deixou de existir, pois há no ser humano uma luz vivificante que sempre iluminará o seu caminho e um brilho no semblante de quem ama a vida. Velhice... quem disse? "O que é essencial no ser humano, não é atingido pelo tempo". Aproveitando convenientemente as horas preciosas da vida, aplicando-se a um trabalho profícuo e enriquecendo o coração com o amor e a mente com reflexão e ação, tudo renasce, tudo redivive. Viver bem é sentir-se sempre capaz de realizar, de criar, sorrindo para a vida. "As limitações dos sentidos, dos órgãos e dos membros, não devem ser encarados como decadência ou proximidade do fim". Com a idade o homem cresce em experiência, sabedoria, generosidade, amor, compreensão e outras virtudes. E onde anda a velhice, se as pessoas de idade voltam à infância, quando o seu passo é hesitante ou cadenciado como aprendendo a caminhar, a pronúncia não bem articulada, como a começar a falar, a mão treme e derruba a comida na mesa ou no chão, como faz a criança insegura? Isso, gente, é renascer, é reviver e nunca morrer, pois da própria morte resurge a vida... eterna! O ano se renova a cada 12 meses, já estamos no Ano Novo! É preciso portanto cercar de carinho e afeto aos que nos rodeiam, demonstrando-lhes amor, para que nós e eles nunca nos sintamos "velhos".

VELHICE... QUEM DISSE? ...

A HISTÓRIA DE MINHA TERRA

Raymundo Farias de Oliveira

Povo que não conhece sua história é povo incapaz de falar de saudade porque ignora os vínculos que o prendem aos seus antepassados.

Diz a sabedoria popular que "recordar é viver". Uma criança não tem o que recordar porque está apenas tateando o começo de uma caminhada pela sinuosa estrada da vida. No jovem, porém, dos seus 25 anos em diante, começam a surgir, discretamente, as primeiras lembranças; aos 40, aos 50 e daí pra frente as "lembranças" vão-se avolumando, as "recordações" vão chegando aos turbilhões, na maioria das vezes aninhadas na rede da saudade. Há o que recordar e recordar é viver; viver o que passou. Reviver! Abrir a cortina das reminiscências e olhar as lonjuras povoadas de fatos e pessoas que nos rodearam, episódios que feriram nossa sensibilidade.

No seio da família essas "lembranças", essas "recordações" são mais facilmente cultiváveis, em duas, três ou quatro gerações, graças à convivência, às fontes orais familiares, às fotografias, documentos e por aí afora. Tais "lembranças" e "recordações" apresentam aspectos da história familiar. História restrita a uma família.

Mas quando se trata da história de uma cidade então a coisa se torna mais complexa. É preciso que o pesquisador, interessado em revelar a história do povo e da cidade, mergulhe amorosamente no desafiante e paciente trabalho de coleta de dados, de documentos, fontes escritas e orais, para então elaborar a obra desejada.

É, realmente, um ato de amor à história da cidade e do seu povo. Um ato de entrega total a uma tarefa cujos frutos, saborosos, irão, depois, ser distribuídos ao povo para que possa recordar e reviver sua gente, sua cidade ao longo do tempo. Nem sempre esse empreendimento espiritual encontra o necessário apoio dos que devem e podem apoiar.

Não sei o que a professora Célia Magalhães enfrentou em sua caminhada pelos meandros da busca histórica para que viesse à luz o seu belo livro "Nosso povo, nossa história - Missão Velha (200 pgs, impresso na Gráfica Universitária do Crato-CE).

O que sei é que, graças à sua obra - que não ostenta a pretensão de ter esgotado o assunto, pois, "é apenas um passo, uma abertura do nosso caminho histórico", como Célia mesmo diz, com humildade, no preâmbulo - mergulhei, pressuroso, na história do meu povo e da minha terra natal, revivendo episódios narrados por meus avós, por meu pai, agora com 90 anos, e alargando meus conhecimentos históricos e culturais sobre Missão Velha e o Cariri cearense. Valeu.

"PEREGRINO DA CARIDADE"

Mons. Fco. H. Montenegro

A soberba da vida é o obstáculo fundamental á graça de Deus, que nos quer dar a felicidade nas alegrias do amor. Uma oposição radical existe entre as máximas deste mundo, que só confia em si, e os preceitos do Cristo Jesus que nos manda praticar a renúncia e a abnegação.

Quanto mais tivermos de nós menos teremos de Deus. Sta. Teresinha dizia: "Parece impossível fazer algum bem quando nos buscamos a nós mesmos". O Padre Ibiapina, nas suas sublimes reflexões, rezava assim: "... diante do meu Criador, eu me curvo, adoro, admiro e me confundo". - O homem, por si só, não tem nenhuma grandeza. A extinção do próprio *eu* em Cristo é o segredo da sua grandeza. São Paulo, escrevendo aos filipenses dizia: "Para mim o viver é Cristo, e morrer é um lucro". (Fil. 1,21) - Sob este aspecto, no Brasil, ninguém foi maior do que o Padre Ibiapina.

Meus amigos, convinha que uma biografia, rica de documentos e de doutrina fosse apresentada aos fervorosos admiradores do Padre Ibiapina, santo missionário do Nordeste, Homem de Deus, a quem merecidamente numa homenagem de profundo reconhecimento e sincera gratidão, queremos consagrar, nesta Casa que é toda ele, aos pés do seu Monumento, o nosso culto de veneração, a nossa mensagem de esperança e de ternura nascida do santuário íntimo do nosso coração.

Bendita seja a luz que reaparece nestas terras abençoadas dos Cariris Novos, berço da sua adolescência, testemunho da magnanimidade do seu coração apostólico, fruto das suas grandes virtudes aqui plantadas pelas mãos sagradas do Bom Samaritano. Irmão dos mais fraternos, Mestre dos mais abalizados, Missionário dos mais apostólicos, Sacerdote dos mais santos... Tinha razão o Mestre sociólogo Gilberto Freire, quando considerou o Padre Ibiapina a maior figura da Igreja do Brasil.

É bem gratificante ao coração da gente sentir o calor humano de bons amigos, quando eles vêm até nós, trazendo mensagens de Fé, de Alegria, de Paz, de vida interior, sobretudo quando a mensagem não é uma ideologia, mas um acontecimento

O Cônego Francisco Sadoc de Araújo aqui está conosco, nesta noite histórica, para nos entregar o seu precioso livro "Padre Ibiapina - Peregrino da Caridade". Ao publicar este livro de ouro, retrato vivo do Bom Padre de Deus, relembrando a sua formação religiosa, intelectual, moral, jurídica, organicamente assimilada, arrumada com muito carinho aos pés do Divino Mestre, para defender com êxito as suas convicções,

o autor propõe-se a dar a conhecer um pouco mais a grande personalidade do Apóstolo do Nordeste projetando a sua vida e a sua obra missionária no pano de fundo da sua época.

No seu livro magistral, com o brilho da sua inteligência e com a grandeza do seu coração sacerdotal, o Cônego Sadoc aprecia com serenidade o calor humano, a vivência em Deus, a beleza transparente de santidade do Bom Padre-Mestre. Vigoroso e persuasivo, penetrante e convincente, com uma visão límpida, o autor faz terminarem todos os seus raciocínios numa só conclusão: *a santidade do seu herói*.

Examina com moderação, avalia com equilíbrio, investiga com prudência e seriedade, diferentes posições basilares da vida modelar do Padre José Antônio de Maria Ibiapina, deste santo brasileiro que trouxe em boa hora, às terras áridas do Nordeste, toda a sua energia de Amor Sacerdotal, verdadeiras irrupção de um espírito novo cheio de vivência missionária. Padre Ibiapina, quando adolescente, quando estudante seminarista, quando Mestre do Direito, quando sacerdote missionário do reino de Deus, sempre foi o "Peregrino da Caridade". Nos seus passos perdidos não se perdiam passos porque a sua marcha era sempre em direção da Luz. - *Lição de simplicidade*, sua alma era simples como a de uma criança. Sabia encarar com serenidade, com profunda humildade, as verdades mais transcendentais. - *Lição de Fé* na provação da Fé. Deus, na sua sabedoria infinita, permitiu que este Homem de Deus, no meio de cruéis provações, verdadeiros martírios do coração, conhecesse essa angústia de Fé. E que vivendo mergulhado no sobrenatural experimentasse também sentimentos de irrealidade desse sobrenatural. Todavia a sua Fé nunca vacilou. Quaisquer que sejam as nuvens que se acumulam no horizonte, seu coração humano tem sede de Deus. - *Lição de Confiança* - Naquela sua obra gigantesca, realizada com coragem, com valentia, com zelo, com dedicação, ele sabia transformar um sonho em realidade, desafio constante ao longo da sua vida, sempre recebido e aplaudido por todos como o mensageiro do Céu.

Com a luz penetrante do autor do livro, em que correm parilha o gênio curioso do historiador, o realismo humano do psicólogo, o estudo objetivo do sociólogo, o silogismo insofismável do filósofo, a pureza mística do asceta, o aspecto doutrinal do teólogo, a sabedoria clarividente do mestre, o Cônego Francisco Sadoc de Araújo, honrando as letras e a cultura hagiográfica do nosso país, traz este livro magnífico que, hoje, pessoalmente, vem nos entregar e que, por feliz inspiração, denominou: "Padre Ibiapina - Peregrino da Caridade".

Meus amigos - Lendo o livro, a gente vê, claramente, no trabalho profissional do Mestre do Direito, na cultura judicial do criminalista em defesa dos pobres, nas obras sociais e em toda a Obra Missionário do padre Ibiapina, *a beleza da sua alma cristã*. A fraternidade abraçando a exclusividade, a solidariedade cristã dando as mãos aos direitos sagrados da pessoa humana, a riqueza abraçando a pobreza, a Justiça

e a Verdade entrando juntas nas suas vinte e duas Casas de Caridade para cantar o hino da vitória. Vemos no rosto sofrido de cada uma de suas filhinhas órfãs, no rosto sofrido daquelas moças abandonadas, sem teto, sem comida, sem roupa, sem letras, sem trabalho, daqueles pobres marginalizados, maltratados e excluídos, todos tutelados pela caridade ambulante do Padre Ibiapina, vemos no rosto sofrido de cada um a Face oculta do Cristo nosso irmão. Era verdadeiramente o espírito da Campanha da Fraternidade do ano de 1995, já bem presente nos tempos idos do Padre Ibiapina, bem preparada, bem sentida, bem vivida, nos caminhos do Peregrino da Caridade.

Numa página antológica de alta espiritualidade, o Cônego Sadoc traduz, com profundidade genial, a santidade do Padre Ibiapina, quando afirma: "... caminhou e fez das estradas sua casa. Saiu à procura do caminho para o Pai. Encontrou no Cristo, velado na indigência dos pobres, lá onde se encontra a misericórdia de Deus. Orientava o povo a praticar a virtude da Caridade em benefício dos mais pobres, porque nisto consiste a essência do Evangelho. Evitava romarias para si, mas se fez romeiro do lugar dos sofredores, onde quer que se encontrassem". E conclui o Mestre Sadoc: "Ele foi, sim, um lúcido educador do povo e, neste ponto, o maior que o Brasil já viu".

Nas palavras do autor, esforço de pesquisa, aliado a uma reflexão comovida, vemos desenhar-se um mundo interior de procura, de angústias, de rupturas, de fraternidade, de liberdade, de profunda caridade, mergulhado no espírito do Santo Homem de Deus que, em pleno século dezenove, teve a coragem de desfraldar, na comunidade sofrida do povo nordestino, a Bandeira da Justiça e da Verdade, a Bandeira da Fraternidade e do Amor.

Meus irmãos - o Bom Padre Ibiapina, Apóstolo do Nordeste, bem merece ser elevado à glória dos altares. Ele bem merece a auréola dos Santos que ofereceram neste mundo um testemunho especial de vida cristã. A mim me parece que é o Bom Padre Ibiapina que já está em "pole position" na corrida em direção da primeira canonização de um santo brasileiro. "O povo que andava nas trevas viu uma grande luz". (Is. 9,1).

Meu prezado Cônego Sadoc - Esta Casa é do Padre Ibiapina. Esta Casa também é sua. Seja bem vindo em nome do Senhor.

Crato, 28 de abril de 1995.

(No lançamento do livro PEREGRINO DA CARIDADE, do Pe. Sadock de Araújo, auditório da Rádio Educadora do Cariri, em Crato).

Dr. Clêidson de Araújo Rangel, Sangue Novo na Medicina

Em 1959 colava grau em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco o jovem paraibano, Dr. Clêidson de Araújo Rangel.

Neto do coronel Napoleão de Araújo Lima, "Seu Napo", o Dr. Clêidson de Araújo Rangel logo fixou-se em Brejo Santo, certamente atraído pelo prestígio da sua importante família.

Sempre muito ousado, o Dr. Clêidson de Araújo Rangel logo formou invejável conceito médico, social e empresarial em todo o Cariri.

Daí para frente, tudo lhe correu às mil maravilhas em termos profissionais. Isto foi o lastro que o fez logo ingressar no campo do investimento hospitalar, fundando e equipando a Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima, pioneira da vida hospitalar de Brejo Santo. Portanto, Brejo Santo deve ao Dr. Clêidson Araújo Rangel o seu feliz ingresso no campo da vida hospitalar. E foi a partir da Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima que Brejo Santo começou a robustecer-se na vida médica, despertando novas vocações médicas que hoje aí estão estuantes de vida e energia. Hoje vivendo em Fortaleza onde é bem sucedido empresário, o Dr. Clêidson Araújo Rangel é, todavia, cidadão honorário de Brejo Santo e a quem a cidade muito deve, tanto no setor médico- hospitalar, como no setor pecuário. Para os que não sabem, o Dr. Clêidson de Araújo Rangel foi o orador oficial da sua turma quando terminou Medicina no Recife. O seu discurso como filho honorário de Brejo Santo que eu tenho nos meus arquivos, é uma peça oratória do mais refinado bom gosto e do mais completo labor literário. Portanto, mais uma vez, sou forçado a repetir aquele secular chavão que nunca caduca. Mais uma vez, HONRA AO MÉRITO!

Barbalha, 22.07.93. Napoleão Tavares Neves.

EM LOUVOR AO DEP. INOCÊNCIO OLIVEIRA

(Documento Histórico)

*Deputado Inocêncio Gomes de Oliveira
Câmara dos Deputados/Brasília/DF.*

Em meu nome, de minha família e de todos amigos cearenses que o estimam e enaltecem as excelentes qualidades morais de V.Excia, apresentamos o mais alto sentimento de revolta e repulsa ao insidioso artigo publicado em 13.01.93 pelo Pasquim em que se transformou a revista "Veja", produto de imigrante Italiano admirador da "Cosa Nostra" e da Camorra Napolitana, que aqui aportou de pires na mão, e construiu um império à custa de calúnias, explorando o erotismo, estorquindo e acobertando os que com certeza lhes trarão maiores vantagens e proveitos.

Há 30 anos o conhecemos de perto. Sabemos de sua competência como médico, de sua lealdade como amigo. Sabemos de sua tenacidade em vencer e honestamente "chegar lá".

Sabemos que V. Excia cresceu moral e economicamente ajudando a sua cidade e seu estado Pernambucano a vencer os seus problemas e males sociais que são tão graves quanto às doenças dos organismos humanos.

Finalmente, para a "revista Veja" quem são os homens dignos e honestos deste país? O seu diretor presidente? Os seus diretores? Os seus repórteres?

Talvez... mais nunca um médico denodado, que antes de ser político passou doze anos de plantão permanente em um hospital por ele fundado num esforço inaudito para a sua época, e a ele dedicou o melhor de sua juventude, procurando mitigar a dor curar e servir com exemplos dignificantes de vigor, altruísmo e inteligência.

Nunca um cidadão como o é V. Excia que durante 30 anos de lutas abriu fazendas quase no deserto, enfrentando as intemperies, desbravando as caatingas dando pão e mão de obra a sertanejos famintos e esquecidos; enfrentando as sêcas cíclicas e avassaladoras para formar durante uma existência um patrimônio insignificante em relação ao de seus detratores.

Estamos com V. Excia e chegaremos lá.

Cordialmente

*Cleudson de Araújo Rangel.
Fortaleza, 18 de Janeiro de 1993. - FAX: (085) 234.2006*

PRÓLOGO

Prefaciara o que, se o conteúdo destas páginas brota de uma veterana pena assaz conhecida não apenas pelos que moramos nesta risonha Região, mas ainda por outros seus fãs de glebas mais distantes?

Para que, se os leitores deste fascículo, autores de obras o correio leva além mar gozam de recíprocas afinidades com Napoleão Tavares Neves que escreve esta "Pequena História do Primeiro Templo Católico do Cariri"?

Ela não precisa de apresentante. Este preâmbulo que o meu médico incansável e caro vizinho me confiou, foi só para me prestigiar.

Se forem duvidosas estas minhas assertivas, veja meu generoso leitor o que me fez escrever a comoção que senti quando digeri este estudo de Napoleão:

"Guarda contigo, Missão Velha, esta nova História que lembra as origens da tua vida religiosa!

Vê também, Missão Nova, a velha lembrança dos sombrios escombros que foram removidos pelo teu pedreiro, poeta, profeta, Joaca Rolim com seus próprios braços fortes para que ele reconstruísse, da mesma forma, o santuário que nasceu contigo!

Olha aí, Antônio de Caldas Rolim, vê com teus olhos sófregos, os teus sonhos e desejos de adolescente petrificados graças à pá do teu colega escritor, pedreiro que o construiu, atendendo a teu pedido. Fizeste bem; o que também ele costura não se descose.

A memória do dedicado autor se prende aos vigorosos caules sociais e históricos do nosso meio, como faz a hera agarrando-se aos seus rígidos esteios.

Foi este seu dom transcendente que o vocacionou para a Medicina e para a literatura, médico criterioso e comunicador notável.

Escritor que, se tropeça é em alguma raiz mal segura nas criptas donde se alteiam as fontes históricas do nosso passado".

*Barbalha, agosto de 94.
Antônio Marchet Callou*

O PRIMEIRO TEMPLO CATÓLICO DO CARIRI!

Primórdios

Segundo nos diz a História, o primeiro templo católico do Cariri foi a Capela de Santo Antonio, de Missão Nova, em Missão Velha.

Segundo dizem os historiadores, os colonizadores da nossa região abordaram o Cariri através do Riacho dos Porcos, chegando à Missão Velha pelas terras do atual Distrito de Quimami, outrora Riacho dos Porcos, até as terras circunvizinhas da turística Cachoeira de Missão Velha. Portanto, Missão Velha foi a janela pela qual os colonizadores vislumbraram o Cariri pela primeira vez vendo ao longe o perfil verde da Chapada do Araripe.

As datas desta abordagem são polêmicas.

Segundo o escritor e jornalista João Brígido dos Santos no seu livro "Ceará, Homens e Fatos", tudo teria acontecido entre 1660 e 1680. Ouçamo-lo à página 64 do livro em epígrafe:

"O Cariri foi descoberto e principiado a povoar por aventureiros baianos partidos do Rio São Francisco, de 1660 a 1680".

É sabido que os bandeirantes e colonizadores usavam sempre os caminhos dos rios que lhes garantiam retorno fácil e sem erros, água farta e comida certa.

Pois bem, o Riacho dos Porcos foi o caminho que trouxe os colonizadores ao Cariri, por Missão Velha.

Os primeiros chefes de expedições colonizadores que abordaram o Cariri foram, segundo João Brígido dos Santos, João Correa Arnaud e depois João Mendes Lobato, este auxiliado por seu filho, Padre Antônio Mendes Lobato que conseguiu com o Bispo de Pernambuco, Dom Estevão Briosso, um missionário, o italiano Frei Carlos, do Convento da Penha, de Recife, fixado inicialmente em Missão Velha.

Acontece que sobreveio uma grande seca que deixou aquele missionário sem mínimas condições de edificar um templo para suas tarefas de catequese e colonização. Procurando aproximar-se mais da Chapada do Araripe a missão religiosa veio ter à Missão Nova onde a água corria farta e cristalina, como até hoje, indiferente à grande estiagem. Ali, então, foi fácil erigir o primeiro templo católico do Cariri: a primitiva Capela de Missão Nova em louvor de Santo Antônio.

Somente a partir daí foi que o intrépido missionário buscou Crato com a famosa Missão do Miranda. Teria sido ele o Frei Carlos Maria de Ferrara, fundador do Crato? Certamente, sim. Tudo faz crer que a terrível seca de que nos fala a História foi em 1725, datando daí o início

da colonização de Missão Nova e certamente as primeiras ações objetivando a construção da sua primitiva Capela à esquerda das águas cantantes do Riacho Missão Nova que ainda hoje corre perene!

Os índios que habitavam a nossa região eram os Cariris, sempre em lutas contra tribos que queriam invadir-lhes os verdes domínios: Cariús, Calabaças e Inhamuns, entretanto o homem branco, sempre predador, foi pouco a pouco ganhando terreno à base do trabuco, sobretudo a partir de 1706, a ponto de hoje não haver no Cariri nenhum remanescente dos indígenas que primitivamente aqui habitavam. Extermínio total! Verdadeiro genocídio! Mas João Brígido dos Santos não era muito de respeitar datas e Odílio Cardoso de Alencar, em "Origens do Cariri", 1ª Parte, contesta tudo e enfatiza, "História se faz com documentos" !

Segundo Odílio Cardoso de Alencar, com base nos ricos arquivos do seu genitor, Dr. Manoel Florêncio de Alencar, os primeiros colonizadores a chegarem ao Cariri foram Francisco Martins de Matos e Antônio de Sousa Gularte, por volta de 1714, aproximadamente. Admitamos que tudo tenha sido no início do Século XVIII. Tais datas são sempre polêmicas, como não poderia ser diferente. Aqui, mais do que em outra parte, ninguém é dono da verdade, mas Odílio Cardoso de Alencar tem farta base documental.

Seguramente, Antônio de Sousa Gularte, sogro de Leonel de Alencar Rego, avô de Dona Bárbara Pereira de Alencar, já em 1718 montou o primeiro engenho de rapadura do Cariri no seu Sítio Lama-Brito, logo acima de Barbalha, às margens do Baixio de Salamanca.

Aliás, esta versão contradiz o que narra o historiador João Nogueira e o que diz o talentoso Juarez Ayres de Alencar no belo livro "Dona Bárbara do Crato" sobre as origens da família Alencar no Nordeste.

Onde a verdade histórica? Difícil de se dizer, mas Odílio Cardoso de Alencar exhibe a frieza documental e Juarez Ayres de Alencar apresenta uma bela versão eminentemente romanceada, noalesca até!

Por ser oportuno, repito Odílio Cardoso de Alencar: "História se faz com documento". Assim seja aqui também.

O fato é que Antônio de Sousa Gularte parece ter sido mesmo o pioneiro da atividade canaveira do Cariri, embora Irineu Pinheiro diga em "Efemérides do Cariri" que "Já em 1738 rangia no Riacho dos Porcos uma engenhoca de moer cana". De qualquer forma, de 1718 ou 1738, nasce a nossa tradição canaveira para rapadura. São, pois, no mínimo 276 anos de tradição rapadureira! Já é alguma coisa capaz de firmar uma verdadeira cultura em torno da bagaceira e do cheiro bom da rapadura.

E aqui vale a pena repetir o poeta cariense José Peixoto Júnior:

"Lá no mei da madrugada
Eu acordava e ouvia
O fungado da boiada
Na majarra qui ringia.

O ingém quebrano cana
Só s'iscutava o estalo,
Todos dia da sumana
Derne a cantada do galo.

Bota fogo na fornaia
Assobe a fumaça iscura;
Vem a cana, fica a paia,
O mé vira rapadura.

E o mundo da bagacêras
Instindido aos pé da gente
Cum lição pra vida intêra
Muitas de coisa indecente.

No coice o boi sirigado!
Adiante o boi 'coração',
O premêro com 'Bargado'
E o outro com 'Gavião'.

Os quatro de dois im dois
Juntos por canga e cambão,
Atado os chife dos dois
Mo de invitá confusão.

No quilariá do dia,
Quando a barra vem quebrano,
Da garapa qui curria
O paró tava isborrano.

Boi 'Canáro', 'Bentivi'
- Troca os boi da madrugada -,
Boi 'Bunito', 'Mundurí',
Duas junta discansada.

Ingém qui gebrava cana
De madrugada a de noite,
A cana rosa, a caiana;
Boi no ferrão, no açoite.

Que qui acunteceu dispois?!
Falá nisso nem convém,
Num sei ponde foi os bois
E acabou-se o ingém.

Cadê o igém de ferro?
- Perguntei e ninguém disse -,
Nas suas moenda enterro
Toda a minha mininice!

Outro fato interessante da colonização do Cariri é que aqui não chegaram os tentáculos poderosos da famosa Casa da Torre, de Garcia D'Ávila, espécie de multinacional das terras nordestinas de outrora. Pelo menos, do lado de cá da Chapada do Araripe não ficou notícia da sua ação.

Em 1812, para uns, 1752, para outros, teve início em Morro Dourado, Missão Velha, o ciclo da mineração do ouro que foi extinto em 1758 por ser antieconômico.

O ouvidor Vitorino Soares Barbosa, para uns, e Proença Lemos, para outros, era o vigia do Governo para fiscalizar a atividade mineradora no então Arraial das Minas de Ouro dos Cariris Novos, hoje Missão Velha. Odálio Cardoso de Alencar contesta João Brígido dos Santos e citando Guilherme Studart em "Notas Para a História do Ceará" assegura a presença do ouvidor Proença Lemos em Missão Velha, fato que outros historiadores omitem, asseverando, outrossim, que o maior sesmeiro do Cariri nas primeiras décadas do Século XVIII, inquestionavelmente, foi Antônio Mendes Lobato.

Nos arraiais da mineração do ouro começou a haver muita desordem e o Governador de Pernambuco mandou para Missão Velha o enérgico Jerônimo Mendes da Paz para impor a ordem, restabelecendo a disciplina e a paz nas minas, muito faladas mas pouco produtivas.

A partir de então, o Cariri voltou-se definitivamente para a agricultura e sobretudo para a criação de gado. Com o tempo o curral de gado foi cedendo lugar à bagaceira dos engenhos por uma irresistível vocação canavieira dos baixios de aluvião do Cariri.

Os dias foram passando e apesar de Missão Velha haver sido a porta de entrada do Cariri, Crato andou mais rápido, talvez pela riqueza de água da caudalosa Fonte da Batateira e em 1764 foi inaugurada a Vila Real do Crato que passou a comandar o nosso desenvolvimento, apesar de Missão Velha ser mais antiga.

Em 1748 a freguesia de Missão Velha foi criada, desmembrada da de Icó, sob a invocação inicial de Nossa Senhora da Luz até 1760, quando passou para Freguesia de São José dos Cariris Novos para distingui-la dos Cariris Velhos, paraibanos.

A antiga Capela de Nossa Senhora da Piedade, de Missão Velha, sede da freguesia, ficou arruinada pelo tempo, sendo substituída pela Matriz de São José construída no paróquiato do Pároco, Padre Manoel dos Prazeres de Sousa Magalhães.

Em 1762 desmembrou-se de Missão Velha a Paróquia de Nossa Senhora da Penha, do Crato e em 1838 foi a vez dela desmembrar-se a Paróquia de Santo Antônio, de Barbalha, cuja primitiva capela foi

oficializada pelo 6º Pároco de Missão Velha, Padre André da Silva Brandão, com uma Santa Missa na véspera do Natal de 1790.

Em 1864 Missão Velha passou a categoria de Vila e em 1865 realizou-se a primeira sessão da sua Câmara Municipal sob a presidência do benemérito Prof. Bernardino Gomes de Araújo, cronista, historiador, intelectual, efetivamente um nome para a História de Missão Velha cujos escritos são acreditadas fontes de pesquisas.

Em 1865 foi inaugurada a primeira Casa de Caridade do Cariri, em Missão Velha, pelo benemérito Padre José Antônio Pereira de Maria Ibiapina, o chamado "Padre-Mestre Ibiapina", que ali chegou a convite do Pároco, Padre Félix Aurélio Arnaud Formiga para desenvolver as Santas Missões. Padre Ibiapina pregava no púlpito durante as noites e durante os dias construía, em regime de mutirão, com o povo, obras de grande apelo social, conforme as prioridades de cada comunidade selecionadas pelos fiéis. Era um missionário itinerante e de grande carisma que percorreu a pé ou a cavalo cerca de cinco Estados do Nordeste, chegando a construir cerca de 25 Casas de Caridade sem nada custar aos cofres públicos! Foi ele um revolucionário da catequese e como tal, chegou a ser discriminado pelos Bispos de então que advogavam a total romanização do clero e da Igreja.

A sua ação social foi de tal ordem que chegou a antecipar-se de mais de um século ao DNOCS, à SUDENE, ao INAMPS, ao INSS, numa verdadeira ação profética que hoje o leva aos difíceis caminhos da beatificação sob o patrocínio da Diocese de Guarabira, Paraíba, onde faleceu.

Antes de ser sacerdote, Padre Ibiapina foi Delegado de Polícia, Bacharel em Direito, Magistrado, Advogado, Professor de Retórica do Seminário de Olinda, Deputado Federal, deixando tudo isto pela vida religiosa! Foi ele integrante da primeira turma da primeira Faculdade de Direito do Brasil, a Faculdade de Direito de Olinda, a pioneira do ensino no Brasil. Era 1832!

No interessante livro, "Efemérides do Cariri", Irineu Pinheiro afirma e dele ninguém pode duvidar:

"Levantaram a primeira capela no Cariri, em Missão Velha, no lugar Missão Nova, e a segunda no Crato, ainda no Século XVIII".

Portanto, não há dúvida que a primeira capela construída no Cariri foi mesmo a de Missão Nova e somente depois foi que erigiram a primeira capela do Crato que deu lugar à Matriz de Nossa Senhora da Penha, atual sede da Diocese do Crato.

Com o correr dos tempos foram surgindo também os párocos que, paroquiando Missão Velha, por consequência também paroquiavam a primitiva Capela de Santo Antônio, de Missão Nova.

(Capítulo do opúsculo "Pequena História Do Primeiro Templo Católico do Cariri").

Barbalha, 13.06.95. Napoleão Tavares Neves.

PARA ISABEL, CRISTINA -

Simeão Luna Machado

(Nos seus 15 anos)

Isabel, que hoje aniversarias,
Saindo de uma infância tão feliz,
Alcanças a adolescência tão sonhada,
Bela idade, dos poetas decantada,
Enlevem-te belos sonhos, fantasias,
Largos sorrisos, grandes alegrias!

Conserva o teu gosto pelo estudo;
Realizem-se os teus sonhos maiores;
Imita, dos humanos, os melhores,
Sem arroubos, sem orgulho, sem também
Teres um gesto de desdouro para com alguém
Ignora, de muitos, a fraqueza,
Natural da condição humana,
Amparando-te na fé, no amor, que dão firmeza.

Deus haverá de iluminar-te a vida inteira
E conduzir-te, assim, na trilha verdadeira!

Lembro-me bem do dia em que chegaste:
Um dia alegre, de sol e muita luz.
Na alegria dos pais e dos avós mostraste
A beleza da vida, as bênçãos de Jesus.

Subiste pouco a pouco a escala da idade,
Aquele criança linda, sã e bem risonha.
Rindo ou chorando, o rostinho era o mesmo;
A correr, a brincar, jamais se viu tristonha,
Idolatrada sempre, por todos bem amada.
Voltada p'ra os estudos, assim tão bem dotada,
Alçar-te-ás na vida, por Deus abençoada!

Fortaleza, 14 de abril de 1996

A VISITA DE UM COMPADRE

Maria Luiza Linhares

Uso do falar brasileiro ou dialeto Caipira

Dia de domingo no sertão... Na casa de taipa, situada no alto, próximo ao grande açude, há algo de novo! Pessoas se encaminham para lá.

- Gente que chega - Ô de casa!... Ô de casa!...

- Ô de fora! - responde seu Jeremias que sai para receber o Compadre.

- Apois num é o cumpade Zacaria! Desapei e amarre o cavalo naquele pé de canafista, meu cumpade. Cadê a cumade?

- Num pôde vim, mais as moça, min'as fias, vem chegano.

- Ô! minina fromosa, entre...entre...as muié tão tudo na camarin'a. Apois num é que a muié dislivrouse essa noite! É um mininão pai degua!

Vamo sentar aqui no banco da varanda, cumpade. As muié pra lá e nois pra cá.

Os Dois Amigos e Compadres em Palestra

- Apois é cumpade, é isso mermo... vou inté sortá um foguetão prus visim saber que foi mais um machão qui esse chão ganhou. A parteira qui eu tou pagano pra tratá da dieta de Anja, min'a muié, é muito entendida. Já disfumou com afazema os pano, já deu o bãe no cabra; foi berro de todo tamãe, chõrão de macho mermo, cumpade! Cuidou do imbigo com uma cusparada de fumo, pru mode invitá o má feito qui dá nur minino. Sabe, cumpade, cada fio qui chega é um dispesão! Dessa vez tive de vender um'a poica e 2 bacurin. Mais é isso mermo, nois tem de mostrá a raça! quanto mais fio vier mais home nois é... Quem trabaia Deus ajuda. Tá li! um'a bacilha cheia de mio pra muié do cumpade mané pelar. Acular no canto da parede, um montim de arroz vremeio, foi da safra do ano passado. Aqui im casa nois come cuma pobe, mas num farta não! Pra mustura nois mata galin'a qui é criada sorta. O chiqueiro tá chei. Vou dá muito pirão a muié, mode ela tomá sustança.

- Cuma é a graça do menino, cumpade Jirimia?

- A foin'a diz qui o dia 24 é dia de Santa Agata. Num tá veno, qui eu num boto um nome desse num fio meu!...Ah! Cumpade, achei: - min'a muié se chama Anja, o minino trouxe o nome de Agata... antonce

fica bom danado!... Quer ver?

Agatanjel

- Nomão macho, cumpade Jirimia!

- O cumpade já pensou nos padim?

- Eu tou pensano de meu fio ser afiado do coroné da Baixa Funda.

Ele é home sabido, só farta um R pra Doutô.

- Boa iscoia, boa iscoia, cumpade!

- Cuma vai as prantação de lá, cumpade Zacaria?

- A farta dagua foi grande. O feijão pecou na foia, o mio mingô na ispiga e o arroz perdeu o cacho. É uma giribitança, cumpade Jirimia...

Pu tá falano em misera, apois, num é qui Chiquin'a, min'a muié, vive muito amunriada! Cum dor nos pano do figo, na boca do estambo e a dona do coipo só farta matá ela.

O Doutô dixeu qui era prciso um tá de repouso e comê dagua no sá. Já tou vendeno os fio da cabeça mode gastá na butica. Num sei, não, cumpade... num sei não... se a Chiquinha morrê... que será daquela fiarada?...

- Paciência, cumpade, cum a graça de Deus a ajuda do Padim Cirço e a vige Maria, ela fica logo boa!...

Abom, já cunvecemo muito, vamo agora beber o "mijim do minino".

Traz aí, cumade Zefa, essa garrafa qui tá aí no caritó, no quarto de Anja!

É um vinzim qui comprei; num faz má a ninguém. Chame as muié mode tomar também.

E assim, encerrou-se a festa do nascimento do filho do Sr. Jeremias e de D. Ângela, o qual receberia na Pia Batismal o nome de Agatângelo.

A MISSA DO GALO

Texto da linguagem figurada

Maria Luiza Linhares

As estrelas dançam de tanto brilhar no céu, tentando enviar claridade àquela noite sem luar.

Na estrada, grupos de pessoas se dirigem ao povoado para assistirem à Missa do Galo.

De longe, já se ouvia o bronze da capelinha chamando o povo para rezar. Era o Natal!

O povoado que nas noites anteriores dormia tranqüilamente, aos

poucos, acorda para viver uma noite diferente. O povo se comprime no patamar do templo santo, tentando ocupar o curto espaço do interior da capelinha. Mas é que todos queriam ver o "Lenho sagrado" junto ao presépio. O Presépio a nos apresentar o quadro tradicional: - Quando Jesus nasceu, o galo que estava junto a Manjedoura, cantou: Cristo Nasceu!...O boi que estava atento, perguntou com seu mugido: - Aonde?

- Um carneiro branco e inocente respondeu: - Em Belém! Um capote teria dito: to fraco, to fraco... Certo peru que fazia roda, gritou uma blasfêmia: - Degola, degola! Fazia frio e a vaca e o jumento bafejaram o menino para aquecê-lo. Todos ficaram abençoados; menos o peru e o burro. O peru porque disse uma blasfêmia; o burro porque comeu o capim do estábulo.

Enquanto muitos devaneavam, evocando o episódio do Nascimento de Jesus, o Padre inicia a missa.

A Capelinha estava apinhada de gente. Todos trajando roupa nova. Muitas pessoas vestidas de branco - promessa. Em meio a essa multidão, uma noiva aguardava seu enlace matrimonial. Não era uma noiva bonita, apesar de muito bem vestida. Entre os que estavam ajoelhados havia, por certo, os que falavam para si: Até quando ó! Padre, teremos de permanecer nesta posição, aguardando sua bênção? Os mais fervorosos procuravam decorar as palavras do sermão: o amor reanima; o ódio aniquila. Naquele meio, lá estavam pessoas alegres, na primavera da vida; outras desiludidas sofrendo o gelo do desprezo de alguém. Outras mais a dizerem interiormente: Há séculos que não assisto à uma missa tão bonita!

Quanta diversidade de sentimentos! Mas todos unidos na mesma fé cristã, irmanados naquela Noite de Natal.

PALAVRAS PARA VOCÊ

Maria Luiza Linhares

Você se julga infeliz por no ter podido realizar o seu sonho? Mas, não se leve pela força que o amor tem!

Você está sofrendo muito; compreendo. Todavia, isto é porque o seu coração teima em amar aquele que lhe desprezou e ninguém ama sem sofrer!

O amor só é amor quando aureolado pelo sofrimento.

Esta decepção foi Deus quem lhe deu para você aprender na escola do sofrimento amar!

Você sofre muito, porque a tendência predominante na mulher, é a tendência da alma, isto é, a de amar e ser amada. E você viu menosprezado o seu amor!

Porém, Nosso Senhor a fez passar por esse transe, porque você, boa como é, tem por certo, capacidade para sofrer!

As mulheres, geralmente, quando não nos resta mais nem uma gota de esperança, envolvemo-nos no misticismo e nos contentamos com a vontade de Deus!

Tenha pois, coragem e confiança; no desanimo. Olhe: "as melhores coisas na vida são aquelas que nunca sucederam". A realidade é sempre amarga e bem diferente do sonho idealizado.

Chore sim; contudo, resignada. Veja: "cada lágrima conformada com a vontade de Deus transforma-se em fúlgido diamante engastado na coroa da vitória".

Se o seu coração não puder amar mais outro alguém, então, procure amar o próprio amor que é Jesus e você será plenamente feliz! Observe: "amar a Deus é o céu antecipado". E assim, você procurando afastar de si a sombra daquele que lhe fugiu e colocando em seu lugar, o amor de Jesus, você em breve se esquecerá de tudo.

Nada resiste à ação do tempo. E sob os véus incinerantes da distância não há amor que subsista na sua veemência inebriante! Assim, irá morrendo o encanto daquela sombra que se vai embotando e empalidecendo em você.

A sua vida novamente se iluminará e os seus caminhos se cobrirão novamente de flores, flores perfumadas; transfigurar-se-á tudo e a sua vida encher-se-á outra vez de manhãs quentes de luz, em que seu coração se regorgitará de passarinhos felizes a chilrear em numa contínua festa de amor, de amor divino. Eterna festa de felicidades! E nessa sonata amorosa, perdida nas fragâncias de um ninho de delícias, você já nem se lembrará de que um dia no seu peito esteve o amor sincero àquele homem. E nos seus idílios felizes acalentando entre flores encantadas, o puro amor do Esposo Místico, você esquecerá até que dentro do seu coração, dorme uma semente de saudades esquecidas! Saudades daquele homem que lhe fizera sofrer!

Sonhe, pois aquele belo sonho, que não foi o sorriso da sua primeira esperança, mas, poderá tornar-se o seu outro ideal, o qual um dia, lhe trará uma felicidade que você no adivinha sequer quando aos pés de Jesus, num enleio de amor divino a no morrer jamais.

Este amor sem ser propriamente ciumento, absorverá todo outro, extinguindo no seu peito qualquer sede de amor que não seja o amor de Deus.

Sonhe, sonhe muito e queira concretizar o encanto deste ideal do céu! E, quando você com seu véu belíssimo de virgem de Cristo, amando Aquele que é o Via, Veritas et Vita, então você será tão feliz, tão feliz!

Acolha com carinho estas minhas palavras para você, e conforme-se. No é só você quem sofre assim desta maneira! No é você a única que sentiu sangrar dentro do peito o golpe dolorido de uma desilusão!

CAFÉ PURGATÓRIO

Francisco de Vasconcelos

Rio de Janeiro, princípio dos anos trinta. Ali na rua 1^o de Março, quase chegando na Candelária, dominava a paisagem urbana, o prédio imponente do Banco do Brasil. Nesse tempo de poucas opções para quem quisesse subir na vida, o Banco do Brasil era uma espécie de galinha dos ovos de ouro. O status morava ali mesmo. Fulano é advogado do Banco do Brasil!!! Partidão para as meninas casadouras. O marido dela é muito bem colocado, diziam as comadres entre cochichos.

- Ele é do Banco do Brasil!

Mas aquela instituição modelo, paradigma, castelo dos sonhos de muito candidato a funcionário graduado, também era o muro de lamentações dos que precisavam de um pouco de oxigênio para tocar seus negócios, para financiar produção, para enfrentar as safras e principalmente as entre-safras.

Não muito longe da sede do Banco, na esquina de 1^o de Março com Buenos Aires, funcionava um café, não igual aos de hoje, mas com mezinhas de mármore, em torno das quais as pessoas se sentavam com calma e vagar, e, entre goles da rubiácea, discutiam negócios, faziam cálculos sobre o tampo da mesa, e onde, nas mais das vezes os que necessitavam de crédito choravam as suas mágoas e esperavam com o estômago na guela, a hora da audiência com um dos todo poderoso do Banco do Brasil. Era o autêntico purgatório, ainda mais que do outro lado da Rua Buenos Aires, funcionava o famigerado escritório de um dos mais fortes Comissários de açúcar do Rio de Janeiro, em cujas garras afiadas via de regra caía desesperado postulante às benesses oficiais, caso as burras do Banco não se abrissem para ele.

Era um triângulo de altíssima tensão, em que muitos dramas íntimos se desenvolviam, sem que a pacatez do Rio de então tomasse conhecimento deles.

Alguém com muito espírito, ao arrepio do nome oficial do Café, hoje completamente desaparecido, resolveu chamá-lo de Café Purgatório, dadas as circunstâncias que acabam de ser expostas. E o apodo pegou. Encontros eram marcados, negócios apalavrados, destinos selados, no Café Purgatório.

Está aí um capítulo da história carioca que nunca foi contado, nem mesmo por Fausto Wolff no seu estupendo volume onde estão coletados depoimentos dos mais variados viventes da antiga capital da República.

Mas tudo isso vem a propósito da safadagem que sempre envolveu os empreendimentos agrícolas no Brasil, que apesar dos pesares são os mais antigos e constantes dentro da economia brasileira. Bem que mereciam melhor tratamento e muito mais respeito.

Joaquim Menezes de Oliva, afirmava em suas aulas de História do Brasil, que o açúcar, apesar das crises e dos altos e baixos tão bem estudados por Celso Furtado, foi a atividade que mais lucro deu ao país nesses quase quinhentos anos de sua existência. Ademais, não foi uma cultura de moda e localizada, a exaurir-se em poucos anos. Nunca teve as tristes conotações da mineração, que passada a febre, deixou atrás de si muita miséria e terrenos imprestáveis. Não conheceu os dias de glória vividos pelo café e depois a decadência total, pelos desertos que o cafezais ao longo do tempo se incumbiram de criar. Ribeyrolles apontou esse risco, quando cantou Vassouras em prosa e verso, no auge da febre cafeeira da terra dos barões. Não viveu os paroxismos da borracha, para esborrachar-se da noite para o dia na falência e na desgraça. Não cumpre a triste sina do cacau a estrebuchar avassalado pela vassoura de bruxa e pela podridão parda.

O açúcar tem sido uma presença marcante de norte a sul, de leste a oeste do país, vencendo pragas temporais, restrições internacionais, flutuações do mercado, políticas fiscais, instabilidade econômica, dificuldades de crédito, carências de mão-de-obra.

O açúcar criou riquíssimo folclore e uma sociologia de que se ocupou exaustivamente Mestre Câmara Cascudo.

Mas não obstante todas essas credenciais, os capitães da indústria açucareira em quase quinhentos anos de incansáveis atividades, têm experimentado não poucas afrontas e frustrações.

Frequentava o Café Purgatório um grupo de canavieiros campistas que ali gramava horas diante de muitos cafezinhos e de incontáveis baforadas, a espera da prometida audiência no Banco do Brasil. Era um jogo de cartas marcadas. Havia um conluio entre os comissários de açúcar e os responsáveis pela liberação de recursos do Banco. Enquanto estes endureciam, os outros cheios de sorrisos facilitavam o crédito cobrando juros bem mais elevados e ameaçando puxar a corda quando do vencimento da dívida.

Esses canavieiros já sabiam: quando encontravam pedreira no Banco, iam como bois de corte bater à porta do comissário e depois só Deus poderia tirá-los do inferno em que se bateriam. Do purgatório jamais se livravam dado que todos os anos tinham que financiar a entre-safra, além de necessitarem suprir uma que outra deficiência eventual, numa época em que o Brasil não tinha as facilidades de que hoje goza nem as pessoas maiores opções para salvarem-se da agiotagem descarada.

Foi preciso que se criasse o I.A.A., para que se pusesse um freio na ambição desmedida e no proxenetismo dos comissários, de triste memória.

BILHETE

Petrópolis, 18 de agosto de 1995

Mestre Lindemberg de Aquino

Recebi os dois últimos de Itaytera. Excelente. O I.C.C segue ativíssimo honrando suas melhores tradições. Enquanto você estiver aí mandando sua brasa não tenho dúvida de que tudo seguirá em ordem e dentro de um quadro de total dinamismo. O Cariri é um país. Grande abraço do F. de Vasconcellos.

(Tribuna de Petrópolis, R.J. 12.08.95)

O PRECONCEITO NO FOLCLORE

Francisco de Vasconcelos

O Dicionário da Língua Portuguesa, de Candido de Figueiredo, acusa, no verbete referente à palavra "preconceito" entre outros significados, o de "opinião formada sem reflexo". É o parti-pris dos franceses, prejudice dos ingleses, Vorurteil dos alemães.

Vale, por conseguinte, pré-julgamento, tomada de opinião sem exame do mérito, rechaço ou acatamento de um assunto por generalização infundada, viso irrefletida das coisas, reação apriorística contra pessoa, coisa, ato, fato, animal, planta, raça, cultura, ou a favor deles, provocada por atavismo, resíduos culturais, problemas psico-sociais perviventes ou de circunstância. Enfim, o preconceito conduz ao posicionamento empírico, radical, anticientífico, irracional.

Ao contrário do que muita gente pensa, o preconceito, em relação a algo ou a alguém, pode ser uma manifestação contra ou a favor do objeto ao qual se dirige.

São tão preconceituosas as expressões complicação chama-se mulher, por isso é feminino, ou, negro (quando no suja na entrada suja na saída, como preto de alma branca ou trabalhar como um mouro).

O preconceito está embutido no tabu e na superstição, enfim, nas credences, de modo geral. Mestre Câmara Cascudo, no seu Dicionário do Folclore, assinala:

"O conceito de tabu contém, pois, uma idéia de reserva; e de fato manifesta-se ele essencialmente em proibições e restrições... As restrições do tabu são algo de muito distinto das proibições puramente religiosas ou morais. Não emanam de nenhum mandamento divino,

mas proibem por si próprias; distinguem-se das proibições morais por falta de classificação, num sistema que considere a necessidade de abstinência em geral e também fundamente essa necessidade. As proibições tabus carecem de todo fundamento; são de origem desconhecida; incompreensíveis para nós, parecem lógicas para aqueles que vivem sob o seu domínio".

É essa ausência de fundamento na caracterização das restrições e proibições tabuísticas que evidencia a presença do preconceito.

Há tanto preconceito no velho tabu alimentar - Manga com leite faz mal, como no constrangimento das relações Brasil/União Soviética, por causa do perigo vermelho, amainado com a visita do Presidente Sarney a Moscou. E os jornais do Rio de Janeiro, em manchetes bem ilustrativas, estamparam na primeira página: Acabou-se o preconceito. Tudo quanto cheirasse a soviético era tabu no Brasil conservador e burguês, como deve ser o yanquismo para búlgaros e romenos. E tudo em razão de pruridos ideológicos, de disputa de mercados e de uma propagandística sem maior conteúdo, que prospera graças aos tipos pavlovianos. Mas uma simples guinada com fulcro dos mesmos motivos, pode mudar radicalmente o quadro, justamente porque o preconceito não tem alicerce e não se baseia em qualquer doutrina.

E a superstição, impregnada de reservas, sem um fundamento lógico, palpável, científico, calcada muita vez em cultos desaparecidos, em "deturpações ou acomodações psicológicas de elementos religiosos contemporâneos condicionados à mentalidade popular" (L.C.C. - Dicionário do Folclore Brasileiro), transmite uma visão preconceituosa do universo de atos, fatos e circunstâncias que compõem a vida em qualquer latitude, tempo e civilização.

Mas, mister se faz diferenciar o comportamento supersticioso do excêntrico. Aquele é universal, com sabores e cheiros regionais, anônimo, tradicional, popular no sentido de classe de conduta: este é pessoal, intransferível, peça a satisfazer ou a recompensar determinar o indivíduo.

O azar que pode advir de um espelho quebrado, de se passar sob uma escada, ou de se abrir guarda-chuva em ambiente fechado, denota a presença da conduta supersticiosa, onde está latente o espírito preconceituoso.

O assombro que causou o advento do avião e os desastres dos primeiros tempos, marcaram algumas pessoas, ficando seus nomes impronunciáveis, já que azaravam. Santos Dumont e José Américo de Almeida são exemplos típicos, e não se podia falar deles na presença do genealogista Carlos Grandmasson Rheingantz, falecido recentemente.

O Marechal Hermes da Fonseca, por uma série de circunstâncias, sempre foi considerado azarão, com seu nome gravado no index do preconceito. E, em sua homenagem fez-se aquela letra carnavalesca que dizia assim. "Ai, Filomena/ Se eu fosse como tu/Tirava a

urucubaca/Da cabeça do Dudu".

Essas superstições, eminentemente brasileiras, presididas por determinadas pessoas, levadas ao podium por elaboração folclórica de índole preconceituosa, podem desaparecer pela falta dos ingredientes necessários capazes de manter a credence viva na mentalidade das novas gerações. Não sei se o menino de hoje sente algum arrepio ao pronunciar os nomes de Alberto Santos Dumont, José Américo de Almeida e Hermes da Fonseca. Creio até que nem sabe o que é urucubaca. Para ele, por certo, a prevenção relativamente a tais nomes não teria passado de mera excentricidade de seu avô e dos contemporâneos dessas figuras consagradas pela história pátria. De qualquer forma o preconceito estaria presente, fosse na superstição, fosse na excentricidade.

O antológico botafoguense Carlito Rocha, campeão carioca de 1948, talvez seja o melhor exemplo de supersticioso e excêntrico.

Em Conselheiro Galvão transcorria o jogo Botafogo e Madureira. Surpreendentemente, o time da estrela solitária em desvantagem no marcador. Ao lado de Carlito. Arrepiado, figura popular do clube, sofria o prenúncio da derrota. De repente, Carlito sacudiu o companheiro, dizendo-lhe: - Corra até a sede e desamarre as cortinas, que do jeito que estão azaram o time, emperrando-o. Arrepiado correu até a rua General Severiano, cumpriu sua tarefa e o Botafogo virou o jogo, vencendo-o. Cortina amarrada dá azar, cerceando a liberdade, atrapalhando os passos. Superstição típica. Incrustado nela o preconceito.

Em 1948, apareceu em General Severiano um cachorro, logo batizado de Biriba. Por inúmeras circunstâncias, Carlito Rocha achou que o cão dava sorte ao time, empurrando-o para o campeonato que afinal levantou. Biriba passou a valer talismã, amuleto, animal de bom agouro. Incontestável excentricidade do Carlito eivada de preconceito. Afinal, por que aquele cachorro vira-latas, surgido ninguém sabe de onde, e não um outro qualquer?

Ainda no campo das superstições, há os chamados tabus de conduta, que revelam comportamento preconceituoso, autênticas pervivências de culturas arcaicas. O Professor Gonçalves Fernandes examina os que dizem respeito à sombra e ao reflexo no seu Ensaio analítico sobre alguns tabus de conduta das populações do Nordeste do Brasil.

Segundo o Mestre, "a origem comum desses tabus reside na crença original de que a sombra não só significa a vida como a morte, e nesta dualidade, tem-se o sentido duplo da alma". O primitivo vê na sombra ou no reflexo o retrato da alma ou a alma em si. A umbra dos romanos era a sombra dos vivos e a alma dos mortos. Os egípcios viam na sombra a forma primitiva da alma.

Com base nesses elementos, construiu-se todo um quadro supersticioso que o mundo ocidental conhece, do qual o Brasil participa,

evidenciando-se a posição do Nordeste através da farta recolha do Professor Gonçalves Fernandes: faz mal pisar a sombra duma pessoa, pois poderia ocasionar-lhe a morte; faz mal passar à frente dum enterro, pois a sombra se arriscaria a se projetar sobre o caixão do defunto e este lhe tomaria, ou poderia tomá-la; faz mal olhar e mirar num espelho, pois poderia aparecer a cara do diabo; faz mal olhar o rosto refletido na água de fundo de cacimba, pois o diabo poderia levar a alma da pessoa para as profundezas do inferno; faz mal menino brincar com a sombra, porque à noite se assombra.

O Professor Gonçalves Fernandes, no seu interessante estudo acerca dos tabus de conduta, aborda ainda o comportamento supersticioso nordestino em relação ao fogo.

Menino que brinca com fogo mijar na cama; faz mal menino mijar no fogo porque seca as urinas; faz mal cuspir no fogo porque seca o cuspido, são expressões comuns e correntes na boca de pernambucanos, cearenses, potiguares, do litoral ao sertão.

Vale ressaltar que essas superstições não estão circunscritas à área do Nordeste brasileiro. Nadir Almeida de Oliveira, fluminense de Cebolas, município de Paraíba do Sul, aprendeu com o pai que se não deve passar à frente de um enterro e que não se deve urinar e cuspir no fogo pelos motivos acima apontados. Tais superstições são, por conseguinte, nordestinas e brasileiríssimas, ademais de estarem integradas a um sistema universal, tabuístico, preconceituoso.

Quanto preconceito está embutido na arcaica crença judaica de que quebrar coisas de vidro é sinal de boa sorte; na velha superstição baiana de que se não deve guardar abotoada a roupa da criança que está para nascer, para não dificultar o seu nascimento; na antiga usança de se varrer a casa do fundo para a porta da frente após a saída do defunto.

A mãe judia costuma jogar a aliança na água do primeiro banho do recém-nascido, para que seu filho se tome próspero e rico, e a mãe baiana, para propiciar boa sorte ao seu rebento, veste-o com camisinha de pagão feita do pano de uma camisa velha do pai.

O campo dos sonhos é fertilíssimo em atitudes preconceituosas. Sonhar com dente caindo é sinal de morte na família; com ovos é que há alguma intriga no ar, com cobra, prenúncio de traição; com morte, sinal de saúde.

O dia-a-dia doméstico está carregado de tabus. A visita que entrar pela porta da frente tem, obrigatoriamente, que sair por ela; idem se a escolhida foi a porta de trás; para que uma visita desagradável vá embora há que se colocar uma vassoura atrás da porta, com o varredor para cima e um pouco de sal no chão; se cai uma faca no chão, é sinal de que um homem chegará inesperadamente; se cair uma colher a visita feminina será inevitável; presente de lenço pode gerar briga; idem, de meia a namorado ou a marido; sapato ou chinelo com a sola para cima é mau agouro; vestir roupa pelo avesso dá azar.

Os passarinhos do vale do Rio Preto, entre a mata mineira e o sudoeste fluminense, não molestam o João-de-Barro e a rolinha porque seguiram os passos de Nossa Senhora, apagando o rastro dela na célebre fuga para o Egito. Para eles, mexer em ninho de cambaxirra, também chamada garrincha, atrasa a vida da pessoa e se alguma dessas avezinhas insetívoras cair num alçapão, azara a armadilha, que não atrairá qualquer outro pássaro. Quem matar anu ou sabiá verá escorrer água de sua espingarda. O anu torrado com entranhas, penas e bico, doce ou salgado, comido três vezes por semana durante nove dias, cura asma. Se um gavião cantar sobre a casa de alguém, acarretará a morte do infeliz residente.

É indubitavelmente, no vasto campo das parlendas que se manifesta o preconceito em toda a sua pujança, quer nas adivinhas nas paródias, nas pulhices, nos travalínguas, nas anedotas, como nos provérbios, ditados, anexins, rifes, máximas, exemplos, pensamentos.

Fausto Teixeira, no seu Livro das Adivinhas Brasileiras, Letras e Artes Rio, 1964, dá alguns exemplos de adivinhações preconceituosas: Que o rico guarda e o pobre bota fora? Resposta: Catarro. Sou preto mas não sou negro, tenho espécie de amarelo; meus passos ninguém não conta, até no andar sou, sério. Resposta: Imbuá.

Guardada em estreita prisão, por soldados de marfim, está uma cobra roxa, que é a mãe do mentir. Resposta: Língua.

Que é o demônio no céu e santa no inferno? Resposta: Mulher.

Que o branco descasca, o mulato raspa e o negro come com casca? Resposta: Queijo.

Que a mulher perdeu e o homem achou? Resposta: Juízo;

Que é mais duro que o ferro? Resposta: Palavra de homem;

Mulher feia, arma perigosa: Resposta: Canhão.

Com uma só cajadada matam-se dois coelhos. Aí vai uma paródia preconceituosa que embute uma pulhice de igual teor. Colhida num coletivo em Salvador, Bahia, por Dionée Pires da Cunha:

Nessa empresa no viajo mais,

Encontrei um par de chifres no banco de trás.

O motorista pulou e gritou,

Esse chifre não é meu, é do trocador.

O trocador muito ligeiro,

Esse chifre não é meu, é do passageiro!!!

Excelente exemplar de travalíngua preconceituoso está na Peleja de Zé Quixabeira e Manoel Monteiro, de autoria de Severino Milanês da Silva:

Q - Pinto, porco, burro e gato,

peru, pavão, galo e frango,

valsa, dança, xote e tango,

mocó, preá, cobra e rato

guiné, boi cavalo e pato,
moça pura limpa e bela,
sal, comida, arroz, panela,
ripa, telha, terça e linha
sarna, lepra, peste e tinha,
vago, vapor, vespa e vela.

Vale frisar que nem toda moça é pura, limpa e bela.

Num outro folheto, a Peleja de Severino Simeão com Ana Roxinha, de João José da Silva, está à pag. 8:

S. Nem todo pai é bondoso,
nem todo homem é esposo,
nem todo cravo é cheiroso,
nem toda chama é vulcão
nem toda espuma é sabão
nem toda fazenda é chita,
nem toda moça é bonita
nem toda quadra é quadrão.

Anedotas preconceituosas há em profusão. No ano em que se comemorou o centenário do fim da escravidão negra no Brasil, houve uma verdadeira enxurrada de chistes eivados de preconceito racial.

Alguém perguntou: - Você sabe por que o negro gosta da luta de boxe?

Resposta - Porque tem doze assaltos.

À beira de um lago encontram-se um chinês e um negro. Aquele explicou a este que, segundo o costume de sua gente, para se saber o nome do filho que estava para nascer, o pai deveria jogar uma pedra n'água e, conforme o som produzido, tinha-se o resultado da consulta. Ato contínuo, o chinês atirou a pedra no lago e ouviu: Chun - in - Don. O negro achou a idéia interessante e, como também estivesse, as vésperas da paternidade, lançou a sua pedra, ouvindo a seguinte resposta: chi-pan-zé.

Numa sala de parto, uma mãe branca dava à luz uma criança. Findos os trabalhos, o médico deu uma palmadinha no rebento, ele chorou e foi imediatamente encaminhado ao berçário. Do lado de fora da sala, um crioulo acompanhava o nascimento de seu filho. Mas tomou um susto, pois tão logo o menino nasceu, o médico danou a dar-lhe bordoadas. O pai não se conteve e adentrou a sala, interpelando o médico e querendo saber o motivo da discriminação. Este foi explicando:

- É que logo que o garoto nasceu foi querendo levar meu relógio, daí minha indignação.

Não é preciso explicar que todas essas piadas e muitas outras surgiram no Rio de Janeiro, onde o preconceito racial, embora negado,

é evidentiíssimo, onde a discriminação é incontestável.

A propósito, vale reproduzir aqui um trecho do artigo de Moacyr Werneck de Castro sob o título "A Fogueirinha das Vaidades", publicado n' O Globo de 25/10/88:

"Não é dinheiro a condição sine qua non para entrar nesse "who's who" da sociedade carioca. Por isso mesmo a luta pela admissão é ferocíssima, como mostra a reportagem. A boa sociedade, segundo uma senhora famosa, pelas festas que oferece, "é apenas um conjunto de pessoas engraçadas que partilham os mesmos gostos e a mesma cidade". Curiosamente, entre essas pessoas engraçadas não há um só humorista. E preto não entra, embora seja engraçado e colunável, ainda que more num prédio elegantíssimo e use o pseudônimo de Pelé".

Sem perder o fio da meada da temática negreira, onde o preconceito aflora nesses brasis de ex-escravos, de homens- objeto, abundam anexins, ditos, rifes, exemplos, pensamentos em nossa cultura espiritual espontânea, que dariam para encher livros.

Mário Souto Maior, em seu O Folclore do Negro (Folclore, 05, Centro de Estudos Folclóricos, FUNDAJ), alinha alguns bons exemplares, colhidos em seu meio, ou seja, no Nordeste, com fulcro no eixo Recife- Olinda: Negro não nasce, aparece; Negro não aniversaria, intera tempo; Negro não casa, se junta; Filho de branco é menino, filho de negro é moleque; Negro quando pinta tem três vezes trinta (ditado também conhecido na área canavieira de Campos, RJ); Negro não morre, se acaba; Negro só entra no céu por descuido de São Pedro; Negro não tem estômago, tem é bucho; Negro não tem nariz, tem focinho; Negro não tem cabeça, tem quengo; Negro em pé é um toco, deitado é um porco (forma também encontrada na região de Manhumirim, Zona da Mata de Minas Gerais); Negro não come, engole; Negro não fuma, prá Negro não sorri, mostra os dentes; Negro não se penteia, alisa o pixaim; Negro não dorme, se deita; Negro não defeca, dá de corpo; Juízo de negro é na sola dos pés; Onde falta branco, sobra negro; Em negócio de branco negro não se mete; Quando se dá o pé, negro quer a mão; Negro que não gosta de mel é ladrão de cortiço; Negro de luva é sinal de chuva; Nem branco mente, nem negro sustenta o que diz.

Na região de Manhumirim, MG, costuma-se dizer: Branco quando corre é atleta, campeão; negro quando corre, pega. pega que é ladrão.

Samuel Feijó, à pag. 17 de seu Refranes, Adivinanzas, Dicharachos, Trabalenguas, Quartetas y Décimas Antiguas, Universidad Central de Las Villas, La Habana, Cuba, 1961, registra: Negro toma, tá borracho; blanco toma, tiene jaqueca.

Nada mais preconceituoso que dizer-se: Fulano é um preto que conhece o seu lugar, ou Fulano tem um pé na cozinha; ou Fulano tem um macaquinho subindo na sua árvore genealógica.

Sebastião Elias, de Côcos, BA, tinha 71 anos quando viajamos juntos, em 1970, de Januária para Montes Claros, MG. Dele recolhi,

durante o percurso, os MANDAMENTOS DA LEI DOS NEGROS, que agora publico em primeira mão:

- Os mandamentos da lei dos negros são dez:
- Os três primeiros, que todos os negros são visageiros;
- O segundo, veve desgostoso do mundo;
- O terceiro, faz que vai prá roça e fica no terreiro;
- O quarto, come pouco e veve farto;
- O quinto, com a mão na faca e outra no cinto;
- O sexto, com a mão na panela e outra no texto;
- O sétimo, quer ser muito bom mas não presta;
- O oitavo, por qualquer coisa ele, se agrava;
- O nono, compra fiado e não paga o dono;
- O décimo, que todos os negros são desincertos.

Esses dez mandamentos se encerram em dois:
Negro foi o primeiro homem que o diabo pôs.

Mariano Duque, de Rio Preto, MG, referindo-se à Décima do Zé Pretinho com o Cego, trouxe à baila uma quadra que se vincula à célebre Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum. Vejamo-la:

Preto não tem pé, tem gancho,
Tem cara e não tem rosto,
Nego na sala de branco,
Só serve prá dar desgosto.

Esses versos, difundidíssimos no vale do Rio Preto, quer do lado mineiro, quer do fluminense, caíram como uma luva na região, altamente preconceituosa mercê do enorme número de escravos que aí se concentrou por causa das lavouras de café e mesmo de cana.

A quadra recitada por Mariano Duque se encaixa na sextilha que é a penúltima estrofe do folheto de 16 páginas contando a Peleja em epígrafe:

Cego - Me desculpe Zé Pretinho,
Se não cantei a teu gosto,
Negro não tem pé, tem gancho,
Tem cara mas não tem rosto;
Negro na sala dos brancos,
Só serve prá dar desgosto.

No mesmo folheto há outros exemplos que ilustram o preconceito em relação ao negro:

Cego: Este negro foi escravo,
Por isso é tão positivo,
Quer ser na sala de branco,
Exagerado e ativo;
Negro da canela seca
Todo ele foi cativo.

Cego: Negro é raiz
Que apodreceu,
Casca de judeu
Moleque infeliz,
Vai prá teu país;
Senão eu te surro,
Dou-te de murro;
Te tiro o regalo,
Cara de cavalo,
Cabeça de burro.

Aparece também na estrofe acima o preconceito em relação ao judeu, brevemente em exame.

Na Peleja de Patrício com Inácio da Catingueira, de João Martins de Athayde, há estupendas sextilhas que comprovam, conforme tese que recentemente defendi no 9º Simpósio de História do Vale do Paraíba, ser o preconceito em relação ao negro oriundo de sua condição de escravo;

P. Inácio tu foste escravo,
não tiveste educação,
sempre o comum de escravo
é nunca ter criação,
pois quer tomar liberdade,
com o senhor ou patrão.

I - Patrício eu fui escravo
porém tive estimação
uma senhora que tive
andou comigo na mão,
o senhor não nasceu livre?
quedê sua educação?

P. Meu pai era homem pobre,
não podia me educar,
porém aprendi a ler,
perfeitamente contar,
não tenho traços de negro,
se vê logo onde eu falar.

I - Como tem o couro preto,
e o cabelo pixaim,
os dentes alvos e largos,
as gengivas roxas assim?
nas cores somos iguais,
estás muito perto de mim.

P. Sou moreno, reconheço,
meu cabelo é pixaim,
porém homem neste mundo,
não deu dinheiro por mim,
não é tu que teus avós,
vendidos tiveram fim.

I - Patrício esta me obriga,
a ficar muito agoniado,
em vir chamar moreno
a cor de café torrado;
seu avô veio ao Brasil,
para ser negociado.

Duas quadras recolhidas alhures:
Negro velho quando morre,
Tem catinga de xexeú,
Permita Nossa Senhora
Que negro não vá ao céu.

O cabelo preto e crespo
Faz um lindo parecer,
Tudo quer cabelo crespo,
Mulato ninguém quer ser.

O negro também tem preconceito em relação ao branco. Habitado a ver neste o senhor e o rico, não pode imaginá-lo descapitalizado e sem o poder de mando. No Rio Grande do Norte, na área de São José de Mipibu, colhi nos anos sessenta: Branco sem dinheiro é como porco no chiqueiro.

Mário Souto Maior, na obra citada, enumera:

Branco rico nunca é feio; A sujeira do branco sai no dinheiro;
Negro furta é ladrão; branco é barão.

E mais

Suor de branco também fede; Falta de educação no branco é nervoso; Café é preto e todo mundo gosta; Papel é branco, mas aceita tudo que se escreve nele.

Os ditados populares, os anécdotas, ríes, exemplos, pensamentos, revelam incontáveis outros preconceitos. Senão vejamos:

Do pobre em relação ao rico:

Tudo do rico se encapa,
Safado só é o pobre,
O rico como é nobre,
As faltas o dinheiro tapa;
O rico come a papa,
O pobre lambe o papeiro;
Na guerra é o primeiro
Que faz a sua maromba
No fim ganha uma pitomba,
Só voga quem tem dinheiro.

Do mundo em relação ao grego:

O episódio do Cavalo de Tróia calou fundo na psicologia social dos povos e deixou a humanidade de pé atrás com os gregos. Já os romanos diziam: *Quid quid id est timeo danaos et domna ferentes*, isto é, seja como for, temo os gregos, mesmo que sejam portadores de presentes.

Dos Cristãos em relação a Mouros e Judeus:

Comuníssimo ouvir-se no Brasil, quando alguém pisa o pé do outro: O de baixo é meu, o de cima é do judeu; em São Luis do Maranhão, cantava-se até, os anos setenta, uma melopéia cujo primeiro verso dizia assim: Quem não quer bem a Chiquinha, ou é moura ou é judeu; Quem poupa sem mouro, poupa seu ouro, ditado de uso comum e corrente no Portugal de outrora, segundo Luis da Câmara Cascudo in *Mouros, Franceses e Judeus*, Editora Perspectiva.

Mestre Cascudo, no mesmo trabalho, assinala:

Do mouro, o couro e do judeu, o ouro; Praça de frade, reza de beata, conversa de judeu, livre-nos Deus; Com judeu, matar ou concordar; Judeu negando, judeu ganhando; Judeu surrado, mas lucrado; Judeu pela mercadoría, frade pela hipocrisia.

Do genro em relação à sogra:

Feliz foi pai Adão que não teve sogra nem caminhão (gravado não autocarga não identificado); Suegra, abogado y doctor quanto mais lejos mejor (Aquisitao no Más - Chosica - Peru); La casa ya labrada; la viña ya plantada; y la suegra ya enterrada (Rodríguez Marín, Espanha); Tinelo, suegra y yerno, semejanza de infierno (Refranero General Luiz Martínez Kleiser - Real Academia Espanhola - Madrid - 1978).

Do homem em relação à mulher:

Mulher feia e frete barato, não carrego (gravado no paracheque

de um autocarga RJ. 16-06-19); Marido de mulher feia detesta ferido (autocarga RJ. DL 00-73); A mulher e a galinha/No podem passear/ A galinha o bico pega/ A mulher dá que falar (So Joo Nepomuceno, MG); Quatro mujeres, quatro mil pareceres Aquisito no Más - Chosica - Peru); El hombre piensa; la mujer da que pensar (Idem); El hombre se equívoca; la mujer es la equivocación del hombre (idem); El agua la mujer a nada deben oler (Rodríguez Marín - Espanha); Ningún elogio has de hacer de tu vino, tu caballo ni tu mujer (Idem); Alcalde de vara en cinta y mujer de poco importa, no hay que fiar de ellos cosa (Refranero General, idem, idem).

Do tupiniquim em relação à Multinacional:

Vote em Geraldo Tibúrcio

Contra as multinacionais;
que estão tomando o Brasil,
com seu sujos capitais.

Vote contra esses bandidos
que, nos trazendo oprimidos,
nadam em ouro e bacanais.

(Do folheto Pondo o Preto no Branco, de Patativa do Pará).

A propósito desse preconceito que condiciona um nacionalismo burro, xenófobo e improdutivo, um jornal carioca há pouco tempo fez o seguinte comentário:

Se a multinacional fosse a desgraça que apregoam, São Paulo seria paupérrimo, e o Acre, riquíssimo.

O POUCO CONHECIDO "SCHINDLER CATÓLICO"

Padre Pancrácio Pfeiffer, SDS, que, em Roma, salvou a vida de muitos perseguidos do Nazismo.

*Johannes Schidelko
Munchner Kirchenzeitung 28.05.95*

Na tarde do dia 10 de maio de 1945, pouco depois do fim da guerra, um jipe militar inglês trafegava pelo Largo Cavalleggeri de Roma. Um sacerdote idoso tentava atravessar a rua em demanda do Vaticano, mas já no meio da rua hesitou e voltou atrás. O motorista procurou desviar-se dele mas acabou atropelando o religioso. Dois dias depois, Pe. Pancrácio Pfeiffer, Superior Geral dos Salvatorianos que, no tempo da ocupação alemã de Roma salvara muitas pessoas em perigo, veio a falecer em consequência dos graves ferimentos.

Quase por um acaso aquele Pe. Pfeiffer, nascido em Brunnen no Algau em 1877, se tornara a pessoa mais importante de contato entre

o Vaticano e as autoridades militares alemãs e a SS. Quando se deu a mudança do fronte italiano, no dia 9 de setembro de 1943, as tropas alemãs entraram em Roma e se posicionaram nos limites do Estado Pontifício. O Vaticano procurou então saber o que pretendiam os alemães. Pe. Pancrácio, cuja sede principal de sua Congregação estava localizada nas proximidades da Praça de São Pedro, procurou entabular conversação com os soldados alemães. Em seguida, entrou em contato com o general Stahel e outros comandantes militares.

O Vaticano e o Papa Pio XII serviram-se dos contatos de Pfeiffer para suas ações humanitárias e caritativas, mormente em 1944, quando cresceu a resistência italiana às tropas de ocupação e aumentaram os atos de sabotagem que o chefe da SS, Herbert Kappler, respondia com fortes reações. Então a Santa Sé pediu a ajuda e mediação do Padre Pancrácio. Daí as constantes solicitações de provisão de víveres ou de transporte, sobretudo, a libertação de prisioneiros e perseguidos políticos. Nesse tempo o Pe. Pfeiffer esteve praticamente dia e noite em ação procurando salvar perseguidos e judeus das prisões, particularmente da famosa prisão da Via Tasso, colocando-os em segurança.

Quantas pessoas Pfeiffer ajudou, quantas salvou da morte, quantos judeus lhes agradecem a salvação! Foram milhares aqueles que lhe pediram ajuda. Diariamente formavam-se longas filas diante da Casa Central da Congregação. Como afirma seu atual sucessor, o Superior Geral, Pe. Carlos Hoffmann, Pfeiffer pouco falava do seu trabalho e menos ainda daquela sua espinhosa missão. Talvez tenha ele mesmo destruído grande parte das suas anotações. O fato é que poucos papéis com alguma referência puderam ser encontrados.

As publicações do Vaticano daquele tempo confirmam em destaque a atuação de Pfeiffer na sua missão eclesial. O Superior Geral dos Salvatorianos era sempre chamado para servir de intermediário junto às autoridades alemãs. Cita-se o caso do jovem Giuliano Vassali, filho de um socialista que depois se tornou Ministro da Justiça. O jovem Vassali declarou mais tarde: "Disseram-me que eu devia recolher os meus pertences e depois conduziram-me à presença do Chefe Maior da SS, Herbert Kappler, ao lado do qual estava um sacerdote de cabelos brancos". Vassali achava que sua família lhe tinha mandado um padre antes de ser levado à prisão. No entanto, Pfeiffer pediu-lhe que o acompanhasse. A reação de Kappler, enraivecido, foi esta: "Você deve agradecer ao Papa não o ter eu colocado atrás das grades. Você bem que merecia". A intervenção de Pfeiffer foi requisitada também para evitar a destruição de várias cidades italianas como Chieti, Orvieto. A população de Ascoli Piceno erigiu-lhe, mais tarde, um monumento, porque ele conseguira que sua cidade apenas se tornasse um centro de tratamento de feridos.

Dia e noite à procura de perseguidos

Na pasta de Pfeiffer encotravam-se cartões de visita do Chefe

Kappler da SS e de seu vice Erich Priebke. Em suas diárias e bem sucedidas idas e vindas ao comando militar, Pfeiffer procurava sempre novas saídas. Como confirma seu sucessor Pe. Carlos Hoffmann: "Ele sempre determinara com clareza: Essa é a sua parte e esta a minha parte espiritual". Certamente Priebke que, no ano anterior, estava sendo caçado na Argentina, e agora possivelmente na Itália, considerava o Pe. Pfeiffer como seu ajudante nas fugas e este até lhe prometera um passaporte para 1948.

Deve ter sido verdade, pois Priebke referindo-se ao Pe. Pfeiffer, declarou: "Várias vezes ele me pediu clemência para os prisioneiros". Todavia quando o oficial da SS fugiu em 1948, já fazia três ans que Pfeiffer havia falecido.

Por que o Pe. Pancrácio Pfeiffer não é tão conhecido como o foi Oscar Schindler e sua Lista? Certamente porque existem poucos documentos a respeito ou foram destruídos. Em todo caso, ele é o único alemão a quem, depois da guerra, foi dado o seu nome a uma rua de Roma, no último quarteirão da grande Via della Conciliazione antes da Praça de São Pedro. Além disso, sua Congregação já está preparando a Biografia do seu segundo Superior Geral. "De par com tanto sofrimento que o Nazismo espalhou com Hitler, Pfeiffer vem mostrar que, apesar de tudo, existe muita gente de valor, homens que conheceram a injustiça e se tornaram cheios de merecimentos e repletos de coragem", assim afirma o atual Superior Geral dos 1.200 salvatorianos Pe. Carlos Hoffmann.

(Traduzido do alemão)
Padre Paulo de Sá Gurgel.
(Salvatoriano de Barbalha)

Pau Da Bandeira De Santo Antônio

José Peixoto Júnior

"Pau da bandeira
De Santo Antônio,
Rei da floresta
Do "São Joaquim"!

Em pé caíste,
Ficaste em pé
A protestar!"

Somente uma vez na vida estive presente a festa do pau da bandeira; se pudesse estaria lá todos os anos a admirar a relutância do madeiro contra a tradição que o converte em participante da festa.

Na mata do "São Joaquim" os machados afiados enfincaram-se no tronco robusto e rígido. Em princípio a árvore os tomou por pica-paus; desconfiou, porém, ao sentir cavacos desprenderem-se de si. Reagiu e aqueceu as lâminas para que perdessem o fio; (seria muito otimismo que derretessem!); às vezes arrancam-se chamboques, fazem-se dentes, cegam-se gumes. Não sei se o arvoredor pé-de-serrista já sentiu na casca os horrores causados por motosserra. Esse demônio é tão medonho que o dicionário ainda não lhe deu registro, talvez por reverência aos vegetais transformados no papel em que é escrito.

O alarido dos que cercam a árvore, cortando-a ou bebendo, assume o tom funéreo das "incelenças", cantadas no velório aos pés do extinto. A agonia da árvore cresce fazendo a mata estremecer em solidariedade. A Serra, que a viu nascer e prosperar, devolve em eco as machadadas, na intenção velada de assustar os machadeiros. Em vão. Rangem esfacheando-se as derradeiras fibras do cerne ferido. A árvore volve-se e, tonta, despenca, experimentará a horizontalidade. Ao tombar a vizinhança vegetal inconformada tenta sustê-la, e se não o faz, oferece-lhe galhos decepados para forrar-lhe a queda. E a flora perde mais um espécime para o povo do Santo. Foram décadas até o crescimento que lhe valeu o galardão de uma novena.

Os vencedores separam do caule os galhos, lavram a haste e fazem-na rolar aos trancos das bimbarras até à estrada. Daí, reativados pelo espírito engarrafado de vegetal que medra nos baixios, o pau segue batizado com o nome cristão de pau da bandeira.

Entra na cidade debaixo de música, foguetório, cantos, vivas; adentra ruas e a multidão o acompanha. Por mercê do Santo é-lhe conferido o merecimento de interferir no estado de solteira daquelas que lhe toquem com a mão. Aqui acolá, pela resistência que ainda oferece aos carregadores, joga-se ao chão; e estes retesam músculos para aluí-lo, tomá-lo nos braços, levá-lo aos ombros nus e, numa ovação, erguê-lo nas mãos.

Finalmente chega à Praça Barreto Sampaio. Vencido no seu esforço para não vir, estende-se na terra. Coroam-no com a Bandeira da Festa, entoam benditos ao lado da bandeira. O bendito, ao contrário da incelência, é cantado na cabeceira do morto.

Com esforço e arte aquele corpo arbóreo inerte, espichado em mais de vinte metros e com o peso na casa das toneladas, volta a verticalizar-se. Daí a pouco alguns destemidos assungam-se nele e vão por a mão no amarradio da bandeira. Quando pau-d'arco ninguém o subira! Pau da bandeira, amolecido pela contrição dos fiéis, deixa-se vencer madeira acima por quem não teme altura.

Perplexo, é um ponto de exclamação no adro.

A FESTA DO PAU DA BANDEIRA, DE BARBALHA: ESTA MANIFESTAÇÃO CULTURAL PODE SER TRANSFORMADA EM MERCADORIA DESCARTÁVEL?

Edvar Costa

Quais as funções pedagógicas que uma manifestação cultural como a Festa do Pau da Bandeira, de Barbalha, desempenha para a manutenção ou para a transformação dos modelos de relações sociais vigentes no seu contexto?

Quais as permanências e as mudanças perceptíveis nos seus processos, estruturas e rituais?

Em que momentos dos processos, estruturas e rituais da Festa predominam a presença e os símbolos dos setores subalternos da sociedade barbalhense?

Que capacidade possuem ainda as categorias de análise e as práticas sociais de Cultura Popular e Educação Popular para explicar realidades sociais injustas e propor transformações de caráter democratizador?

Estas questões, sintetizadoras de uma vivência pessoal de duas décadas junto a organizações de base e do interesse pelas manifestações culturais dos setores subalternos, orientam uma investigação de quase três anos (1990-1992) sobre a Festa do Pau da Bandeira de Barbalha, exposta em Dissertação de Mestrado aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

As inquietações e curiosidades manifestadas nessas indagações repousam nos seguintes pressupostos:

a) Os paradigmas que durante décadas foram utilizados para compreender e propor a superação das relações desiguais entre as sociedades industrializadas e as sociedades colonizadas, assim como as relações desiguais no interior destas, já não dão conta da crescente complexidade das novas situações e da pluralidade dos movimentos e dos atores sociais. Nesta nova situação se torna impossível continuar pensando revolução como a tomada do poder pelas vanguardas iluminadas; ou persistir orientando-se pela clássica divisão geopolítica dos três mundos; menos ainda validando os discursos parciais, ufanistas ou depreciativos, sobre a "cultura popular".

b) O reconhecimento, em abstrato, da importância da "cultura popular", constante do discurso disseminado entre militantes políticos e estudiosos dos fatos culturais, precisa ser superado. Este tipo de

reconhecimento é vazio porque não consegue vincular as referidas manifestações ao complexo de relações sociais nas quais elas são produzidas. Deste modo, não é capaz de torná-las instrumentos operacionais na luta pela democratização dos diversos domínios da vida social.

c) Qualquer atividade com o objetivo de criar espaços de participação e efetivo exercício da cidadania só pode ter sucesso à medida em que repousar sobre uma compreensão de integralidade das manifestações do campo simbólico, reconhecendo suas dimensões econômicas, políticas e sociais e seus domínios individuais e coletivos.

A análise dos dados coletados durante o processo de investigação, através da bibliografia, das entrevistas e da observação direta da Festa, permite fazer as afirmações seguintes sobre as questões inicialmente levantadas e outras questões surgidas no decorrer da pesquisa.

Sobre a importância das manifestações da "cultura popular"

A Festa do Pau da Bandeira, de Barbalha, vista na perspectiva diacrônica e na perspectiva sincrônica, condensa elementos da evolução histórico-social daquela civilização local. Ela surge e se desenvolve no contexto de um evento maior, a Festa do Padroeiro Santo Antônio. Esta, por sua vez, está intimamente ligada ao processo de conquista e colonização do território e de seus habitantes primeiros. Sua realização apresenta três componentes indissociáveis: o componente cívico-religioso; o social e diversional; e o da cultura regional, no qual se inclui a Festa do Pau da Bandeira. A partir daqui fica claro que as duas festas só ganham sentido analisadas em suas interligações. E que se constituem em importantes manifestações de "cultura popular" porque incorporam as unanimidades e as diversidades de interesses e sentidos existentes na urdidura social em que se gestam.

Sobre as funções que a Festa desempenha

No tocante ao papel político-pedagógico desempenhado, a Festa de Barbalha cria espaços reais para a expressão dos diversos interesses existentes na sociedade. Interesses distintos, complementares ou divergentes. Importante é não perder de vista que isto ocorre dentro de uma situação em que a Festa é organizada sob o controle dos setores sociais hegemônicos: a Igreja, a Administração Municipal, os empreendedores e empresários, as famílias importantes. Ainda assim, entre esta elite e o restante da população não se dá uma relação puramente dualista; do mesmo modo como não ocorre uma

pacífica convergência de interesses. Todo o processo de produção e fruição dos festejos se constitui em legítimo campo de luta entre os diferentes segmentos sociais em busca de afirmação das suas capacidades, dos seus símbolos e dos seus espaços de exercício do poder. Nesse processo, a Festa tanto pode ser manipulada para a cristalização dos saberes e valores de interesse dos que estão no poder; como pode ser um instrumento para a criação de novos conhecimentos, valores e relações sociais.

Sobre a validade atual dos conceitos e práticas de Cultura Popular e Educação Popular.

As constatações feitas sobre a importância e o papel político-pedagógico das Festas de Barbalha e sobre suas funções sociais mostram que é necessário um esforço de reconstrução dos instrumentos teóricos e das práticas sociais de Cultura Popular e Educação Popular. O objetivo deste esforço é dar a elas vitalidade para enfrentar os desafios presentes. Quanto à Cultura Popular trata-se de abandonar os estereótipos de origem romântica, que atribuem acriticamente todas as virtudes ao que vem do "povo"; o mesmo se exige em relação aos preconceitos de origem ilustrada, que consideram sobrevivências exóticas as manifestações culturais dos estratos subalternos. Em relação à Educação Popular, se faz necessária a crítica das sobrevivências do período histórico do populismo-desenvolvimentista. Este processo deve valorizar as experiências vivenciadas e ajudar na construção de formulações teóricas e de práticas pedagógicas com capacidade operacional para enfrentar e responder os desafios postos na atualidade quando se trata de estabelecer relações democráticas nos micro e macrocosmos. O foco desta reconstrução é o exercício da ação-reflexão capaz de exercer a crítica propositiva através de modelos de ação concretos, auto-sustentáveis e multiplicáveis.

Sobre a relação "cultura popular" x indústria do turismo

O estudo da Festa de Barbalha proporcionou o desvelamento de uma questão que não fazia parte das indagações colocadas no início da investigação e que ganha cada vez mais atualidade. Ela representa um desafio e se constitui num excelente terreno para o exercício da proposta de reconstrução. Com a veloz dissolução do hiato campo-cidade, local-global, e com o desenvolvimento da indústria do turismo no Ceará, a Festa de Barbalha vem sofrendo um crescente processo de mercantilização. Diante disso, o desafio colocado para todas as instituições e os indivíduos, como tarefa de cidadania, é a formulação e a implementação de uma ampla ação político-pedagógica

com a finalidade de desenvolver naquela sociedade a capacidade para enfrentar criativamente este novo momento de sua história. Esta ação deve se desenvolver pelo menos em quatro eixos: o sistema de ensino regular do 1º e 2º graus; os grupos artísticos e organizações comunitárias; os tomadores de decisões das instituições públicas e privadas; os formadores de opinião, intelectuais e comunicadores.

O alvo da referida ação é revigorar o sentido mais profundo daquelas manifestações culturais e criar as condições para que seus produtores tenham como participar da formulação, execução e avaliação das políticas públicas e privadas de cultura e turismo. Somente assim é possível evitar a transformação das produções culturais em mercadorias descartáveis e contribuir para que todos os interessados - devotos, artistas, comerciantes, turistas - se beneficiem delas sem que ocorra uma dilapidação dos bens simbólicos e um agravamento da exploração economicista e da apartação social.

(José Edvar Costa de Araújo é Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professor Visitante da Universidade Estadual do Ceará, no CESA/Curso de Pedagogia e Assessor da Pró-Reitoria de Extensão).

PRESERVAÇÃO DOS FÓSSEIS DO CARIRI

Senador Lúcio Alcântara

Em junho deste ano, o jornal Tribuna do Ceará publicou matéria sob o título "Contrabando de Fósseis cresce no Cariri", na qual descreveu uma situação de gravíssima dilapidação de um patrimônio nacional: as reservas de fósseis localizadas no Estado do Ceará e áreas vizinhas de Pernambuco e Piauí. É a memória geológica do país, que também é parte dos tesouros científicos do Planeta, esvaindo-se em milhares de pedaços vendidos clandestinamente como "lembranças", objetos de decoração ou, ainda, para museus e institutos de pesquisa estrangeiros, sem a devida autorização.

A denúncia feita pelo jornal chamou-nos a atenção não exatamente por ser uma novidade - pois é sabido há anos que tal contrabando ocorre - mas pelo fato de a pilhagem persistir e de forma cada vez mais ousada e intensiva, o que não deixa dúvidas quanto à necessidade de mudança na maneira de ver o problema. É preciso sair do campo das medidas tradicionais, baseadas numa caçada policial tão constante quanto infrutífera, e ver a preservação dos fósseis do Cariri como um conjunto que envolve aspectos científicos, culturais, penais e econômico-sociais e que, portanto, exige soluções compatíveis com tal complexidade.

A Bacia do Araripe, onde o sertão já foi mar há milhões de anos, guarda o que é considerado um território de preservação fóssil único no mundo. É um local de especial interesse geológico e paleontológico, porém, a ciência desenvolvida em outros países, mais do que nossos próprios especialistas, tem-se utilizado das informações imemorais inscritas nos fósseis. E isso nem sempre de maneira legal, o que significa dizer que o Brasil está transferindo para centros de pesquisas estrangeiros o conhecimento de uma parte rara de seu subsolo. É famoso o caso de um exemplar raro de Pterossauro, encontrado no município de Porteirias, no Ceará, e revendido para o exterior por 350 mil dólares, indo parar num museu britânico. Agora, como dizem especialistas cearenses, se os estudiosos brasileiros quiserem vê-lo, terão que ir para a Inglaterra.

Com a finalidade de recolher dados oficiais sobre o caso e entender melhor os elementos que compõem o problema, solicitei à Mesa Diretora do Senador Federal o envio de Requerimentos de Informação aos Ministérios das Minas e Energia, da Justiça e da Cultura. A análise das respostas até agora enviadas, somada a informações recolhidas no Estado do Ceará, especialmente junto a pesquisadores, reforça a convicção de que insistir apenas nos atuais

procedimentos utilizados na defesa dos depósitos de fósseis corresponde praticamente a condená-los à extinção.

A proteção desses depósitos baseia-se, principalmente, no decreto-lei 4146, de 1942, que os classifica como propriedade da Nação, coloca-os sob a tutela do Departamento Nacional de Produção Mineral e libera de autorização - limitando-se a exigir uma prévia comunicação - as explorações de fósseis feitas por museus. Ora, o que a realidade mostra é a caducidade desse decreto na prática, visto que, em quase 50 anos de vigência, ele foi incapaz de garantir a proteção que determina. Segundo afirmam os técnicos do Centro de Pesquisas Arqueológicas da Chapada do Araripe, entidade vinculada ao DNPM, o que há, na verdade, é um grande vazio jurídico. O decreto-lei nunca foi regulamentado e acaba trazendo complicações ainda maiores. Por exemplo, proíbe a extração de peças, mas não se refere à sua comercialização.

Uma vez que os grandes contrabandistas de fósseis, vindos de outras regiões do país e até mesmo do exterior, não têm contato direto com a extração do material, acabam ganhando o que se poderia chamar de uma certa proteção legal para roubar. Assim, o que se verifica, pelo noticiário dos jornais, é um grande número de expedições policiais para busca e apreensão de peças, sem que isso leve a um estancamento do comércio irregular de que são objeto.

A impunidade dos contrabandistas, por sua vez, acaba incentivando o engajamento da população local na falcatura, criando um sério problema social. Na época de seca ou de crise na atividade agrícola, os trabalhadores são utilizados como mão-de-obra para saquear os depósitos fossilíferos. Os jornais chegam a dar os nomes dos "patrões" dessa economia paralela ilícita. São empresas sediadas no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília; comerciantes que servem de testas-de-ferro para colecionadores, firmas exportadoras e cidadãos estrangeiros. Informam também que um dos maiores pontos de venda de fósseis - e isso há muito tempo - é a Praça da República, no centro de São Paulo.

O que se constata, assim, é uma afronta permanente à lei e um prejuízo científico e cultural ao país, incorporados à nossa rotina como se fossem fatos normais e aceitáveis. Até pouco tempo atrás, uma explicação do tipo "no Brasil é assim mesmo" poderia ser aceita de modo conformista, como se fosse possível nos desenvolvermos economicamente, sem crescermos como Nação, como povo cuja identidade só se formará num amálgama cultural, científico e educacional sólido e bem composto.

É claro que podemos analisar o que acontece no Cariri e em outras regiões do país como decorrência normal do nosso caráter de país pobre, que não se pode dar ao luxo de proteger riquezas naturais ou culturais, quando há problemas mais prementes, como a miséria, a serem superados. Nada mais equivocado. A dilapidação de nossos

patrimônios faz parte do processo perverso que reproduz e torna permanente a pobreza da maioria da população, a quem só a procura da sobrevivência física é dada como direito.

A existência de uma identidade nacional, em sentido amplo, certamente seria um ingrediente diferenciador decisivo, inclusive para dar eficácia à luta por equidade social. A supremacia absoluta das razões econômicas no Brasil, sejam elas lícitas ou ilícitas, e a complacência com que costumamos tratar os abusos de tais razões ajudam a explicar porque estamos entre as dez maiores economias do mundo e nos últimos lugares em indicadores sociais. Já é hora de entendermos que a cultura e o desenvolvimento científico e educacional não são adendos; são condições que integram intimamente a procura de saídas e, nesse sentido, o caso do Cariri é exemplar.

Os ingredientes estão dados: uma área de enorme interesse científico encaixada numa região pobre, de escassas alternativas econômicas; legislação protetora superada, que não define claramente responsabilidades, meios e penas; órgãos públicos sem recursos humanos e financeiros suficientes para cumprir sua missão; interesses excusos agindo como potencializadores das dificuldades e aproveitadores de riquezas nacionais. Como quebrar esta cadeia?

Na próxima segunda-feira começa, no Crato, um seminário com a participação de cientistas, autoridades dos governos federal, estadual e municipais e do Ministério Público, para debater temas ligados à preservação dos fósseis da Chapada do Araripe, tais como a tutela do Estado, a extração ilegal vinculada a questões culturais e de sobrevivência, e a viabilidade de uma política interministerial integrada para a proteção das reservas.

Este Workshop é uma oportunidade imperdível para sairmos não apenas com aperfeiçoamentos teóricos, mas com compromissos e tarefas. A meu ver, esse é o caminho para a mudança de enfoque a que me referia no início. Ou seja, não bastam medidas oficiais, não basta aumentar a repressão ou os recursos financeiros e humanos. É preciso pensar a proteção das reservas fósseis no contexto da região, não como problema policial, mas como a construção de um consenso que leve em conta as oportunidades de desenvolvimento, de integração cultural, de geração de renda e de formação e desenvolvimento, e absorção de mão-de-obra local. Este será o verdadeiro desafio, o de lançar sobre a questão um olhar criativo e produtivo.

Um passo a ser dado, de início, é a alteração da legislação para adaptá-la a esse entendimento ampliado, aposentando, finalmente, o Decreto 4146. Para tanto, apresentarei oportunamente projeto de lei disciplinando o assunto, entretanto não pretendo que esse projeto reflita somente uma visão interna do legislativo federal. Ao contrário, gostaria que fosse uma construção coletiva dos segmentos diretamente interessados: cientistas, autoridades federais, estaduais e municipais, empresários da área de turismo e outras que possam apresentar

alternativas viáveis e sustentáveis para a região, entidades civis e sindicais representativas da sociedade. Para tanto, buscarei subsídios junto a esses segmentos, fazendo do Congresso Nacional o espaço político da procura do consenso mencionado.

Esse é um papel nobre, que precisamos retomar com firmeza: o de pensar não apenas as emergências, mas o futuro, em todas as suas inúmeras interações. E uma via necessária para o futuro é a reversão de nossa tradição predatória, que já destruiu tantas riquezas naturais e culturais em favor de interesses imediatistas e egoístas.

Agradeço a todos pela atenção.

**CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NO WORKSHOP -
PALEONTOLOGIA
DIRETRIZES PALEONTOLÓGICAS PARA A ÁREA DE
PROTEÇÃO AMBIENTAL DO ARARIPE.**

URCA - Crato, Ceará, 20 a 23 de novembro de 1995

CRIAÇÃO DA APA

**PRONUNCIAMENTO PROFERIDO PELO
SENHOR DEPUTADO ROMMEL FEIJÓ,
NA SESSÃO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS
DO DIA 29/05/95**

**PROPOSTA PARA TRANSFORMAR A BACIA E CHAPADA
DO ARARIPE EM ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL.**

Sr. Presidente, Sras e Srs. Deputados

I - INTRODUÇÃO

Ocupo pela primeira vez, a tribuna desta Casa, certo de que, aqui, é o lugar onde se dá, legalmente, a continuidade às grandes transformações sociais e políticas, a que o povo nos induz.

Assisto neste tempo às discussões sobre o nosso futuro, decorrentes das mudanças de rumo da nossa Constituição, com

propostas do Poder Executivo e outras saídas desta própria Casa.

Todos nós sabemos da riqueza dos temas abordados nestas discussões, estamos contagiados e empolgados pela opinião pública e pela nossas próprias opiniões. Isso se justifica: - o imperativo deste momento de procura de soluções é o amor que sentimos por este País e seu povo.

Confesso aos senhores que não vim aqui, posicionar-me de forma egoísta, a falar apenas deste sentimento de amor pelo País, mas sim de uma outra paixão. Paixão que temos lá no semi-árido nordestino por um extenso pedaço de terra, terrenos altos e férteis, que a natureza nos presenteou há muitos anos atrás e que os mais antigos, "apelidaram" de Serra do Araripe e alguns dos que primeiro lá chegaram, chamavam-se CARIRIS.

II - SITUAÇÃO ESPAÇO TEMPORAL

Aqui representamos o povo que lá habita. O Cariri é como é conhecida uma região de 10.000 km², que ocupa parte dos Estados do CE, PE e PI e irradia sua influência em Estados vizinhos como a Paraíba, Bahia e outros.

O elemento físico mais marcante desta região é a **Chapada e Bacia do Araripe**, um conjunto tabular com altura média de 750m acima do nível do mar, tendo seu platô a extensão de cento e oitenta quilômetros de comprimento, no sentido Leste-Oeste, e de 30 à 70 km de largura no sentido Norte-Sul, dividindo os Estados do CE, PE e PI.

É das suas encostas que parte a contribuição desta serra para três grandes rios: **São Francisco**, através do Rio Brígida em Pernambuco, **Jaguaribe**, através do Salgado e outros no Ceará e **Parnaíba** através de rios menores do Piauí.

A presença desta chapada e seus mananciais de água, reservas vegetais, relativa umidade do ar, faz com que a região difira radicalmente das áridas regiões vizinhas.

Nós, caririenses, só estamos vivendo lá porque a serra existe. Sem a serra, sua cobertura vegetal, suas palmeiras, sua reserva florestal, suas fontes de água sustentável, enorme diferença existiria nos atlas escolares de nossos filhos. Se a serra não existisse o sertão se estenderia de forma contínua desde a distante Minas Gerais, até as cercanias de Fortaleza.

Foi a água que atraiu o **homem baiano, pernambucano, do Rio Grande do Norte, Sergipe, Ceará**, entre outros, que trouxe seu gado, de forma sempre crescente desde antes do início do século XVIII, os nossos primeiros caminhos foram trilhas de gado. O povo veio acompanhando o caminho de água, das fontes, dos rios e da mata ciliar que os envolvia, é esta a origem mais aceita por todos. Com base nessa realidade, de tropeiros vindos das mais diferentes regiões vizinhas, proprietários diferenciados e indígenas em migração, formou-se esse

cadinho de povos, único e paradoxalmente uniforme na sua diversidade.

III - APRESENTAÇÃO DOS POTENCIAIS DA REGIÃO

O complexo sedimentar do Araripe possui entre seus **recursos naturais não renováveis**, os fósseis, únicos vestígios de flora e fauna que existiram em nosso planeta em épocas passadas do **devoniano ao cretáceo**, (de 395 a 65 milhões de anos), apresentando-se estes espécimes com uma qualidade excepcional de preservação, e grande variação. Trata-se de vegetais, moluscos, escorpiões, insetos, crustáceos, peixes, crocodilianos pterossauros, dinossauros e ovos. Estes fósseis, seriam importantes para o completo entendimento da **evolução geológica do nordeste**, para o estudo da formação e movimentação das placas tectônicas que levaram à **abertura do oceano Atlântico sul e o conseqüente afastamento entre o Brasil e o continente Africano**.

O **calcário**: extensas minas deste minério encontram-se nessas terras. Sua extração tem permitido a utilização na fabricação de cimento portland, na correção do solo, e em forma de lâminas, usadas como pisos e móveis na construção civil.

A **gipsita**, ocorre em um significativo número de minas na região e é a fonte primária do gesso para utilização comercial. Estão lá 80% da reserva nacional.

A **argila** abundante e de boa qualidade, é usada no fabrico de pisos cerâmicos, telhas, tijolos, a nível industrial e artesanal.

O granito, que em todo o País tem sido cada vez mais utilizado na construção civil, pela sua resistência e beleza, não apenas para pisos, mas como revestimento externo em cada vez maior número de edifícios empresariais e residências, é outro recurso que encontramos em volume considerável no Araripe.

Quanto aos **recursos naturais renováveis**, temos a grande riqueza da **água**. Aqui ela aflora em 307 fontes naturais, sendo 256 na parte cearense, 43 na parte pernambucana, e 7 na piauiense, (DNPM), totalizando uma vazão de 41 milhões e 200 mil metros cúbicos de água por ano. Esta tradicional ocorrência de fontes, acontece pela abundância de chuvas que ocorrem nos meses invernosos na chapada, o que a diferencia das regiões vizinhas, chuvas que são rapidamente filtradas por uma espessa camada de arenito, evitando junto com a cobertura vegetal a evaporação deste recurso. Além destas fontes, já citadas, a região dispõe de um aquífero subterrâneo, nas formações **MISSÃO VELHA, MAURITI e EXU**, usado para o abastecimento da população e para a irrigação. Há quem o compare em volume de água à Baía da Guanabara.

As favoráveis condições climáticas e de altitudes, nos deram uma **FLORA** de grande diversidade que passa pelas palmaceas: babaçu e

buriti, nos vales úmidos, e florestas, e cerrados e nos trechos da caatinga se sucedem. Ainda não foram suficientemente estudados todos estes espécimes, e há vegetais que ainda não foram sequer catalogados.

A FAUNA da Serra e bacia do Araripe tão rica quanto a flora aguarda um trabalho mais detalhado de catalogação.

Com solo variado e recursos hídricos superficial e subterrâneo importantes, destacam-se nas **atividades antrópicas** a **AGRICULTURA**, que tem desde o início da colonização papel importante na economia da região, destacando-se a cana-de-açúcar, fruticultura, hortifrutigranjeiros, feijão, milho, mandioca e, em passado recente o algodão.

Quanto à PECUÁRIA, difundida na fase de ocupação, junto com a agricultura, permanece hoje como atividade de razoável contribuição econômica para a região. Em decorrência do clima favorável, da umidade relativa do ar, do potencial hídrico e tipo de solo, há ambiente propício para a avicultura, suíno-cultura e piscicultura, hoje explorada apenas artesanalmente.

No tocante à **INDÚSTRIA**, em 1960, o Cariri cearense contribuía com 30% do **PIB** industrial do Ceará, e as áreas pernambucanas e piauienses contribuía em menor escala em relação a seus Estados. Além da indústria de transformação que aqui encontrou campo fértil em oferta de mão-de-obra, há que destacar empreendimentos industriais que aqui chegaram para produzir bens usando os nossos recursos minerais não renováveis, como os já citados gipsita, calcário, argila e mais recentemente o granito. Deve-se salientar também a excelente qualidade de nossas águas minerais, que são as de maior teor de leveza do Brasil, sendo este um potencial a ser industrializado no futuro próximo.

Destaca-se também, se comparada a outras áreas do semi-árido nordestino, a intensa atividade **COMERCIAL**, vocação nata da cada vez mais densa população, sempre acrescida pelo fluxo migratório intermitente. O Cariri é fornecedor, em vários segmentos comerciais, para outras regiões.

O **TURISMO** interno existente hoje na zona cearense do Cariri, se dá em decorrência do fenômeno Padre Cícero que nos trás cerca de um milhão de visitantes por ano. Há um fluxo em menor escala de turistas e veranistas nas estâncias hidrominerais do Araripe.

A nossa região também é referencial e pólo de atração para as regiões circunvizinhas, como centro de **EXCELÊNCIA MÉDICA**, em decorrência da concentração de profissionais altamente especializados que praticam uma medicina mais humana em hospitais bem equipados, destacando-se o hospital São Vicente de Paula em Barbalha, onde exerce a medicina.

Centro de tradições culturais, capitaneado pelo município do Crato, primeiro a surgir na região, é o Cariri destacado no campo da

EDUCAÇÃO, possuindo uma universidade regional, a URCA, e escolas técnicas de comércio e preparação para a indústria. A estas últimas, ainda insuficientes para atender a demanda sempre crescente de mão de obra especializada, junta-se agora uma Escola Técnica Federal, onde serão preparados 800 alunos/ano para as mais diversas atividades profissionais.

O TRANSPORTE preponderante é o rodoviário; trata-se de uma malha viária interligada que une os municípios do Cariri a todos os centros produtivos do País através de estradas de pavimentação asfáltica.

Geograficamente, a região é equidistante de todas as capitais do nordeste e ponto de passagem para deslocamentos em direção ao Centro Sul do País. O transporte aéreo é feito através de aeronaves Boeing 737, que usam o Aeroporto Regional do Cariri no município de Juazeiro do Norte, ligando o Cariri ao mundo. Temos a REFESA ligando o Cariri a Fortaleza e existe o projeto da ferrovia transnordestina que iria interligar o Cariri a todo nordeste brasileiro.

O SR. ROMMEL FEIJÓ - Ouço o nobre **DEPUTADO LEÔNIDAS CRISTINO**.

O SR. LEÔNIDAS CRISTINO - Nobre Deputado, fico muito feliz em poder estar escutando V. Exa. representante de todos os cearenses e também da região do Cariri, de grande importância para a economia cearense. Tive o privilégio de morar por algum tempo em Juazeiro do Norte, Mauriti e Brejo Santo quando construía na região rodovias e fiquei apaixonado pelo Cariri. Junto com o Governador Ciro Gomes, do Estado do Ceará, pude fazer obras importantes como a duplicação de rodovias, tais como as já citadas por V. Exa, a rodovia que liga Juazeiro a Barbalha, que até então era chamada de rodovia da morte e nós, o governador Ciro Gomes, V. Exa. e o Arnon Bezerra, com todas as lideranças do Cariri transformamos em rodovia da vida. Executamos outras obras rodoviárias importantes e também o aeroporto regional do Cariri, citado também por V. Exa. Por isso, quero parabenizá-lo pelo belo discurso, porque V. Exa. está relatando o que está acontecendo no Cariri. E tenho certeza absoluta de que o Governador Tasso Jereissati e o Presidente Fernando Henrique Cardoso irão fazer um belo trabalho naquela região, para que o Cariri continue sendo de grande importância econômica e social para o Estado do Ceará.

O SR. ROMMEL FEIJÓ - Obrigado, **Deputado Leônidas Cristino**. Na realidade, as suas palavras só nos dão ânimo para continuarmos trabalhando pelo povo do Cariri e do Ceará. Continuo, Sr. Presidente.

IV - O MODELO DE DESENVOLVIMENTO IMPLANTADO E SEUS PROBLEMAS

A princípio havia menos habitantes, mais terras para o cultivo, pois apesar da criação de gado ser mentor de povoamento, as condições naturais favoráveis a agricultura foram diversificando atividades com predomínio desta última. Nesta colonização empírica, os vales aluviais foram destinados a cana-de-açúcar, os chamados pés de serra para a cultura de subsistência do pequeno agricultor e também no passado mais recente a cultura do algodão e a chapada propriamente dita ocupava o produtor de farinha de mandioca, da goma, e nas partes mais secas, pastagens para o gado. Essa "setorização" aparentemente definida, obrigava ao contrário uma sincronia de movimentos de produção. O pequeno produtor trabalhava o ano todo, após a colheita do milho e feijão em maio ou junho, transitava-se com o gado, ou ainda cuidava-se das outras culturas, que se complementavam no tempo e no espaço. Esta situação fez do Araripe, por algum tempo líder econômico e conseqüentemente político do interior nordestino; enquanto isso o fluxo de imigrante continuava, somava-se as anteriores, a atração por descobertas minerais que nas épocas precedentes havia motivado a entrada de mão-de-obra escrava, mas igualmente importante, o misticismo que envolveu do **Padre Cícero** e outros líderes religiosos de menor repercussão. A fé e crença nos milagres e curas produziu além de outros fenômenos, um adicional migratório, pois nem todo romeiro volta ao seu lugar de origem, muitos e muitos nordestinos vieram rezar, pagar promessas e aqui ficaram na esperança das bênçãos do céu e desta terra abençoada por sua natureza.

Com o aumento significativo da população as terras foram divididas, fragmentadas entre herdeiros rompendo o frágil equilíbrio da seqüência econômica. O trânsito do homem produtor, seu gado, sua produção agrícola, foi perturbado. A integração vale, chapada, sertão desintegrou-se e não podemos deixar de citar que intervenções desastrosas da máquina da Administração Pública em décadas passadas, agravaram significadamente o processo. Fındou-se quase que totalmente uma fantástica simbiose que nos havia fornecido fantásticos ciclos agrícolas de rapadura, algodão e pecuária. O algodão é uma cultura emblemática da variedade de fatores que concorrem para a destruição de uma atividade econômica. Tínhamos na região o algodão arbóreo, plantado a cada oito anos, que após as colheitas anuais, tinha suas folhas servidas de alimento para o gado. Primeiro veio a intervenção federal protecionista, que fechou nosso algodão ao mercado de exportação; enquanto isso o mercado interno não era capitalizado para compras em cash, levando a uma inadimplência interna responsável pela descapitalização dos maquinistas de algodão com conseqüências na falta de financiamento dos produtores e acarretando a diminuição do plantio de algodão. Junte-se a esse

quadro, movimentações políticas locais, onde corretor do produto era agente eleitoral, assessor político de determinados chefes e coronéis, distorcendo o comércio, direcionando fábricas conforme conveniências políticas. Para coroar tal desastre, a praga do bicudo, mal e tardiamente combatido dizimou esta antes tão importante fonte de poder aquisitivo da população. Outros exemplos poderiam ser citados onde o imediatismo, a falta de políticas públicas responsáveis, o descaso com a tecnologia em década anteriores, sustaram o crescimento econômico, e pior, deu início a um processo de deterioração das reservas naturais da chapada, com desmatamento e destruição dos espécimes e diminuição das vazões das fontes...

O SR. VICENTE ARRUDA - Permita-me V. Exa. um aparte?

O SR. ROMMEL FEIJÓ - Pois não, **Deputado Vicente Arruda**.

O SR. VICENTE ARRUDA - Nobre Deputado Rommel Feijó, sua análise lúcida bem revela o profundo conhecimento que tem do Cariri, um dos vales mais férteis não só do Ceará, mas do Brasil. Lá havia uma economia rica, diversificada. Em excursão como estudante de Direito, tive oportunidade de conhecer as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha e fiquei maravilhado com o nível de vida daquele povo, bem alimentado, bem nutrido, cada um com seu trabalho, dedicado aos frutos da terra. Veio a civilização, que ao longo do tempo, foi destruindo grande parte daquele maravilhoso território. Mas a luta de homens como V. Exa., que trabalhou duramente como Prefeito de Barbalha, para reabilitar a região haverá, no futuro, de ter a repercussão necessária para reverter a situação difícil em que se encontra aquela terra. Neste Parlamento, V. Exa. é o representante legítimo daquela região porque conhece o Cariri melhor do que todos nós. Particularmente, conheço o Cariri através dos estudos que V. Exa. me tem proporcionado. Sou um defensor intímato daquela terra, que tem V. Exa. repito, o representante mais legítimo. Parabênizo V. Exa. pelo seu brilhante discurso que tenho certeza, terá repercussão no Ceará e no Brasil, porque estamos em uma época de mudanças e é preciso reformular a estrutura do Estado a fim de que o povo cearense tenha melhores condições para que todos possamos recomeçar em um nível mais alto de vida, dando paz e harmonia à nossa Terra.

O SR. ROMMEL FEIJÓ - **Deputado Vicente Arruda**, o povo do Cariri agradece a V. Exa.

Exemplos: fonte da batateira, município do Crato-CE, Serra do Araripe. Vazão registrada em cartório no ano de 1854 era de 1.425.600 litros/hora. Em 1988 a vazão caía para 1.166.400 litros/horas e recentemente em dezembro de 1993, a medição feita pelo DNPM,

acusou apenas 376.000 litros/horas. Em 139 anos perdemos 73,62% de vazão de água desta fonte. Comparemos com o aumento da população e carência de água no mesmo período.

Analisemos agora de forma sucinta o que aconteceu após um período inicial de industrialização na região. A infra-estrutura existente não foi suficiente para se antepor a política de concentração industrial nas capitais em épocas recentes. Somando-se a falta de políticas públicas regionais para a solidificação do parque industrial, outro erro histórico aconteceu: quis o destino que a **inteligência** dos governantes da época oferecessem vantagens aos empreendedores interioranos para irem implantar suas fábricas nos distritos industriais das capitais, esqueceram estes governantes que junto com as fábricas também iam os desempregados contribuindo mais tarde para quebrar o crescimento harmônico das metrópoles, com o surgimento de muitas favelas e pobreza adivindo as conseqüências que hoje assistimos: exclusão e delinqüências..

V - PERSPECTIVAS FUTURAS

Menino do interior, desde cedo aprendi a importância desta serra no contexto sócio-econômico e cultural dos povos que a habitam. A influência que ultimamente ela tem exercido no pensamento dos que tem um verdadeiro compromisso com a natureza, com a tecnologia e com o desenvolvimento sustentável, é considerável. Já se percebem movimentos no meio científico e em breve se Deus quiser, no seio da sua própria população. A exploração desordenada de seus recursos minerais não renováveis, torna-os sub-utilizados e com índices de desperdício que chegam, em alguns casos, a 80%. Os fósseis são mal manipulados, mal estudados, com deficiências que comprometem a profundidade científica, desperdiçados e contrabandeados, muitas vezes para consumidores que almejam sua condição de adorno, estética duvidosa. Tudo isso nos agride, nos deixa perplexos, e tudo é agravado pelo desmatamento aleatório e marginal de suas matas que estão sendo dizimadas. Aterradoras serão as conseqüências para o nosso micro-clima, as fontes terão sua vazão d'água diminuída, a precipitação pluviométrica, hoje semelhante a das áreas litorâneas será reduzida, e o atrativo que fixou e fixa a população deixará de existir. Poderá então, advir um período de **decadência** trazendo com ele conseqüências trágicas para todos.

O fraturamento de fato desta microrregião, ocasionado por diferentes políticas interioranas dos três Estados que a compõem, comprometeu sobremaneira a homogeneidade das ações, tanto que hoje a não ser o **IBAMA**, que cuida da reserva florestal federal, inexistem responsáveis pela harmonia do Ecossistema e população do complexo sedimentar da Chapada e Bacia do Araripe, terra de **Bárbara de Alencar**.

**"POR ISSO EU QUERO RIMAR
PROPONDO UMA ALTERNATIVA
UMA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL
ME CATIVA PRO COMPLEXO DO ARARIPE
UMA APA-INTERATIVA".**

Willian Brito

Vivemos um momento histórico, senhores. Quantas vezes ouvimos esta expressão, que de tão usada pode parecer para alguns até banal, mas nada exprime de forma tão concreta este momento na vida de 3, 4% da população nordestina. Queremos que o Governo atue decisivamente para a transformação necessária, superando as divisões políticas, agindo como um gerenciador competente, tratando as velhas questões tão conhecidas de forma enérgica e sistêmica, fomentando o desenvolvimento, abrindo espaço ao homem empreendedor da região, tudo isso sem esquecer, nem protelar, a urgência da tarefa de preservação de recursos naturais existentes. Ambas esferas do Poder, federal e estadual, encontrarão na população ativa e produtora desta região, parceiro insuperável, na tarefa que nos espera. Deixar como está, para ver como é que fica foi tarefa de outros. Nossa geração e instituições regionais já assumiram o papel de defendê-la com talento e criatividade.

Nos idos de 90 foi dado o pontapé inicial em defesa do nosso complexo sedimentar, no momento do 1º **SIMPÓSIO DA SOCIEDADE NORDESTINA DE ECOLOGIA**, realizado na nossa universidade Regional, e com desdobramentos em **BACIA DO ARARIPE** e **BACIAS INTERIORES DO NORDESTE - 90**; **XVI REUNIÃO NORDESTINA DE BOTÂNICOS - 92** e **ENCONTRO DE ECONOMISTAS DO NORDESTE - 94**.

Surgia assim a idéia brilhante, capitaneada pela **URCA, IBAMA, DNPM**, ecologistas e povo, de criação da área de Proteção Ambiental do complexo sedimentar do Araripe - **APA - ARARIPE**, caminho único e sem retorno do desenvolvimento sustentável, sedimentado na racionalidade e na técnica científica, caminho moderno para não deixar a exclusão como herança para os que virão.

**"TODO AQUELE QUE DESFRUTA
NESTE PLANETA DA VIDA
TEM A GRANDE OBRIGAÇÃO
DE TRAZÊ-LA PROTEGIDA
PARA OS QUE VIRÃO ADIANTE
VIVÊ-LA MAIS BEM VIVIDA".**

Willian Brito

Obrigado pela atenção Sras e Srs.

ROMMEL FEIJÓ - Deputado Federal

COLÉGIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Teresinha Novaes Ramalho

Vetusto casarão, tu me abrigastes no teu seio, menina ingênua, e acariciastes minha inocência, qual ave implume no teu regaço ameno e acolhedor.

Já não mais reluzia em meus olhos estonteados, o manto prata dos pendões dos verdes canaviais floridos, senão, paredes colossais, seculares, de tuas galerias infindas.

Ontem, o farfalhar sutil dos hábitos e cornetas perfilados, hoje, o trinar estridente de tua juventude dourada, ruidosa, crianças rosadas em frêmitos de grande alegria pelas escadarias, corredores e passarelas.

Deixaste em mim profundas marcas gravadas com o cinzel do tempo, e hoje, brotas nos sulcos rotos a seiva vivificante de tua juventude vibrante e secular.

Ontem, o dedilhar sonoro de teus pianos soava com ensaios de maviosos cantos.

Hoje, a trilha sonora de teus computadores faz soar na orquestração fantástica de teu futuro.

Por que não falar de teus recônditos que respiram saudades?

Salas, parlatório, dormitório, galerias, hora do silêncio, comunidade, a hora do Angelus, o solo do cântico da primeira comunhão - crianças qual fadas e brancas princesas, querubins celestiais.

Nos teus dramas, dancei minueto francês, fui dama, Ana - mulher de Tobias do Evangelho - fui até soldadinho de chumbo, e brinquei de ciranda cirandinha nas amenas tardes de domingo.

As imagens de teu templo sagrado fazem o cortejo celestial do Pequeno Grande - o menino - encimando o mundo em suas pequeninas mãos.

Mãe celestial, Imaculada Conceição, estavas a nos olhar em todos os recantos, e eu sonhava poder tocar a fímbria do teu manto azul e branco.

O vozerio gregoriano das semanas santas, ainda ressoa penitente pelas naves vazias do sagrado templo...

Torres agudas, pontiagudas, tuas ardósias, teus sinos, tudo resiste.

Já vislumbras o terceiro milênio, e tu, em teu pedestal impoluto, firme e inquebrantável, a exemplo dos heróis filhos da Pátria Mãe, cujo hino de acalanto aprendi a cantar aí, ainda menina:

"Heróis do mar, nobre povo,
nação valente, imortal.
Levantai hoje de novo,
o poder de Portugal.

Entre as brumas da vitória,
o'pátria sente-e a voz
de teus egrégios avós,
que hão de guiar-te à vitória!

As armas, as armas,
sobre a terra, sobre o mar.
As armas, as armas,
contra os canhões, marchar, marchar!"

Saudo-te oh! Pórtico de reminiscências!
Ontem, foste passado.
Hoje, presente e futuro.

Teresinha Novaes Ramalho
Ex-aluna
(Caririense de Jardim)
Fortaleza, 15 de agosto de 1995

O TURISTA (conto)

José Peixoto Júnior

De chapéu novo na cabeça o turista desce do ônibus no ponto final da linha entre as duas cidades, foge da sombra dos ficus benjamins à procura de um dos mostradores do relógio na praça da coluna da hora, observa a revoada em torno do pombal, segue na rua da heroína dobra a esquina e adentra a agência do Correio para mandar aos seus vistas fotográficas do Cariri verdejante pelas chuvas em despedida.

Sai do Correio e adiante emboca pela rua do Monsenhor, na qual, estreita como é, um ciclista esguio conduzia a sua bicicleta a pé, ao lado dela, sem pneu vazio, parecendo assim fazer por cuidado para com os pedestres, transeuntes apressados que abandonavam a calçada nas suas idas e vindas.

Ao cruzar a Praça, onde os mosaicos não eram os mesmos que pisara nos finais de semana quando o seu comportamento de ginasião interno concedia-lhe o prêmio, o turista sentiu falta dos bancos concorridos pela mocidade do seu tempo de moço ali; os atuais bancos não eram os mesmos, ele próprio não era o mesmo, apenas o quadrilátero de palmeiras a farfalhar, indicativo de que o vento não mudara.

Assediado pela nostalgia o turista atravessa e entra por uma das três portas que transpusera na primeira sessão de cinema a que assistira. Veio-lhe à mente: coração assustado com o perigo mostrado na fita; desassossego pelo que poderia acontecer na cena; alívio ao ler na tela "volte na próxima semana".

Ao balcão toma café, lê, ao lado, manchete no jornal do dia anterior e sai em direção à Livraria, outrora localizada na rua paralela entre casas comerciais. Posta-se diante do mostruário de livros na soleira da porta. Ao decidir-se a entrar recebe na cabeça atordoante tabefe, percebe ruído de pedais acionados, pneus em movimento e vê, descendo a calçada em disparada, o ciclista esguio a quem tomara por cauteloso, cauteloso talvez na escolha de suas vítimas.

Pedalando, pedalando, lá se foi ele com o chapéu do turista amarfanhado na mão, pinto novo fechado nas garras de um gavião.

Aparvalhado ante o insólito acontecimento quase a desmontar-lhe o espírito, o turista lamenta o "Ramenzoni XXX", com uma hora de uso, levado pela copa; se o fora pela aba escaparia ao tratamento de menosprezo geralmente dado aos chapéus velhos. Olha o prédio da esquina, antiga contenção de violentos, que lhe recolhe o olhar sob as escusas de um xilindró desativado.

Cabelos alvoroçados pelo vento e couro cabeludo sensibilizado pelo golpe, o turista apressa o passo, vence distância e entra no ônibus intermunicipal destinado a ir comprar outro chapéu.

Lembrava-se tê-lo prevenido o chapeleiro sobre as constantes surrupiadas de chapéus na rua, agravante na queda de vendas no ramo, e condenado a rede de compradores de furto. Maldosamente o turista o incluiu na dita rede. Pagou a compra com cheque.

Desce do ônibus, passa no hotel onde se hospedara, donde não retirara a bagagem, e substitui a camisa suada.

A caminho da casa dos chapéus jovem cigana de olhar cativante e convincente o interpela:

- Ganjão, deixa ler a mão!

Surpreende-o a beleza da cigana. Turista aprecia surpresa! Além do mais quem sabe se o episódio do chapéu não fora obra de algum "encosto", e ali a oportunidade de livrar-se. Deixa. Mãos de fada tomam a sua mão e sobem a calçada. Ao entrever cifrada nas linhas da sestra alguma denúncia, a linda zíngara esmiuça com o olhar perscrutador, parecendo medir a condições de segurança do sigilo, e uma cédula muda de dono. Adivinhando segredos maiores lugar mais confidencial é exigido: contornam a esquina, mão segura, aconchegam-se nos espaços estreitos e rasos de portas fechadas, juntinhos para a transmissão dos cochichos; penetram, finalmente, num vão distorrido. O ambiente trescala perigo, embora o perigo esteja no turista. Cada vez mais reduzia-se o falar baixo da áugure na leitura da sorte; o hálito morno da segredista bela incendeia o sangue do consulente com o fogo da concupiscência e o turista agarra a cigana. Ela reage, protesta, fala

alto, e voz masculina lá dos fundos do vão arruinado indaga raivosa.

É, marido, ele mata! - diz a diaba socando no seio as cédulas recebidas nas confissões segredadas.

O turista foge. Muda itinerário por despistamento. Por fim o destino. A empregadinha da loja o atende. Nota-o tenso. Ele indica número, cor, paga com dinheiro, pois diz ela que cheque só o patrão recebe, e sai com o chapéu ora na cabeça, ora nas mãos, protegendo-o. Iria à cidade do pau da bandeira.

Precavido, desconfiado, segue a rua grande ao ponto de ônibus. Ao defrontar-se com um civil e um militar fardado ostentando divisas novinhas de sargento, impulsionado pelo vezo o turista desloca o chapéu da cabeça de supetão. Ambos o fitam. O militar imagina gesto de ocultamento e quase indaga o porquê.

- É esse! - Diz o civil.

- Seria o marido da cigana?! (Pensa o turista).

- É esse o meu chapéu roubado ontem! - E o arrebatada das mãos do turista assustado, aponta falha imperceptível acima da fita, um risco apenas, vira a carneira e exhibe iniciais do seu nome.

- O senhor é um receptor! - Brada o novél promovido.

- Não! Comprei-o agorinha, e esse é o segundo hoje na mesma casa. Sem prestar atenção na história do turista, vão-se os três ao chapeleiro que os recebe de caso pensado.

- Este homem diz ter comprado dois chapéus hoje, aqui!

- Não, vendi-lhe um, tenho o seu cheque

- Vendeu-me esse (e aponta o chapéu na mão do outro) a sua empregada.

- Desconfiando da desculpa dela para não receber cheque.

- A empregada hoje não veio e eu não me afastei da loja.

Ladrão de chapéu, de bicicleta, obrigado a correr sobre calçada, sujeito a quedas e contratempos é ladrão menor... e o curso do seu pensamento é interrompido pelo sargento:

- Documento!

O turista leva a mão ao bolso da camisa e empalidece. Teria sido a danada da cigana?! Lembra-se dela soltando algo no decote do vestido. (Esqueceu a troca de camisa no hotel). Gagueja, propõe visita as duas estrelas onde preencheria ficha, porém essa denúncia de conforto desenha nos lábios do sargento sorriso de ironia seguido de conselho:

- Guarde o convite para o Delegado de Polícia. Vamos!

MONS. MONTENEGRO EMPOSSADO NA CADEIRA Nº 9 do ICC

Abaixo, o discurso de recepção, pelo Presidente da entidade, Dr. Raimundo de Oliveira Borges, seguido o monumental trabalho de Mons. Francisco de Holanda Montenegro, sobre Mons. Rubens Gondim Lóssio.

RECEBENDO MONS. FRANCISCO DE HOLANDA MONTENEGRO NO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Meus senhores. Minhas senhoras:

Serei breve. Iremos ouvir daqui a pouco, na palavra do recipiendário, uma lição de experiência, de cultura e de sabedoria.

O homem, a meu ver, quando nasce, já traz em si, impregnada na alma em flor, a vocação que irá distingui-lo pelos anos em fora.

MONSENHOR FRANCISCO DE HOLANDA MONTENEGRO quando abriu os olhos ao mundo na histórica cidade de JUCÁS, antigamente SÃO MATEUS, (digo histórica porque foi de lá que primeiro partiu o grito de criação do Estado do Cariri, tendo o Crato como Capital), certamente já trazia ele no mistério anímico da concepção, o desígnio para o sacerdócio e para o mister de percuciente educador.

Conheci-o ainda menino, provavelmente lá para a casa dos 10 anos de idade, quando ambos frequentávamos, eu um pouco mais velho, as aulas do venerando Seminário S. José, ele de batina, eu de farda, no Colégio Diocesano que funcionava anexo, mas obediente à mesma disciplina e ao mesmo regime escolar do Seminário.

Partiram daí os nossos encontros pelos caminhos da vida, ele edificando almas com a pregação dos salutares princípios da Religião do Redentor, eu pregando, toscamente embora, mas de qualquer maneira pregando, a doutrina da Religião do Direito, esta Ciência que o gênero humano criou para manter na terra, menos ásperos e menos aflitivos, os desentendimentos que tanto martirizam a pobre humanidade.

RELIGIÃO e DIREITO, considero os dois polos nos quais se apoia a sobrevivência humana pacífica.

Não é em todas as bocas que a palavra da fé se ilumina.

Pode ser até que aquele que a transmite tenha-a mais profunda, mas não possua o dom de propagá-la com a mesma unção daquele

que a Providência Divina talhou com o privilégio sagrado da persuasão, ou da arte sutil de convencimento.

Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro pode não ser dotado de surtos oratórios, de arroubos tribunícios - e assim dizendo não nego que os tenha - mas é certo que possui o que é mais precioso ainda, a arte difícil de convencer.

Basta que se ouçam as suas prédicas dominicais no sacrifício da Santa Missa.

Ouvi-lo nessas ocasiões é sair dali com a alma refrigerada pelos ensinamentos que edificam e elevam as consciências hesitantes.

Essa maneira lhana, meiga, atraente, que o notabiliza como sacerdote, consagrado há 60 proveitosos anos de evangelização, ele a tem empregado não somente como ministro da Igreja de Cristo como também no magistério, seara em que poucos têm conseguido atuar como ele em terras do Cariri.

Di-lo a sua presença como Diretor por longos 50 anos no Colégio Diocesano do Crato, seguindo corretamente a trilha do seu fundador, o inolvidável Padre Francisco de Assis Pita, e pelos próprios e bons exemplos, cada qual mais elevado e nobre, legando à nossa terra, ao Ceará e ao Brasil como um todo, uma plêiade de figuras eminentes na Medicina, no Direito, na Magistratura e em outros mais departamentos do conhecimento humano, todas elas gratas em demonstrações de afeto, de estima e admiração, de que foi atestado frisante o seu Jubileu de Ouro, comemorado dentre as mais vivas e carinhosas provas de reconhecimento e de gratidão.

Ora, Senhores, um exemplar humano de tão nobre estirpe e de tamanha envergadura moral e intelectual, não poderia deixar de ocupar lugar de relevo no templo da cultura caririense que é Instituto Cultural do Cariri, fundado há mais de 40 anos, com páginas fulgurantes nas nossas letras, lugar que de hoje em diante por ele ocupado tornará o nosso sodalício mais importante ainda e mais produtivo na sua semeadura de bens e de riquezas espirituais.

Homem de invulgar capacidade realizadora, que o governo do Estado ciente do seu valor, da sua abnegação e do seu amor à Pátria, recolheu ao seio do Conselho Estadual de Educação, onde, ao lado de luminares do saber, deixou bem impressas as marcas da sua inteligência privilegiada.

Vem honrar os nomes de dois homens de Deus; Dom Francisco de Assis Pires, o nosso segundo Bispo de saudosa memória, como Patrono da Cadeira Nº 9, e de seu último ocupante, Prof. Rubens Gondim Lóssio que tanta grandeza e luz projetou nos mistérios da nossa Igreja, enquanto Deus foi servido.

Seja bem-vindo Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro ao nosso Instituto, que o acolhendo como acolhe de braços abertos, redobra as esperanças de que o Crato, na pessoa de seus homens de representação, continuará a compreender o nosso esforço e dar-nos o

apoio necessário para que prossigamos na nossa caminhada, honrando a memória de seus implantadores maiores - Irineu Pinheiro, Figueiredo Filho e Padre Antônio Gomes de Araújo - e porfiando, acima de tudo, pelo, são princípios da Fraternidade, da Justiça e do amor a Deus.

A Ciência sem Deus é estéril.

O Instituto Cultural do Cariri recebeu, ao instalar-se no dia 18 de Outubro de 1953, as bênçãos da Igreja Católica e à sua sombra há de continuar a produzir os seus ótimos frutos.

Em 12-10-1995

Raimundo de Oliveira Borges
Presidente do ICC

SUBSTITUINDO MONS. RUBENS LOSSIO NO ICC

Mons. Francisco Montenegro

O Instituto Cultural do Cariri é uma sociedade civil, um sodalício, de caráter científico e cultural, que tem por finalidade o estudo das ciências, letras e artes em geral, e especialmente da História e da Geografia Política do Cariri. (Estatutos Capítulo 1º - Art. 1º). O Professor José Newton Alves de Sousa, em momentos de feliz inspiração, definiu o Instituto com muita precisão: "A mais alta Assembléia Cultural do Cariri".

A dimensão do desafio, o tamanho do obstáculo, mede-se pelas armas do combatente, pelo ânimo que retempera a sua vontade, o seu vigor, a sua coragem, a sua confiança, pela certeza e convicção da grandeza de sua obra magistral.

O Instituto Cultural do Cariri abre-se para nós como uma Escola Nova, centro de convergência para assuntos sérios que contém, na sua estrutura de fundo, o embasamento das nossas letras históricas. Trata-se evidentemente de um sodalício cujo conteúdo essencial é dizer "Sim" a toda e qualquer iniciativa de coordenação e sistematização de estudos e pesquisas sobre assuntos e problemas nacionais, encarados sobre todos os aspectos.

O Cônego Francisco Sadoc de Araújo, sócio efetivo do Instituto do Ceará, lembra aos que fazem prospecções históricas, aos que fazem pesquisa, colheita direta de material nas fontes, a captação das bases orais, o conhecimento concreto e objetivo do cenário das personagens principais, a consulta ao documentário existente e conclui: "Necessitamos de uma História que seja Ciência pelo método,

Sabedoria pelas lições de vida e Arte pela beleza da narração".

Meus amigos - O Instituto Cultural do Cariri não precisa arrepende-se do que não fez. Ele possui um patrimônio precioso de riquezas morais e intelectuais. Sempre defendeu a dignidade das letras. Tem dado às letras do nosso País uma série de publicações que bastariam para justificar o seu quase meio século de existência. Aí está o Instituto Cultural do Cariri, com a sua Revista "Itaytera", mais do que uma revista, uma verdadeira antologia, documentário vivo, expressivo, fulgente, registrando, numa seqüência ininterrupta de 39 números, o trabalho intelectual dos valores reais do Crato, do Cariri, do Ceará, do Brasil. Vale a pena lembrar o registro do jornal católico do Ceará, "O Nordeste", por ocasião do aparecimento do primeiro número de "Itaytera" - ano de 1955. - "Itaytera" não é uma Revista vulgar, com a exposição de trabalhos anêmicos. É verdadeiramente uma coletânea de produções másculas, de um grupo de homens cultos, que sabem escrever e que escrevem coisas sérias". E o grande Mestre sociólogo e poeta Filgueiras Lima, em "Correio do Ceará" - junho de 1955 - escreveu: "Itaytera" é, realmente, uma prova exuberante de que a mais fértil zona do Estado do Ceará se quer afirmar definitivamente no campo do pensamento e da cultura". E o Mestre Câmara Cascudo: "Itaytera" não é uma revista - e sim uma antologia cultural do Cariri... É um índice de força criadora que orgulha a todos nós". (Trecho de uma carta a José Figueiredo Filho).

Atingindo o número 39, sem interrupção, "Itaytera", órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri, está bem à vontade para dizer ao Crato, ao Cariri, ao Ceará, ao Brasil: Temos consciência de que cumprimos o nosso dever. De 1955 a 1995, nestes quarenta anos de vida, vivida a serviço do nosso sodalício, fomos fiéis ao que prometemos.

Os sócios falecidos do Instituto Cultural do Cariri formam uma galeria de vultos eminentes que honram a cultura e a ciência do nosso Estado. Aí estão seus livros publicados, conferências proferidas, efemérides relatadas, todo um montão de ensinamento, rico patrimônio para as novas gerações.

O Dr. Raimundo de Oliveira Borges, num de seus maravilhosos pronunciamentos, afirmou: "O Instituto Cultural do Cariri é uma velha agremiação de homens de letras, sempre Nova. Velha, diz ele, porque fundada em 18 de outubro de 1953, nova, porque se revitaliza constantemente com o sangue e o espírito das novas gerações, que garantem a sua perpetuidade".

Meus amigos - O Cariri sempre foi uma realidade consoladora nesta imensa região meridional do nosso Estado. As pessoas que têm algo a contar sobre o que somos e o que fomos precisam tomar consciência deste conhecimento e compreender a importância desta contribuição, ensinando aos mais jovens. Precisamos adquirir o sentido histórico e transcendente na história da nossa vida.

Aí temos toda uma historiografia caririense, um verdadeiro desafio para os valores novos vocacionados para as pesquisas

históricas do Vale do Cariri.

O Instituto Cultural do Cariri tem ocasionado um verdadeiro reboiço no campo rico da nossa intelectualidade. Temos, como exemplo, a presença sempre animada e explosiva dos fundadores, aquele grupo formador da primeira geração do Instituto, composto de homens feitos, tomados de ponderação, aliada ao entusiasmo, Mestres abalizados, inteligências privilegiadas, verdadeiros heróis bandeirantes, mergulhados na pesquisa e na divulgação consciente das raízes da "gens" cariariense. Era o Cariri- Cearense, cheio de sua cultura, instrumentando a juventude estudiosa da nossa terra para um estudo mais sério e construtivo em busca de raízes mais profundas do nosso povo.

Por que não lembrar, nesta altura, o que revela o gênio poético de Fernando Pessoa?"... tudo vale a pena, quando a alma não é pequena..."

Quem pode esquecer aquelas palavras vibrantes, convincentes, comunicativas, de profunda realidade histórica, do Mestre Irineu Pinheiro, livro aberto para as gerações novas do Cariri, pioneiro da idéia da fundação do Instituto Cultural do Cariri? Palavras proferidas no seu discurso de posse da primeira diretoria deste sodalício, no dia 18 de outubro de 1953?!... Assim falava o Mestre, em tom de comando: "Não se deve comemorar, apenas, com festas, fogos, banquetes, com manifestações de cunho transitório, datas que nos são caras e gloriosas, mas, também, solenizá-las com algo que seja mais alto e duradouro. Falou-se, a princípio, em fundar-se aqui, nas festas do primeiro centenário da nossa cidade do Crato, uma Academia de letras. Mas caiu logo a idéia, evidentemente inexecutável em meio como o nosso, de muito restrito âmbito intelectual". E ele mesmo, o Mestre Irineu Pinheiro, se perguntava: "onde encontraríamos 40 sócios, número que já é clássico para a construção do nosso sodalício?! Lembrou-se, então, da criação de uma nova sociedade que cultivasse nossas letras históricas, estudasse nossos costumes e nosso folclore, averiguasse as origens da nossa gente, tudo registrando e interpretando com inteligência e critério". E ele mesmo sugeriu o nome: Instituto Cultural do Cariri - I.C.C. - e explicou: "Porque a ele podem pertencer todos os que nesta nossa região nasceram ou trabalham e quiserem estudar questões que a interessem ao sabor de suas inclinações em qualquer dos ramos do saber relativos à história, geografia, geologia, etnologia, genealogia". E assim conclui: "Há muito o que se escrever sobre o sul do nosso Estado, muito que se rever e corrigir".

Meus amigos - o Cariri tem a sua história bem marcada na história do Ceará.

Do ponto de vista geográfico, arrimou-se na opulência da natureza de um vale ubertoso, afirmando-se em verdadeiro oásis na hinterlândia cearense. Demograficamente, ostenta uma densidade

humana incomum, guardando estilo de vida cearense, de conservação de seus hábitos e costumes, de amor ao trabalho, de combatividade em defesa de seus ideais e na constância de seus elevados propósitos de aperfeiçoamento da pessoa humana. Economicamente, é base de uma riqueza bem distribuída. Em que pese a ineficiência da tutela dos poderes públicos, o Cariri se faz Luz na Terra da Luz. Traçou itinerário de glória na preocupação do cultivo das letras. O Cariri foi a primeira região do interior do Ceará a inserir-se no esquema universitário. Af está a nossa Universidade Regional do Cariri - a URCA. Que ela consolide, renove, enriqueça cada vez mais o patrimônio milenar da Cultura e da Civilização, dentro de uma axiologia valorizadora da razão e do bom senso.

Um dos pontos principais do Programa de Ação do Instituto Cultural do Cariri é, precisamente, o contacto permanente com os intelectuais caririenses, espalhados por este Brasil afora. Na expressão feliz de Figueiredo Filho "... é a voz da terra que conclama a todos para o trabalho comum de seu engrandecimento..."

Meus prezados sócios efetivos do Instituto Cultural do Cariri - Não me sinto estranho em vosso meio. Revejo aqui, na minha grande saudade, amigos que o coração conhece, na Galeria dos Patronos das Cadeiras deste Instituto - Dr. Irineu Nogueira Pinheiro, meu médico, quando eu era ainda seminarista. Dom Francisco de Assis Pires, o São Francisco redivivo, o Bom Pastor, que entrou de cheio no coração da gente, o Bispo que me fez Padre, a quem servi como seu Cerimoniário, durante vinte e cinco (25) anos. Padre Emílio Leite Cabral, meu professor de Geografia no Seminário do Crato e eu tinha apenas onze (11) anos de idade, Monsenhor Francisco de Assis Pita, meu Professor de Matemática, no Seminário, fundador do Ginásio do Crato, Instituição de Ensino que eu dirigi, durante 52 anos consecutivos, José Figueiredo Filho, amigo dos melhores, gente da gente, grande Mestre, trabalhamos juntos nos Colégios Diocesano e Santa Teresa de Jesus do Crato. Homem sério, valente, corajoso, Fé intrépida, apóstolo leigo da Ação Católica Diocesana dos mais edificantes. Padre Antônio Gomes de Araújo, meu Professor de História no Seminário do Crato. Morou comigo, no Colégio Diocesano, durante 30 anos, Mons. Pedro Rocha de Oliveira meu grande irmão no Seminário. Trabalhamos juntos desde 1937, quando se ordenou, até janeiro de 1971, quando partiu para a Casa do Pai. Amigo dos melhores. Quando Reitor do Seminário do Crato, lembrava a figura impressionante de São José, o encarregado do Pai para guardar a Casa de Nazaré. No Hospital São Francisco de Assis, até que parecia um São Vicente de Paulo ambulante. - Quanta Caridade! Quanta Bondade! - Quanta Santidade!... Na lista dos sócios efetivos, que ocupam suas cadeiras respectivas, vejo ex-alunos do Diocesano, bons amigos de sempre. No Comando desta Casa da Cultura, vejo a figura eminente do nosso Mestre Dr. Raimundo de Oliveira Borges, Homem a quem o Crato deve tanto. Mestre, pensador

e grande jurista. Com sua inteligência lúcida vem iluminando as gerações novas. É uma alegria imensa ver o Velho Mestre, sempre jovem, nos seus oitenta e oito anos, lançar-se ao trabalho imenso de impregnar de vida e de verdade cristã a inteligência brasileira, procurando viver a sua fé e a sua esperança, com simplicidade e autenticidade. Há neste homem uma mística impressionante. Com a mesma lucidez da mocidade, com a mesma fidelidade aos princípios e aos valores que sempre orientaram a sua vida, pode ser apresentado às novas gerações como um modelo de intelectual e de bom cristão. O testemunho da sua atividade, ao longo de quase cinqüenta anos vividos em vários campos do saber, honra a inteligência do homem de letras, do Mestre que revela, aos oitenta e oito anos, uma juventude perene que antecipa a eterna juventude dos bem-aventurados. Foi Diretor das Faculdades de Filosofia, de Economia e de Direito, e, hoje, para alegria de todos nós, comanda a nossa Casa da Cultura com serenidade, com prudência e com muito apuro.

Meus companheiros - sócios efetivos do Instituto Cultural do Cariri - Por vossa bondade aqui estou porque me elegestes para ocupar a Cadeira número 9 do nosso Instituto. Agradeço a todos a honrosa confiança e prometo tudo fazer para merecê-la. Sinto-me feliz no vosso meio e para mim é uma honra sentar-me ao vosso lado para beber convosco a taça do vosso saber, da vossa experiência, da vossa bondade, da vossa amizade. Não me considero um homem de letras, ou de pesquisas qualificadas, ou de prospecções mais profundas no campo da ciência. Minha arte, meu espírito, minha sensibilidade, minha palavra, minha escrita, tudo o que sou e tenho pertence ao patrimônio da minha formação sacerdotal. Eu sou Padre. E sinto-me Padre. Estou substituindo o ocupante da Cadeira número 9, de saudosa memória, Mons. Rubens Gondim Lóssio. Nasceu na cidade de Jardim, Ceará, no dia 27 de maio de 1924. Era filho legítimo de Júlio Lóssio e Eleonor Gondim Lóssio. Fez o curso de humanidades no Seminário São José do Crato e o de Filosofia e Teologia no Seminário da Prainha, em Fortaleza. Ordenou-se Sacerdote católico, no dia 20 de dezembro de 1947. Foi Cura da Sé Catedral de Crato e professor de vários Colégios da cidade e lecionou na Faculdade de Filosofia do Crato, integrante, hoje, das unidades da Universidade Regional do Cariri - URCA. Deixando a Diocese do Crato, fixou residência na Cidade de Recife, Pernambuco, ocupando o cargo de Magnífico Reitor da Universidade Católica de Pernambuco.

Na solenidade de sua posse no Instituto Cultural do Cariri, ocupando a Cadeira número 9, da Secção de Letras de que é Patrono Dom Francisco de Assis Pires, proferiu magistral discurso, em que traçou, em linguagem escorreita, a biografia do ilustre antístite, Dom Francisco de Assis Pires, cuja memória o Crato ainda hoje reverencia com saudade.

O discurso de posse de Mons. Rubens Gondim Lóssio foi

publicado na Revista "Itaytera", número 14.

O Crato lamentou profundamente a sua mudança para a capital de Pernambuco, Recife. Aqui, porém, deixou marcante a sua passagem pelos diversos setores das suas atividades normais. No seu livro "A serviço da palavra - sob o impacto das mudanças", o autor, no Prefácio, revela o seguinte: "Esta publicação recebe o patrocínio do Instituto Cultural do Cariri, do Crato, porque foi aí que vivi a parte mais ativa e mais cativa de minha vida de Padre e de Homem".

O Dr. Raimundo de Oliveira Borges, por ocasião do lançamento do livro, no Instituto Cultural do Cariri, faz a apresentação numa saudação feliz e oportuna ao autor e focaliza-o como o Cidadão e o Apóstolo. Cidadão, o que goza dos direitos civis e políticos, probo ao desempenho dos seus deveres. Apóstolo, o que prega a doutrina religiosa, zeloso na pregação evangélica, guia espiritual no trabalho fecundo do seu apostolado.

Foi à luz desses princípios, diz o Mestre Borges, que me acostumei a admirar Monsenhor Rubens Gondim Lóssio, pelo seu poder de comunicabilidade edificante. Não a comunicabilidade que os exageros da época vulgarizam e deturpam, mas a comunicabilidade sadia, vazada em linguagem correta, que persuade, que convence, que orienta, que aperfeiçoa.

Meus amigos - Nunca ninguém disse melhor, com expressões mais adequadas, ricas da riqueza do Céu, do que o Mestre Borges ao Mestre Rubens Lóssio.

A presença de Mons. Rubens Gondim Lóssio na Diocese do Crato foi uma aurora para muitos. Foi uma grande luz para todos.

Mons. Rubens se preparava para vãos mais elevados na história da sua vida sacerdotal, dando tudo da sua energia, do seu zelo de Pastor, de sua dedicação, de sua inteligência, aprimorada por um fecundo apostolado missionário a serviço da sua Igreja, pérolas preciosas engastadas no tesouro da sua juventude sacerdotal, quando, de repente, foi visitado pela adversidade e, com os olhos fitos em Deus e o coração mergulhado profundamente no Coração da Mãe de Deus, da sua querida Senhora da Penha, aproveitou a oportunidade para acumular a força dos talentos em proveito do seu ideal. Na hora da dor, nunca deixou secar, em si mesmo, as fontes vivas da Caridade Cristã. O ressecamento da raiz é bem mais perigoso do que a própria heresia. O importante, o essencial, nesta nossa caminhada de fé, é o horizonte que se abre no encontro com o Divino Amigo, este estuário perene do nosso profetismo, o Mestre Divino, que nos revela o modo de viver, o modo de esperar, o modo de agir. E este Cristo de Deus é uma raiz que jamais resseca. É fonte de Vida. É Água Viva. É Pão que desce do Céu. É Ressurreição e Vida. É Dom de Deus. E este encontro fascinante com o Cristo Jesus era um conforto, um alívio, uma fortaleza, uma confiança para aquele que teve o privilégio de cruzar, com os dele, os próprios passos. Nos seus passos perdidos, Rubens Lóssio não perdia passos,

porque caminhava seguro em busca da direção da luz. Sentia de perto a vibração da Palavra Divina. "Como o Pai me amou, Eu também vos amei. Permaneci no meu Amor. O meu mandamento é este: Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei". (Jo 15).

Jesus, na sua despedida, abre espaço para uma convivência humana regida pelos valores do Amor, da Verdade, da Justiça. Veio para que todos tenham Vida. (Jo. 10,10). Era o Reino chegando, a Aurora nascendo, a Fonte jorrando (Is. 43,19). Era o abraço terno, paterno, fraterno, eterno.

É, precisamente, nesta espécie de simbiose mística de União e de Amor de Deus, que deparamos com a beleza, com a grandeza da pessoa humana. Por isso é que Nosso Senhor ainda hoje nos diz, a mim e a cada um de nós: "Buscai primeiro o Reino de Deus e a Sua Justiça e tudo mais vos será dado por acréscimo". (Mat. 6,33).

O Cardeal Ângelo Sodano, Secretário de Estado no Vaticano, por ocasião do último Sínodo dos Bispos, na conclusão da sua intervenção sinodal disse: "Uma coisa é certa: o objetivo da atividade é anunciar Cristo (...) Sem nos cansar e sem desanimar diante das dificuldades, cada um de nós deveria repetir com São Paulo: O que importa? Desde que Cristo seja anunciado de algum modo, eu me alegro e continuarei a alegrar-me".

Diante dos falsos sorrisos do Imperador da Rússia Soviética, a única resposta verdadeira é a de João no "Anticristo" de Soloviev: "Aquilo que temos de mais caro no cristianismo é Cristo mesmo, Ele é tudo aquilo que vem dele". Esta resposta ecoa no início da Encíclica programática de João Paulo II. "O Redentor do Homem". "O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmos e da história".

Esta unidade na defesa do essencial faz com que sejamos mais livres, menos radicais, nos juízos históricos, ao arriscar tomadas de posições sobre este ou aquele evento histórico e também para mudar de idéia quando pensamos diferente ou nos dizem que erramos. A batalha pela liberdade dentro da Igreja, ou fora da Igreja, nas coisas não necessárias, é apaixonante. O Papa João Vinte e Três tinha em sua mesa uma frase de Santo Agostinho que dizia assim: "No essencial, Unidade; na dúvida, Liberdade; em tudo, Caridade". A 4ª Conferência Episcopal Latina Americana de São Domingos, presidida pelo Secretário de Estado no Vaticano, Cardeal Ângelo Sodano, foi comandada dentro desta linha traçada por Santo Agostinho. Dom Serafim Fernandes de Araújo, Arcebispo de Belo Horizonte e Vice-Presidente da Conferência, disse: "A liberdade entre nós foi ter dirigido a atenção aos pontos vitais. E concluiu: A Fé é o maior bem da nossa vida. É isso que nós, Bispos, devemos conservar e levar a todos". O Papa João Paulo II, no seu livro magistral "Cruzando o Limiar da Esperança", numa entrevista que causou surpresa ao mundo inteiro, busca todos os meios para chegar aos homens a Boa Nova, gritando evangelicamente de cima dos telhados, hoje, cheios de antenas de TV,

gritando que existe a Esperança e que ela tem base naquela linha da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, quando Ele diz: "Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios salvar alguns (1 Cor. 9,22). O Papa lança o anúncio revolucionário sobre o qual se baseia toda a Fé: "Jesus - é o Salvador. Somente nele há a salvação. Cristo ontem, hoje e sempre".

Meus amigos - De mim sei, e todos sabem comigo, que na vida de Mons. Rubens Gondim Lóssio o "sentir com a Igreja" sempre representou para ele uma Afirmação e um Programa de Vida. Em Pleno Concílio Vaticano II, atualizou-se sem demagogia. Agiu sem precipitação. Foi sobretudo um homem de grande coração. Não o digam apenas os que tiveram a ventura de participar de perto de sua intimidade. Di-lo toda a sua vida, tudo o que representou na ordem religiosa, no pastoreio de suas ovelhas, no campo educacional, comandando a Juventude Universitária na hora difícil do equilíbrio, do bom senso, em que os jovens inquietos dos centros mais adiantados precisam de Luz, de compreensão, de acompanhamento, de apoio, de uma orientação segura para enfrentar as tempestades do mundo moderno. E Mons. Rubens Lóssio, assumindo a Reitoria da Universidade Católica de Pernambuco, na década de setenta, inteligência lúcida, pô-la toda a serviço das grandes causas. Uma inteligência sempre iluminada por um grande coração. Tinha no sangue o calor da sua terra natal. O equilíbrio entre os dotes afetivos e intelectuais fez dele um cearense - pernambucano sutil, sereno, prudente, ático. Sua palavra era mansa e discreta. Sua ação, uma ação cuidadosa e firme, nunca aventureira e desordenada. Corajoso e valente, militante da sua Igreja, Fé irradiante, firme e esclarecida, alimentada pelo Pão da Vida. Na milícia de Deus, batalhava com um espírito que trazia mergulhado no Coração de Jesus e no Coração da sua Mãe querida, a Senhora da Penha, Padroeira da Catedral do Crato.

Grande Mestre - Grande Educador - Grande Homem de Deus!

Meus amigos - Eu sempre acreditei, dentro da minha Igreja, na necessidade de "sinais tangíveis" da presença de Deus entre nós.

Eu creio na fé daqueles meus irmãos que acreditam muito mais quando o Pai do Céu doa sinais sensíveis da sua presença no meio de nós.

E Eu acredito, na minha devoção de Padre, que a Nossa Mãe do Céu é o caminho mais simples que nos leva ao essencial, ao encontro do Cristo Jesus.

Rubens Lóssio, no meio de tantas discussões em assuntos acessórios sempre acreditou que o caminho mais seguro para chegar ao essencial era Maria - Ad Jesum per Mariam. E por aí, ali chegou em paz.

Meus amigos - Nesta Casa da Cultura e da Verdade, onde Mons. Rubens Gondim Lóssio ocupou com brilhantismo a Cadeira número 9, patrocinada por Dom Francisco de Assis Pires, tenho certeza, seu nome será respeitosamente lembrado, sua memória e seu exemplo sempre

venerados.

É hora de concluir. Prometendo dar ao nosso Instituto o máximo do mínimo de que disponho, resta-me um agradecimento especial ao Dr. Raimundo de Oliveira Borges pelas palavras benévolas a mim dirigidas a título de saudação. O meu agradecimento sincero a quantos compareceram a esta solenidade e com a sua presença vieram enriquecer a beleza deste convívio tão agradável em que correm parênteses a gratidão e a amizade. Obrigado!...

Crato, 12 de outubro de 1995

*Instituto Cultural do Cariri - Casa da Cultura.
Discurso de Posse no Instituto Cultural do Cariri.*

Mons. Francisco Holanda Montenegro.

FAMÍLIA LÓSSIO AGRADECE

Excelentíssimo Dr. Raimundo de Oliveira Borges

Digno Presidente do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Excelentíssimo MONSENHOR FRANCISCO HOLANDA
MONTENEGRO

Digno Homenageado

Excelentíssimas senhoras, meus senhores.

Para mim, como representante da Família GONDIM LÓSSIO, não por mérito pessoal, mas pelo simples fato de ser atualmente o irmão mais velho dos presentes, é uma inegável honra e um grande prazer dirigir-me, neste momento, à elite intelectual do Cariri - representada aqui, muito apropriada e justamente, pela colenda congregação do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, nesta especial solenidade em que Mons. Francisco de Holanda assume e é solenemente empossado na Cadeira nº 9 do referido INSTITUTO, cujo Patrono é o saudoso D.FRANCISCO DE ASSIS PIRES e cujo último ocupante foi nosso inesquecível Irmão, recentemente falecido, Professor RUBENS GONDIM LÓSSIO, sem dúvida nenhuma, uma das expressões maiores da Cultura Caririense.

Minha satisfação é autêntica e sinceramente profunda, por dois motivos.

O primeiro é, sem dúvida, a feliz e acertada escolha do Sucessor MONSENHOR MONTENEGRO por tudo que é, e por tudo que representa no CRATO e no Cariri, já seria por si mesmo, a pessoa mais indicada para ocupar uma Cadeira dessa veneranda Instituição, fato

que eu só estranho não ter já ocorrido há muito tempo.

Mas a Providência tem seus caminhos, - que, como sabemos, as vezes são tortuosas, - e eu estou persuadido de que foi isto, exatamente, o que ocorreu neste caso. MONSENHOR MONTENEGRO teve que esperar tanto tempo porque a Providência o reservava exatamente para substituir MONSENHOR RUBENS GONDIM LÓSSIO, seu velho companheiro de muitas caminhadas e amigo do peito e do coração, como ele tão bem frisou em suas eloqüentes palavras.

E é esse procedimento o primeiro motivo da grande satisfação de toda a nossa família: ver a cadeira do Professor Rubens Gondim Lóssio ocupada pela pessoa que, a nosso ver, merece ocupá-la: seu velho companheiro e seu grande amigo.

A segunda e última grande satisfação e profunda emoção que nos invadem neste momento, é ter ouvido, dos lábios do MONSENHOR MONTENEGRO, em seu discurso de posse, essas palavras fervorosas e eloqüentes a respeito de nosso Irmão, palavras que sabemos serem inteiramente sinceras e, vindo de onde vierem, representam para nós uma profunda e autêntica satisfação.

Obrigado, portanto, a MONSENHOR MONTENEGRO, pelos seus emocionantes conceitos emitidos e dirigidos aquele a quem tanto amamos, - e obrigado em nome de toda a Família GONDIM LÓSSIO, a Colenda Congregação do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, pela magnífica escolha desse novo companheiro que vai, sem dúvida alguma, não somente substituir a altura o nome do nosso Irmão, mas honrar, em todo mérito, a Instituição que o está escolhendo hoje. A TODOS, portanto, MUITO OBRIGADO.

José Gondim Lóssio. (12.10.95)

TRECHO LITERÁRIO

**DO LIVRO "O CAFÉ CENTRAL", DO ESCRITOR GUARANI
VALENÇA DE ARARIPE, Baiano com raízes cratenses. - Capítulo 2 -**

Família de Maria

Nascidos no Crato estado do Ceará, os irmãos de Maria ainda eram pequenos quando seus pais deixaram aquela Cidade, aquela Região do Cariri. Maria era a primeira filha de Francisco Pedro d'Alcântara Alencar Araripe e Filadélfia Monte Lima Alencar Araripe.

Irinéia, Chrissólito, Clotildes Raimundo e Hudson, ainda crianças tiveram que enfrentar uma jornada de adultos no deslocamento da família, de mudança para Fortaleza, fugindo da seca que assolava todo o Estado, e, aquela região em particular.

Naquela mesma época, 1877/8 falecia seu avô Manoel do Monte Furtado, e sua avó Laurentina Laura Lima Verde, filha segunda da união do Padre Joaquim Ferreira Lima Verde com Maria Vicência de Lima, que ficara viúva, herdou a propriedade Sítio do Lameiro e diante de muitas dificuldades para mantê-lo em época de seca, resolvera vender, para que a família pudesse sobreviver. Vendeu-o a Nelson da Franca Alencar, sobrinho de seu marido.

Seu genro Francisco Pedro, estava levando a família para Fortaleza e ela resolveu acompanhá-los. Dividiu parte do dinheiro da venda do sítio com seus filhos Honor e Rubens e abandonou o Crato para sempre.

Seus avós haviam casado em 1852. No ano seguinte a vila onde moravam foi elevada à categoria de cidade. Contavam da alegria do povo de toda a região por esse dia de 17 de outubro, uma segunda feira, que por força do artigo único da Lei nº 628, sancionada pelo presidente Dr. Joaquim Vilela de Castro Tavares, o Crato recebia como presente, embora demorado se considerassem o adiantamento daquela progressiva comunidade.

Das festas de comemoração, e promessas políticas na oportunidade, a euforia tomava conta de todos. Anos antes, quando era presidente da Província o senhor Inácio Francisco da Mota, em dezembro de 1850, já havia sido sancionada a lei que autorizava a construção de "uma casa de mercado público".

Em julho de 1853, o então presidente da Câmara, mandava fosse lançada a pedra fundamental para a construção do cemitério. Foi erguido aos fundos da capela em homenagem ao Senhor Bom Jesus dos Pecadores.

Em janeiro de 1854, com quase dois mil habitantes, a área urbana do Crato, estendia-se na direção norte/sul, da Travessa das Olarias até

o sítio do Pisa, e na direção leste/oeste, da Rua da Boa Vista à Pedra Lavrada.

O Crato gabava-se de ter sido a quinta cidade do Ceará. Fortaleza, emancipara-se em 1823; Sobral em 1841; Icó e Aracati em 1842. O Crato, fora a primeira em todo o sul do estado.

O Crato fora um solo bendito onde gerações haviam deixado marcadas expressões de elevado cunho patriótico, como a República do Equador, onde seus ancestrais - Família Alencar - deram um quinhão significativo no estabelecimento dessa luta, que sem dúvida muito ajudou na conquista da Independência do País.

Descendente direta desses precursores: Bárbara Gonçalves Pereira de Alencar, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, José Martiniano de Alencar e muitos outros, procurava sempre com muito interesse e seriedade discutir o assunto passando-o aos seus.

O município do Crato como centro de região, dirigiu durante algum tempo os destinos políticos de todo o sul do estado, deflagrando o processo de desenvolvimento de uma vasta área circunvizinha nos estados do Piauí, Pernambuco, Paraíba e Bahia. Este último contribuiu com expressiva parcela dessa colonização.

Atenta às histórias contadas por sua mãe Filadélfia, Maria aprendera a valorizar o berço onde nascera e a respeitar os exemplos deixados por esses ascendentes, e da importância que representaram no cenário nacional, pelos seus feitos heróicos.

Sua mãe Filadélfia contava sobre o Sítio do Lameiro que fora propriedade de seu avô, herdado dos pais Manuel do Monte Furtado e Matilde Barbosa de Mesquita, e constituía uma história à parte. Seu pai Francisco Pedro, era brigado com seu sogro Manuel do Monte e por isso, pouco permitia que ela e os filhos visitassem o sítio. Quando da morte de seu avô Manuel do Monte, seu marido Francisco Pedro não permitiu que se recebesse qualquer parte na herança.

O Lameiro havia pertencido anteriormente, a Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, que o comprou em 1816, do capitão Mathias Ferreira de Holanda e sua mulher Maria Teixeira de Carvalho; pertenceu depois a Inácia Pereira de Alencar, tia de Tristão, herdando-o de seu marido Antônio Leão da Franca Alencar.

Falava do seu amado Crato, como uma região que se desenvolveu da garra de colonizadores vindos de Portugal, dos índios da tribo cariri-açus e dos negros escravos, que também, souberam dar sua quota anônima de sacrifício, nesse desbravamento.

Deixar aquele torrão tão grato nas recordações de sua infância, para Maria, era mais que lamento: era a desesperança do que havia participado até então. Esse lamento contudo, era diminuído com a possibilidade de um mundo novo, onde todos os seus e os retirantes viessem encontrar alento para seus dramas.

Recordava-se Maria com muita saudade, do cordão azul no horizonte sul, onde a visão da Chapada do Araripe, de suas origens,

representava um abraço amigo e paternal a todos que a contemplavam; das belas e puras fontes de águas cristalinas, que se fossem canalizadas em conjunto, poderiam sem sombra de dúvida, minorar o sacrifício de milhares e, por incúria dos poderes constituídos, jorravam insistentemente noite e dia sem serem aproveitadas, senão para a alegria de poucos e a necessidade de muitos.

Ouvia histórias sobre a dedicação do Padre Félix, que fora incansável quando do ataque de cólera morbos em 1862 e, que não tendo mais o que dar aos flagelados, deu seu canivete e sua rede.

No ano do nascimento de Maria, Padre IBIAPINA com seu denodado esforço e ajuda do povo bom da terra, erguia as casas de Caridade do Crato, Barbalha e Milagres.

Ainda menina, em 1875 lembrava-se da instalação do Seminário Episcopal do Crato fundado pelos padres lazaristas, o primeiro do sul do estado. Ficara tão admirada com a obra que prometera a si mesmo que o seu primeiro filho estudaria num seminário.

Ouvia sua avó dizer que o nome anterior do Crato, fora: Curato de São Fidelis de Sigmaringa, depois Curato de São Fidelis, em seguida Curato e por fim, Crato.

Contava ainda das histórias de sua avó Laurentina sobre seu pai Padre Joaquim Ferreira Lima Verde, cujo nome Verde fora anexado ao seu próprio pelo prior do Seminário de São Luis onde estudava, devido a completa homonomia com um primo que estudava na mesma época. Era dono de um importante sítio chamado Fábrica, onde lá erguera a sua igreja. Não exercia a vigaria, mas realizava seus ofícios religiosos nesse templo.

Era um homem rico, trabalhava na agricultura com lavoura de cana de açúcar e na criação de gado. Fora ainda Deputado Provincial por duas legislaturas (1858 - 1859 e 1860 - 1861) e ainda vibrante jornalista, falecendo em Bom Jesus do Quixelô, município de Iguatu, a 19 de maio de 1875, para onde se mudara.

Havia registro em documentos, que deixara uma procuração para ser recebida uma herança em Portugal de onde provinham seus ancestrais.

Sua avó Laurentina, ainda falava sobre seus irmãos, que eram oito, sendo uma da primeira união com Cosma Maria, que se chamava Isbela Maria da Franca, nome provavelmente herdado de avó Maria Izabel da Franca (Iaiá Zabel), e dos outros sete, da união com Vicença Maria.

A seca assolara toda a região do Cariri e grande parte do Ceará. A viagem de um extremo ao outro do Estado, naquela época, era uma jornada difícil, corajosa e cheia de percalços. O único meio de transporte era o animal de montaria. O percurso cobriria algumas dezenas de léguas e muitos dias e noites de viagem. As paradas só poderiam ser feitas à noite

para abrigar e ainda descansar os animais.

Além da segurança, era necessário pensar na manutenção dos alimentos para todos os viajantes pois essas refeições, na maioria das vezes, seriam feitas no próprio campo aberto, embora abrigados; esse espaço, era também caminho dos animais. Para as crianças, até que seria uma fuzarca se a duração dos dias viajando não se tornasse enfadonha e cansativa.

Para os mais idosos era um sacrifício dos mais penosos, quase um desastre, devido as sequelas futuras. Tornava-se necessário enfrentar os perigos se quisessem sobreviver à catástrofe que se abateria sobre o Estado como um todo.

Continuar vivendo onde estavam seria um sacrifício além das forças e das esperanças também: danos para crianças e idosos. O meio rural já não supria as faltas que eram sentidas na zona urbana. Tudo havia se nivelado por baixo. O gado morrera, as plantações secaram, agricultores e trabalhadores abandonaram a terra e o comércio já fechava suas portas pela falta de quem vender e a quem vender. Um drama que somente o nordestino acostumara-se a enfrentar.

Na realidade, a seca de 1877/8 deixou marcas profundas, difíceis de esquecer. Os dados eram alarmantes: morte de 500.000 habitantes do Ceará e arredores, 50% da população. Desta mortandade, 150.000 de inanição; 100.000 de doenças - febres; 80.000 de varíola e 180.000 de má alimentação, fome e sede.

São os versos de Padre Antônio Tomás no soneto "Fome", dizendo toda a verdade dessa cruenta situação:

"Que nada existe igual à dor sem nome
Ao desespero atrás que n'alma sente
A mãe que um filho vê morrer de fome"

Durante a aventureira viagem passaram por algumas cidades onde o drama comovia mais que auxiliava os passantes. Foram dias e noites de uma jornada dura onde até caçuaí fora usado para levar os menores que inquietos protestavam a todos os momentos depois que os aspectos desagradáveis da viagem foram mostrados. Desaparecera a algazarra: agora eram só lamentos e protestos. A monotonia do dia-a-dia repetindo tudo do amanhecer ao anoitecer levava as crianças ao desespero no comportamento.

O destino Fortaleza, se justificava pelas esperanças, e pelo apoio que por certo receberiam dos parentes lá residentes e nas oportunidades de trabalho para seu pai, na formação escolar dela e de seus irmãos, embora soubessem das condições que haviam transformado a Capital: concentração de retirantes e flagelados que aguardavam um alívio para seus principais males: fome e epidemias.

Após essa inesquecível aventura, que ficara gravada em todas as mentes sem jamais serem apagadas, as peripécias que toda a família e seus acompanhantes sofreram e padeceram, durante aquelas longas semanas que marcaram o percurso: Crato/Fortaleza, chegam afinal de 'armas e bagagens', com aparências lamentáveis, e hospedam-se com os parentes até se arranjarem. A Cidade não apresentava bom aspecto. Por todos os lados o drama era o mesmo. O governo local fazia o que podia; as famílias de posses organizavam mutirões na sociedade para a distribuição de alimentos que viessem aplacar a fome desses necessitados.

Os poucos médicos, alertavam para o perigo da disseminação de doenças trazidas e desenvolvidas na promiscuidade de vida desses retirantes, que doentes, mal alimentados com sede, sem remédios e sem qualquer higiene, mais agravado pela falta de água, iam sobrevivendo nas ruas, calçadas e praças.

Reuní-los em um só lugar até que poderia ter sido uma solução, mas funcionara exatamente ao contrário, correndo o risco talvez maior, na aceleração do aspecto epidêmico, crescendo incontrolavelmente. A vacinação era obra para sacerdote tal a carência de recursos para fazer face ao gigantesco drama que se repetia a cada leva provocada pela fuga indiscriminada desses retirantes.

O apoio dado pelos parentes aos familiares de Maria, foi tão seguro, que em pouco tempo, todos já estavam morando numa casa e seu pai já trabalhando. O trabalho arranjado por um figurão da família foi numa repartição do Governo. A casa era muito pequena, mas para eles bastava sobretudo numa hora como aquela onde qualquer abrigo parecia um palacete. Além de todos juntos, não havia mais a preocupação de estarem divididos em várias casas de parentes e vivendo inteiramente de favores.

Atingido o tempo de escolas, surgira uma outra dificuldade: a falta de escolas que oferecessem certa qualidade no aprendizado: tudo era improvisado, mas a partir de 1882/3, o problema começou a melhorar. Maria já uma mocinha com quinze anos, ajudava sua mãe na criação de seus irmãos. Irinéia, Clotildes e Chrissólito crescidos já se preparavam também para ajudar em qualquer assunto que reduzisse o trabalho do pai e da mãe. O estudo fora equacionado com a matrícula em uma pequena escola perto de casa. Maria já estudava no Colégio da Imaculada Conceição, nos próximos anos, também Irinéia e Clotildes fariam o mesmo.

No ano 1883 - 24 de Maio, a Cidade comemorou com festas a Libertação dos Escravos. Havia sido uma demonstração de maturidade e altivez daquele Estado, aparentemente de pequena força, mas já político e socialmente maduro nas suas atitudes. Na casa de Maria fazia anos que eles haviam sidos alforriados e tratados como gente, como amigos de casa e da casa; alguns fazendo parte direta das relações de carinho e amizade de toda a família.

Em casa, ela aprendera desde criança que os semelhantes mereciam os mesmos tratos qualquer que fosse sua condição racial, social ou econômica. Maria então, embora mandona e altiva, sempre os tratava com muito respeito e carinho. Todos participaram das manifestações desse acontecimento, pois somente em 1888 - 13 de Maio, a Princesa Isabel instituía a Lei Áurea, considerando livres os escravos existentes em todo o território nacional. Antecipara-se o Ceará, num exemplo dos mais significativos.

Naquele ano nascera mais uma menina. Recebeu o nome de Lucíola. Não viera ao mundo com a fortaleza das outras. No Crato, sua mãe havia perdido quatro crianças fruto de complicações naturais da época: os partos difíceis pela improvisação das parteiras que se apresentavam com vestes inadequadas, mãos e tesouras sujas, sem precaução anti-séptica suficiente, propiciando o aparecimento de infecções puerperais; dificuldades com a amamentação e os problemas na qualidade da água devido a falta de cuidados na distribuição. Até que a água das fontes da Chapada do Araripe, eram puras, e saudáveis, mas nas épocas de seca com o abandono dos campos, as cidades circunvizinhas recebiam muitos retirantes, até de outras regiões e esse abastecimento ficava comprometido. Dois dos nascimentos tinham sido prematuros e já prenunciavam certa tendência à desnutrição. Assim, os óbitos aconteceram em pouco tempo.

Dos três nascimentos havidos entre os anos de 85, 86 e 87 - Lucíola, Fantina e Julieta, nenhuma conseguira sobreviver. Sua mãe apresentava problemas de saúde e estas crianças nasceram com algumas insuficiências, não conseguindo passar de um ano ou menos.

Submetida a um tratamento cuidadoso, com alimentação mais forte e controlada, alguns remédios e repouso, conseguiu recuperar-se e em 89 voltou a ter uma menina saudável e muito bonitinha que pela alvura da pele passou a chamar-se Argentina.

Seus irmãos já formavam um bom grupo: quatro mulheres e três homens. Chrissólito com dezoito anos, começava a trabalhar para ajudar nos gastos de casa. Fizera seus estudos até ficar em condições de enfrentar os preparatórios para qualquer curso superior, mas não pensava em continuar estudando, mesmo porque as posses de seus pais não permitiam tantos gastos e tanto tempo para iniciar um trabalho, além disso queria ser dono do próprio nariz e constituir família logo cedo.

Hudson com dezesseis anos, tendo se destacado nos cursos que fizera, não só pela caligrafia mas pela facilidade que sentia nas contas, ainda pela satisfação e esmerado gosto em estudar, poderia continuar e se destacar vindo a cursar Direito, Odontologia ou Engenharia. Ao em vez disso preferiu trabalhar e adquirir conhecimentos de comércio e escrituração mercantil.

Raimundo desde os dez anos, por conta própria, sem qualquer influência dos seus, começou a trabalhar mesmo com os reclamos do

pai e tios, embora com elogios e admiração da mãe. Sua tendência era esta e a encarara com a maior seriedade. Se fez homem a partir do recebimento do primeiro salário, quando chegando em casa, todo prosa, disse:

- Agora mamãe a senhora tem um apoio a mais. Acabo de receber meu primeiro ordenado e, tirando as minhas despesas forçadas, que preciso, o resto é todo seu, - disse parecendo um perfeito dono de casa.

Sua mãe não sabia o que dizer, não sabia o que fazer: se ria, chorava mesmo de alegria e contentamento.

- Meu adorado homenzinho, acho que você deve guardar para futuro, pois logo cedo vai querer construir família e sem dúvida será um bom reforço no orçamento para a montagem de uma casa - agradeceu com um abraço e longo beijo no rosto da criança.

Sempre aspirando voar mais alto, viajou aos dezesseis anos como grumete de um navio mercante para o Sul do País. Infelizmente, sua existência durara pouco: falecera aos dezoito anos - dois anos depois de chegar ao Rio de Janeiro, com uma pneumonia aguda que o manteve preso à cama por algum tempo.

Uma vizinha amiga, no interesse de ajudá-lo, pois o via sozinho, tão moço ainda, sem qualquer parente ou pessoa amiga, aplicou-lhe um emplasto que estava muito quente, levando-o à morte: coisas que o destino engendra, para justificar seus desígnios. O destino de cada pessoa, de cada indivíduo, é sempre um mistério - os traços de suas vidas são ditados por Deus, mas guardados no cofre dos mensageiros que os guiam.

Nota da redação de ITAYTERA:

Os dados, nomes, datas e acontecimentos acima narrados tem sua cota de romance. Eventualmente podem confrontar com outros estudos da família Alencar, o que não lhe tiram a beleza e a fecunda criatividade do Autor.

DISCURSO DE PARANINFO

LUIZ LORENA

Caríssimas paraninfadas
Caríssimos paraninfados

Eu sou testemunha.
Eu vi.

Na antemanhã de primeiro de janeiro de 1926, precisamente, o ano que dividiu o período entre as duas grandes guerras eu nasci, para ter o privilégio de viver pelo menos até agora, 70 anos neste século.

Sabemos que o século XX tem parecido breve, e, na verdade tem sido uma era de extremos. A humanidade que ao longo de milênios teve costumes empíricos, foi conduzida a um novo tempo de tecnologia. As guerras que degradam a pessoa humana são obviamente a causa determinante do progresso tecnológico e científico.

Começamos usar máquinas nesta centúria, com a velocidade de 20 km/hora. Já agora neste fim de século e de milênio, atingimos 48.000 kms; possibilitando a exploração do espaço sideral, e, como se não bastasse, o rádio já em desuso, dá lugar à televisão que ocupa os espaços disponíveis, atingindo todos os quadrantes em observação do sistema solar, na velocidade do raio.

A medicina está brincando com o milagre da vida, chegando a reproduzir em série seres normais e saudáveis sob encomenda.

Os transplantes de órgãos, dão-nos uma perspectiva de vida tão fantástica, quanto impossível de avaliação.

A hibernação de corpos já é possível para dar chance de esperar medicamento que lhes sare moléstia ainda incurável.

As aeronaves supersônicas serão em breve objetos de museu.

Os satélites artificiais alcançarão particularidades intra- muros e superarão as fronteiras entre nações.

As viagens espaciais saíram da ficção para rotina. O homem chegou à lua.

A telefonia, não fosse o obstáculo dos idiomas, já teria transformado o mundo numa aldeia global, onde as pessoas mantivessem o mais estreito e informal relacionamento.

Os computadores se ocupam de tarefas inimagináveis no cotidiano do comércio, da indústria e das atividades domésticas e rurais.

A energia solar substituirá a parafernália de máquinas na produção de eletricidade.

A conquista do refrigerador e do fogão a gás, será desprezada por novas opções trazidas pela informática.

Estuda-se a viabilidade da construção de cidades no espaço e nos oceanos.

Os países do velho mundo, estão lançando no meio circulante uma moeda única; deixando-nos a um passo da moeda internacional.

Os esportes atingiram nova dimensão, nesse mundo de extremos.

Na música, o romântico e o erudito abrem lugar para os ritmos populares, promovendo verdadeiro delírio de massas.

As escolas estão sendo invadidas pela informática. É uma consequência inevitável do progresso. Quem não acompanhar esse ritmo galopante da tecnologia, vai figurar no filão dos fracassados.

Tudo isto foi possível acontecer neste século, graças ao talento de muitos, à 'loucura' de alguns e ao espírito guerreiro de outros.

Nessa era, os impérios colonialistas derruíram.

Como se não bastasse a revolução tecnológica, e talvez por isso mesmo, a política projetou-se mais dinâmica. Assistimos à escalada ideológica e filosófica do comunismo numa ascensão de tal forma gigantesca que seria impossível de se prever a sua exaustão e queda em ritmo de implosão.

O muro de Berlim, edificado por motivos políticos, para separar homens da mesma etnia, não resistindo ao vendaval da tecnologia, desintegrou-se.

A história é feita por bravos e lutadores, entretanto, os pusilânimes nunca ficam à margem dos acontecimentos. Infiltrados, procuram muitas vezes inverter os valores e aparecem no topo da pirâmide. O fosso da história tem muito lodo; feliz de quem não precisa deixar, pegadas na lama da história.

É verdade que tudo isto tem acontecido. Eu vi. Entretanto, o que mais assusta é sabermos da fome que ronda a periferia das grandes metrópoles, com agravamento nos países do terceiro mundo.

E no Brasil, como justificar a fome se o milho, o feijão e o arroz se estragam nos armazéns do governo?

A tecnologia deveria ser usada para o combate à fome das populações carentes.

O analfabetismo é outra chaga que deve ser extirpada entre os povos.

Os recursos tecnológicos estão ao alcance da mão, é só lutar sem desfalecimento. Não se diga que "a esperança é a última que morre" porquanto **a esperança é a única que não morre.**

Deve haver conjugação de esforços para construirmos uma sociedade mais fraterna e mais justa.

Caríssimas mestras
Caríssimos mestres

Vocês viverão noutra era e com certeza serão testemunhas e verão coisas e fatos mais surpreendentes; as cortinas do século XXI serão abertas para mostrar horizontes carregados de surpresas desconcertantes.

Grande parte daquilo que faço referência neste discurso, será considerada diversão para criança, mas é por isso mesmo que centuplica a responsabilidade do professor.

Muita coisa poderá ser decepcionante e transformada em ruína, porém eu lhes deixo agora um refrão que será o lema:

Educar é mais que um encargo, educar é um dever.

Serra Talhada, 30 de dezembro de 1995.

***Luiz Lorena (Faculdade de Formação
de Professores - 17ª Turma)***

Documentos históricos

CENTENÁRIO DO DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES E SEXAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO CRATO

Dr. Ebert Fernandes Teles

As reuniões comemorativas do SEXAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO CRATO e CENTENÁRIO DO SENHOR ANTÔNIO FERNANDES TELES tiveram início no dia 17 de outubro de 1991, quando, num coquetel, brindávamos os eventos, num ambiente de muito contentamento e em que se faziam presentes os familiares do DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES, sócios da ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO CRATO e jornalistas.

Naquela oportunidade, fiz os agradecimentos em nome da Família, e me referi a Antônio Primo de Brito, como ilustre empresário e atual detentor da bandeira dessa nobre agremiação; que, movido pela sensibilidade que a inteligência lhe concede, visualizou, nesta festiva reunião, o momento propício para lançar os pródomos das festas comemorativas do SEXAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO CRATO e do CENTENÁRIO DO DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES, que seriam realizados no dia 27 de abril de 1992.

Depois, para melhor assinalar a importância da data, foi mobilizada a coletividade para um ciclo de debates populares, no auditório da Associação Comercial, sobre temas relevantes, para a Cidade e para a Região. Assim é que foram debatidos temas como saneamento básico, em 28 de outubro de 1991 e, no dia 25 de novembro do mesmo ano, discutiu-se a consolidação da URCA. Estes assuntos tiveram grande audiência, despertando o mais vivo interesse. Houve, portanto, um planejamento, um propósito da Diretoria da Associação Comercial de destacar o evento com a melhor impressão que os sentidos capacitam auferir.

Embora os debates continuem em 1992, com temas igualmente importantes, a data do significativo acontecimento foi marcada pela presença de autoridades, familiares e amigos que, num gesto de solidariedade, vieram relembrar as lutas que determinaram a consolidação desta associação de homens livres, principalmente os líderes que contribuíram para o funcionamento deste monumento regional que é a ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO CRATO.

Neste sentido, não se pode obscurecer o nome e o desempenho do trabalho realizado pelo DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES. Os arquivos da Associação Comercial estão bem conservados

para testemunhar o trabalho realizado pelo DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES, nos vinte e cinco anos que esteve como presidente dessa agremiação.

Pesquisas realizadas nas atas das sessões da diretoria da Associação Comercial dão conta, em ata da sessão ordinária, realizada no dia 01 de fevereiro de 1953, lavrada às folhas 72 e 73, que tiveram início as discussões para a construção da sede própria da Associação Comercial. Na ata da 7ª sessão, do dia 09 de março de 1953, fls. 78/79, foi acertada a compra do terreno por Cr\$ 60.000,00 (SESSENTA MIL CRUZEIROS) e, nesta mesma sessão, foi exibido o telegrama do Comandante da 2ª Zona Aérea, comunicando a liberação de CR\$ 1.000.000,00 (HUM MILHÃO DE CRUZEIROS), para a construção do aeroporto do Crato. Constitui fato inegável que, em todas essas ocorrências de interesse para a nossa Região, a Associação Comercial estava presente, no intuito de conseguir o melhor para o Cariri.

Efetivamente, o DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES foi um operário sem férias. Formado em Odontologia, teve curta atuação, havendo comprovação de clientes, testemunhos de seu aprendizado. Apesar de contar apenas com a sua vigilância, a Farmácia Teles grangeara nome regional, pela sua seriedade.

Em maio de 1931, assumiu a gerência do Banco Caixaerial para, em seguida, em 1933, ocupar a presidência do Banco do Cariri, em disputada eleição. Em 1938, consolida a situação do Banco, com a obtenção da Carta Patente, exigência indispensável para o seu funcionamento, conseguindo isto com exaustivo trabalho junto aos Ministérios competentes, no Rio de Janeiro. Era um dos poucos bancos da Região, residindo seus acionistas nas cidades do sul do Ceará e nas cidades de estados vizinhos.

No setor agropecuário, seu rebanho bovino conseguiu prêmios anos seguidos, sem esquecer que a sua intervenção foi decisiva para a construção do Parque de Exposição, onde se faz, anualmente, a maior festa do Cariri.

Como disse na Câmara dos Vereadores, DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES não foi um político de seguidas condecorações. É marcante a sua passagem na Câmara Municipal do Crato, de 1915/1919, quando seu pai Teodorico Teles de Quental, pela solicitação popular, assumira a Prefeitura do Crato.

A política, para a família, não era uma novidade, conhecendo-se que Felipe Teles de Mendonça, pai de Teodorico Teles de Quental, era chefe político de prestígio no Cariri. Não eram profissionais da política. Entende-se que reclamavam um espaço a ser disputado por candidatos de menos capacidade mental e de ânimo menos amistoso do que eles.

A sequência política foi ocupada por Filemon Fernandes Teles, que foi prefeito, deputado estadual diversas vezes, e por Dr. Joaquim Fernandes Teles, prefeito, deputado estadual e deputado federal.

Na geração de filhos e sobrinhos, ainda houve continuidade

política com o Dr. Décio Teles Cartaxo, prefeito municipal e deputado estadual, e Dr. Hermano Monteiro Teles, deputado estadual. Os demais seguiram outras áreas profissionais, não se arriscando às incertezas do jogo político.

A liderança indiscutível do DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES se fazia sentir através de sua integridade moral, que saltava aos olhos das pessoas que ao lado dele, admitindo a autenticidade de suas qualidades positivas, o acompanhavam.

ANTONIO FERNANDES TELES tivera berços que coloriram a sua infância e adolescência nos sítios dos pés-de-Serra do Araripe, onde seu pai possuía vastas áreas. A residência campestre, aí, edificada, tinha engenho ao lado. Para a frente da casa, a calçada com batentes altos, o terreiro percorrido por um córrego e, ao longe, as encostas íngremes da Serra do Araripe, inspirando versos, embalados pelas transparentes águas que saltavam do chão das nascentes ou fluíam das grutas dos rochedos. Mais distante, nas imediações do Riacho da Brígida, ficavam as propriedades dos seus familiares maternos. Era o chão pernambucano, pedregoso, de flora aguerrida, de inverno e verões de paisagens contrastantes. Nestes panoramas amplos e fascinantes, deve ter moldado a sua mente à necessidade dos grandes espaços o que, na vida adulta, vinha explicar a sua fuga do consultório e da farmácia, contornados por paredes, à procura de maiores ambientes, onde seu intelecto pudesse ter maior atuação. Habitante destas paragens do domínio do silêncio, aprendeu a escutar, ouvir, pensar e falar só o necessário. Nas atas da Associação Comercial, encontram-se sessões em que solicitava dos diretores um exame mais demorado do assunto para se tomar uma decisão. Esta audição apurada em contacto com pessoas esclarecidas, por certo, conta, em parte, a história de sua versatilidade.

Comprovam isto seus interlocutores da formação de um Filemon Teles, Dr. Joaquim Fernandes Teles, Dom Francisco de Assis Pires, Mons. Joviniano Barreto, este amicíssimo e vice-presidente do Banco do Cariri, e outros amigos de sua intimidade de confiança e, em geral, os representantes da lei, de quem procurava aproximar-se e ser amigo.

Diz Stefan Zweig que a vida nada concede sem exigir um tributo.

Assim considerando, o DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES não contraiu dívida com a vida. No palco social, o seu trabalho persistente e disciplinado, superou as estimativas, de forma que está recebendo retorno, como à homenagem que lhe foi prestado, em 1982, por ocasião do Cinquentenário da Associação Comercial, quando foi instituída a Medalha de Honra ao Mérito DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES, na administração de José Humberto Mendonça.

Agora, no Sexagésimo Aniversário da Associação Comercial e o Centenário do DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES, volta a ser lembrado, representado pelos filhos, netos e bisnetos, pelos integrantes da Associação Comercial e pela sociedade.

Regressou para assumir seu lugar num clube de difícil acesso, daqueles que cintilam na memória dos seus semelhantes, depois da vida.

Estes, Senhoras e Senhores, são fragmentos da história do cidadão DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES, conhecido, em quase cinquenta anos de vida ativa, pela sua lealdade, honestidade, constituindo um exemplo para os que pensam que os lucros da vida só podem ser obtidos com manobras indignas ou ilícitas.

Senhoras e Senhores:

A honrosa homenagem atribuída ao saudoso DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES, pelos dignos componentes da Associação Comercial do Crato, autoridades e parcelas dos meios sociais que, de alguma forma se fizeram presentes, expressa a comprovante existência de reservas de homens que reconhecem os méritos de outrem e que trabalham pelo bem comum, mesmo sem retribuição financeira.

A comemoração do centenário do DOUTOR ANTÔNIO FERNANDES TELES, nesta memorável noite, é uma sublime distinção honorífica, que alça a memória do homenageado à consciência das pessoas esclarecidas, deixando comovidos os seus familiares, principalmente pelo alto conteúdo de justiça de que estavam imbuídos os insígnies representantes da Associação Comercial do Crato.

Em meu nome e de meus familiares e desejando que cheguem ao conhecimento de todos os que contribuíram para o êxito desta resplendente festa, apresento os termos dos nossos agradecimentos e eterna gratidão.

(Discurso proferido na histórica Sessão de 27.04.92, no Palácio do Comércio, em Crato, após a missa solene na Sé Catedral, em comemoração às duas datas. O Dr. Ebert, seu autor, falou em nome da família Teles).

NOVO E DIFERENTE

MONTEIRO LOBATO REVISITADO

Enéas Athanazio

"URUPÊS", MARCO ZERO DO MODERNISMO

Quando Monteiro Lobato estreou em livro, no mês de julho de 1918, já estava com 36 anos de idade. Sua carreira começava mais tarde do que em geral acontece, embora muito tivesse publicado na imprensa, o que não importava tanto, porque entre nós é escritor quem tem livros publicados. O livro, na verdade, revelava um escritor feito, preparado, dono da técnica e da arte de escrever. Reunia doze contos e dois ensaios, todos escritos e reescritos, revistos e alterados, acrescidos e podados com infinita paciência, antes de considerados prontos. Seu nome deveria ter sido "Doze Mortes Trágicas", e assim chegou a ser anunciado nos jornais, mas por sorte Lobato viajou para Ribeira do Iguape em companhia de um amigo, o sanitarista Arthur Neiva, ocasião em que este insistiu na troca do nome infeliz por "Urupês", título de um dos ensaios. Urupês são aquelas "orelhas" moles que nascem nos paus podres, quase sempre em lugares úmidos, no recesso das grotas. O volume vinha ilustrado por um "curioso sem estudos", ninguém menos que o próprio autor.

"Urupês" caiu como uma bomba na pasmaceira reinante e jogou no palco, sem convite, a figura soturna e feia do Jeca Tatu, muito diferente do que pintava o caboclisto falso, cultivado nos gabinetes de escritores grudados à costa como mariscos e que desconheciam a realidade do nosso interior. Escritos numa linguagem nova e autêntica, os contos traziam personagens que falavam como pessoas comuns do povo e viviam num meio real, num modo de vida verdadeiro, agindo e reagindo com naturalidade e coerência. As histórias, quase sempre trágicas, vinham descritas com simplicidade, de forma direta, sem desvios ou abusos descritivistas. E a natureza brasileira, com seus rios, árvores, paisagens e bichos, era o cenário vivido e colorido onde se movimentavam. O autor queria, acima de tudo, fugir à influência européia, especialmente a francesa, e mostrar a nós mesmos a realidade da "natureza brasílica, tão rica de formas e cores".

O livro fez imediato sucesso de venda, de público e de crítica. Em apenas um mês, relatou o autor em carta a Godofredo Rangel, esgotava-se a primeira edição. E não tardou a explodir a polêmica sobre

o Jeca Tatu, provocando centenas de artigos, cartas, comentários, protestos e até livros. Uns queriam que o Jeca fosse a própria fotografia da realidade, outros achavam que não passava de grotesca caricatura. Rui Barbosa, candidato a presidente da República, desceu de seu pedestal e fez longas referências ao personagem lobatiano numa de suas candentes conferências, em pleno Teatro Lírico, no Rio de Janeiro. O Jeca, saltando dos grötões da Buquira, ganha notoriedade e se transforma num dos raros mitos populares nacionais. Enquanto isso, no centro do redemoinho, o pequeno livro é varrido por verdadeiro pé-de-vento e some das livrarias, tornando-se numa das obras mais lidas do País.

Decorridos 78 anos de seu lançamento, "Urupês" continua agradando; como mostram suas sucessivas edições, inclusive a mais recente, com ortografia revista e capa dura, lançada pela Brasiliense. Motivou incontáveis ensaios e teses, alguns de seus contos foram adaptados para o cinema e o teatro, exibidos na televisão. Muitas de suas expressões ganharam as páginas dos dicionários e algumas de suas histórias se integraram à própria alma nacional.

Sua influência na vida cultural brasileira aconteceu em três níveis, pelo menos: literário, histórico e econômico. No campo literário, o livro nos revelou a nós próprios, obrigando-nos a olhar para a nossa realidade, a nossa gente e as nossas coisas. Apesar da influência de Camilo Castelo Branco, sempre acentuada, traçou novos e inesgotáveis rumos para nossas letras. No terreno da história, foi o mais remoto documento modernista brasileiro, quatro anos antes da Semana de 1922 e muito mais cedo que a grande ficção regionalista da segunda fase modernista. Oswald de Andrade, intelectual honesto, foi dos primeiros a proclamar que "Urupês" foi o marco zero do nosso Modernismo. No aspecto econômico, foi esse livro que incentivou Lobato a investir no setor, dando início à nossa moderna indústria livreira, hoje tão florescente.

FISIOCRACIA

José Emerson Monteiro Lacerda

Situemo-nos na França da segunda metade do século XVIII e distinguiremos um ambiente social convulso, onde a grande massa da população via-se oprimida em face da decadência da dinastia dos Bourbons, sobre-taxada de pesados impostos que não atingiam as classes elevadas (nobreza e clero), numa sociedade corrompida pelos nefastos conflitos externos e alimentada por agricultura deficiente, em face de prioridade que havia sido dada ao comércio pelas grandes corporações do Mercantilismo minguante.

A ansiedade de todos desaguava na expectativa de maior liberdade individual, em torno da realização econômica. Carecia a população de uma filosofia renovadora e isto foi proposto pelos estudiosos Boisgilbert (1647 - 1707), quando suscitaram uma nova perspectiva de realização da riqueza, ao se obedecer a harmonia natural em seus fatores produtivos. Surgiram os precursores da primeira escola econômica que se tem notícia, A FISIOCRACIA. Não foram aceitos pelo regime dominante, chegando, por isso, a ferrenha perseguição.

Em seqüência ao pensamento sob análise, vieram novos autores, dentre eles François Quesnay (1694 - 1774), a estabelecerem padrões em combate às idéias mercantilistas, principalmente voltadas a priorizar o comércio como a fonte maior da riqueza. Foram os fisiocratas que sistematizaram a Economia e deram início à fase científica desta Ciência (1750 - 1840). Simpatizavam serem denominados de economistas e buscaram descobrir as leis que regem a essência da circulação da riqueza na sociedade. Visaram trazer para o estudo social a percepção de um sistema próprio de realimentação, como William havia descoberto no ser humano a circulação do sangue.

O trabalho literário de maior envergadura dessa escola foi "TABLEAU ECONOMIQUE" (1758), de autoria de Quesnay, onde se podia reverenciar os pressupostos básicos da escola, ou sejam: a ORDEM NATURAL, o PRODUTO LÍQUIDO e o IMPOSTO ÚNICO.

Na concepção dos fisiocratas, existe uma lei natural, providencial, determinadora da harmonia do todo da Sociedade Humana, restando ao homem objetivar essa descoberta atendendo a um soberano que detenha o uso econômico terra, dela retirando a riqueza. Do produto, abatidos os gastos com manutenção, alimentação dos animais de serviço, adubos (gastos e adiantamentos), restaria um excedente denominado PRODUTO LÍQUIDO, sobre o qual incidiria um imposto ÚNICO E DIRETO.

A escola dividia a sociedade em três grandes classes, que seriam:

os produtores, camponeses que trabalhassem a terra; os proprietários, a quem pertenciam os bens de produção; e os estéreis, perfazentes das outras atividades, ou sejam, os comerciantes financistas, domésticos, burocratas e profissionais liberais..

Esse produto líquido sempre terminaria nas mãos dos proprietários, senhores da terra, a quem se devia respeito, face ao mérito de haverem conservado, pelas gerações, as propriedades, suas benfeitorias, e realizarem novos investimentos.

Era proposta da Fisiocracia, também chamada de PROVIDENCIALISMO (por ser, segundo os autores, firmada em leis advindas da Providência de Deus), realizar uma mudança social pacífica, de cima para baixo, mas não foram aceitos pelos franceses, logo depois abalados pela espasmódica Revolução Francesa.

Ao analisarmos as idéias fisiocratas, percebemos de modo claro a compreensão que as norteava, valorizando como prioridade a força vital do solo agricultável, das matas, com a caça; dos rios e mares, com a pesca; e do subsolo, com a extração mineral. Vemos serem os recursos naturais aqueles que herdamos para nossa sobrevivência no planeta, restando-nos racionalizar seu usufruto.

E avaliando o presente momento histórico, detectamos ser a questão ainda problema carecente de solução duradoura.

Ainda agora, ao vermos crescerem as cidades, no caso brasileiro, para onde migram os que se evadem do campo, pode-se confirmar o quanto têm sido depreciados os bens da produção agrícola. Mesmo quando muito se produz, não se consegue preços compensadores e estimulantes a novos plantios, sobremaneira no que se refere a gêneros alimentícios.

Para concluir, dizemos que agricultura segue sendo nossa fonte principal de sobrevivência, no entanto ainda sem merecer o devido respeito das classes dominantes que ditam as normas a regerem o sistema em que nos achamos situados.

DISCURSO

**(PRONUNCIADO PELO DR. RAIMUNDO REBOUÇAS DE LIMA
POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO DO LIVRO "POEMAS E
ACRÓSTICOS", DE KÁTIA REJANE, EM 13.01.96) - CRATO -**

Preferimos não nos deixar carregar nas asas pandas da imaginação, que conduzem infalivelmente o orador para as raias do improviso.

A seriedade da hora, a solenidade da celebração, recomendam seja a oração traduzida de forma escrita, como repositório de uma apreciação mais relevante.

Experimentamos, neste instante, dúplice ventura: poder saudar sob os eflúvios da mais viva alegria a novel advogada, Dra. Kátia Rejane Pereira dos Santos, na primícias de seu ofício de lutar pela Justiça e pelo Direito; poder anunciar aos amigos da Dra. Kátia, que são muitos, e que desejaram recepção-la nesta noite festiva, o lançamento oficial de "POEMAS E ACRÓSTICOS", primogênito de sua criação literária, na difícil arte de dizer e escrever o Belo.

Nossa profissão de advogado, Dra. Kátia, tem aos nossos olhos uma dignidade quase sacerdotal. Toda vez que a exercemos, com consciência, consideramos desempenhada nossa responsabilidade, mudos e surdos à empreitada dos que apenas contratam vitórias forenses, porque não nos comprometemos com o resultado da causa, muito menos endossamos saques sobre a consciência dos Tribunais.

O advogado, tão necessário quanto a Justiça, deve ser o combatente valoroso, a palavra em luta, onde quer que o convoque o direito ameaçado. Ser advogado significa tomar posições de luta pelo estabelecimento de um estado de direito. O advogado não pode ser apenas um ganhador de causas, mas, sobretudo, deve portar-se com a dignidade de perpétuo defensor da Liberdade e do Direito. Não é outro o sentir do iluminado jurista Ruy Barbosa, quando ministra que "o advogado é a fonte primacial da qual defluem o Direito, a esperança na Justiça e a segurança advinda da lei".

A luta sem quartel é apanágio de nossas profissão. O advogado sem armas, luta contra a força; sem força, arrosta a violência; sem violência, reduz o fausto e a prepotência à modestia e ao temor. O advogado brande a espada do Direito, como força real, verdadeira, efetiva, moral, a constituir a segurança do cidadão que a ele pode recorrer na defesa e proteção de suas liberdades individuais atacadas. Aqui reside a missão histórica do advogado, como guardião da liberdade, profissão que é esse ofício interminável, absorvente, que lhe consome todas as horas, e que lhe ocupa todo o espaço do espírito.

A coragem moral, a honestidade de conduta, a seu turno, devem ser o luzeiro a iluminar seus caminhos. Vem, a propósito, neste particular, a palavra candente do imortal estadista norte-americano,

Abraão Lincoln, que o mundo conheceu e ainda aplaude, quando sanciona os refratários com a ponderável advertência assim estadeada: "quem não puder ser advogado honesto, que seja honesto em não querer ser advogado".

Nossa profissão, Dra. Kátia, assenta-se no binômio: direitos e deveres. Sem aludir aos direitos que nos são franquia constitucional, por isso, não ensejando comentários de ocasião, devemos estar conscientes, no entanto, que nossos direitos não são atributos exclusivos, nem prerrogativas ambicionadas: estão equilibrados em simetria perfeita, por inarredáveis deveres. Mais ainda: os deveres estão em primeiro lugar; não são só seus deveres os de índole profissional ou os de caráter ético, mas, sobretudo, aqueles deveres de caráter público. O advogado não deve limitar-se ao exercício exclusivo da profissão, se se entende por tal atuar nos tribunais ou andar sempre com o expediente sob os braços. Ainda que pudesse dizer que o domina o estinto utilitário, para ser bom advogado é necessário integrar-se, completar-se na boa política, na cátedra universitária, nas associações científicas, se não há cátedras para todos, no livro, na imprensa, na arte. Conquanto esteja o advogado obrigado, na defesa, ao emprego de todos os recursos legais, e a esgotar todos os meios de dialética e persuasão, nem por isso deve sustentar opiniões e doutrinas contrárias à sua convicção. Esta transgressão de uma norma de ética profissional e de probidade intelectual, agrava-se singularmente quando tais recursos contraditórios se empregam ou se destinam a entrar a tramitação das causas ou a confundir e desorientar o julgador.

O dever primacial do advogado é ser probo. A proibidade, aliás, é mais que dever. É condição inerente à pessoa do advogado. A consciência profissional do advogado é, na verdade, a *conditio sine qua* de seu êxito profissional.

Ao correto profissional do Direito vale sempre presente aquele decálogo que a história e o tempo não conseguiram esmaecer:

- 1) "sê honesto: o conteúdo necessário do direito são os valores morais;
- 2) sê sóbrio: a sobriedade é uma exigência de teu cargo;
- 3) sê paciente: quem vai aos Tribunais em demanda da Justiça, leva atribulações e ansiedades que hás de compreender;
- 4) sê trabalhador: debes esforçar-te para que tenha vigência o ideal de uma justiça rápida, em cuja engrenagem és peça capital;
- 5) sê vigilante: o litigante luta pelo seu direito. Não durmas em protegê-lo;
- 6) sê respeitoso: o respeito da dignidade alheia é o respeito de tua própria dignidade. Todo direito é dignidade, porquanto, está dirigido à dela;
- 7) sê justo: buscando a justiça de teu constituinte fundamenta-a no direito;
- 8) ama o direito: a advocacia é um nobre apostolado, que exige um profundo amor ao direito;
- 9) sê independente: tem as normas da lei por conduta, tua e de

tua consciência, não soçobres ao capricho, mas garante a independência de teu atuar;

10) defende a liberdade: tem presente que o fim lógico para o qual foi criada a ordem jurídica é a justiça, e que a justiça é conteúdo oficial da liberdade. Na medida em que a faças respeitar, tu, teus companheiros e tua prosperidade gozarão de seus benefícios, pois nunca foram livres os homens nem os povos que não souberam ser justos".

Esta, Dra. Kátia, a verdadeira imagem do advogado, quando menos a imagem que dele se espera. Conhecendo-a em suas raízes, sabendo-a de sólida formação que Paulo e Socorro lhe legaram, restamos convictos de que o seu atuar forense, já amanhã, será a comunhão desses princípios que pedimos recolha em seu coração a partir de agora. Viva-os no seu dia-a-dia. O caminho não lhe trará espinhos, nem as pedras lhe ensejarão sobressaltos. Torcemos por você. Abraçamo-la em nome especial dos advogados do Banco do Brasil, em cujo rol exsurge a figura de seu pai. Deus a conduza pelos caminhos que são nossos também. Nossos parabéns.

Senhora e Senhores, Dra. Kátia quis nos brindar com seu livro "POEMAS E ACRÓSTICOS", primogênito de sua criação literária. O livro tem o condão de um batizado pela surpresa, surpresa de seus leitores pela face oculta do dom poético de sua autora. Surpresa para a própria autora que jamais pensara fossem seus versos esporadicamente revelados nas caladas da noite e quem sabe, nos interregnos de suas tarefas acadêmicas, enfeixados em um livro, sob o molde de homenagem merecida de seus pais, vaidosos da filha que possuem e sequiosos de render-lhe loas aos seu esforço literário, perenizando no papel os enlevos poéticos que a embalaram em todo esse tempo que a nós era silente e oculto.

Noviça na arte de dizer o Belo, Dra. Kátia preferiu a poesia como forma de exteriorização do que lhe vai na alma e no coração.

Sua produção literária assim concebida tem a abonar-lhe o estilo simples, a linguagem sem afetação, a exteriorização de seu interior, na singeleza do vocabulário, onde a preocupação da métrica sede lugar à real correspondência do que quer dizer. É o encontro do sentimento com a palavra escrita, candente, interessante, agradável. De sua leitura exsurge a fácil ilação de que os versos brotaram fartos para sua autora, à medida exata em que os ia compondo.

Dra. Kátia, Senhoras e Senhores, surpreendeu a seus amigos pelo enlevo poético que retinha nas comportas de sua alma jovem. Seus versos, por isto, guardam a identidade com a juventude de seus anos. Entremostra-se, no entanto, sua autora, assaz madura, na sua confecção lapidar, trazendo à cena temas do cotidiano, com uma exatidão imensurável. Neles amostra-se romântica, como a generalidade dos poetas. O seu romantismo carrega o sinete da sua idade, sem prejuízo do lirismo que busca emprestar a seus versos. Em

"Delírios de Amor", "Amor Perfeito", "Meu Segredo", "A Dor de Amar à Distância", dentre outros, ressaem módulos dessa alma romântica, tão comum e própria aos jovens de sua idade. Acredita no amor como aquilo que tudo pode, que tudo espera, que a tudo perdoa, que tudo compreende, que tudo transforma, que tudo vivifica. Suas tiradas de romantismo misturam-se a momentos de exaltação ao real, ao verdadeiro. Em seus versos, a razão fala mais alto que o coração. Ela consegue retratar o cotidiano com pinceladas de realidade, realidade nua e crua. Disto são exemplos: "Mundo Perdido", "Vida e Morte", "Em Órbita com o Mundo e a Vida", "O Mistério da Vida", "Pra Vencer".

Os acrósticos que completam a obra ora lançada ensinam a nós seus leitores a convicção e a certeza de que divisaram, na sua confecção, ora, instantes de mero enlevos literários, ora, uma forma simpática de homenagear amigos.

A obra vale pelos seus propósitos: levar seus leitores a entender a mensagem que dela dimana sem dificuldades. Dra. Kátia, na singeleza de seus versos, conseguiu esse desiderato. Renovamos nesta quadra as palavras de intróito que Paulo e Socorro, com maestria, deixaram elançadas no livro que, dentre em pouco, será levado às mãos e aos olhos de seus leitores: "Um poema não se tira do lápis e do papel, mas de alma e do mundo".

Aos desavisados leitores é bom que essa reflexão venha suprir e, a um só tempo, restaurar o propósito dessa obra, porque, nem sempre, o escritor tem a vara mágica da sedução, e consegue revelar a alma de um poeta que já nasce feito e que não se faz.

Debruçados por sobre a leitura de "Poemas e Acrósticos" antevemos, como seu padrinho de prefácio, que não será um livro passatempo, de mero devaneios líricos, ou de requestos literários, mas será uma radiografia de faces claras e precisas de sentimentos nobres, hoje tão postergados e esquecidos: a fé, a solidariedade humana, a esperança no porvir, a coragem de viver, a crença incondicional no amor, virtudes rariadas no mundo coetâneo, e de que "Poemas e Acrósticos" é seu breviário.

Este livro, na confecção artesanal de sua autora, marcado pela singeleza de seus versos, é o prelúdio de novas emoções que sua autora, por certo, legará aos seus leitores no amanhã que se avizinha.

Entregando-a à leitura das Senhoras e dos Senhores, e de quanto tiverem a ventura de folheá-la, restamos na certeza de que valerá ela como uma contribuição intelectual de uma jovem ao jovem de seu tempo, e como uma resposta aos velhos de que os moços também vivem, já agora, as emoções que eles já viveram. Parabéns, Dra. Kátia. Parabéns Paulo e Socorro. O prêmio maior do esforço de vocês será a assimilação da mensagem que brota das páginas deste livro.

Senhoras e Senhores: o livro está lançado. Seu título: "Poemas e Acrósticos" Sua autora: Dra. Kátia Rejane Pereira dos Santos, advogada. Temos dito.

Mártires Jardimenses Das Revoluções de 1824 e 1832

Nenhuma cidade do Cariri pagou tão pesado tributo de sangue humano quanto Jardim nos movimentos político-revolucionários da quadra da Independência do Brasil.

Isto porque Jardim e Crato eram as duas Vilas rivais que polarizavam o pensamento político do Cariri de então, com a República e a Monarquia se degladiando no conceito político das suas lideranças.

Em face disto, o solo jardimense foi ensopado de sangue humano no mais absurdo e retrógrado dos extremismos políticos, com a vida humana tendo o peso de um boato qualquer!

Assim, as vidas humanas sacrificadas subiram a centenas nos embates entre monarquistas e republicanos.

A Justiça e o Direito foram banidos de Jardim onde campeava o desmando sob todos os aspectos.

Sem falar nas vidas anônimas sacrificadas que foram centenas, este modesto trabalho quer destacar as principais lideranças sacrificadas, muitas delas sem um motivo racional, mas levadas de roldão pela insegurança reinante que varria a cidade como um tufão e onde ninguém se sentia seguro.

Matava-se por qualquer motivo e até sem motivo, sem sequer um arremedo de punição para os algozes, pela mais absoluta ausência do Estado de Direito!.

Predominava a lei do mais forte, "olho por olho e dente por dente", com a célebre "Pena de Talião" sendo posta em prática por qualquer um chefe de bando armado.

Como não havia armas para tanta gente, surgiram as hordas de bandidos armados de cacetes, subindo a três mil os "caceteiros" que eram abençoados na Matriz de Santo Antônio, de Jardim, por seu primeiro Pároco, Padre Antônio Manoel de Sousa imortalizado pela alcunha de "Benze-cacetes". Assim é que tombaram vítimas da sanha sanguinária dos revolucionários as seguintes lideranças:

1) Padre Estevão José da Porciúncula, barbaramente trucidado em Jardim, no dia 18 de outubro de 1824, após celebrar missa na Matriz de Santo Antônio. Qual seu crime? Haver lido no dia 28 de abril manifesto de Pereira Filgueiras contra o Presidente Costa Barros representante do Imperador. Foi ele também quem escreveu a ata de uma das reuniões do chamado Grande Conselho. Foi esquartejado e castrado, ficando seu cadáver exposto no patamar da Matriz de Jardim.

2) Leonel Pereira de Alencar, irmão de Dona Bárbara Pereira de Alencar, trucidado no dia 28 de setembro de 1824, no incêndio da Casa-Grande do Sítio Engenho Velho, arredores de Jardim. Era

autoridade, como Juiz de Paz. Dizem que também tomara parte na célebre reunião do Grande Conselho. Sua esposa, em dias de dar à luz, fugiu para o canal onde, efetivamente, dera à luz, ao relento, a Clodes Alencar que no futuro seria a Viscondessa de Jaguaribe, com ilustre descendência, entre os quais o escritor e médico Pedro Nava e o cientista político, Dr. Hélio Jaguaribe.

3) Raimundo Pereira de Alencar, filho de Leonel Pereira de Alencar, também trucidado no incêndio da Casa-Grande, no mesmo dia 28 de setembro de 1824. Tanto o pai como o filho foram sepultados na antiga Matriz de Jardim, grade abaixo, pelo pró-pároco, Padre Serqueira.

4) Tenente-Coronel Bandeira, também no dia 28 de setembro, no incêndio da Casa-Grande.

5) José da Costa Sozinho, também no dia 28 de setembro.

6) Sargento-mor, Antônio Geraldo de Carvalho Filgueiras, trucidado no lugar Salva Terra, arredores de Porteiras. Era 1º de outubro de 1824. Naquele mesmo dia José Vitoriano Maciel trava sangrenta luta no Sítio Croatá onde trucidada 13 prisioneiros na roda de pau, todos anônimos. Antônio Geraldo era cunhado de Leonel Pereira de Alencar, irmão de sua esposa, Maria Xavier de Carvalho.

7) Inácio Tavares Benevides, amigo incondicional e companheiro de ideal de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, casado com Geneveva de Alencar, irmã de Dona Bárbara Pereira de Alencar. Era um homem manso, aprisionado nos sertões de Pernambuco, proximidades de Granito. Dizem que fora escanchado no lombo de dois burros bravios que, em seguida, foram soltos e açoitados. Na fúria da carreira os burros rasgaram-no ao meio.

8) Finalmente, o alferes Joaquim Pinto Madeira que levado de Jardim para o Crato, ali fora submetido ao mais ignominioso processo, sem direito de defesa, sendo condenado a força pela morte de Joaquim Pinto Cidade. Num rasgo de "benevolência", comutaram-lhe a pena de morte por enforcamento para fuzilamento, por pedido seu. Foi fuzilado no Barro Vermelho, arredores do Crato em 28 de novembro de 1834, no mais exdrúxulo processo condenatório de que se tem memória no Cariri! E o radicalismo político continuava, apesar da Independência mais de direito do que de fato. Agora, já se pensava mais em liberdade, em democracia e em República a partir do liberal Seminário de Olinda com os padres europeus bafejados pelos ventos da Revolução Francesa, fruto sazonado da Independência dos Estados Unidos da América. Pinto Madeira era barbalhense do Sítio Coité, mas jardinese por adoção, fazendo de Jardim o seu ponto de apoio político-revolucionário estribado no prestígio do seu particular amigo e irmão de credo político, Padre Antônio Manoel de Sousa que era mais político do que sacerdote e que chegou a ser Deputado Federal, não chegando a tomar posse porque D. Pedro I dissolveu a Constituinte de 1822 arbitrariamente, editando uma Constituição autoritária, ditando

alguns artigos da mesma!

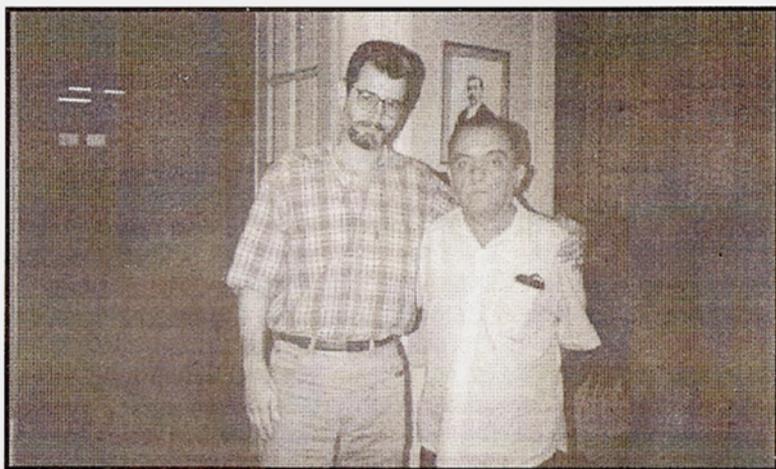
Mas por que só Crato e Jardim polarizavam o pensamento político da época no Cariri? Porque eram as duas Vilas mais desenvolvidas e tradicionais do Cariri, já tendo ambas uma elite política e social de destaque.

Em Crato lideravam os Alencares capitaneados por Dona Bárbara Pereira de Alencar, irmãos e filhos e em Jardim dominava Joaquim Pinto Madeira e Padre Antônio Manoel de Sousa corporificando respectivamente República e Monarquia.

Ao embate das duas Vilas rivais defendendo concepções políticas opostas jorrou, à cântaros, o sangue humano generoso dos idealistas forjando heróis e mártires que a História não poderá esquecer!

Barbalha, 11.3.96.

Napoleão Tavares Neves.



Encontro de Escritores - Na foto, o médico e escritor Napoleão Tavares Neves, em encontro cordial com o escritor pernambucano, Dr. Frederico Pernambucano de Melo, Presidente do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, em Recife. Dr. Napoleão fez visita àquele conceituado Instituto, em nome do Instituto Cultural do Cariri, em Junho de 95.

CARIRI EM PESO NA CONSAGRADA HOMENAGEM A PATATIVA DO ASSARÉ



PATATIVA NO MINISTÉRIO DA CULTURA, como Personagem Cultural do Ceará. De camisa listrada, Cláudio Pereira, Secretário Municipal de Cultura de Fortaleza.

Superou todas as expectativas, em participação popular e entusiasmo, a homenagem ao poeta maior do sertão, Patativa do Assaré, realizada no dia 27 de Outubro de 95, quando foi lançado o livro **PATATIVA DO ASSARÉ E O UNIVERSO FASCINANTE DO SERTÃO**, de autoria do prof. Plácido Cidade Nuvens.

A festa foi em Assaré, promovida pelo Sistema Verdes Mares de Comunicação, Associação

dos Municípios do Cariri Oeste, Prefeitura de Assaré, Banco do Brasil.

Caravana especial saiu de Juazeiro e Crato, em ônibus arcondicionado, a Assaré, levando empresários, prefeitos, jornalistas, etc.

No auditório do Banco do Brasil teve lugar a festa cultural. Falaram o poeta Batista de Lima, em nome da Universidade de Fortaleza; Padre Manoel Feitosa, vigário de Assaré, o professor Plácido Cidade Nuvens, autor do livro, todos com hinos de exaltação e louvor a Patativa, perante um auditório que aplaudiu de pé os pronunciamentos. Patativa, ao agradecer, deu um verdadeiro recital de poesia, inclusive uma, dedicada à sua terra natal.

A Banda de Música de Santana do Cariri apresentou vários números e na AABB - Assaré teve lugar um jantar, encerrando o acontecimento.

Merecem destaque as presenças dos Prefeitos de Assaré, Tarrafas, Antonina do Norte, além do prefeito do Crato, Presidentes das Associações Comerciais e CDL de Crato e Juazeiro, representante do Instituto Cultural do Cariri, dirigentes do Sistema Verdes Mares, grande número de jornalistas e empresários, etc. O cantor Cícero do Assaré apresentou números musicais na AABB e Patativa voltou a recitar versos, encantando e comovendo os presentes. Foi, possivelmente, o maior acontecimento social, cultural e literário do ano, em nossa região.

Também presente o Secretário de Cultura e Presidente da Fundação Cultural de Fortaleza, Cláudio Pereira e o vereador Narcilio Andrade, da Câmara Municipal da capital.

PARA A HISTÓRIA DA DIOCESE DO CRATO:

RELAÇÃO DAS PARÓQUIAS E SEUS C.E.Ps E RESPECTIVOS PÁROCOS - 1996

01. Abaiara 63.240.000 Pe. José Gonçalves
02. Assaré 63.140.000 Pe. Manoel Alves Feitosa
03. Araripe 63.170.000 Pe. Raimundo Araujo Silva
04. Aurora 63.360.000 Pe. Vicente Luis dos Santos
05. Barbalha 63.186.000 Pe. Renato Simoneto
06. Barro 63.380.000 Pe. João Leite Cabral
07. Brejo Santo 63.260.000 Pe. Dermival de A. Gondim
08. Carriaguçu 63.220.000 Pe. José Almeida dos Santos
09. Campos Sales 63.150.000 Pe. José Wilton Leite

CRATO:

- 10- N. Sra. da Penha 63.100.000 Pe. Joaquim Dalmir Pinheiro
11. N. Sra. de Fátima 63.100.000 Pe. Fco. Roserlândio de Sousa
12. N. Sra. Aparecida 63.100.000 Pe. José Adauto de Alencar
13. São Vicente Férrer 63.100.000 Pe. Joaquim Dalmir Pinheiro
14. São Miguel 63.100.000 Pe. José Honor de Brito Filho
15. São Francisco de Assis 63.100.000 Pe. Raimundo Elias Filho
16. São José Operário (P. da Serra) 63.100.000 Mons. João Bosco C. Esmeraldo.
17. São José - Seminário 63.100.000 Pe. José Vicente P. de A. da S
18. Sagrada Família 63.100.000 Pe. José Adauto de Alencar
19. Farias Brito 63.100.000 Pe. José Coringa
20. Grangeiro 63.185.000 Pe. José Mota Mendes
21. Ipaumirim 63.340.000 Pe. Sebastião Pedro do Nascimento.
22. Jamacaru 63.207.000 Pe. Benedito Evaldo Alves
23. Jardim 63.290.000 Pe. Rocildo Alves Lima Filho
24. Jati 63.275.000 Pe. Nicodemos Benício Pinheiro

J. DO NORTE:

25. N. Sra. das Dores (CEP 23) 63.011.970 Pe. Fco. Murilo de Sá Barreto.
26. N. Sra. de Lourdes (CEP 62) 63.011.970 Pe. Antonio Onofre de Alencar.
27. Sag. Cor. de Jesus (CEP 19) 63.011.970 Pe. Luis Sampaio do Rêgo

28. S. Fco. das Chagas (CEP 27) 63.011.970 Pe. Fr. Jeremias S. Teles
29. Men. J. de Praga (CEP 152) 63.011.970 Pe. José Alves de Oliveira.
30. Lavras da Mangabeira 63.300.000 Pe. Antonio Afonso Alves
31. Mangabeira 63.307.000 Pe. Antonio Afonso Alves
32. Mauriti 63.210.000 Pe. João Bosco Lima
33. Milagres 63.250.000 Pe. José Gonçalves da Silva
34. Missão Velha 63.200.000 Pe. Eusébio de Oliveira Lima
35. Nova Olinda 63.165.000 Pe. Vileci Basílio Vidal
36. Porteiras 63.270.000 Pe. José Sampaio Alves
37. Potengi 63.160.000 Pe. José Adelino M. Dantas
38. Quitaiús 63.308.000 Pe. José Gonçalves Landim
39. Santana do Cariri 63.190.000 Pe. Cícero Gomes da Silva
40. Várzea Alegre 63.540.000 Pe. José Mota Mendes
41. Umari 63.310.000 Pe. Elias Ribeiro Neto

SACERDOTES EM OUTRAS ATIVIDADES

01. Pe. José Josias Gomes Araújo (Vigário Paroquial) S. José - Seminário - Crato
02. Pe. Fco. de Paulo P. da Silva - Seminário S. José - Crato
03. Pe. Vicente Alves Feitosa (aposentado) Caririçu-CE
04. Pe. Luis Martins Parente (Vig. Paroquial) N. Sra. das Dores - Juazeiro.
05. Pe. Gonçalo Farias Filho (Dir. da Rádio Educadora) Crato-CE.
06. Pe. Manuel Pereira Bezerra (aposentado) Mararupá - Mauriti-CE
07. Pe. Antonio Andriola Pereira - Mararupá - Mauriti-CE
08. Mons. Antonio Feitosa - Crato-CE
09. Pe. Ágio Augusto Moreira (aposentado) CP 50 Sítio Belmonte - Crato.
10. Mons. Fco. Holanda Montenegro (aposentado) CP 27 - Crato-CE
11. Pe. Expedito Félix da Fonseca - Seminário e CEEDVAM - Crato
12. Pe. José Leite Sampaio - Abaiara-CE

Morre Martinho de Luna Alencar

Diretor do Jornal do Commercio será sepultado às 12h

Presidente da Rádio Tupi, diretor do JORNAL DO COMMERCIO e membro do Condomínio dos Diários Associados, Martinho de Luna Alencar, morreu ontem, aos 86 anos, no Hospital Silvestre, de embolia pulmonar. A morte ocorreu no início da tarde, após uma internação feita no último final de semana. O corpo foi velado na capela 2 do Cemitério São João Batista, onde será enterrado hoje, às 12 horas.

Martinho de Luna Alencar assumiu a presidência da Rádio Tupi em 1977, exercendo o cargo até sua morte. Economista formado em 1934, pela Academia de Comércio do Rio de Janeiro, era especializado em auditoria e análise de balanços. Iniciou sua vida profissional em Recife, como auxiliar de escritório, em 1925. Seis anos depois, passou a trabalhar como auxiliar do Departamento de Circulação de O Jornal, então dirigido pelo jornalista Assis Chateaubriand. O próprio Chateaubriand o escolheu, em 1946, para gerenciar O Jornal e o Diário da Noite.

Em 1949, passou a administrar a contabilidade dos Diários Associados, tendo influência na gestão financeira das publicações do grupo. Seu cargo seguinte, em 1972, foi o de superintendente da Gráfica O Cruzeiro, por designação unânime dos condôminos. Oito anos depois, tornou-se diretor do JORNAL DO COMMERCIO, passando, em seguida, a ser diretor dos Diários Associados, Martinho Alencar deixa esposa, Lia Saldanha de Alencar, e quatro filhas - Ana Margarida de Luna Alencar, Lenir Saldanha de Alencar Sá Pereira, Kátia Saldanha de Alencar.

Uma vida dedicada aos Diários Associados

Cearense de Barbalha, onde nasceu a 27 de março de 1909, Martinho de Luna Alencar chegou ao Rio de Janeiro no começo de 1931 e logo foi contratado como auxiliar do Departamento de Circulação de O Jornal. Martinho, que já conhecia a organização Diários Associados, trazia sempre no bolso o artigo O Monstro, de Assis Chateaubriand, no qual o presidente de então, Getúlio Vargas, era satirizado.

Foi o começo de uma carreira de quase 65 anos, que levou Martinho aos mais altos postos da cadeia Associada - morreu como condômino e cabecel do Condomínio dos Diários e Emissoras Associadas; diretor do JORNAL DO COMMERCIO e diretor-presidente da Rádio Tupi.

Duas características eram marcantes em Martinho: unia elegância extrema simplicidade e jamais negava atenção a qualquer

pessoa que dele se aproximasse, por mais humilde que fosse. No trabalho, além de incapaz de alterar a voz diante do maior erro, era aberto ao diálogo com os chefiados e sempre disposto a respeitar as propostas alheias.

Ailton Quintiliano era secretário da agência noticiosa Meridional, no início dos anos 60. Martinho, já condômico, solicitou que Quintiliano, conhecido pela severidade, lhe enviasse um documento - pedido recusado. Martinho decidiu pessoalmente pedir o documento; solicitação novamente recusada, pois Quintiliano argumentou que o documento interessava apenas à Meridional. Convencido da razão de Quintiliano, Martinho esqueceu a dupla recusa do subordinado.

Fatos como este criaram um conceito de extrema simpatia: Martinho era um homem poderoso que jamais usava a própria força para passar por cima do mais humilde funcionário. Era respeitadíssimo, entretanto.

Sempre que os Diários e Emissoras Associados estavam em jogo, surgia um outro Martinho, ainda de gestos contidos e voz baixa, mas de vontade inquebrantável. Após a morte de Assis Chateaubriand, em 1968, surgiram divergências entre os filhos do morto e os condôminos. Um dos filhos de Chateaubriand, Fernando (já falecido), entendeu assumir a direção da TV Tupi, sem qualquer satisfação ao Condomínio.

Martinho, que estava em casa, foi avisado do que acontecia e imediatamente partiu para a TV Tupi. Com palavras brandas, mas firmes, convenceu Fernando a desistir do intento. Fê-lo de forma tão diplomática, que, até a morte, o filho de Assis Chateaubriand teve Martinho como grande amigo e até conselheiro.

Embora não se furtasse a opinar sobre os diversos veículos dos Diários e Emissoras Associados, Martinho jamais exerceu a profissão de jornalista. Companheiro de Chateaubriand desde a década de 30, logo passou a ser um dos responsáveis pelas complexas finanças da organização. Era quem discutia preços e condições de contrato para a aquisição de todos os equipamentos, gráficos e elétricos.

Mais que isso: na segunda metade dos anos 40, quando acabou a 2ª Grande Guerra, Chateaubriand decidiu criar o Museu de Arte de São Paulo (Masp). Coube a Martinho descobrir as condições para a aquisição de quadros dos maiores artistas do mundo, no valor de milhões de dólares. Até poucos dias antes da morte, Martinho tinha num cofre a relação de preços de todas as obras compradas para o Masp e outros museus - regionais, também fundados por Chateaubriand -, que mostrava aos amigos que se interessassem.

Muitos dos grandes projetos de Chateaubriand - inseminação artificial e importação de gado Hereford; implantação da cultura da uva, no Vale do São Francisco etc.

- eram delineados por Martinho, quem viabilizava a parte econômica.

"Seu Martinho tem partículas da bondade divina" - as palavras são de Assis Chateaubriand, que sempre tratou o subordinado por senhor.

Grande empresário, Martinho foi um dos proprietários da fábrica da cerveja Boêmia, muito famosa em certa época pela alta qualidade e vendida à Antártica. No Nordeste, foi proprietário de uma fábrica de calçados. Ao longo da vida manteve outros empreendimentos, sem jamais afastar-se dos Diários e Emissoras Associados.

Homem de sucesso no Rio de Janeiro, jamais esqueceu as próprias raízes: todos os anos viajava ao Ceará para as festas juninas.

Era capaz de dominar a violência que sempre caracterizou o Nordeste. No tempo de Lampeão, a avó de Martinho era a única pessoa respeitada pelo cangaceiro nos sertões do Ceará. Certo dia, a senhora brigou com o padre Cícero, que Lampeão tinha como padrinho. A senhora resolveu mudar-se, e foi morar em Exu, Pernambuco.

Muitos anos depois, os Alencar tomaram-se inimigos da família Sampaio, com sucessivas mortes de ambos os lados. Sempre que a situação atingia clima insuportável, os governantes de Pernambuco convocaram Martinho, o único capaz de impor bom senso às duas famílias.

Era de ver o espetáculo no então paupérrimo aeroporto de Exu: com toda a classe que Deus lhe deu, Martinho descia do avião na maior elegância: terno jaquetão e chapéu francês gelo. Jamais perdeu viagem - Martinho era um mensageiro da concórdia.

(JORNAL DO COMMERCIO, RIO, 28 de Novembro de 1995).

EMBOLIA PULMONAR MATA PRESIDENTE DA RÁDIO TUPI

Morreu ontem, aos 86 anos, no Rio de Janeiro, o presidente da Rádio Tupi e cabecel (titular do quinhão principal de propriedade indivisível) do Condomínio Acionário dos Diários e Emissoras Associados. Martinho de Luna Alencar.

Ele estava internado desde o último fim de semana no Hospital Silvestre, em Santa Tereza, para tratamento de embolia pulmonar, mas não resistiu ao agravamento de seu estado de saúde.

O falecimento de Martinho consternou a família associada. "Ele era uma personalidade rica de virtudes, que o faziam estimado e admirado por todos os seus companheiros", disse o presidente dos Diários Associados e do Correio Braziliense, jornalista Paulo Cabral de Araújo.

"Não sei o que mais nele resplandecia, se a competência, a lealdade aos ideais de Assis Chateaubriand, a cultura exuberante ou sua dedicação ao trabalho", comentou Cabral.

Carreira - Antes de assumir a posição de cabecel, Martinho de Luna Alencar realizou carreira brilhante na cadeia associada.

Estreou em Recife, em 1925, como modesto auxiliar de escritório. Seis anos depois, passou a trabalhar como auxiliar do Departamento de Circulação de O Jornal, então dirigido por Assis Chateaubriand.

A seguir, em 1946, foi designado para gerenciar o O Jornal e o Diário da Noite.

Três anos depois, Chateaubriand confiou-lhe a direção da contabilidade dos Diários Associados. Ele havia se formado em Economia em 1934.

Seu cargo seguinte, em 1972, foi o de superintendente da Gráfica O Cruzeiro. E antes de assumir a presidência da Rádio Tupi, em 1977, exerceu seguidamente a direção do Jornal do Comércio e dos Diários Associados.

Uma das curiosidades da vida de Martinho de Luna Alencar é o fato de ele, apesar de ter se dedicado a tantos órgãos de comunicação, jamais ter sido jornalista.

Associados lamentam perda

O corpo de Martinho de Luna Alencar foi velado, desde a tarde de ontem, na capela dois do cemitério São João Batista, no Rio, onde será enterrado hoje, às 12 horas.

Nascido em Barbalha, Ceará, em 27 de março de 1909, deixa

esposa, Lia Saldanha de Alencar, e quatro filhas - Ana Margarida de Luna Alencar, Lenir Saldanha de Alencar Sá Pereira, Kátia Saldanha de Alencar Chohfi e Rachel Saldanha de Alencar.

"Martinho foi durante muitos anos meu companheiro de jornal. É uma perda irreparável", lamentou Ibanor Tartarotti, presidente do Jornal do Comércio, do Rio e condômino dos Diários Associados.

Companheiro - Já o diretor do Diário de Pernambuco e também condômino, Gladstone Vieira Belo afirmou que Martinho foi uma das figuras mais representativas dos Diários. "Sempre teve um padrão de dignidade e ética. Era um homem de muitas leituras".

"Perdemos uma inteligência ilustre. Antes disso, um fiel companheiro, um leal amigo, que, com sua paciência e finura, deu exemplo para todos nós. Vamos sentir muito a sua falta", lembrou o diretor executivo de O Estado de Minas e condômino, Édson Zenóbio.

O jornalista Ari Cunha, vice-presidente do Correio Braziliense, disse que Martinho "foi um dos mais operosos, leais e competentes dirigentes dos Diários Associados".

(Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1995)

O HOMEM E A VIDA, O EXEMPLO, A MORTE

Um dia, conversando sobre pessoas, ouvi de Oscar Niemeyer esta expressão: "Já não tenho mais tempo de fazer amigos de 30 anos". Ontem, à beira do túmulo de Martinho de Luna Alencar, revivi essa experiência, ao me despedir de um dos primeiros amigos que fiz nos Diários Associados, quando aqui cheguei pelas mãos de Paulo Cabral para conhecer Edilson Varela. O segundo passo foi o Sr. Martinho, um cearense elegante e de fino trato, fala mansa e decisão firme. Com o passar dos tempos fui admirando seu Martinho, até que chegamos à mesma reunião do Condomínio. Eu gostava de conversar, de sorver a experiência daquele homem que durante muito tempo foi uma das pessoas mais chegadas a Chateaubriand. Era ele quem entendia de economia, quem interpretava para o chefe os balanços que chegavam às suas mãos. Poderia ser o mais experiente contador, e ele sabia ler nas entrelinhas a situação da empresa.

Ligado às origens, jamais deixou de visitar o Crato ou sua Barbalha, onde chegava altaneiro, com o mesmo aprumo ao vestir. Jaquetão de fino casemira, chapéu gellot e punho duplo nas camisas sempre impecáveis.

Quando os Alencar se tornaram inimigos dos Sampaio, era Martinho quem mantinha uma ponta de amizade para resolver os problemas mais sérios.

Não tenho notícia de outra pessoa dentro das empresas, a quem Chateaubriand tratasse com o mesmo respeito, antecipando a palavra senhor. Seu Martinho foi o guardião de muitos segredos do chefe, e certa vez olhou arrevesado para Austregésilo de Athayde, quando este confidenciava coisas de tempos idos. Coube ao seu Martinho controlar as finanças dos Diários Associados, e era a ele que Chateaubriand encaminhava os contratos de publicidade responsáveis pelo pagamento das centenas de obras caríssimas adquiridas para o Museu de Arte de São Paulo, que ainda hoje, ao ser citado, nega o nome do seu patrono.

Ao me despedir de seu Martinho, tranquei no coração a figura de bondade daquele homem por cujas mãos, ao passar, o poder temporal não cobriu sua cabeça de ilusões ou vaidades. Morreu como nasceu. Livre e puro. Seu rastro benfazejo pode ser pisado por qualquer um, que a mão de Deus dará a paz que todos desejam. Vá com Deus, amigo, que seu exemplo ficará na terra para a posteridade.

*(Ari Cunha, na Secção Visto, Lido e Ouvido -
Jornal do Comércio, Rio 30.11.95).*

NA ITÁLIA, A MORTE DE UM CRATENSE

Em 31 de maio de 1928 nascia em Crato, no sítio Buriti, o menino Ambrósio, último dos 22 filhos do velho e respeitável Cícero Bezerra Lobo, antigo tabelião, a quem o historiador Pe. Antonio Gomes chamara de VARÃO DE PLUTARCO, referência feita num trabalho seu sobre genealogia.

Em janeiro de 1941, com menos de 13 anos de idade, Ambrósio é encaminhado à Ordem dos Capuchinhos, na Bahia, onde deveria estudar, satisfazendo o desejo de sua mãe de vê-lo frade.

Em março de 1947 conclui o noviciado, recebendo o hábito religioso com o nome de Frei Agatângelo de Crato.

Em junho de 1952 recebe sua primeira ordem maior no Mosteiro de São Bento, em Salvador, e, em novembro do mesmo ano, depois de quase 12 anos de ausência, retorna à terra natal para visitar o pai enfermo.

Em maio de 1953 parte para a Itália e, na cidade de Loreto, é ordenado Sacerdote em julho de 1954.

Em 1955 deixa Loreto e viaja para a Inglaterra, tendo antes estado em Milão e Paris. Em agosto de 1956 retorna ao Brasil e, para alegria da família, reza a terceira missa em solo pátrio, na casa onde nascera, exatamente no ano de comemoração dos cinquenta anos de casamento de seus pais.

Nosso frade radica-se em Feira de Santana, na Bahia, dedicando-se ali ao mister de professor e diretor da Rádio Sociedade de Feira.

Em 1984 deixa o Brasil novamente. Volta para a Itália e, em Loreto, além das funções religiosas, atua como tradutor, tendo, entre outras coisas, traduzido para o português a importante obra literária OS CAPUCHINHOS NA BAHIA, em três volumes.

Em fins de 1991 visita a família, fazendo-se presente em São Paulo, Brasília, Bahia, Crato e Maranguape, permanecendo nesta última cidade 15 dias onde reza missa diariamente na Igreja Matriz, em colaboração com o vigário Mons. Mauro Braga Herbster.

De volta à Itália, em janeiro de 1992, adoece, restabelecendo-se, no entanto, como que para deixar em seus familiares a esperança de vê-lo ainda.

Em fins de 1995 fica gravemente enfermo. Um câncer generalizado o consoma. Por ocasião do Natal, seu sobrinho João Bosco, de Maranguape, telefona-lhe e ouve deste a promessa de estar conosco em 1998. Em 27 de janeiro Bosco recebe uma carta sua. Ele fala das saudades do seu povo, de seu tratamento, das manifestações de carinho ali recebidas e afirma estar se sentindo bem disposto. Acrescenta, contudo, que sua vinda ao Brasil, quando lhe fosse

possível, seria apenas a passeio, pois pretendia permanecer em Loreto, na mesma Casa onde se fizera sacerdote em 1941 e para a qual retornará há 12 anos.

Em 30 de janeiro, Bosco envia-lhe um fax. Lembra-lhe os desígnios de Deus ao falar dos momentos difíceis por que ele estava passando e expressa o desejo de que se sublimem em suas orações as suas saudades. Era a última mensagem para minimizar as agruras e a solidão de quem longe de sua terra, sem sequer ouvir falar a língua pátria, agonizava.

Tio Ambrósio, nosso querido Frei Agatângelo de Crato, já não dispõe de tempo para rever sua pátria e sua gente. Empreende em 22 de fevereiro deste ano sua viagem derradeira rumo ao céu, onde a família celestial deve tê-lo recebido com todos os louvores.

Cândida L. Carneiro

(Necrológio lido na missa de sétimo dia na Matriz de Maranguape, mandada celebrar pelos parentes do extinto residentes nessa cidade, em 28 de fevereiro de 1996).

O MUNDO PRECISA DE HERÓIS E DE SANTOS

José Renato Nalini

O mundo precisa de heróis e de santos. Como nunca, talvez, em sua História, a humanidade precisa de santos e heróis.

E hoje BARBALHA reverencia alguém que, chamado à santidade, vive uma existência heróica.

Criança ainda, PADRE PAULO DE SÁ GURGEL ouviu o apelo da vocação. Atendeu-o de pronto. Deixou família e raízes e seguiu o chamamento do Cristo. "Sai de tua terra... deixa... vai!" Assumiu o risco de colocar sua existência em Jesus Cristo. E os caminhos de Deus são terrivelmente exigentes.

Aceitou que a Providência se encarregasse de sua vida. Consentiu em não ser mais dono de si e de seu destino. Viveu o compromisso de participar do mistério do Cristo. Sua história pode se resumir em audição e estudo permanente da Palavra de Deus, oração, intimidade sacramental e amor ao próximo.

O amor verdadeiro ao seu semelhante fez dele um herói. Compreendeu que, se pela fé somos salvos, no ocaso da vida seremos julgados pelo amor. O projeto da educação é a mais eficiente forma de amar. Educar é desvencilhar a alma de suas imperfeições e impulsioná-la para o crescimento até à plenitude possível.

Construtor de escolas e de almas, o PADRE PAULO DE SÁ GURGEL edificou gerações. Atingiu um dos mais raros êxitos do espírito, que é compreender a mocidade. Sabe como trabalhar com a inquietude e a indefinição do jovem. Lutou e luta para mostrar a eles o precévil das coisas e o eterno das criaturas.

Transmitiu a erudição, como ferramenta para o trabalho, segredo da realização pessoal. Mas ensinou muito mais: a procura da verdade e do bem. E como verdadeiro sábio, semeou o equilíbrio social. Adolescentes em busca insegura converteram-se em cidadãos atuantes. Testemunham eles hoje - e tantos continuarão a testemunhar no decorrer dos anos - que sua vida foi bem resolvida e que se hoje são verdadeiros cristãos, devem isso ao encontro com o PADRE PAULO DE SÁ GURGEL.

Por tudo isso é ele um santo. Pois santo é o sacerdote afinado à vontade do Coração de Jesus. Entregue aos planos da Providência.

Santo alegre. Santo moderno. Santo de motocicleta e de ambições documentais, a tudo fotografando. Santo a conviver com as famílias. Santo a sustentar os laços eternos do verdadeiro amor que o vincula aos seus alunos-filhos.

Herói brasileiro. Herói paulista. Herói cearense. Herói jundiense

e Herói barbalhense. Pois é herói quem se oferece como sacrifício para a redenção plena das almas alheias.

Este santo e este herói, reagiu de maneira firme e obstinada contra a realidade de uma situação brasileira. Educou e vem educando de maneira integral. Para a vida e para a transcendência.

Por isso, todos hoje, vivemos essa alegria imensa, essa emoção profunda, de celebrar meio século de ordenação sacerdotal.

É uma bênção poder dar graças ao Pai, por nos haver provado a Sua paternidade, em nos concedendo o privilégio de conviver - e, mais ainda, - de ser fruto do sonho salvatoriano de um santo- herói.

Deus seja louvado, pela multiplicadora existência do PADRE PAULO DE SÁ GURGEL.

(Em nome dos ex-alunos salvatorianos, na festa do jubileu áureo de ordenação sacerdotal do Padre PAULO DE SÁ GURGEL SDS, em BARBALHA, Ceará, 16.III. 1996).

CRÍTICA LITERÁRIA

"PROSA DISPERSA"

José Newton Alves de Sousa

"Prosa Dispersa" documenta, em suas 332 páginas, o espírito bem dotado de Newton Gonçalves, entremostrando suas várias facetas de médico, professor, humanista e escritor.

Trata-se de uma criteriosa seleção confiada aos eminentes professores Sânzio de Azevedo e José Murilo Martins e publicada postumamente, dentro da Coleção Alagadiço Novo, da Casa de José de Alencar.

Compreende temas gerais (da página 17 à de número 170) e temas científicos (os da página 173 até o fim).

Na primeira parte, admira-se o escritor de estilo ameno e fluente, espírito observador e arguto, a flagrar situações, pessoas, hábitos, instituições e culturas. Ali, também, o homem culto a dominar, sem tropeço, várias línguas (Alemão, Francês, Inglês, Espanhol além, obviamente, do Português). E o estudioso mais do que o simples leitor de uma vasta obra literária, nacional e estrangeira, em prosa e em verso.

Os anos de aperfeiçoamento e especialização, que passou em notáveis centros universitários do mundo, proporcionaram-lhe conhecimentos sólidos e sempre atuais, que lhe asseguraram-lhe, no

exercício da profissão e da cátedra, sucessivos e reconhecidos êxitos.

Newton Teófilo Gonçalves, de quem guardo uma viva e saudosa memória, foi um desses vigorosos e bem formados cérebros em que ciência e arte se tornam íntimas e fecundas, propiciando motivações para estudo, pesquisa, ensino e fruição pessoal.

Na segunda parte do livro, Newton Gonçalves disserta, com erudição e graça, sobre os bichos, faz a história da cirurgia pediátrica no Ceará, em que teve, com incontestável mérito, uma apreciável quota de pioneirismo. Também trata do problema da Universidade, em que ampla e diversificada foi sua participação, e faz estudos sobre águas subterrâneas e sericultura no Brasil. E mais: projeta, em linhas históricas e funcionais, a Faculdade de Medicina da UFC, de que foi fundador e professor, faz justiça a figuras de prol emergentes na vida da mesma Faculdade, da Universidade e da Ciência. Nas conferências, discursos e aulas especiais, é o mestre que preleciona, o humanista que ilumina e o sábio que aconselha. Algum modo de pensar, influenciado por filosofia e doutrinas aqui e ali discutíveis, não lhe tirou o acerto substancial de suas teses e de seus ensinamentos que, como tais, por serem apenas humanos, não gozam de inerrância.

"Prosa Dispersa", de Newton Gonçalves, é um livro de cultura em suas linhas mais amplas e de ciência em seus temas mais específicos. Sua linguagem, correntia e direta, é, ao mesmo tempo, culta e acessível.

Editá-lo foi e é uma homenagem que honra o homenageado, o homenageador e a Coleção Alagadiço Novo.

Salvador, Bahia, 1995.

"NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA"

Campinas, SP, Ano XXVII

N 159 - outubro/dezembro/95 - p. 269-360

Acabo de receber o n. 159 de "Notícia Bibliográfica e Histórica", órgão do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, S.P.

"Notícia Bibliográfica e Histórica", por sua fecundíssima e grande riqueza de conteúdo, constitui um verdadeiro patrimônio da bibliografia histórica, tanto de Campinas, quanto do Brasil como um todo.

O registro de nomes, obras e fatos, pinçados do universo bibliográfico a que se dedica, é de uma opulência tanto mais interessante e respeitável, quanto mais cuidadosamente joierada mediante critérios da boa prática científica na espécie.

Documentos fidedignos, datas marcantes, personalidades sob muitos títulos dignas de memória e estudo, temas para reflexão e justo resgate - quanta matéria se lê e se aproveita nessas páginas que já somam milhares e milhares.

Um nome, porém, sobressai na história e continuidade desse benemérito periódico: o do Prof. Odilon Nogueira de Matos. Sua cultura e erudição, seu devotamento, sua pertinácia, seu senso de justiça, sua inteligência e sensibilidade fazem-no credor da admiração e agradecimento de quantos amam a verdadeira história de nossa Pátria.

Seria desejável que os cursos de História e os Institutos Geográficos e Históricos do Brasil, e pessoas físicas que se devotam ao conhecimento das fontes bibliográficas de nossa história, fossem assinantes de "Notícia Bibliográfica e Histórica", já que nem sempre é possível, noutros locais, fundar e manter um periódico desse calibre e desse valor.

Salvador, 20 de fevereiro de 1996

José Newton Alves de Sousa

ANTÔNIO RUBENS SOARES CHAGAS

José Newton Alves de Sousa

1951 ofereceu-me oportunidades várias, que considero marcantes em minha vida: lectionei no Colégio Diocesano do Crato (onde, dez anos antes, concluíra o curso ginasial); idem na Associação dos Empregados no Comércio do Crato, (de cujo propedêutico fora aluno) e no Colégio Santa Teresa de Jesus; ministrei um curso de atualização em Língua Portuguesa a um valoroso grupo de professoras primárias, entre as quais figurava minha futura esposa, Maria Ruth; descobri, nos colegas de magistério, ao lado de antigos e inesquecíveis mestres, nomes de reconhecida competência, entre eles o de Antônio Rubens Soares Chagas, que, no ano seguinte, viria comigo para Salvador.

Antônio Rubens Soares Chagas, a quem pouco faltou para ordenar-se sacerdote, dominava bem o Latim, a Língua Portuguesa e a Filosofia, o que havia de facilitar-lhe a fixação na capital bahiana. De fato, obtido, para ele, um lugar no Colégio Dom Macedo Costa, ali permaneceu anos seguidos, fosse ensinando, fosse colaborando na disciplina. Na Faculdade Católica de Filosofia da Bahia, cursa, com brilhantismo. Letras Clássicas, granjeia prestígio e valiosas amizades. Leciona Português no em colégio da rede estadual e passa a residir no antigo Convento da Palma, onde funcionavam dois estabelecimentos de ensino superior: a mencionada Faculdade Católica de Filosofia da Bahia e a Escola de Serviço Social. Gostava de recordar o seguinte episódio: Desgostoso com o Colégio Dom Macedo Costa, onde morava, perguntou-me o que fazer. Respondi-lhe trocadilhando: Quanto mais cedo, costa.

Ora, havendo eu aceito o convite do Prof. Antônio Martins Filho, então reitor da Universidade Federal do Ceará, e de D. Vicente de Paula Araújo Matos, Presidente do Instituto de Ensino Superior do Cariri, para a direção da Faculdade de Filosofia do Crato, voltei, com minha família, para minha cidade natal. Comigo também retornou Antônio Rubens, que seria o Vice-Diretor da recém-fundada Faculdade.

Tendo feito todos os estudos do Seminário Maior e possuindo a Licenciatura em Letras Clássicas, ei-lo, em Recife, para cursar Direito. Fê-lo com o necessário proveito, apesar dos frequentes deslocamentos a que se obrigara, de Crato a Recife e vice-versa.

Magistério e advocacia passam a ser, desse modo, os campos de suas atividades profissionais. Ambicionava mais, na área do Direito, onde, por concurso, chegou a ser Juiz, condição na qual se aposentou.

De contextura pessoal um tanto ríspida, era, entretanto, uma alma sensível e afetuosa. Perdeu os Pais entre lágrimas e aos amigos que deste mundo se partiam, recordava-os com verdadeira emoção.

Ausente do Crato, desde julho de 1971, ali retornando, mensalmente, até fevereiro de 1973, a fim de cumprir obrigações funcionais como Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, ou em breves períodos de férias, e ainda, poucos anos antes, como Vice-Reitor pro tempore da Universidade Regional do Cariri, não me foi possível acompanhar de perto, como gostaria, as atividades de meu prezado amigo Antônio Rubens Soares Chagas, nas duas últimas décadas.

Hoje, pela manhã, estando em Itacimirim, litoral norte da Bahia, vim a saber do repentino, posto que não surpreendente, passamento de Antônio Rubens.

Não foi meu propósito aqui, enumerar ou acentuar feições que suponho ter podido descobrir e admirar em Antônio Rubens, Prof. Rubens, Dr. Rubens.

Quis apenas, nestas linhas, escritas quase junto ao mar, fazer um breve registro de uma pessoa, cuja memória não deve em mim esmorecer.

Salvador, 19 de fevereiro de 1994

TRANSPOSIÇÃO DO SÃO FRANCISCO

Discurso pronunciado pelo Deputado ROBERTO PESSOA (PFL - CE), na sessão de 29 de janeiro 1996, em defesa da Transposição das Águas do Rio São Francisco.

Senhor Presidente,
Senhoras e Senhores Deputados:

Em entrevista coletiva concedida semana passada, o Presidente Fernando Henrique Cardoso finalmente definiu sua posição em relação ao projeto de transposição das águas do rio São Francisco. Afirmou que vai levar em consideração os resultados dos estudos técnicos de viabilidade, que estão sendo atualmente elaborados por diferentes órgãos da administração federal e, caso a conclusão final seja pela realização da obra, ele vai tocá-la. Caso contrário, vai encerrar esse assunto que, segundo ele, já gerou polêmica demais.

Não resta dúvida, Senhoras e Senhores, de que um projeto dessa magnitude deve ser discutido à exaustão. A Nação inteira está cansada de assistir impassível à realização de empreitadas faraônicas que, tocadas às pressas, e sem a devida preparação técnica, acabam por entulhar ainda mais essa verdadeira vergonha que são os cemitérios de obras inacabadas, espalhados por todo o território nacional.

Não é isso o que os nordestinos querem, quando fazem a apologia do projeto de transposição das águas do rio São Francisco. O Nordeste inteiro precisa dessa obra e quer vê-la pronta o mais rápido possível. Porém, todos nós sabemos que, para surtir efeitos duradouros, ela terá de ser concretizada segundo padrões técnicos os mais rigorosos possíveis, e em consonância com as normas de proteção ambiental vigentes.

De sua parte, o Congresso Nacional não tem economizado esforços, no sentido de discutir a matéria com a necessária transparência. O interesse é grande. No Senado, uma Comissão Especial foi criada para debater em profundidade o desenvolvimento do Vale do São Francisco. Foram dezesseis reuniões e inúmeras sessões que contaram com depoimentos de autoridades e de especialistas nas mais diversas áreas, gerando debates particularmente profícuos e alentadores, especialmente no tocante ao projeto de transposição do São Francisco. O resultado final dos trabalhos acaba de ser publicado, e consubstancia uma fonte de consultas e informação de altíssimo nível.

Nesta Casa, o interesse pela questão não tem sido menos entusiástico que no Senado. Só em requerimentos de informação,

Senhoras e Senhores, foram mais de quinze os apresentados, apenas no ano passado, sem contar os requerimentos de convocação e as audiências públicas, que deram ensejo à presença entre nós de Ministro de Estado, Governadores, líderes políticos locais e nacionais, assim como técnicos do mais alto nível, todos dispostos a defender com veemência e propriedade, posições as mais diversas possíveis.

Nessas reuniões, assiduidade e o interesse da bancada nordestina foram uma constante, já que o projeto se destina a beneficiar o Nordeste inteiro. A transposição do São Francisco é um velho sonho dos nordestinos que agora, temos certeza, vai finalmente se tornar realidade.

Diz-se que a idéia da transposição remonta ao período colonial. Provas concretas disso não existem, mas sabe-se que, já no ano de 1847, o Deputado cearense Marcos Macedo apresentou proposição sobre a matéria, tomando por base estudos mandados realizar por D. João VI. Disponíveis para consulta acham-se também as anotações e os relatórios de uma comissão designada pelo Governo Imperial, em 1877, para estudar o problema da seca no Nordeste. Consta que essa comissão sugeriu, entre outras coisas, a construção de um canal ligando o São Francisco ao Jaguaribe.

Limitações técnicas próprias da época impediram porém que a proposta fosse levada adiante. Mesmo assim, a idéia da transposição nunca chegou a ser totalmente abandonada. Prova disso são os incontáveis registros de estudos sobre a matéria, que podem ser facilmente consultados na literatura especializada.

Na década de 70, O Projeto RADAMBRASIL identificou cerca de 1,6 milhões de hectares de terras férteis no semi-árido nordestino que, segundo recomendações técnicas, uma vez convenientemente aproveitadas, poderiam vir a transformar a região em rico e importante celeiro de produtos agrícolas para o Brasil e o mundo. A única ressalva dos responsáveis pelo projeto é que faltava água para isso, mas essas pessoas advertiram também que essa água podia ser tranqüilamente retirada do São Francisco, por meio da transposição.

Animado pela idéia, o Governo Federal encomendou ao antigo Departamento Nacional de Obras e Saneamento - DNOS - um estudo sobre a viabilidade da transposição. A possibilidade de utilizar as águas do Tocantins, frequentemente apontada como solução alternativa para o caso, foi analisada e, posteriormente descartada pela equipe de trabalho, por haver-se revelado excessivamente cara e tecnicamente difícil, tendo em vista as distâncias e os desníveis de altitude a serem transpostos. Quanto ao aproveitamento das águas do São Francisco, esta alternativa se mostrou viável, não só do ponto de vista técnico, como também econômico.

O relatório final dos três anos de estudo realizados pelo DNOS, Senhoras e Senhores, empreitada essa que contou com o apoio do Banco Mundial, conforma 66 volumes que incluem os projetos técnicos

de adução de água a partir de Cabrobó, no São Francisco, até os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Mas os esforços no sentido de dar à obra a dimensão técnica e econômica que ela exige não pararam aí. Animado com os resultados anteriores, o próprio Banco Mundial financiou mais um estudo de viabilidade econômico-financeira da Transposição, que resultou num plano de ação para irrigação do Nordeste Semi-Árido, minuciosamente explanado em um relatório de 7 volumes.

Submetido ao crivo do "Bureau of Reclamation", uma agência do Governo americano com vasta experiência em transposições de bacias e gerenciamento de recursos hídricos, o projeto de irrigação por meio das águas transpostas do São Francisco recebeu um parecer extremamente favorável, que concluiu pelo seu "tremendo potencial para beneficiar o Brasil, e particularmente o Nordeste".

Mas para aquelas vozes dissonantes, que insistem em argumentar que o projeto é inviável técnica e economicamente, que prejudica o equilíbrio ambiental do Nordeste e mesmo do Brasil, e que vai servir para beneficiar apenas pequenos trechos do Semi-Árido, gerando um volume total de terras irrigadas pouco significativo para a economia nordestina como um todo, eu tenho muito mais a acrescentar, no que diz respeito à seriedade com que a questão da Transposição vem sendo tratada no País, nos últimos vinte anos.

O Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica - DNAEE - realizou, também no início dos anos oitenta, estudos comparativos sobre as alternativas existentes para a transposição de águas dos rios São Francisco e Tocantins para o Semi-Árido. A conclusão a que se chegou então, à semelhança de pesquisas anteriores, foi a de que as alternativas com captação de águas no Tocantins requerem investimentos sensivelmente mais elevados que aquelas com captação no São Francisco. Concluíram também os técnicos que, mesmo as reversões para os vales do Gurgéia e do Piauí, com possíveis derivações para o Itaueiras e o Canindé, podem ser efetuadas a custos menores, com captações diretas na própria bacia do São Francisco.

A proposta atualmente em discussão, Senhoras e Senhores, não se trata de um projeto puro e simples de derivação de água. Trata-se, essa proposta, de um complexo e bem amarrado projeto de desenvolvimento econômico para a região, com proposições de curto, médio e longo prazos.

Pretende-se com ele, por exemplo, promover a chamada "habilitação hidroagrícola intensiva de terras de elevado potencial". Isso significa, nada mais nada menos, que possibilitar a irrigação de quase um milhão de hectares de superfície agrícola útil, beneficiando tanto as pequenas, quanto as médias e grandes propriedades rurais, espalhadas pelo sertão nordestino.

A melhoria da qualidade de vida das populações urbanas também não foi esquecida. Essa é, por sinal uma das metas mais importantes

do projeto, uma vez que visa a abastecer com água potável cerca de 220 cidades.

E as vantagens diretas e imediatas do projeto, no sentido de melhorar as condições de vida da população, não param aí. O projeto compreende ainda o estímulo à produção agro-industrial, a melhoria do controle das enchentes nos grandes vales, bem como a abertura de novas oportunidades de trabalho relacionadas à piscicultura, à pesca, ao turismo, à recreação e ao lazer.

Considerável será também a redução de dispêndios, por parte do Governo, por ocasião de catástrofes climáticas, como é o caso da seca. Haverá ainda oferta imediata de emprego, durante a execução da obra e, posteriormente, com a sua manutenção. Novas oportunidades na agro-indústria surgirão concomitantemente em toda a região, o que redundará em um aumento da produção de alimentos destinados a abastecer tanto o mercado local, como o nacional e o internacional.

Quanto à possibilidade de melhoria no padrão de vida de cerca de 10 milhões de pessoas, Senhoras e Senhores, esta será com certeza a conseqüência mais importante do projeto. Com o dinamismo econômico que se implantará na região, aumentará em muito a arrecadação de impostos. Parte do montante arrecadado poderá, por sua vez, ser investido localmente. Com o tempo, acredita-se que os fluxos migratórios serão reduzidos, revertendo-se uma tendência secular em toda a região.

Resumindo, pretende-se com a implementação do projeto criar cerca de 2 milhões de novos empregos, diretos e indiretos, e atingir uma produção agrícola no valor de cerca de 2 bilhões de dólares por ano. Porém, o que é mais importante nisso tudo, é que esse dinamismo, uma vez atingido, passará a ser duradouro, garantindo a eliminação da vulnerabilidade da região aos efeitos da estiagem.

Optar pelo projeto de transposição trata-se, na verdade, Senhoras e Senhores, de uma decisão que representará um feito memorável na história do País. Impossível torna-se, portanto, entender o porquê de tanta polêmica em torno de uma proposta cuja abrangência ultrapassa as fronteiras territoriais do Nordeste, para beneficiar o Brasil inteiro.

Todos os estudos realizados até hoje, independentemente de seu grau de abrangência ou especialização, nunca deixaram de ser unânimes em concluir não só pela viabilidade da obra, como também pela sua necessidade e premência. Atualmente, encontra-se em fase de conclusão um dos estudos técnicos mais amplos já realizados no Brasil sobre um tema específico. Trata-se de um verdadeiro tratado, composto por mais de 200 volumes, que analisa com profundidade cada um dos aspectos relacionados à transposição, em seus mínimos detalhes.

O anúncio oficial dos resultados desses estudos, Senhoras e Senhores, certamente vai jogar por terra todas as falácias a respeito

do projeto. Vai ser jogada definitivamente por terra, por exemplo, a afirmação de que a obra será executada a "toque de caixa", sem que estudos prévios das conseqüências de sua ação sobre o meio ambiente sejam suficientemente esclarecidos.

Eu pergunto: quem, de sã consciência, iria se pronunciar, hoje em dia, em favor de um projeto que se destinasse a destruir o meio ambiente? Será que já não bastam as conseqüências negativas de todo esse processo de desertificação que se acha em curso no interior do Nordeste? Será que alguém pode achar que o sertanejo ainda sofre pouco com as estiagens, que se tornam cada vez mais frequentes, por causa da voracidade com que nosso patrimônio natural vem sendo dilapidado?

A destruição ambiental no Nordeste brasileiro não vem de hoje. Começou já no período colonial, com a destruição da Mata Atlântica. Esse trabalho de dilapidação de nosso patrimônio natural estendeu-se, posteriormente, em direção ao interior, modificando de maneira profunda o clima da região. Em "Os Sertões", esse documento de extraordinário valor testemunhai e literário que nos foi deixado por Euclides da Cunha, já ficou registrada a preocupação do escritor com o meio ambiente.

De fato, da obra de Euclides da Cunha podem ser extraídos trechos inteiros onde o autor se manifesta a respeito do clima árido do Nordeste e registra, com a clarividência que lhe era peculiar, a intervenção nefasta do homem sobre a natureza, numa atitude de caráter eminentemente predatório.

O escritor vislumbrava, já àquela época, a formação de um deserto na extensa área onde haveria existido um mar imenso, em eras passadas. E, ao contrário de evoluir em direção à floresta, o que ele previa para o sertão era a regressão para deserto, com perda definitiva da escassa vegetação.

Esse é o retrato de um século atrás que, infelizmente, não envelheceu. Hoje, os cientistas nordestinos também se preocupam com a perspectiva da desertificação. Recentemente, o Núcleo Desert, da Universidade Federal do Piauí, alertou, em entrevista concedida ao Correio Braziliense, para o fato de que o processo de desertificação no Nordeste brasileiro avança sobre novas áreas e atinge, atualmente, 1,2 milhões de quilômetros quadrados.

Em municípios como Gilboés, no sul do Piauí, e Irauçuba, no Ceará, o processo de desertificação já é considerado irreversível pelos pesquisadores do Núcleo. Lá, as terras foram exauridas a tal ponto, que as populações locais já começaram a migrar em massa para as capitais dos Estados nordestinos ou para outras áreas do Semi-Árido.

Os pesquisadores constataram ainda que, nas áreas onde o processo de desertificação é considerado grave ou muito grave, mais de um milhão de pessoas sobrevivem na miséria absoluta.

Só no meu Estado, o Ceará, o Núcleo Desert estima que as áreas

suscetíveis à desertificação correspondem a quase 60% do território. Em Irauçuba, a 150 quilômetros de Fortaleza a cobertura vegetal quase não existe mais, a terra é solta e a água só chega à população duas vezes por semana e, mesmo assim, só dá para atender uma pequena parte dos habitantes.

No sertão do Nordeste, Senhoras e Senhores, cerca de 20 milhões de pessoas já não podem mais nem ser chamadas de "habitantes", mas sim de "sobreviventes", pois são pessoas que escaparam da morte por milagre. A cada dez anos, a flora, a fauna, o solo e a economia do Sertão são destruídos pelo menos duas vezes, em conseqüência da estiagem. Trata-se de um flagelo recorrente que afeta não só o meio ambiente natural: a questão maior é a da ecologia humana, e precisa ser urgentemente resolvida.

É leviano afirmar que mais de 20 bilhões de metros cúbicos de água já se acham armazenados e disponíveis no sertão nordestino, prontos para a utilização, e que por isso os gastos com a transposição seriam desnecessários, uma vez que bastaria um pequeno investimento com a perfuração de poços, para tornar a água farta e abundante. Isso não passa de especulação, que não resiste a nenhuma análise técnica mais acurada.

Com efeito, técnicos do antigo DNOS e da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco - CODEVASF - são unânimes em afirmar que a água subterrânea no sertão nordestino não só é escassa, como também de baixa qualidade. Trata-se de uma água com alto teor de salinidade, inadequada, portanto, para a utilização na agricultura.

Além disso, as águas subterrâneas do Semi-Árido escondem-se, em grande parte, sob uma base cristalina de mais de cem mil quilômetros quadrados. O investimento em máquinas e equipamentos necessários à transposição dessa barreira natural inviabiliza, portanto, qualquer tentativa de exploração desses aquíferos.

Por sua vez, os mananciais mais rasos disponíveis, Senhoras e Senhores, são tão escassos que, dizem os técnicos em recursos hídricos, seu uso intensivo pode redundar em exaustão a curtíssimo prazo. É o caso das reservas de água do Cariri e da Chapada do Apodi. Especialmente no que respeita ao aquífero do Cariri, suas reservas são suficientes para irrigar uma superfície de apenas cerca de 400 hectares. Ou seja, na região em apreço, não há alternativas viáveis de exploração de águas subterrâneas. A água tem que ser obtida mesmo é na superfície.

Os técnicos alertam também para o fato de que a sobreexploração de aquíferos tem levado o mundo inteiro a presenciar desastres ecológicos de conseqüências dramáticas, como o que ocorreu com o aquífero de Agarala, nos Estados Unidos. Nesses casos, grandes fendas racham o solo, ao mesmo tempo que o abatimento dos níveis do lençol freático, ou do aquífero confinado, gera altíssimos

custos de bombeamento. Em decorrência disso tudo, os empreendimentos acabam sendo abandonados.

No Arizona, há uns dez anos atrás, as autoridades locais tiveram de optar por um sistema de captação de águas a 600 metros de altura, só para recuperar projetos antigos, antes atendidos por águas subterrâneas.

Outra idéia inconsistente, Senhoras e Senhores, acerca do potencial hídrico do Nordeste, é a de que a região já dispõe hoje, para uso imediato, de cerca de 25 bilhões de metros cúbicos de água armazenada, pronta para a utilização. Esses 25 bilhões correspondem, na verdade, apenas ao **potencial** de armazenamento da região, pois, com o impacto das últimas secas, o volume de águas armazenadas não chega hoje nem a 5 bilhões de metros cúbicos.

O açude de Orós, o maior do Nordeste, está praticamente seco. Os demais, estão com seu estoque de água reduzido a menos de 20% de seu volume normal. A alternativa de construção pura e simples de novos açudes não resolverá, portanto, o problema da seca. Além disso, há que se pensar na distribuição espacial dessa rede de armazenamento de água, pois, da mesma forma que no caso do acesso à terra, a disponibilidade de água no Nordeste é ainda privilégio de poucos.

Levar a cabo o projeto de transposição do São Francisco é, por isso, a única maneira viável de democratizar o uso da água no Sertão, dando a todos, indistintamente, a oportunidade há séculos esperada, de trabalhar e progredir. E esse propósito, acreditamos, deve ser colocado acima das veleidades e mesquinhez transitórias, pois o sertanejo não pode mais esperar.

O caboclo nordestino já está cansado de promessas vãs e de medidas paliativas, medidas essas que, segundo dados do extinto Ministério da Integração Regional, só nos últimos dez anos custaram mais de 10 bilhões de dólares aos cofres públicos. Enquanto isso, o projeto da transposição do rio São Francisco, que em sua primeira etapa prevê gastos de apenas 600 milhões de dólares, aguarda ordem de execução nas obscuras gavetas da burocracia do Estado.

É bem verdade que, até se chegar ao pleno funcionamento das etapas complementares, prevê-se um investimento adicional gradativo, agora não mais em obras de engenharia, e sim no estímulo à agricultura e no combate às doenças endêmicas que assolam a região. Prevista está também a adoção de uma medida fundamental para o sucesso do projeto, ou seja, a preparação do homem do semi-árido para sua integração aos mercados interno e externo.

Asseguro, Senhoras e Senhores, que a transposição pode ser totalmente concretizada com um investimento bem inferior aos 2 bilhões de dólares que foram gastos pelo Governo Federal, entre março de 93 e março de 94, apenas para minimizar os efeitos da última grande seca no Nordeste.

Mas já faz parte do folclore nacional o ataque descomedido às propostas destinadas a levar benefícios para o Nordeste, sejam elas quais forem. E aí seria o caso de se perguntar, Senhoras e Senhores, se alguma dessas vozes dissonantes por acaso se apressou também em criticar a solução que foi dada recentemente, com a presteza e a benevolência de sempre, para o problema do Banespa. Sou capaz de jurar que não.

E digo mais: o alardeado projeto de despoluição do rio Tietê custará aos cofres públicos a bagatela de 2,5 bilhões de dólares. Já o gasoduto que vai levar gás da Bolívia para São Paulo, está orçado em 4,5 bilhões de dólares. Que eu saiba, nenhuma voz dissonante levantou-se do Sul ou do Sudeste para protestar contra os gastos com alguma dessas obras. Itaipu custou ao Erário 22 bilhões de dólares, enquanto Angra dos Reis já sangrou o Tesouro, até agora, em mais de 15 bilhões, com perspectiva de sangrar ainda mais. Ninguém protesta.

Os açodados não poupam palavras também para afirmar que o projeto de transposição decretará a morte do Velho Chico. Isso também não é verdade, porque concomitantemente ao projeto de transposição, está se propondo também um outro projeto muito mais abrangente, de recuperação integral de toda a bacia hidrográfica do "Velho Chico". O que se quer é chegar a um modelo de gerenciamento integrado de recursos hídricos que contemple inclusive as bacias hidrográficas dos tributários do São Francisco.

Com o projeto de transposição concluído, o São Francisco passará a ser deveras o rio da integração nacional. Com a recuperação da economia do semi-árido nordestino, todo o vale do São Francisco será beneficiado. É falaciosa, portanto, a afirmação de que o projeto só beneficiará quatro Estados do Nordeste. Com a transposição, o Brasil preconceituoso, que não sabe enxergar a contribuição que o Nordeste e os nordestinos já deram e continuam dando para o desenvolvimento do País, vai se sentir finalmente obrigado a enxergar o Nordeste com outros olhos; vai ser obrigado a entender porque é que se diz que o nordestino é antes de tudo um forte.

Lembro a todos que me escutam, que soluções viáveis para o flagelo nordestino existem muitas, e que já passa da hora de adotar uma delas, de preferência a definitiva. A proposta de transposição das águas do São Francisco é viável e é um sonho antigo não só nosso, mas também de todos aqueles brasileiros que, apesar dos percalços, nunca deixaram de acreditar na possibilidade de se construir um Brasil melhor.

Muito Obrigado.

AMINABAD ARRUDA CAMPOS

SÍNTESE BIOGRÁFICA

AMINADAB ARRUDA CAMPOS nasceu em Alencar, Ceará, 1914. Aos 14 anos chegou ao Crato, iniciando sua carreira de mecânico na Usina Exportadora Cratense.

Casou aos 18 anos com a senhora MARIA ALVES FEITOSA. Aos vinte anos iniciou um árduo trabalho como mecânico da Estrada de Ferro da Rede Viação Cearense.

Em 1944 foi convidado a trabalhar na Fábrica Aliança de Almino e Companhia, onde dedicou grande amor e desempenho.

Pelo trabalho naquela companhia nasceu uma grande amizade pela família Arraes, a quem tanto admirava.

Era uma vida difícil, pois tinha que arcar com toda responsabilidade da família, embora os filhos mais velhos já o acompanhassem para o trabalho.

Possuidor de grandes sonhos e belos ideais, não só para sua família como também para o Crato, cidade que tanto amava e que o adotou como filho. Aguardava a energia de Paulo Afonso com tanta ansiedade que já antevia o Crato todo iluminado. Quando estava programada a inauguração da energia de Paulo Afonso, quebrou-se uma peça na CHEFS em Milagres, o que adiaría para mais um mês. Trabalhando nessa Companhia, o Sr. José Lucíolo do Amaral falou este aos engenheiros que no Crato tinha um mecânico que faria essa peça. Com uma certa dúvida, vieram buscá-lo de helicóptero, e no mesmo dia chegou a luz de Paulo Afonso no Crato.

Em 1953 conseguiu montar sua oficina mecânica na "Rua da Vala" tendo como auxiliares seus filhos Edson e Abiná.

Tinha um vasto círculo de amizade, gostava dos papos na Siqueira Campos e dos filmes no Cassino. Tinha as idéias políticas de esquerda, as quais deixaram algumas marcas. O seu "hobby" era fotografar. Montou um pequeno estúdio em casa e deixou como lembrança um acervo muito grande de fotografias do Crato antigo.

Veio então a enfermidade, ceifando grande parte de seus sonhos. Lutou contra ela, mas a vontade de Deus não permitiu a cura.

Faleceu aos 49 anos, no dia 22 de novembro de 1963, deixando órfãos 13 filhos: EDSON, ABINADAB, NÚBIA, JANETE, MARCILIO, EDNA, PEDRO, EDUARDO, CARLOS LUÍS, ANALINA, DJANIRA, DAVI E ELIZABETH.

(Para a lei que deu o nome de Aminadab a uma das ruas do Crato, apresentada por José Sampaio, na Câmara Municipal, em 26.2.96).

OS MACACOS DE DARWIN

Mary Schultze

Werner von Braun, o grande cientista alemão, inventor dos Foguetes Voadores, que por um triz não levaram Hitler a ganhar a II Guerra Mundial, depois da vitória dos aliados, escolheu a América do Norte para viver e trabalhar. Era um ser humano maravilhoso, cheio de ternura e amor pelos seus semelhantes, sem preconceito algum de raça e cor. Era um crente fervoroso em Jesus Cristo e dizia que "O homem é o único ser vivo que não tem certeza do seu papel no Universo... quando Deus se tornou Homem, sua experiência mostrou-se carregada de pura agonia... porque Deus visitou os homens e eles o pregaram na cruz". Trabalhando nos projetos da NASA, von Braun ajudou os americanos na conquista do espaço sideral, até chegarem à Lua. Cientista importado da Alemanha, como Albert Einstein, von Braun se tornou famoso e respeitado no mundo inteiro..

Charles Darwin era exatamente o oposto de von Braun em todos os sentidos. Desde muito jovem queria conhecer tudo sobre a origem e destino do homem e foi só por isso que ingressou numa Universidade, obtendo o grau de Bacharel em Teologia. Só que, em vez de vestir a toga de Ministro da Igreja Anglicana, Darwin preferiu enveredar por outro caminho, dedicando-se à pesquisa dos fenômenos da natureza, vocação herdada do seu avô Erasmo Darwin, e assim tornou-se um Técnico-Químico autodidata e um naturalista incompetente. Passou cinco anos viajando pela costa da África do Sul, visitando uma porção de ilhas, e acabou circulando a Terra. Coletava amostras de flores, plantas, animais, fósseis e rochas, enchendo muitas arcas com tais coletas e remetendo-as ao seu laboratório em Londres.

Ali chegando, começou a estudar as amostras, catalogando tudo e analisando os pormenores. Até que certo dia teve um insight, o qual iria torná-lo famoso, graças à ingenuidade dos homens. Depois de estudar e tirar conclusões absurdas para alguém que havia estudado a Palavra de Deus, embora apenas a conhecesse intelectualmente e não tivesse penetrado o espírito da mesma, Darwin começou a escrever coisas que iriam transtornar muitas mentes e ficaria famoso, embora essa fama quase lhe tenha custado a vida eterna. Foi quando publicou seu primeiro livro **Origem do Homem**, chamando o Deus Criador e Sustentador do Universo de mentiroso, que Darwin, sem medir as consequências desastrosas de sua leviandade, arrebanhou um grande número de jovens cientistas e estudantes incrédulos, os quais, rejeitando o livro de **Gênesis**, acataram, abraçaram e passaram a defender a filosofia darwinista da Evolução das Espécies.

A Teoria Evolucionista de Darwin afirma que o homem veio da mutação de uma simples **célula** (ameba), a qual, após alguns milhões de anos, transformou-se em **peixe**. Mais alguns milhões de anos e o

peixe evoluiu, transformando-se em **lagarto**. Deste, após alguns milhões de anos, veio a **ave**, a qual, após mais alguns milhões de anos seria transformada em **macaco**. E o símio, depois de alguns milhões de anos, viria a se tornar o **Pithecantropus Erectus**, ou **Homo Erectus**, que seria o primeiro homem, portanto **ADÃO!** Existe uma boa piada alemã a respeito da Teoria Evolucionista. É a história de um garoto, que chegando da escola perguntou ao pai: - Papi, é verdade que o homem veio do macaco? Ao que o pai respondeu: - Você, talvez, mas eu não.

Quando analisou melhor sua Teoria, Darwin começou a encontrar lacunas impreenchíveis, elos perdidos ou inexistentes e notou que sua pseudo-ciência não passava de fantasia, uma vez que ia totalmente de encontro (e não ao encontro) das duas **Leis Essenciais da Termodinâmica**, que declaram a decadência das coisas criadas, a começar da energia, que é a base de toda vida na Terra. Darwin ficou apavorado, tentou tergiversar e acabou negando tudo que já havia declarado. Mas o fogo tinha-se alastrado depressa e incendiado as mentes dos seus seguidores fanáticos, que agora se achavam dispostos a dar a própria vida pela causa Evolucionista. Anos mais tarde, ao sentir a aproximação da morte, quando o homem tem de encarar a única verdade arquivada no mais recôndito do seu subconsciente, que **Deus é o Criador de Tudo e de Todos**, Darwin foi envolvido em terrível depressão mental e pediu que chamassem o Ministro da sua Paróquia. Na hora extrema, o homem só tem duas companheiras: **a verdade e a solidão**. Darwin pediu ao Ministro Anglicano que realizasse um culto evangélico na sala ao lado do seu quarto, com a leitura da Bíblia focalizada em Gênesis, cap. 2, que pregasse um sermão sobre o assunto e cantassem hinos de louvor a Deus, o Criador do Universo! Pediu perdão publicamente das suas idéias heréticas e em seguida entregou sua alma a Deus.

Sua piada de mau gosto, porém, já se havia alastrado e fôra transformada em Filosofia, acatada em todos os círculos científicos, tornando-se mais tarde matéria obrigatória em todo currículo escolar. A Terra é um dos menores planetas do menor dos Sistemas Planetários, dentre os bilhões de outros planetas espalhados pela imensidão do Cosmo. Se Deus, o Supremo Criador e Sustentador do Universo, (Gênesis, 1 e Hebreus 1:2), escolheu a Terra como seu planeta especial, em sua Onisciência e Onipotência, deve ter tido suas razões. E, como diz Paulo em Romanos 9:20, Mas, quem é você, meu amigo, para discutir com Deus? (BNH). Paulo, o mais inteligente e culto de todos os Apóstolos de Jesus, tornou-se o maior Teólogo do Cristianismo, e afirma, com a maior ênfase, em sua Epístola aos Efésios, Cap. 1, versos 4,5, o seguinte: Antes da criação do mundo, Deus já nos havia escolhido, para pertencermos a ele em união com Cristo, a fim de sermos santos e perfeitos diante dele. Por causa de seu amor por nós, Deus já havia resolvido que nos faria seus filhos, por

meio de Jesus Cristo, pois isso era o seu prazer e a sua vontade. (BNH).

Imaginemos um Deus Santo, Eterno, Onipotente e Onisciente Criador do Universo, separando para o seu serviço e para o seu louvor - além da imensurável quantidade de anjos bons - uma simples **ameba**, que milhões e milhões de anos mais tarde iria se transformar no homem (**Adão**), sabendo de antemão que esse homem iria desobedecer sua primeira ordem e cometer o maior genocídio espiritual de todos os tempos. E mesmo assim ele enviaria o seu Filho Unigênito, que, esvaziando-se de sua divindade, tomaria a forma de homem e em total submissão ao Pai Celestial, iria se humilhar até a morte de cruz, a fim de salvar o homem dos seus pecados gerados pela desobediência do primeiro homem! (Filipenses 2: 6 - 8) (adaptação). Por que Deus, que é onisciente, não teria mesmo deixado a sua criação estagnar naquela simples **ameba**, é o que poderíamos perguntar aos evolucionistas. Será que Darwin, conhecedor pelo intelectualmente da Bíblia, a Santa, Infalível e Eterna Palavra de Deus, a **Verdade**, segundo o próprio Jesus Cristo, não pensou nesta verdade tão sublime, quando tentou anular a verdadeira história da criação do mundo e do homem criado com cerca de 80% de água e 20% de sais minerais, sendo realmente um produto da terra e não apenas uma evolução de simples e minúscula proteína?

A Teologia Liberal abraçada por Darwin não era tão liberal como parecia. Ser liberal, no sentido verdadeiro, importa em ter liberdade para fazer o bem, usando a liberdade para edificar e não para desmoralizar o ser humano, como Darwin fez. Eu jamais me conformei com a idéia de ser descendente de um mísero macaco. Essa nefanda teoria me foi imposta no Colégio Estadual do Ceará, quando eu cursava o Científico rumo a um vestibular de Medicina, que desisti de fazer. Os anos passaram e somente quando aos 48 anos de idade, lendo e estudando a Bíblia com o desejo único de conhecer a verdade, a qual me libertaria de toda mentira (João 8:32), conheci Jesus Cristo como meu Salvador Todo-Suficiente, que sem precisar do auxílio da Sra. Mãe dele, nem dos santos e anjos, iria me dar a salvação eterna, aqui e agora, justificando-me de todos os meus pecados, regenerando-me de todos os meus vícios e maus hábitos, para ir me tornando cada dia mais semelhante a ele.

Há 4.000 anos a Bíblia já proibia aos judeus o consumo da carne de porco. Somente há alguns anos, os cientistas e biólogos foram descobrir que além da *Tenia Solium*, terrível verme que consome a saúde e até mata suas vítimas, a carne de porco é a maior fonte de colesterol que, obstruindo as artérias, leva precocemente à morte os que dela abusam, provocando infarto do miocárdio e outros males terríveis. Há 4.000 anos a Bíblia narra o mandamento da circuncisão entre os judeus e somente há poucos anos os médicos americanos descobriram que em cada 1.000 mulheres judias casadas com judeus é praticamente zero o índice de câncer uterino, enquanto que nas mulheres gentias é de até 20%. Este são apenas dois dos milhares de

exemplos de que a Palavra de Deus é Infalível e quem nela crer jamais será envergonhado.

Amigo, leia a Bíblia e descubra que você, uma criatura linda e maravilhosa de Deus, foi criado assim mesmo, para encontrar Jesus Cristo, assumi-lo como seu Salvador Eterno e se tornar um verdadeiro filho de Deus, na verdadeira acepção do termo e não através do falso ditado que anda na boca de todos os ímpios, que declaram, com a maior falta de cultura bíblica; **ora, eu também sou filho de Deus!** Mas são mesmo filhos do diabo!

Mary Schultze - Escritora Evangélica
Membro do C.P.R. e da International
Academy of Letters of England
Natural do Crato

CRÍTICA LITERÁRIA

José Newton Alves de Souza

"História de Seu Alencar, meu pai"

de Guarani Valença de Araripe

Este é um livro densamente humano.

A sensibilidade afetiva do autor, em relação ao pai, exsurge em quase todas as páginas.

Trata-se de uma narrativa em que o coração tem vez e voto, sem detrimento da verdade, e onde os subsídios bibliográficos, relacionados no final, permeiam o texto sem explicitações que viessem, de algum modo, a torná-lo menos inteiriço e harmônico.

O herói, ainda muito jovem, saiu do Ceará, para longes sítios, em que a necessidade fortaleceu o ânimo e gerou iniciativas, com a determinação de vencer. Obstáculos de variada espécie e natureza foram por ele superados.

Com justiça e reconhecimento escreve Guarani Valença de Araripe, logo na introdução:

Esta é a história de um homem, cuja vida mostrou, durante muitos anos, os traços do caráter, da retidão, da honestidade, da solidariedade e da paternidade anônima. (p. 15)

E um pouco abaixo:

Durante sua prolongada existência, foi pilastra central de um clã numeroso, onde os "aderentes" receberam quinhões iguais na divisão dos frutos paternos da criação.

Tais conceitos, confirme-os-á, com maior amplitude e numa retórica filial, na página 68: ...não foi comerciante, nem rico e nem pobre, não foi fazendeiro, não foi latifundiário urbano, nem homem de posses que, no futuro, pudesse deixar um sólido patrimônio para a família.

Fora, no entanto, um altíssimo edifício de bondade, um imenso oceano de pureza e um vastíssimo campo verde, onde medraram grandes "culturas"; foi, enfim, uma montanha de retidão e de caráter.

A memória de tempos, lugares e pessoas floresce e frutifica à larga, no livro em apreço. Quanto pormenor nas descrições e narrativas! Quanta feliz recomposição de episódios e ambientes!

Uma geografia sentimental rica em informações, as mais diversas.

Uma história não esquemática, para que nela predominasse mais o fato que o encaixe formal.

Uma genealogia difusa, fugindo aos moldes estruturais, mas, nem por isto, menos valiosa, considerada a natureza do livro.

O sofrimento, nestas páginas tão vivas, é um gerador de forças; o trabalho, uma alavanca de resistência; o bom humor, um clima habitual; a família, o fundamento assegurador de união e vitória.

Em "História de Seu Alencar, meu pai", o autor como que participa dos fatos anteriores a seu próprio nascimento, tão fiel se mostra na escuta do que lhe fora narrado, quão atento e agradecido aos exemplos e conselhos do querido genitor.

A linguagem é fluente, por exprimir sinceridade, e plástica, por adequar-se aos acontecimentos e situações.

Na transparência destas memórias, que revelam o escritor, o testemunho de um autêntico amor filial.

Salvador, julho de 1995

Um livro necessário

"TEOLOGIA DE JORNAL", com o subtítulo, bastante apropriado, de uma interpretação teológica dos fatos, acaba de vir a lume pela Editora "O Lutador", de Belo Horizonte, MG.

Não fiz, de suas 230 páginas, excluídas as da Introdução, uma simples releitura de editoriais de "O Lutador", nos quais a pena segura e doura do Pe. Paschoal Rangel comparece como suporte intelectual do melhor teor na espécie.

Ler, em seu conjunto, assim como se encontram no livro, esses editoriais, todos substanciosos no conteúdo, doutrinariamente bem concebidos e fundamentados, tratando de temas os mais diversos e desafiadores, sem que neles se percebam quaisquer hesitações ou titubeios, ou indébitas concessões - difere da leitura após o recebimento de cada número do jornal. Na diversidade dos temas, a unidade filosófica e teológica revestida de uma forma literária vigorosa e eloqüente..

O Brasil já possui diários e hebdomadários católicos de ampla circulação e provada credibilidade, jornais fiéis a seus respectivos princípios e fins, corajosos nas denúncias, exatos no registro de acontecimentos, justos na avaliação de pessoas, lúcidos na interpretação dos sinais dos tempos, exercendo um apostolado de boa imprensa com firmeza, obstinação e não raro com bravura. Desapareceram quase todos, infelizmente. Omissão do clero? Omissão dos leigos? Omissão de todos nós?

É possível, pelo menos em parte, em boa parte.

Dos que sobrevivem está "O Lutador", cuja denominação lhe

cabe à justa. Os editoriais, agora reunidos em livro, os artigos, as colunas, as notícias e comentários, as resenhas de livros e revistas, tudo, ali, reflete a luminosidade da Fé e a linha dos bons costumes, as manifestações da arte tanto quanto as do bom gosto.

A leitura de "Teologia de Jornal" leva-nos, de logo, à conclusão de que o jornalismo católico é algo de muito sério e grave, algo que supõe sólida formação teológica, filosófica, cultural, a fim de que o publicado convença pelo valor, verdade e beleza, e jamais decepcione pela mediocridade, ou escandalize pelo contra-testemunho em relação a Deus, à Igreja, à Sociedade e ao Homem.

O Revdmo. Pe. Paschoal Rangel, a quem já devíamos alguns livros em prosa ou em forma poética, inclusive de crítica literária, tal a largueza de seus conhecimentos, oferece-nos, com "Teologia de Jornal", uma obra que todas as bibliotecas católicas deviam possuir, todos os cursos católicos de Comunicação enfaticamente recomendar, e ser presença nas redações de jornais e periódicos comprometidos com a Religião de Nosso Senhor Jesus Cristo. E leitura, inclusive, para os católicos instruídos, em geral.

No centro da capa, uma foto do teólogo Henri de Lubac; algodoando-lhe a testa, uma ampla cabeleira; os olhos iluminam-lhe o projetado nariz, que se verticaliza sobre os lábios austeros, fitam algum ponto do chão, e, ao mesmo tempo, refletem uma luz denunciadora de um alto e penetrante espírito.

A escolha da foto diz muito do ideário e da formação do eminente autor, Revdmo. Pe. Paschoal Rangel, também ele um conceituado teólogo, e cujo retrato, impresso no canto superior esquerdo face externa da capa posterior ostenta uma calvície já acentuada, sinal de muito estudar, refletir, pesquisar e escrever. Os óculos suplementam-lhe a visão que, todavia, tem um brilho expressivo de agudeza intelectual e sensibilidade humana. O sorriso, que lhe envolve sem esforço a face por inteiro, é de quem, perspicaz, combativo e tranqüilo, tem sabido, com dignidade, cumprir a sagrada missão de jornalista católico.

Salvador, março de 1996.

José Newton Alves de Sousa

LEI DE INCENTIVO À CULTURA LANÇADA NO CRATO

"O incentivo estabelecido desatrela a cultura cearense do clientelismo, do paternalismo e garante que o sucesso do talento do artista independará de qualquer tipo de pedido". A avaliação fo feita pelo governador Tasso Jereissati durante a solenidade de regulamentação da Lei de Incentivo à Cultura, que aconteceu no Município do Crato, distante 516 quilômetros de Fortaleza, neste final-de-semana.

A Lei Jereissati - nº 12.464, de 29 de junho de 1995 - irá permitir o desconto de até 2% do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do Estado em favor de projetos culturais, na forma de doação, investimento ou patrocínio. Ela abre a expectativa de uma parceria entre o Governo e a iniciativa privada, em favor da cultura do Estado. O apoio financeiro às produções culturais poderá ser prestado diretamente ou em favor do Fundo Estadual de Cultura (FEC). A entidade será dirigida por uma comissão gestora, formada pelo Secretário de Cultura Paulo Linhares e três servidores da Pasta.

Na Floresta Nacional Araripe, onde aconteceu o 4º Chapada Musical do Araripe - CHAMA, destacou-se a importância da Lei para o crescimento da cultura cearense. O secretário Paulo Linhares falou da política adotada pelo Governo do Estado no âmbito da cultura. O Prefeito de Crato, Antônio Primo reconheceu o efetivo apoio destinado ao desenvolvimento cultural do Ceará. "Este momento tem um significado todo especial, pois dá-se demonstrações de que a cultura está sendo valorizada", disse.

Tasso Jereissati, além de ressaltar o significado da Lei para o crescimento cultural do Estado, destacou que todo o Plano de Ações dos eu Governo tem como um dos referenciais a cultura, como uma forma de contribuir para o desenvolvimento do Ceará. Nesse sentido, reconheceu a importância das artes populares, como "uma forma de expressão clara das raízes de um povo". Ao contextualizar o sistema cultural dentro da sua política de desenvolvimento, o Governador enumerou as grandes obras projetadas por sua administração e seu plano de industrialização do Interior. Especialmente sobre a Floresta Nacional do Araripe, Tasso disse que o Poder Público junto com toda a sociedade civil organizada deve ter o compromisso de preservá-la conservando todos os recursos naturais. Após a solenidade, acompanhado de políticos e artistas, o Governador visitou alguns locais de exposição de obras de arte.

CHAMA

Festival muda a rotina

Durante três dias a Chapada do Araripe conviveu com um clima diferente do habitual. A cultura popular foi destaque no 4º CHAMA - Chapada Musical do Araripe. Instituto em 1990, o Festival reuniu artistas de todo o País - entre eles o cantor Fagner- e contou com a realização de várias oficinas artísticas e de educação ambiental. O Festival recebeu 117 inscrições de canções, com a seleção de 20, que concorreram aos prêmios em três categorias. Cultura popular e preservação do meio ambiente foram destaque na Floresta Nacional do Araripe, que em maio de 1996 completará 50 anos. Antiga Nossa Senhora de Fátima, a área de 40 hectares, reeditou - durante o CHAMA - o espírito nostálgico dos festivais musicais tão comuns nos anos 60 e 70. A programação foi encerrada, sábado, com um show de Raimundo Fagner, seguindo-se ao anúncio dos vencedores.

PROPOSTA

Para obter o incentivo, o proponente deverá apresentar à Secretaria da Cultura o seu projeto. Em seguida, haverá a apreciação da proposta pela Comissão que fará uma análise em um prazo de 60 dias. Se aprovada, o requisitante pode buscar o apoio de contribuinte no ICMS. Após a obtenção, a proposta será reapresentada à Secult. O incentivo fiscal ficará limitado ao valor total do projeto apresentado. A Lei Jereissati proporciona ainda o incentivo aos projetos culturais através do Fundo Estadual de Cultura (FEC).

O contribuinte, pessoa física ou jurídica, poderá utilizar depósitos em conta aberta no Banco do Estado do Ceará (BEC), em nome do FEC. Os depositantes poderão deduzir do seu ICMS a paga o valor recolhido diretamente a Fundo, no limite máximo de 2% deste imposto.

Tribuna do Ceará 16.10.95

REPRODUÇÃO

A ÚNICA ENTREVISTA DE LAMPIÃO, CONCEDIDA AO MÉDICO
OTACÍLIO MACEDO, PERFIL EXATO DO CANGACEIRO.

BEATOS E CANGACEIROS

Por Otacílio Macedo

Nos dias 17 e 18 de março de 1926, em dois dias sucessivos, portanto, o jornal "O Ceará" publicou o que ficaria na história como sendo a única entrevista de Lampião. O trabalho foi feito pelo jornalista e médico Otacílio Macedo, do Crato, e é considerado da melhor qualidade. Vários são os autores que incorporaram esse texto aos seus livros.

Segundo Otacílio, o bando de cangaceiros chegou a Juazeiro no dia 4 de março, acoitando-se nas imediações da fazenda do deputado Floro Bartolomeu, até às 22 horas, quando se deslocaram para o centro da cidade. Ficaram hospedado na casa do poeta popular João Mendes de Oliveira, que se intitulava "historiador brasileiro" e, por isso mesmo, acabou virando uma figura "folclórica".

O Bando - O bando de Lampião compunha-se em março de 1926, de um total exato de 50 homens. A maioria era constituída de pernambucanos, principalmente dos municípios de Vila Bela, Triunfo, Floresta e Pajeú das Flores.

Estatura mediana, constituição franzina, rosto oval e queixo pontiagudo, eis algumas das características fisionômicas de Lampião.

Uma entrevista

Coisa curiosa: o facínora, devido ao peso dos apetrechos bélicos que conduz, caminha um pouco corcunda, o que não o impede de irradiar saúde e mocidade, não aparentando mais de vinte e dois anos de idade.

Particularidades do Cangaceiro

- Que idade tem?
- Vinte e sete anos.
- Há quanto tempo está nesta "vida" ?
- Há nove anos, desde 1917, quando me ajuntei ao grupo de

Sinhô Pereira.

- Não pretende abandonar a profissão?

A esta pergunta Lampião respondeu-nos com outra:

- Se o senhor estiver em um negócio e for se dando bem com ele, pensará, porventura, em abandoná-lo?

- Está claro que não!

- Pois é exatamente o meu caso; porque vou me dando bem com este "negócio", ainda não pensei em abandoná-lo.

- Em todo caso, espera passar a vida toda neste "negócio"?

- Não sei... talvez... preciso, porém, "trabalhar" ainda uns três anos. Tenho alguns "amigos" que visitar, o que ainda não fiz esperando uma oportunidade.

- É depois, que profissão adotará?

- Talvez a de negociante.

- Não se comove em extorquir dinheiro e "avariar" propriedades alheias?

- Oh! Mas eu nunca fiz isto. Quando preciso de algum dinheiro, mando pedir "amigavelmente" a alguns camaradas.

(Nesta altura, chegou um 1º tenente do batalhão patriótico de Juazeiro e chamou Lampião para um particular. De volta, avisou-nos o fascínora):

- Só continuo a fazer este "depoimento" com ordem do meu superior. (Sic!)

- E quem é o seu superior?

- !!!

- Está direito...

Quando voltamos, horas depois, à presença de Lampião, já este se encontrava instalado em casa do "historiador brasileiro" João Mendes de Oliveira.

Rompida, novamente, a custo, a enorme massa popular que estacionava defronte à casa, penetramos por um portão de ferro, onde veio Lampião ao nosso encontro, dizendo:

- Vamos para o sótão, onde conversaremos melhor. (Subimos uma escadaria de pedra até o sótão, aí notamos seguramente uns quarenta dos homens de Lampião, uns descansando em redes, outros conversando em grupos; todos, porém, aptos à luta imediata: rifles, cartucheiras, punhais e balas...)

- Desejamos um autógrafo seu, Lampião!

- Pois não.

(Sentado próximo de uma mesa, o bandido pegou da pena e estacou, embaraçado).

- Que qui escrevo?

- Eu vou dtar.

E Lampião escreveu com mão firme, caligrafia regular.

- Juazeiro, 6 de março de 1926.

Para... e o Coronel...
Lembrança de EU
Virgulino Ferreira da Silva
"Vulgo Lampião"

Os outros fascinados observam-nos com um misto de simpatia e desconfiança. Ao lado, como um cão de fila, velava o homem de maior confiança de Lampião, Sabino Gomes, o seu lugar-tenente, mal-encarado.

- É verdade, rapazes! Vocês vão ter os nomes publicados nos jornais, em letra redonda...

(A esta afirmativa, uns gozaram o efeito dela, outros, porém, parece, não gostaram da coisa).

- Agora, Lampião, pedimos escrever o nome dos rapazes de sua maior confiança.

- Pois não. E para não melindrar os demais companheiros: todos me merecem igual confiança; entretanto, poderei citar o nome dos companheiros que estão há mais tempo comigo.

E escreveu:

1. Luís Pedro.
2. Juriti
3. Chumbinho.
4. Nuvueiro.
5. Vicente.
6. Jurema.

E o estado-maior;

1. Eu, Virgulino Ferreira.
2. Antônio Ferreira.
3. Sabino Gomes.

Chumbinho

Passada a lista para nossas mãos, fizemos a "chamada" dos cabecilhas: fulano, sicrano, etc.

Todos iam explicando a sua origem e os seus "feitos de guerra".

Quando chegou a vez de Chumbinho, apresentou-se-nos um rapazola, quase preto, sorridente, de 18 anos de idade.

- É verdade, Chumbinho! Você, rapaz tão moço, foi incluído por Lampião na lista dos seus "melhores" homens...

Queremos que você nos ofereça uma lembrança...

Chumbinho gozou o elogio. Todo humilde, tirou da cartucheira uma bala e nos ofereceu como lembrança.

O Substituto de Virgulino

- No caso de insucesso com a polícia, quem o substituiria como chefe do bando?
- Meu irmão Antônio Ferreira ou Sabino Gomes.
- Os jornais disseram, recentemente, que o tenente Optato, da Polícia pernambucana, tinha entrado em luta com o grupo, correndo a notícia oficial da morte de Lampião.
- O tenente é um "corredor"; ele nunca fez diligência de se encontrar "com nós"; "nós é que lhe matemos alguns soldados mais afoitos".
- E o Coronel João Nunes, comandante-geral da Polícia de Pernambuco, que também já esteve no seu encalço?
- Ah! este é um "velho frouxo", pior do que os outros...

Velhinha" e o Crucifixo

- Neste momento chegou ao sótão uma "romeira" velha, conduzindo um presente para Lampião. Era um pequeno "registro" e um crucifixo de latão ordinário. "Velhinha", apresentando as imagens:
- "Stá aqui, seu coronel Lampião, que eu truve para vosmecê".
 - Este santo livra a gente de bala? Só me serve se for santo milagroso.
- Depois, respeitosamente, beijou o crucifixo e guardou-o no bolso. Em seguida tirou da carteira uma nota de 10\$000 e gorjetou a romeira.
- Que importância já distribuiu com o povo do Juazeiro?
 - Mais de um conto de réis.

Inté, Capitão!

- À despedida, Lampião nos acompanhou até a porta. Pediu o nosso cartão de visita e acrescentou:
- Espero contar com os "votos" dos senhores em todo tempo!
 - Que dúvida... responderemos.

TRIBUNA DO CEARÁ - FORTALEZA, 17/03/96

VICENTE LEITE

Galeria Multiarte mostra a partir de amanhã 34 trabalhos do paisagista cearense.

Muita gente conhece a Vicente Leite, a rua de Fortaleza, mas não sabe quem foi ele, o homem que dá nome à rua. Um político, um literato, um historiador? Este desconhecimento é um fato. Um fato que merece e ganha reparo a partir de amanhã, às 21 horas, quando a Galeria Multiarte inaugura a Exposição Vicente Leite e presenteia Fortaleza em seu 269º aniversário. "É uma antiga dívida que precisa ser paga, escreve o marchand Max Perlingeiro no programa da mostra, em relação a um artista de quem não se estudou, compreendeu ou avaliou adequadamente a obra".

Antônio Bandeira e Raimundo Cela. Sempre que se fala de artistas cearenses que ganharam o país, estes dois nomes vêm à mente. Quase ninguém sabe que Vicente Leite também fez o mesmo trajeto, que também conseguiu prêmios e prestígio, mas terminou inexplicavelmente posto de lado. A Multiarte vai expor 34 pinturas deste paisagista, óleos sobre tela e madeira de tamanhos variados, para mostrar que esta lacuna precisa ser revista, que Vicente contribuiu muito para a arte brasileira e que, guardadas as proporções, esta é também uma verdadeira mostra histórica.

"O nosso objetivo, explica Max, é registrar a memória deste homem, que até então nunca foi visto. É uma exposição que empolga e tem uma dimensão nacional. A gente está pegando um paisagista, de uma época em que pintar paisagem não era muito comum. E a arte brasileira é curiosa. Eu acho que quase nada se falou sobre arte brasileira ainda. Você me pergunta, por exemplo, quem é Vicente Leite? Eu respondo que é um pintor de quem se conhece muito pouco, mas tem uma obra extraordinária. Com este trabalho, eu vi que ele era muito mais importante do que eu achava que era. E muito maior pelo ponto de vista artístico".

Esta é a 17ª exposição da Multiarte e há um ano e meio Max pesquisa a vida e obra do cearense que nasceu no Crato, saiu do Ceará, foi pro Rio, venceu e se tornou reconhecido. Neste período, às vezes até de maneira casual, juntou um bom material, o que confere um caráter diferente a esta mostra. É que pelo acúmulo de informação - correspondência entre o artista e amigos, registros e cartas até de Getúlio Vargas, que gostava muito de Vicente -, a galeria vai abrir espaço também para a exposição de documentos. Daí porque salientar seu caráter histórico.

"Só para se ter uma idéia, segundo Max, esta mostra mereceu

um dossiê de 80 páginas e tem um catálogo de quase 60. É muita história". Há registros da viagem do pintor do Ceará ao Rio, quando ele retratava algumas pessoas no próprio navio; de sua chegada e adaptação ao Rio quando tinha só 22 anos; suas aulas na Escola Nacional de Belas Artes, sua grande amizade com Portinari e um ou outro artista da época, embora fosse um homem de poucos amigos - leia ao lado - ; sua trajetória vitoriosa; o prêmio de viagem ao estrangeiro; a morte quase súbita; sua repercussão e o que de certa forma poderia explicar seu esquecimento.

Max acha que Vicente Leite foi um paisagista de comportamento e talento muito próprios. Um homem que já era um artista completo quando deixou sua terra, que produziu muito - bem mais no Rio -, que nunca foi a Europa, mas que se mostrava ousado em muitos de seus quadros. Hoje estes estão espalhados por museus - há um Museu Vicente Leite no Crato, que abriga algumas de suas obras e de outros artistas também -, como que pedindo uma reparação. Ela começa agora com esta mostra em Fortaleza, em junho vai para o Rio e no próximo ano deve virar livro. Para Max, é indispensável que as novas gerações conheçam a obra destes pintores notáveis. De certa forma, Vicente Leite já foi revisto e recompensado.

Serviço:

Exposição Vicente Leite - mostra dedicada ao paisagista cearense Vicente Leite e comemorativa do 269º aniversário de Fortaleza. Na Galeria Multiarte - Rua Barbosa de Freitas, 1727; tel. 261.7724 - a partir do dia 25 de abril. A abertura acontece às 21 horas e a mostra permanece até o dia 31 de maio. As visitas podem ser feitas de segunda a sexta-feira no horário de 14 às 20 horas.

O Artista

Vicente Leite nasceu no Crato. No primeiro ano deste século. Sua família não tinha recursos, mas o menino aprendeu a desenhar assim mesmo. Seus estudos e esforços lhe levaram a servir na guarda do Palácio do Governo do Ceará. Ali conheceu o governador, João Tomé de Sabóia, que lhe ofereceu uma bolsa de estudos no Rio de Janeiro. Vicente fez a viagem de navio e no Rio começou a estudar na antiga Escola Nacional de Belas Artes, onde tinha como amigos Portinari, Orlando Teruz, Oswaldo Teixeira e era aluno de mestres como Rodolfo Chambelland e João Batista da Costa.

Com o último descobriu seu talento de paisagista e logo revelou uma saudável disposição de ganhar prêmios. Menção honrosa no

Salão Nacional de Belas Artes em 1924; medalhas de bronze e prata em 1926 e 1929; prêmio de viagem ao país em 1935 e finalmente prêmio de viagem ao estrangeiro (1940), o mais disputado na época. Há também que salientar sua participação em vários salões nacionais, a única oportunidade que os artistas tinham para mostrar e vender seus trabalhos, e até fora do país. Em 1929 expôs no Salão de Rosário, na Argentina. No ano em que morreu seus trabalhos foram levados a Nova York.

O currículo de Vicente Leite inclui também mostras individuais, alegorias e paisagens feitas sob encomenda e painéis para o próprio governo. O Palácio do Governo do Ceará, por exemplo, lhe encomendou uma alegoria da Revolução de 1930 onde se destacava a figura do marechal Juarez Távora. O destino não lhe fez justiça. Primeiro porque faleceu antes de aproveitar seu prêmio de viagem ao estrangeiro - a doença interrompeu os preparativos de viagem. Depois porque seus trabalhos não tiveram o justo reconhecimento da posteridade. Hoje estão espalhados por museus e coleções de todo o país, à espera de iniciativas como esta da Multiarte.

Diário do Nordeste, 24.04.95

SINHÁ D'AMORA

A jovialidade que transborda de palheta e inunda a superfície dos quadros que pinta nada mais é que a expressão precisa da filosofia de vida da artista plástica cearense Fideralina Corrêa de Amora Maciel, mais conhecida como Sinhá D'Amora. Se a longevidade produtiva tem um segredo ou é um prêmio dos deuses, Sinhá D'Amora é um desses poucos privilegiados que pode responder. Aos 89 anos, completos no último mês de setembro, ela tem mais de cinco décadas dedicadas à arte, o que a transformou numa das grandes expressões artísticas do Estado, e que ainda continua em intensa atividade... Reconhecida e admirada em todo Brasil e no Exterior, Sinhá D'Amora voltou a morar no Ceará há cerca de dois anos, depois de 65 anos residindo no Rio de Janeiro. De volta a sua terra continuou a imprimir um ritmo impressionante de trabalho. No final do ano passado a artista comemorou o centenário de nascimento do marido, Amora Maciel, contista, poeta e trovador, lançando o livro "Cantiga de Pan", que contou com o apoio da FUNDAÇÃO CULTURAL DE FORTALEZA.

Sinhá D'Amora nasceu em Lavras da Mangabeira, em primeiro de setembro de 1906, em uma família em tradição de políticos e educadores. As primeiras noções de pintura foram aprendidas em um colégio de freiras e aos 17 anos ela conheceu Raimundo Amora Maciel, com quem se casou três anos depois. Ele era funcionário do Tribunal de Contas da União e nas horas vagas, contista, poeta e trovador. E 1928 o casal se transferiu para o Rio de Janeiro, onde ela teve a oportunidade de cursar a Escola Nacional de Belas Artes. Lá recebeu orientação dos professores Lucilio e Georgina de Albuquerque, Marques Junior, Rodolfo e Carlos Chambelland, em aulas de desenho e pintura.

Após sete anos estudando todos os estilos possíveis, Sinhá D'Amora concorreu em um salão oficial nacional e ganhou uma viagem à Europa. Chegando lá matriculou-se na Escola de Belas Artes de Florença, na Itália, onde passou um ano letivo completo estudando e tomando aulas particulares com o mestre Giovanna Vagnetti. Além disso, participou de cursos na Universidade de Florença, onde diplomou-se com distinção. De volta ao Brasil fez 14 exposições seguidas no Palace Hotel, a galeria mais elegante da época. Depois passou mais um ano aperfeiçoando sua arte no "Le Grand Chaumiéri de Paris", estudando paralelamente na Aliança Francesa. A partir daí teve a oportunidade de voltar várias vezes à Europa, sempre frequentando os museus da Itália, Espanha, França e Suíça.

No Brasil, recebeu ainda conselhos de Jordão de Oliveira e de Pascoal Teixeira de Assis. Foi Secretária da Sociedade Brasileira de Belas Artes.

Participou de inúmeros certames artísticos nacionais e internacionais, recebendo vários prêmios, condecorações e menções honrosas.

Membro da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, da congênera em Letras de São João Del Rei (MG) da Fraternidade Balzaquiana de Montevideu e sócia correspondente da Sociedade de Belas Artes de Lima-Peru, Sinhá D'Amora tem sua inspiração em raízes nordestinas, apesar da cultura sedimentada no exterior. Após um casamento de 53 anos, a morte do marido a pegou de surpresa, mas ela não esmoreceu. A opção de não ter filhos nunca a incomodou e solidão é algo que diz não conhecer. Vaidosa e egocêntrica assumida, não dispensa a presença dos amigos, e fala que a idade é uma credencial, razão pela qual procura manter um cérebro jovem, até hoje não precisando de óculos para ler, escrever ou pintar. Sobre seu estilo é taxativa. "Pinto o que o sentimento me dita. Já me afastei da palheta convencional e utilizo as tintas que convêm à minha sensibilidade".

**JORNAL DA FUNDAÇÃO CULTURAL
DE FORTALEZA.**

Homenagem a Bárbara de Alencar

No domingo, dia 11 de fevereiro 1996, data de significativa importância para a história do Ceará. Neste dia se comemorou o aniversário de Bárbara Pereira de Alencar, maior heroína de nossa terra. As comemorações foram muitas, começando na tricentenária Fazenda Caiçara, localizada em Exu, onde ela nasceu, no ano de 1760. Lá, foi instalado o Memorial Bárbara de Alencar. Claro que a Prefeitura não poderia ficar de fora destas homenagens. Através da FUNDAÇÃO CULTURAL DE FORTALEZA (FCF), foi preparada uma noite toda especial no ESTORIL - Centro Cultural da Praia, na última terça-feira, dia 13, para o lançamento do livro "Matriz de Bravos", da escritora Luciana Nobre, pesquisadora da vida e obra de Bárbara de Alencar.

A escritora Luciana Nobre veio especialmente do Rio de Janeiro para o lançamento do livro, que por sinal a autora dedicou "a quatro cearenses a quem muito admiro": O Prefeito ANTÔNIO CAMBRAIA, o Presidente da FCF, Cláudio Pereira, o médico e ex-prefeito Juraci Magalhães e a professora Martine Kunz. Narrando toda a epopéia da grande heroína, o livro "Matriz de Bravos" levou muitos intelectuais e artistas ao ESTORIL, nesta homenagem à Bárbara de Alencar. Entre as muitas figuras presentes, representantes do Instituto do Ceará - Histórico, Geográfico e Antropológico e da Câmara Municipal de Fortaleza.

Durante a solenidade o vereador Torres de Melo apresentou ao Prefeito ANTÔNIO CAMBRAIA, proposta para transformar o quiosque do Passeio Público - local onde a heroína foi presa e torturada - em Memorial Bárbara de Alencar. A idéia mereceu o aplauso da intelectualidade presente e certamente vai devolver ao local, o papel de ponto turístico e de interesse histórico.

Aliás, a FCF, já havia feito homenagens a Bárbara de Alencar, com a colocação da primeira placa biográfica, do projeto por ela desenvolvido, na rua Bárbara de Alencar. Além disso o Órgão instalou o monumento à Dona Bárbara, obra do escultor Zenor Barreto, na Avenida Heráclito Graça, e deu apoio à montagem da peça teatral "Dona Bárbara".

LUCIANA BARBOSA NOBRE

Num País onde os ídolos se sucedem numa rapidez impressionante, fazendo-os parecer mais produtos descartáveis, fica cada vez mais difícil manter viva a memória de nossos personagens históricos. Por isso mesmo a FUNDAÇÃO CULTURAL DE FORTALEZA entende ser fundamental o apoio aos projetos neste sentido. Tanto assim que na última semana, dia 13 de fevereiro, ela viabilizou o lançamento do livro "Matriz de Bravos", da escritora Luciana Nobre, que tem como figura central uma das grandes heroínas da nossa terra: Bárbara de Alencar. A obra, num apaixonante relato, mostra a vida de Dona Bárbara e também dos seus filhos que, à feição de sua mãe, lutaram pelos mesmos ideais de liberdade e justiça. Esta não é a primeira vez que a heroína é personagem de um romance de Luciana Nobre. A autora já havia feito "O Romance de Bárbara de Alencar", em 1992, uma biografia romantizada de dona Bárbara. O primeiro livro de Luciana foi publicado em 1988, "God's Land". De lá pra cá não parou mais, abordando temas bem variados: românticos, dramáticos ou históricos.

Luciana Barbosa Nobre nasceu em Xapuri, no Acre, no dia 11 de abril de 1927, filha de Lúcio Alves Barbosa e Joana Maia Barbosa. Teve como padrinho José Alves Maia, um dos heróis da Revolução Acreana e ativo jornalista da cidade de Belém, no Pará. Fez seus estudos no Grupo Escolar Plácido de Castro e no Instituto Divina Providência - colégio onde posteriormente foi professora - de sua cidade natal, e na Escola Normal Lourenço Filho, esta já na capital do Estado, Rio Branco. Fez também curso de inglês com o professor Orlando de Souza Freitas, se formando depois em Sociologia, pela Universidade Federal Fluminense, sendo discípula do mestre Ovídio da Cunha.

Antes porém, Luciana decidiu excursionar pelo palco, trabalhando em teatro amador em Rio Branco e depois no Rio de Janeiro, cidade que abraçou como lar após seu casamento com o escritor Francisco Silva Nobre. Da união nasceram três filhos: João Eduardo (engenheiro), Luis Fernando (psicólogo) e Francisco José (advogado), e cinco netos. Nesta época exercitou o seu lado viajante, visitando diversos países da América do Sul, principalmente Argentina e Uruguai. Realizou ainda viagens à Europa, demorando-se mais tempo na Itália, França, Espanha, Inglaterra e Portugal.

Diretora do Departamento Feminino da Associação dos Antigos Funcionários do Banco do Brasil de 1978 a 1983, Luciana fundou a Obra Social Roselys Colin e o excelente Coral que ainda hoje se apresenta com sucesso. Todo este dinamismo sempre foi uma das características básicas de Luciana Nobre, assim como sua paixão pela Literatura. Tanto assim, que desde muito cedo dedicou-se ao estudo

da vida e da obra de Castro Alves, que conhece profundamente, já tendo declamado seus poemas em numerosas e diferentes solenidades. Foi seu conhecimento e dedicação à obra do grande escritor que a levou ser eleita para a Academia Pan- Americana de Letras e Artes, em que desempenha o cargo de Secretária-Geral, a Academia Luso Brasileira de Letras e no Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, onde foi presidente por dois mandatos.

Além dessas, Luciana Nobre tem um currículo invejável, sendo membro de várias outras entidades, como por exemplo: Academia Nacional de Letras e Artes, onde ocupa a cadeira patromímica de Bárbara de Alencar; Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, onde ocupa cargo de Diretora-Cultural; Academia de Trova e Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Luciana respondeu ainda, no período de 1991 a 1993, pela Secretaria-Geral da Federação das Academias de Letras do Brasil.

Após o debut como escritora, com "God's Land", de 1988, diretamente no idioma inglês, Luciana não parou mais. Seguiram-se "Sonho de Amor", 1990; "Paz de Minha Vida", 1991; "O Romance de Bárbara de Alencar", 1992; "Prova de Fogo", 1993; "Terra de Deus", 1993; "Acre Terra de Heróis", 1994; "Diário de Uma Presidiária" e "Matriz de Bravos", são seus últimos trabalhos, ambos de 1995. O interesse pela figura de Dona Bárbara é antiga. Convidada pela FCF ela esteve na cidade para a inauguração da praça com nome da heroína. Agora voltou para outra homenagem a esta grande figura.

(Jornal da Fundação Cultural de Fortaleza).

A GRANDE ARTE DE WALDERÊDO GONÇALVES

A maior expressão viva da gravura cearense é vítima de um injustificável ostracismo: Walderêdo Gonçalves.

As vésperas de completar 76 anos, este cratense cumpre, religiosamente, uma rotina de descer e subir a íngreme ladeira do bairro Caixa d'Água, onde mora, para jogar víspera e dominó com os amigos na Praça Cristo Redentor.

Ágil, lúcido e ainda vez por outra cortando algum carimbo na madeira ou em retalhos de "paviflex", Walderêdo não destila amarguras nem posa de injustiçado. Não seria um nostálgico dos "bons tempos", mas não se recusa a falar do passado.

O que implica, necessariamente, na encomenda feita pelo Museu de Arte da então Universidade do Ceará, na década de 60, para a elaboração do álbum "Apocalipse".

A partir da riqueza de elaboração, da destreza do corte e da obtenção de meios tons, Walderêdo credenciou-se como um dos nomes mais expressivos da gravura cearense, ao nível de um Noza.

Tudo começou quando o aprendiz de gráfico sentiu-se desafiado a preparar uma capa para um folheto devocionário editado por José Bernardo da Silva. Cortando na madeira um Coração de Jesus, Walderêdo dava início a uma trajetória que poderia ter sido mais bem sucedida, se mais estimulado a criar outras obras-primas como sua leitura do Livro das Revelações.

Autor de outras séries inéditas, porque nas mãos de colecionadores ou furtadas por "marchands" inescrupulosos, Walderêdo se orgulha de ter iniciado na gravura seu primo: Sérvulo Esmeraldo.

Numa história de vida complicada, como a de todo produtor popular, trabalho e arte e confundem em Walderêdo. E ele nunca pôde se dar ao luxo de optar pela criação. Fez um pouco de tudo: foi gráfico, carpinteiro, eletricista, pintor, ourives, sendo também chamado para abrir cofres, quando alguém, distraído, perdia a chave.

A gravura entrou em sua vida por acaso. Trabalhava na gráfica de Pergentino Maia e precisava atender ao cliente que precisava de uma ilustração e não tinha tempo a perder com a encomenda de uma zincografia. Lembra-se que trabalhou com um taco de massaranduba, "uma madeira muito ríspida, mas muito polidinha".

Na época, tinha 17 anos. Ainda hoje trabalha com canivete. E não tem preconceitos em relação ao material: "eu tou fazendo mais é com vulcapiso, fórmica ou chumbo, que eu derreto, vazo ele e faço a laminazinha, corto todinho".

O MESTRE

Se foi autodidata, também não se preocupou em fazer escola. Diz que deu algumas noções para alguns curiosos, diletantes. Coincidentemente, alguns de seus recursos para a obtenção de sombras, de pontilhado e de esfumado são retomados, muitos anos depois pelo gravador Nilo, de Juazeiro do Norte. São velhos saberes que se reatualizam, sem uma transmissão sistemática.

Não que Walderêdo escondesse suas técnicas ou fizesse segredo de seus achados. Talvez ele não tivesse tempo para se dedicar ao ensino, tão preocupado que estava com a subsistência da família.

Mas se orgulha de ter iniciado Sérvulo Esmeraldo na gravura. "Às vezes ele me procurava, pedia um pedaço de madeira, eu preparava, levava para ele, ele ia cortando". Não exagera: "foi só isso aí mesmo, desde criança ele tinha tendência para as artes". E se despede, apressado, porque tem ainda uma ladeira íngreme para enfrentar.

EM JUAZEIRO

A mulher era filha única e os sogros que estavam velhos moravam em Juazeiro. Foi mais fácil mudar-se para a cidade vizinha. Antes de prestar serviços com maior frequência para José Bernardo, fez o que apareceu: pintura, ourivesaria, marcenaria. Até que se espalhou a fama de que era um grande gravador e as encomendas não pararam mais. Autodidata, nunca viu ninguém cortar. Sua iniciação foi intuitiva.

José Bernardo dava os títulos dos folhetos e ele voltava no dia seguinte com as capas. Todas assinadas e inconfundíveis. Pelo nível de acabamento, pela marca do gênio de um artista maior.

"Depois que eu comecei a trabalhar, parece que abriu espaço para todos". Logo Lívio Xavier e Sérvulo Esmeraldo começaram a viajar para o Cariri, por recomendação do dr. Martins Filho, para adquirir tacos e encomendar trabalhos para o acervo do MAUC.

LEMBRANÇAS

Ele refere-se ao Noza como um mestre da escultura: "a xilogravura dele era muito resumida, era uma raridade ele fazer uma". De João Pereira e Damásio Paula as recordações são mais esfumaçadas.

Sobre o ex-patrão José Bernardo, uma observação sem rancor: "nunca foi poeta. As poesias que ele lançava a maior parte é do Expedito, que ainda hoje é vivo, lá em Juazeiro".

Mas confessa que pouco entrava na gráfica: "era do balcão para fora. E foi assim de 56 a 64, quando voltou de vez para o Crato. E nunca aceitou convites para viagens porque tem medo de desastres. Exceção

feita ao avião dos Correios que o traria a Fortaleza com as matrizes do "Apocalipse" e que deu pane em Petrolina. Foi quando caiu nas mãos de Henrique Blum, que teria se feito passar por emissário da Universidade e comprado os tacos. A série, refeita, mescla o medieval com o sertanejo, num trabalho exemplar.

A passagem da capa de cordel para o álbum foi sem traumas, pelo contrário: "o álbum era mais bonito, mais visível, chamava mais a atenção do público do que aquelas coisinhas minúsculas".

Não se preocupou em guardar matrizes, aliás, nem as cópias. Lembrar-se do que fez é um exercício mais árduo que subir a ladeira até o número 100 da rua Gérson Zábulo, onde mora.

APOCALIPSE

O tema de seu principal trabalho não foi uma escolha, mas uma sugestão de Sérvulo Esmeraldo. Ele comenta a proposta com um certo distanciamento: "fui religioso no tempo em que era rapazinho, mas dentro da própria Igreja, aprendi que religião não vale nada". Diz-se descrente de tudo. E baseia-se na filosofia de Lavoisier: "nada se constrói, nada se destrói, tudo se transforma". E conclui, cético, "então pra que religião?"

Esta atitude não impediu que ele começasse "a ler o Apocalipse todinho e pelo que eu deduzia, fazia o desenho. Por isso tem umas caras imitando o sol e o pessoal não sabe porque, mas é de acordo com a história, fazia cara quadrada como se fosse um brilhante..."

Foi a única encomenda que ele admite lhe rendeu algum dinheiro. Porque pôde vender algumas cópias. E lhe rendeu prestígio, além do convite para fazer um álbum para a Faculdade de Filosofia do Crato, "com temas folclóricos e documentários (sic), mostrando coisas que existem e que brevemente não existirão mais".

"O Povo", seção vida e arte. Fortaleza, 19 de março de 1996.

PESQUISADOR GAÚCHO ELOGIA "ITAYTERA"!

Mais uma vez, o arguto pesquisador gaúcho, Dr. George Charles D'Alençon, por telefone, manifestou-me admiração pela pujança intelectual do Cariri e pela excelente qualidade da revista "Itaytera", órgão do I.C.C, Instituto Cultural do Cariri.

Disse o pesquisador gaúcho que só no nº 13 da "Itaytera" encontrou nada menos de 8 temas do seu mais absoluto interesse! Aí veio a pergunta: - "O que é que o Crato faz para ter revista tão boa que, no Rio Grande do Sul, nós não conseguimos fazer"? Efetivamente, "Itaytera" é uma revista eclética que satisfaz a todos os gostos e exigências.

Quem tem a sua coleção completa tem fontes de pesquisas sobre quase tudo do Cariri!

"Itaytera" tem pernas longas e vai muito longe, sendo o orgulho maior do Instituto Cultural do Cariri.

Barbalha, 01.05.96.

Napoleão Tavares Neves.

Escritor F. Monteiro Deixa Um Grande Acervo Literário

Crato - Depois de alguns dias adoentado, tendo estado, inclusive, internado em Hospital, faleceu às 17 horas do dia 16 último na cidade do Crato, em sua própria residência, à Rua Tristão Gonçalves, 604, o escritor F. Monteiro de Lima. Tinha vários livros publicados e sua vida foi um verdadeiro romance, enfocada em algumas de suas obras. Deixou viúva a Sra. Evangelina Gonçalves de Lima, da sua mesma idade - 86 anos. Sem filhos.

Uma sua irmã, Maria Monteiro, foi casada com o escritor Raimundo Girão, ambos falecidos.

Quem foi - Francisco Monteiro de Lima nasceu aos 18 de outubro de 1909 na Fazenda Aroeira, em Jaguaribe. Seu pai era primo legítimo do Senador Fernandes Távora e descendia de família de fazendeiros daquela região.

O escritor falecido era filho de Manoel Alves de Lima e Luzia do Carmo Monteiro de Lima.

A família enfrentou grandes dificuldades com a seca de 15, vendendo tudo. Monteiro ainda estudou no Colégio S. Luís e no Colégio Pe. Champagnat, em Fortaleza, sem concluir cursos. Sua vida foi toda dedicada ao comércio, e, viajante, percorreu o Nordeste e o Norte

inteiros, chegando a fazer negócios em S. Paulo e Londrina.

No final dos anos 30 veio gerenciar filial de empresa de tecidos em Crato. Participou da sociedade e noivou. Mas o casamento se desfez e ele voltou aos sertões, como viajante, por 33 anos. Retornando ao Crato, em 1975, a mesma noiva ainda estava solteira, e com ela se casou. Seu casamento em Crato durou 19 anos.

Publicou, dentre outros, Nordeste de Cabo a Rabo, Nordeste dos Meus Alforjes, Botequim da Velha Chica, Evangelina: O Romance do Século, O Cavaleiro Indiscreto etc.

(Tribuna do Ceará, 21.1.95).

PARA A HISTÓRIA DA FAMÍLIA ALENCAR

O primeiro esposo de Dona Inácia Pereira de Alencar era do Jardim: Antônio Pereira de Carvalho que, por sua vez, era irmão das esposas de Leonel Pereira de Alencar e João Gonçalves de Alencar, respectivamente, Maria Xavier de Carvalho e Luiza Xavier de Carvalho.

Por sua vez, Antônio Pereira de Carvalho era filho de João Pereira de Carvalho natural de Geremoabo, Bahia, onde fizera um crime, tendo que migrar para Jardim onde teve todos os filhos casados nos Alencares e somente uma casou fora, com Antônio da Cruz Neves, meu trisavô, que foi sogro de Gualter Martiniano de Alencar Araripe, Barão do Exu. Napoleão Neves.

(Dr. Napoleão)

POETISA DANDINHA VILAR LANÇA LIVRO EM FESTA LITERÁRIA NO CRATO

Ocorreu, na capela do bairro Lameiro, em Crato, o lançamento do livro BOM DIA SAUDADE, da poetisa cratense Bernardina Vilar (Dandinha Vilar). É seu segundo livro de poesias, revelando, em toda a sua grandeza, o esplendor do espírito poético da Autora. O livro foi publicado com o patrocínio da Prefeitura Municipal, administração Antonio Primo de Brito, e com o apoio do Instituto Cultural do Cariri. É o volume 19, da coleção ITAYTERA, só de autores regionais. Apresentação de J. Lindemberg de Aquino, que prefaciou o livro. A Orquestra do Pe. Ágio e o Coral Santa Cecília, da Sociedade Lirica do Belmonte, tocaram lindas páginas musicais. A capela estava lotada e foi celebrada missa por 3 sacerdotes, Pe. Roserlandio, Pe. Gonçalo e Pe. Ágio, celebrando o centenário de José Horácio Pequeno, ex-Prefeito do Crato e tio da autora. Um acontecimento literário com requintes artísticos e musicais sem precedentes, ainda pelo comparecimento do público, em Crato. Foi a 29 de Julho de 95.

*A Direção da revista ITAYTERA
agradece à Administração Municipal do Crato,
na pessoa do Prefeito Antônio Primo de Brito,
o apoio para esta publicação.*



Gráfica Universitária
Editora: Offset - Tipografia